

ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

Mitologia dos antigos
Desana-Kēhíripōrã

Umusī Pārōkumu e Tōrāmū Kēhíri
(Firmiano Arantes Lana) (Luiz Gomes Lana)

UNIRT / FOIRN



ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

Mitologia dos antigos Desana-Kēhfripōrã



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

K26 Kêhíri, Tōrāmũ.

Antes o mundo não existia : mitologia dos antigos
Desana-Kêhíripōrã / Tōrāmũ Kêhíri, Umusi Pārökumu ;
desenhos de Luiz e Feliciano Lana. -- 2. ed. -- São
João Batista do Rio Tiquié : UNIRT ; São Gabriel da
Cachoeira : FOIRN, 1995.

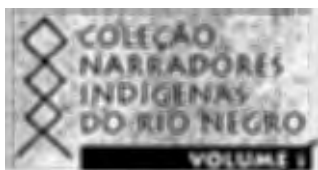
264 p. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro ;
v.1)

I. Índios Desana-Kêhíripōrã. I. Umusi Pārökumu. II.
Lana, Luiz. III. Lana, Feliciano. IV. Título. V. Série.

CDD-980.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Desana-Kêhíripōrã : Índios : América do Sul 980.3



ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

Mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã

Umusí Pãrõkumu e Tõrãmũ Kêhíri
(Firmiano Arantes Lana) (Luiz Gomes Lana)



desenhos de Luiz e Feliciano Lana

UNIRT / FOIRN
São João Batista do Rio Tiquié - São Gabriel da Cachoeira
Amazonas - Brasil
1995

UNIRT - União das Nações Indígenas do Rio Tiquié
Povoado São João Batista

FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
Rua Álvaro Maia, 79
São Gabriel da Cachoeira
CEP 69.750-000
Amazonas - Brasil
Telefone/fax: (092) 471.1349

© Umusí Pārōkumu e Tōrāmū Kēhíri

Desenho da Capa: Maurício Teles Lana

Coordenação Editorial e Apresentação: Carlos Alberto Ricardo

Revisão do Manuscrito e da Tradução e Nota Linguística: Dominique Buchillet/
ORSTOM

Notas: Berta Ribeiro (cf. 1ª edição, 1980) & Dominique Buchillet

Assistentes de Produção: Vera Feitosa e Nilto Tatto

Digitação do Original: Marina Kahn

Mapa: Alicia Rolla

Elaboração da Ficha Catalográfica: Waltemir Nalles

Design Gráfico: Maria Helena Pereira da Silva

Edição Eletrônica: Azeviche Comunicação Visual

Fotolito da Capa: Laserprint Editorial

Fotolito do Miolo: Criativa / Proposta

Impressão e Acabamento: Paulus Gráfica

A produção deste livro faz parte do termo de cooperação entre a **FOIRN**, o Instituto Socioambiental (São Paulo, Brasília, São Gabriel da Cachoeira) e o **IIZ** - Instituto para a Cooperação Internacional / Campanha da "Aliança pelo Clima" (Áustria).

1ª edição, junho de 1980.

2ª edição, revista e ampliada, abril de 1995.

Tiragem: dois mil exemplares

SUMÁRIO

7

Apresentação

15

Nota lingüística

19

Origem do mundo e da humanidade

Primeira parte: Origem do mundo

22

Segunda parte: Origem da humanidade

42

Terceira parte: A viagem por terra dos Pamūrīmahsā

45

Quarta parte: As andanças pelo mundo
de Ūmukomahsū Boreka

53

Quinta parte: A divisão dos Ūmukomahsā

58

Sexta parte: História de Ūmukomahsū
Boreka no tempo dos Portugueses

60

Sétima parte: A dispersão dos Ūmukomahsā
e a localização dos Kēhíripōrā

81

Mito de origem da noite

87

Mito dos três cataclismos

102

O roubo das flautas sagradas pelas mulheres

106

Três mitos sobre Buhtari Gõãmũ, o Demiurgo Indolente

148

Mito de origem da mandioca

169

O mito de Gãipayã e a origem da pupunha

178

O mito de Āgãmahsãpu, seguido do
mito dos Diroá e dos Koáyea

220

Funeral dos Antigos dos Umukomahsã

222

Mito da morte de Boreka

230

Profecia dos Antigos

249

Mito dos Ñamakuru

257

Mito de Wahtipepuridiapoakũ, o Espírito de Dois Rostos

261

Mito de Wahsu “Avental de Tururi” e
de Wahtĩ Gurabemani, o Espírito Sem Cu

APRESENTAÇÃO

Este volume reúne os mitos mais importantes da cultura Desana, na versão de um dos seus grupos de descendência, os Kêhíripõrã ou “Filhos (dos Desenhos) do Sonho”, ao qual pertencem os narradores. Trata-se de uma edição revista e ampliada¹, que abre a coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro*, destinada prioritariamente ao público indígena da região.

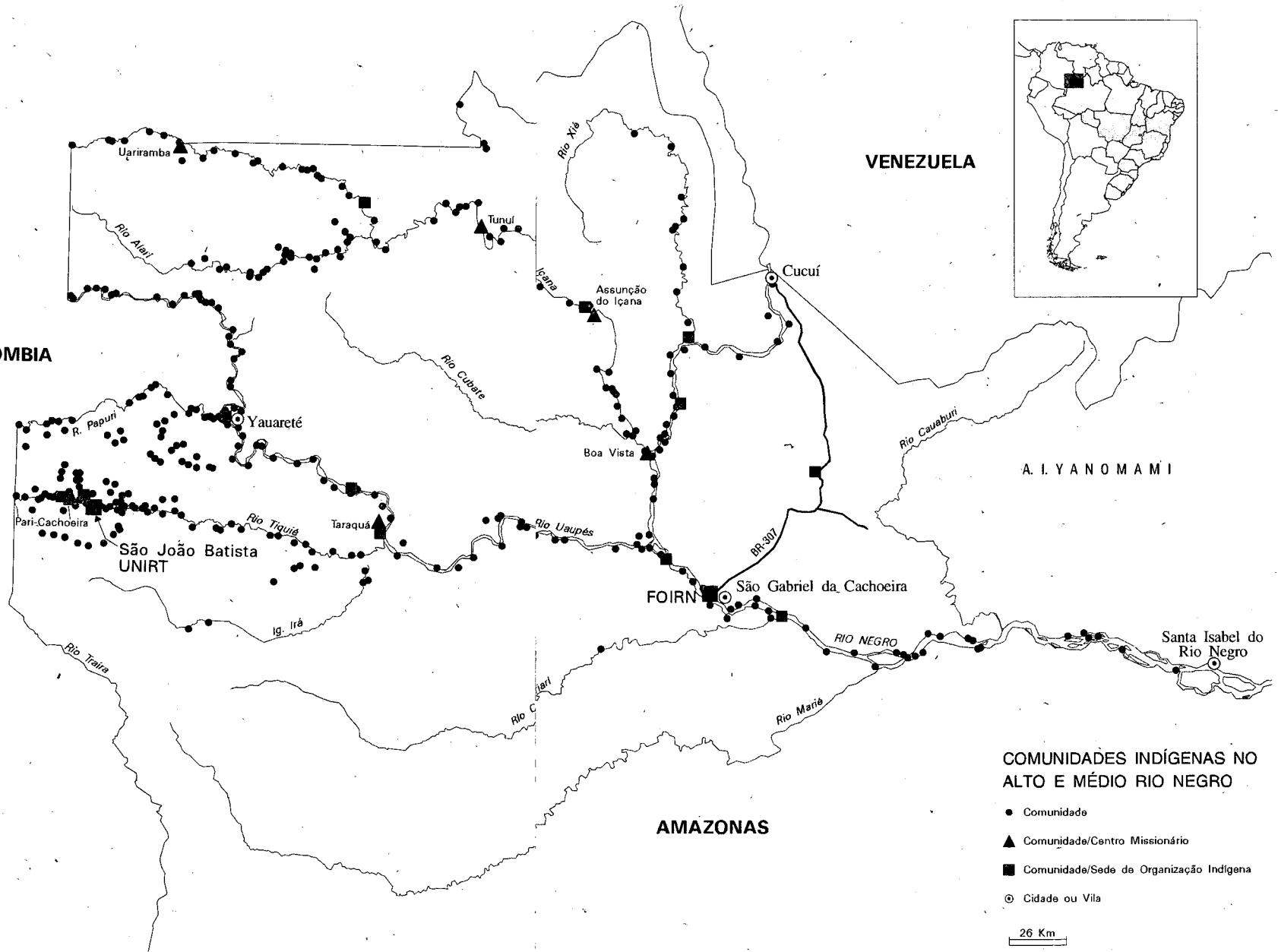
A região do Rio Negro é o habitat tradicional de dezoi-to povos indígenas, oriundos de três famílias lingüísticas (Arawak, Tukano oriental e Maku), somando cerca de 23 mil pessoas que vivem em uns 400 povoados². Os Desana ou Ñmũ-komahsã, “Gente do Universo”, do qual fazem parte os narra-dores deste volume, são aproximadamente mil pessoas, no Brasil, distribuídos em aproximadamente 50 comunidades es-palhadas pelos Rios Tiquié e Papuri, e seus principais afluen-tes navegáveis. Eles mantêm com os outros povos indígenas da região relações matrimoniais e/ou econômicas intensas.

1. A primeira edição foi publicada em 1980, 239 páginas, pela Livraria Cultura Editora (São Paulo), com uma tiragem de cinco mil exemplares e encontra-se esgotada. Com uma introdução e notas da antropóloga Berta G. Ribeiro, foi destinada a um público externo.

2. Os povos Arawak atuais são os Baniwa, Kuripaco e Wakuenai (nos Rios Içana e Guiânia), os Warekena (do Rio Xié e Caño San Miguel, na Venezuela), os Baré (curso médio e superior do Rio Negro) e os Tariano (curso médio e baixo do Rio Uaupés). Os povos Tukano orientais são os Tukano, Desana, Tuyuka, Karapanã, Makunã, Siriano, Miriti-Tapuyo, Pirá-Tapuyo, Arapaço, Uanano, Cubeo, Bará e Barasana, que vivem ao longo do rio Uaupés e seus principais afluentes: Tiquié, Papuri, Querari e Cuduiari, no Brasil e Pira-paraná e Apaporis, na Colômbia. Os Maku vivem na vasta região compreendida entre o alto Uaupés, ao norte, e os Rios Jurubaxi e Japurá, ao sul e sudeste e compreendem seis grupos lingüísticos diferentes: Bará, Hupdá, Yuhup, Nadëb, Dôw e Kabori.

COLÔMBIA

VENEZUELA



A. I. YANOMAMI

São João Batista
UNIRT

FOIRN

BR-307

São Gabriel da Cachoeira

RIO NEGRO

Santa Isabel do
Rio Negro

AMAZONAS

COMUNIDADES INDÍGENAS NO ALTO E MÉDIO RIO NEGRO

- Comunidade
- ▲ Comunidade/Centro Missionário
- Comunidade/Sede de Organização Indígena
- ⊙ Cidade ou Vila

26 Km

A idéia de publicar este livro foi motivada pelo desejo manifestado em 1993 por Luiz Lana, presidente da UNIRT — União das Nações Indígenas do Rio Tiquié³ —, de ver as narrativas míticas, contadas por seu pai há cerca de 25 anos atrás, circulando nos povoados indígenas, sobretudo entre os jovens estudantes nas escolas espalhadas por todo o noroeste do estado do Amazonas. A proposta foi aprovada com entusiasmo pela Diretoria e pelo Conselho da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) quando se transformou no ponto de partida de uma coleção que pudesse acolher outras narrativas, espelhando a grande riqueza e diversidade cultural da região.

A decisão de se fazer uma coleção baseou-se também no fato de que, há pelo menos três décadas, várias pessoas indígenas da região têm se dedicado a registrar em fitas magnéticas

3. A UNIRT, fundada em 1990, é uma das vinte associações filiadas à FOIRN. As demais são as seguintes: ACIRX (Associação das Comunidades Indígenas do Rio Xié), ACIRI (Associação das Comunidades Indígenas do Rio Içana), AMAI (Associação das Mulheres do Rio Içana), OIBI (Organização Indígena da Bacia do Içana), ACITRUT (Associação das Comunidades Indígenas de Taracú e Rio Tiquié), AMITRUT (Associação das Mulheres Indígenas de Taracú e Rio Tiquié), UCIDI (União das Comunidades Indígenas do Distrito de Iauaretê), UNIDI (União das Nações Indígenas do Distrito de Iauaretê), AMIDI (Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iauaretê), ONIARP (Organização das Nações Indígenas do Alto Rio Papuri), CRETART (Conselho Regional das Tribos Indígenas do Alto Rio Tiquié), ACIRU (Associação das Comunidades Indígenas do Rio Umari), UNIRT (União das Nações Indígenas do Rio Tiquié), ACIRNE (Associação das Comunidades Indígenas do Alto Rio Negro), AIP (Associação Indígena Potira Kapuano), ACIBRN (Associação das Comunidades Indígenas do Baixo Rio Negro), CACIR (Conselho de Articulação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas), COIMIRN (Comissão de Organização Indígena do Médio Rio Negro), AINBAL (Associação Indígena do Balaio) e OMIRP (Organização Indígena do Médio Rio Papuri).

e a botar no papel os conhecimentos e as estórias contadas “pelos antigos”, utilizando de maneira própria o domínio da escrita e da leitura, amplamente difundido pela ação educacional-escolar secular dos missionários católicos salesianos.

Os narradores da versão Kenhirípōrā dos mitos Desana começaram a registrá-los por escrito em 1968. Numa entrevista à antropóloga Berta Ribeiro, no povoado de São João Batista, no Rio Tiquié, dez anos mais tarde, Luiz Lana expôs as razões que o motivaram, e a seu pai, de realizar esse trabalho:

“A princípio não pensei em escrever essas histórias. Foi quando vi que até rapazinhos de dezesseis anos, com o gravador, começaram a escrevê-las. Meu primo-irmão, Feliciano Lana, começou a fazer desenhos pegando a nossa tribo mesmo, mas misturados com outras. Aí falei com meu pai: ‘todo mundo vai pensar que a nossa história está errada, vai sair tudo atrapalhado’. Aí ele também pensou... Mas meu pai não queria dizer nada, nem para o padre Casemiro, que tentou várias vezes perguntar, mas ele dizia só umas besteiras assim por alto. Só a mim é que ele ditou essas casas transformadoras. Ele ditava e eu escrevia, não tinha gravador, só tinha um caderno que eu mesmo comprei. Lápis, caderno, era todo meu.

Quando estava na metade, aí eu escrevi uma carta ao padre Casemiro. Ainda não era amigo dele, mal o conhecia, mas disse que iria escrever tudo direito. Ele me respondeu e mandou mais cadernos. Fiquei animado... Não escrevia todo dia não, fui perguntando a meu pai. Às vezes passava uma semana sem fazer nada. Quando terminei, quando enchi todo um caderno, mandei o caderno ao padre Casemiro, o original em desana, a história da criação do mundo até a dos Diloá. Continuei trabalhando, fazendo outro original, já em português. Aí pedi ao padre Casemiro para publicar, porque essas folhas datilografadas acabariam se perdendo, um dia podiam ser

queimadas, por isso pedi que fosse publicado para ficar no meio dos meus filhos, que ficasse para sempre.”⁴

A presente edição foi feita a partir do manuscrito original, revisado e organizado pela antropóloga Dominique Buchillet, com a orientação do próprio Luiz Lana. Apresenta diferenças com relação à primeira edição, publicada graças aos esforços pioneiros feitos pelo missionário salesiano Casimiro Beksta e, posteriormente, pelo escritor amazonense Márcio Souza e pela antropóloga Berta Ribeiro, que apoiaram os narradores na produção, na preparação dos originais e nos contatos com a editora. Contém alguns mitos não contemplados na primeira edição: *Três mitos sobre Buhtari Gõãmũ, o Demiurgo Indolente; Mito de Wahtipepũridiapoakũ, o Espírito de Dois Rostos; e Mito de Wahsu “Avental de Tururi” e de Wahtĩ Gurabemani, o Espírito Sem Cu*. Ainda assim, não reúne toda a mitologia desana conhecida pelos Kehĩripõrã.

As notas que aparecem ao longo do texto foram selecionadas entre aquelas publicadas por Berta Ribeiro (1980), incluindo, sempre que possível, os nomes científicos de plantas e animais mencionados na língua desana. A grafia das palavras em desana se inspirou na *Proposta para uma grafia unificada da língua Tukano*, elaborada durante vários seminários por professores tukano da região, sob a coordenação da lingüista Odile Lescure⁵, conforme aparece mais detalhadamente ao final desta Apresentação.

4. Ribeiro, Berta: 1980, *Os índios das águas pretas*, introdução ao livro *Antes o Mundo Não Existia*, pg. 9-10.

5. Pesquisadora do ORSTOM, Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Coopération.

Os narradores

Umusĩ Pārōkumu, ou **Firmiano Arantes Lana**, pai de Luiz, nasceu em 1927, filho de tuxáua, *baya* (isto é, mestre de cerimônia), *kumu*⁶ e tuxáua ele mesmo, nunca quis aprender o português e fez questão que seus sete filhos falassem a língua desana⁷. Morreu em 1990.



Tōrāmũ Kēhĩri, ou **Luiz Gomes Lana**, nasceu em 1947, filho primogênito de Umusĩ Pārōkumu, de quem escutou e anotou a versão da mitologia desana reunida neste livro, e de Emília Gomes (Tukana). Casado com Catarina Castro (Tukana), pai de cinco filhos, reside no povoado de São João, à beira do Rio Tiquié, afluente da margem direita do Rio Uaupés, juntamente com mais 68 habitantes, todos de sobrenome Lana, pertencentes ao clã Kēhĩripōrã. Aí é que se localiza a sede da UNIRT (União das Nações Indígenas do Rio Tiquié), fundada em 1990, da qual é presidente. Luiz cursou a escola da Missão Salesiana de Pari-Cachoeira até a quinta série do primeiro grau, em regime de internato.

6. Os *kumua* exercem funções destacadas na estrutura social desana. É-lhes atribuído o poder de controlar os fenômenos da natureza, profetizar malefícios e executar ritos para obviá-los, dirigir os cerimoniais do ciclo vital e, em alguns casos, na ausência de pajés, realizar curas. Tal como os xamãs, têm profundo conhecimento da mitologia, dos ritos e costumes tribais (cf. Ribeiro, B.:1980, op.cit., pg. 10).

7. cf. Ribeiro, B.: 1980, op.cit., pgs. 10-11.



Em 1978, Luiz Lana já planejava prosseguir na trilha de registrar por escrito parte da tradição oral dos Desana-Kêhíripõrã :“eu fiquei pensando, já que eu comecei a trabalhar, de pegar

todas as estórias que meu pai sabe, até terminar. Quero continuar. Enquanto eu viver, quero fazer isso. Agora vou pegar as estórias que os antigos contavam para as crianças. Quando terminar tudo isso quero escrever algumas rezas que os velhos têm, escrever em minha língua mesmo e traduzir ao português. Essas rezas são muitas, e vai dar mais trabalho que este livro. Eu não quero que elas se percam. E meu pai, que é *kumu*, é dos poucos que ainda se lembram, agora só tem *kumu*, não tem mais pajé. E quero publicar também, publicar esse livro. São as rezas que se faziam quando davam nome às crianças, quando as moças tinham a primeira menstruação, reza da defesa antes da vinda dos pajés invisíveis, rezas contra dores de cabeça, febre, para as plantas crescerem, para se acalmar os inimigos, contra mau olhado.”⁸

Luiz Lana viajou a algumas cidades do Brasil e do mundo para expor seus desenhos e falar sobre as narrativas míticas que registrou. Em 1992 iniciou a construção de uma grande maloca estilo tradicional, situada num terreno elevado no povoado de São João e denominada por ele maloca-museu, para servir de espaço de exposição e formação cultural dos jovens.

8. Ribeiro, B.: 1980, op.cit., pg. 43-44.

NOTA LINGUÍSTICA

O sistema de transcrição da língua desana adotado neste livro inspira-se na *Proposta para uma grafia da língua Tukano*, elaborada por um Grupo de Trabalho, formado por professores Tukano da região do Alto Rio Negro, em vários seminários sob a coordenação da lingüista Odile Lescure.

O alfabeto compreende 21 letras: **a, b, d, e, g, h, i, k, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, u, w, y, ' .** Há ainda dois signos gráficos: o til (~) em cima de uma vogal indica nasalização (*mahsã* “gente”) e o acento agudo (´) em cima de uma vogal indica o tom alto (*diá* “rio”). As vogais nasais são escritas sem til quando ocorrem numa sílaba na qual a consoante é **m, n** ou **ñ** (*mahãna* “moradores”, *mani* “nós”, *ñahsã* “maracá”).

Algumas letras representam sons próprios em desana como o u vogal central, fechada, não arredondada (*pagu* “pai”) ou ' consoante glotal (*wi'í* “maloca”). Outras têm pronúncias diferentes do português, como por exemplo:

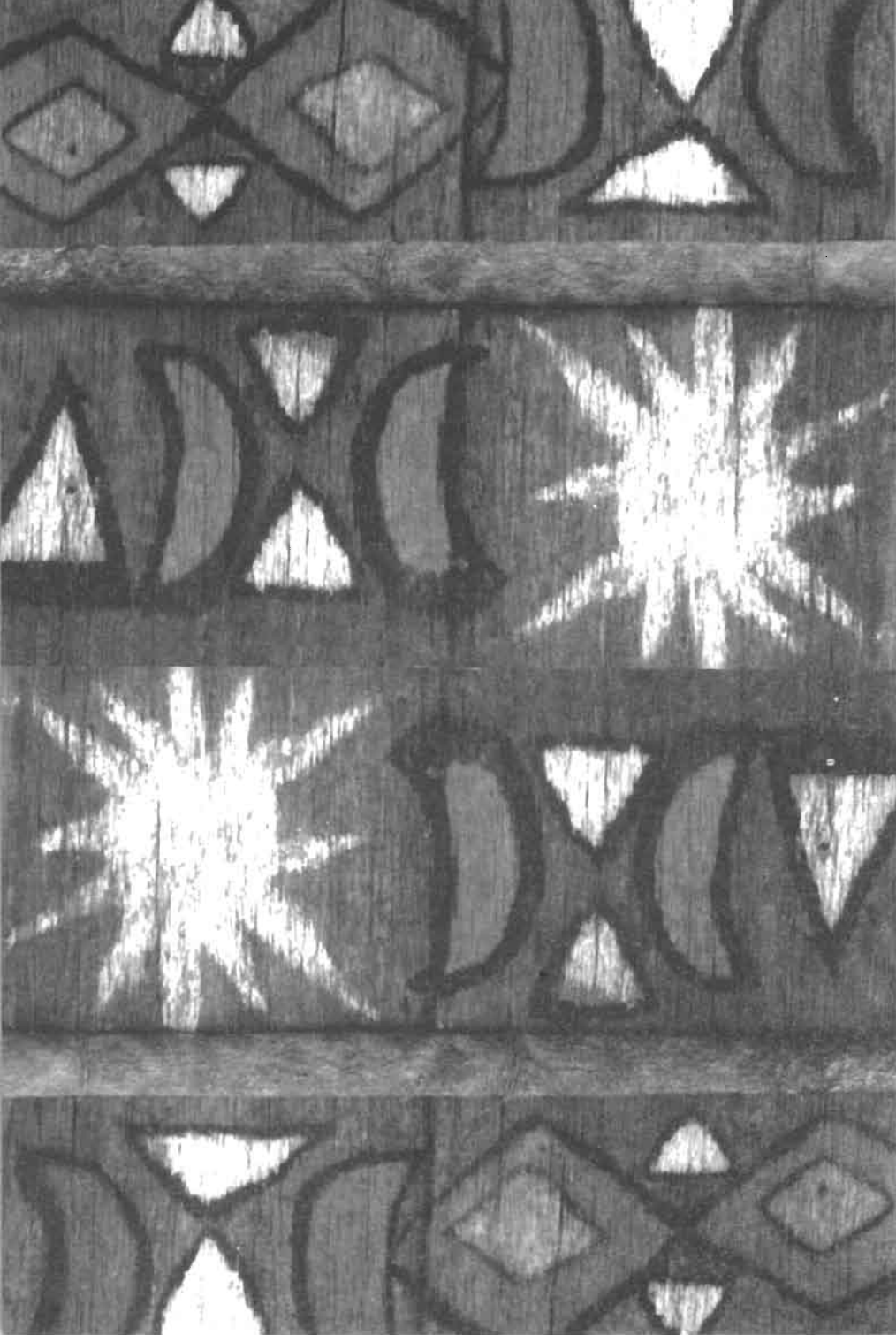
/g/ pronuncia-se [g] quando vem acompanhado por uma vogal oral (*pagu* “pai”) e [ŋ] quando vem acompanhado por uma vogal nasal (*ñagi* “miçangas”);

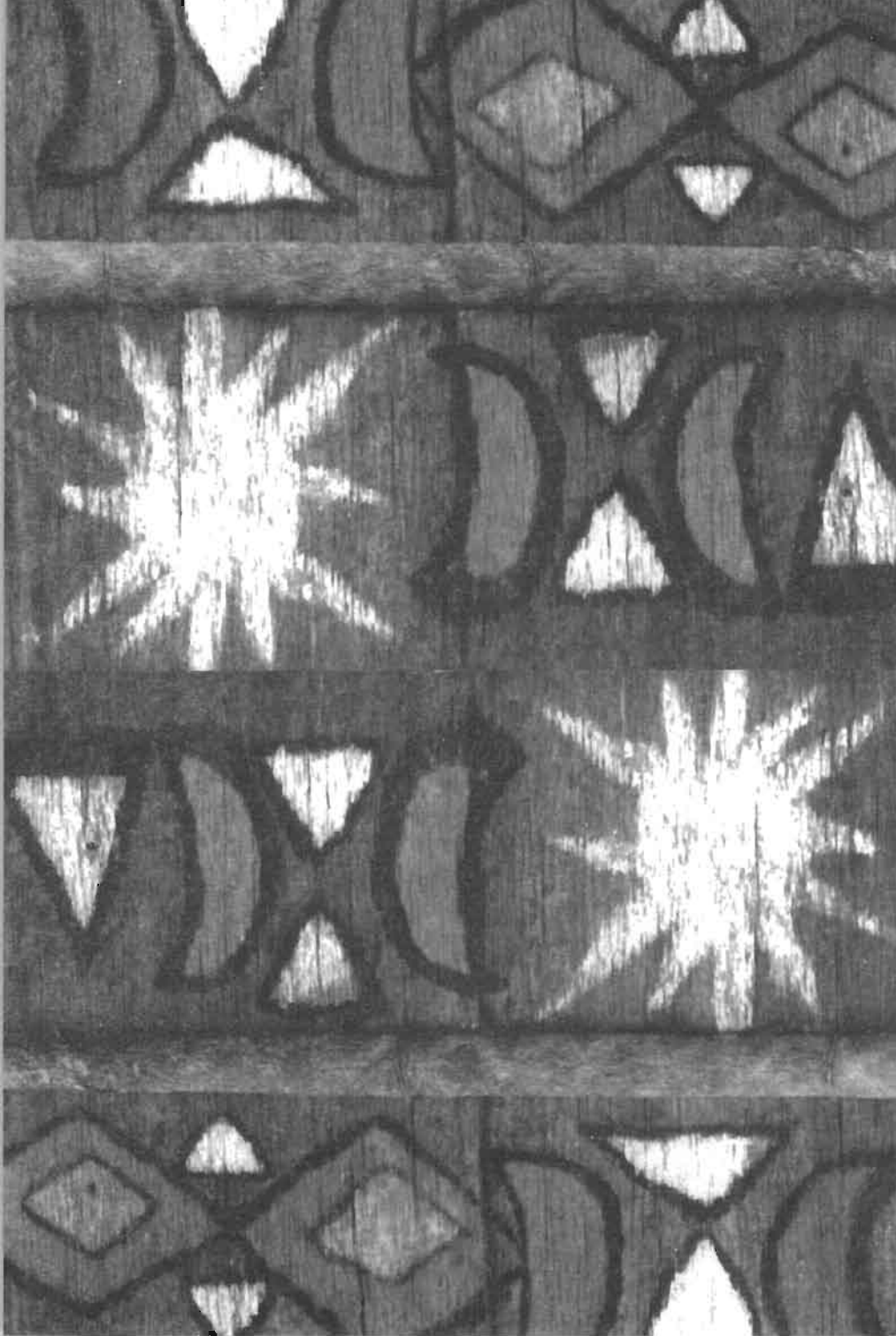
/h/ representa uma aspiração, sendo diferente da letra **h** do português. Essa aspiração tem várias realizações fonéticas: aspirada [h], como no exemplo *ũhtã* “pedra”, ou fricativa [x], como na palavra *yuhku* “pau”;

/ñ/ sua pronúncia varia entre [ñ] e [j];

/r/ quando a letra **r** aparece em posição intervocálica, seguida por uma vogal nasal, sua pronúncia difere conforme as variações dialetais do desana, podendo ser pronunciada pelo locutores [r̃], [r̃] ou [n]; e

/w/ se pronuncia [w] quando é seguida pelas vogais **a, e, o, u, u**; e [ʋ] quando acompanha a vogal **i**, como em *wahsu* “seringa” ou *wi'i* “maloca”.





Origem do mundo e da humanidade

Primeira parte: Origem do mundo

O mundo não existia

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como um quarto. Esse quarto chama-se Uhtāboho taribu, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava Yebá Buró, a “Avó do Mundo” ou, também “Avó da Terra”.

Como ela apareceu

Haviam coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Haviam seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro, uma cuia de ipadu¹, o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre estas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a “Não Criada”.

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu Quarto de Quartzo Branco, ela comeu ipadu, fumou o cigarro e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.



1. Ahpī em desana. Arbusto (*Erythroxylum coca* var. *ipadu*) cujas folhas são tostadas e socadas em pilão especial (ahpīdeairiru). São misturadas às cinzas de uma espécie de embaúba (ahpīmoa “sal de ipadu”). O pó é mascado e engolido.

A criação do Universo

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse um balão e, em cima dele, apareceu uma espécie de torre. Isso aconteceu com o seu pensamento. O balão, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. O balão era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz. Tendo feito isto, ela chamou o balão *Umukowi'i*, “Maloca do Universo”. Ela o chamou como se fosse uma grande maloca. Este é o nome que ainda hoje é o mais mencionado nas cerimônias.

Os cinco Trovões

Depois ela pensou em colocar pessoas nesta grande Maloca do Universo. Voltou a mascar ipadu e a fumar o cigarro. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os “Avôs do Mundo” (*Umukoñehkūsuma*). Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados em conjunto *Uhtābohowerimahsā*, quer dizer os “Homens de Quartzo Branco” porque eles são eternos, eles não são como nós. Isso ela fez no Quarto de Quartzo Branco, no lugar onde apareceu. Em seguida, ela saudou os homens por ela criados, chamando-os *Umukosurā*, isto é, “Irmãos do Mundo”. Isto é, os saudou como se fossem os seus irmãos. Eles responderam, chamando-a *Umukosurāñehkō*, “Tataravó do Mundo”, quer dizer que ela era avó de todo ser que existe no mundo.

Feito isso, ela deu a cada um deles um quarto nesta grande maloca que é a Maloca do Mundo. Os Trovões eram cinco. Nós os chamamos “Avôs do Mundo”. O primeiro, como primogênito, recebeu o quarto de chefe. O segundo recebeu o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro recebeu o

quarto no alto do “jirau do jabuti”, no lugar onde se costumava guardar o casco de jabuti tocado nos dias especiais de dança. Assim era também na Maloca do Mundo. O quarto Trovão recebeu o quarto da esquerda, acima do primeiro e em frente ao segundo quarto. Por fim, o quinto recebeu o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormem os hóspedes.

Como disse antes, o mundo terminava em forma de torre. Na ponta da torre, havia um sexto quarto onde estava um morcego enorme que se parecia com um grande gavião. O lugar onde ele estava chama-se “Funil do Alto” (Umusidoro), quer dizer o “Fim (os confins) do Mundo”.

Cada um recebeu assim o seu quarto nesta grande Maloca do Mundo. Estes mesmos quartos tornaram-se malocas, que se chamam Umukowi'iri “Malocas do Mundo”. Cada Trovão ficou morando em sua própria maloca. Ainda não havia luz no mundo. Só nessas malocas havia luz, do mesmo modo como na maloca de Yebá Buró. No resto do mundo tudo era ainda escuridão.



Segunda parte: Origem da humanidade

Como fizeram a humanidade

Yebá Buró disse aos Trovões:

— “Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade”.

Eles responderam que assim fariam. Mas nada fizeram! Cada qual ficou na sua própria maloca e nem se lembraram do que a Avó do Mundo lhes havia pedido.

As malocas dos cinco Trovões tinham nomes. A do primeiro chama-se Diáahpikōwi'i “Maloca de Leite” e fica no sul. A do segundo chama-se Diágahsiruhtāmūwi'i “Maloca da Cachoeira da Casca” e fica no leste, em Tunui cachoeira, no rio Içana. A maloca do terceiro chama-se Ūmūsiwi'i “Maloca de Cima” e fica no alto. Esta é a que tinha as riquezas: diversos adornos usados nas danças rituais. Todas estas coisas eram especiais, “mágicas”. Tudo isto viria a formar a futura humanidade. Foi ao terceiro Trovão que a Avó do Mundo deu todas essas riquezas, assim como o poder de guardá-las. A maloca do quarto Trovão chama-se Diápasarowi'i² e fica no oeste, no rio Apaporis, na Colômbia. A maloca do quinto chama-se Diádihpamahawi'i “Maloca da Cabeceira” e fica no norte. O Trovão desta maloca era o último e se chamava Abepōwehku “Anta do Brinco do Sol”. Ele brilhava por si mesmo.

O mundo estava ainda escuro. Vendo que não cumpriram as suas ordens, a Avó do Mundo disse:

— “Eu não mandei vocês ficarem parados! Mandei-os fazerem a luz, os rios e a futura humanidade e vocês não fizeram nada”.



2. Palavra intraduzível em português.

Os rios, eles já haviam criado. Só lhes faltava fazer a luz e a futura humanidade. Ouvindo isto, os Trovões resolveram criar a futura humanidade. Realizaram então um grande dabucuri das frutas da palmeira miriti³ com a participação de Yebá Buró. Isto aconteceu na Maloca de Leite. A Avó do Mundo, vendo o que eles iam fazer, veio para guiá-los. Mas a bebida servida, o caapi⁴ era forte demais e, mesmo com a ajuda de Yebá Buró, os Trovões não conseguiram criar a futura humanidade. Um deles saiu da maloca para tentar. Mas ele já estava tonto pela bebida e não podia mais aguentar. Ele saiu vomitando pelo oeste. Aí mesmo, o Trovão endureceu e transformou-se numa grande montanha com todos os seus enfeites.

Vendo que não dava certo, a Avó do Mundo disse:

— “EsSES não têm jeito mesmo, eles não sabem fazer”.

E voltou outra vez para o lugar dela, na Maloca de Quartzo Branco, ainda chamada Diámomesuriwi'i, “Maloca dos Favos de Mel”.

Como apareceu um outro Ser

Voltando ao seu lugar, a Avó do Mundo disse:

— “Não está dando resultado”.

Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Tomou ipadu, fumou cigarro e pensou como deveria ser. Enquanto estava pensando, da fumaça mesmo formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver. Yebá Buró pegou então o seu pari



3. Ne em desana (*Mauritia flexuosa* Mart.).

4. Bebida alucinógena preparada a partir do cipó *Banisteriopsis* sp., plantado antigamente nas roças. O cipó era socado num pilão próprio (gahpipamõrõ) e o pó resultante, dissolvido na água, era coado numa cumatá (peneira de crivo fino) chamada em desana siruriye e servido num pote ou camuti (gahpisoro).

de defesa (weřeimikaru) e nele o envolveu. Ela estava agindo como as mulheres quando dão à luz. Depois de tê-lo pego com o seu pari, ela o saudou, dizendo Ŭmukosurāpanami “Bisneto do Mundo”, ao qual ele respondeu Ŭmukořurāñehkō “Tataravó do Mundo”. Isto ela fez no Quarto de Quartzo Branco.

O nome dele era Yebá Gõãmã, quer dizer o “Demiurgo da Terra (ou do Mundo)”. A Avó do Mundo disse-lhe:

— “Eu mandei os Trovões do Mundo fazerem as camadas da terra, fazerem a futura humanidade, mas eles não souberam fazê-lo. Faça-o você. Eu hei de guiá-lo”.

Ele respondeu que iria fazer. Aceitou a ordem da Yebá buró. De lá mesmo, do Quarto de Quartzo Branco, onde havia aparecido, ele levantou o seu bastão cerimonial que se chama em desana yewāīgõã “osso de pajé” e o fez subir até o cume da Torre do Mundo. Era a força dele que subia. Ali, ele parou.

A criação do Sol

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, cumpriu a sua palavra de guiar o seu bisneto. Ela enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando de diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Enfeitou-o ainda com um tipo de brincos ou pingentes, de feição masculina e feminina. Ela fez isso no cume da Torre do Mundo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando. Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era Abe, o Sol que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol. O Sol gira por si mesmo. Na astronomia dos Antigos estes já sabiam que o Sol girava por si mesmo. Isso é a criação do Sol. Feito isso, Yebá Buró cobriu o Sol com um tapume de penugem de arara (mahāweayuhşu).

A criação da Terra

Vendo o trabalho do Bisneto do Mundo, os Trovões ficaram enciumados, comentando entre si:

— “Nós que somos Homens de Quartzo Branco, nós que fomos os primeiros a ser criados, não conseguimos fazer isto! Como é que este aparecido, este espírito que não tem corpo, como é que ele consegue fazer isto? Faremos de sorte que ele não conseguirá!”

Por inveja, queriam destruir o trabalho dele. Só Umukoñehkũ não teve inveja do trabalho do Bisneto do Mundo, isto é, o terceiro Trovão. Amansou então os seus irmãos com o alimento deles que era ipadu e cigarro. Somente disso é que eles viviam! Comendo ipadu, fumando cigarro, eles se amansaram, não ficaram mais com inveja e não incomodaram mais o trabalho do Bisneto do Mundo.

Esse bastão não era como o de nossos dias: ele era especial, invisível. Todas as coisas nesta época eram invisíveis: a gente não podia vê-las nem tocá-las. Desde o princípio dessa história, todos os materiais eram invisíveis: o ipadu, o cigarro, o bastão cerimonial e todas as outras coisas que eu citei eram invisíveis.

Neste bastão, chamado “osso de pajé”, ele subiu até a maloca do terceiro Trovão. Antes de subir, porém, ele criou vários paris: o pari de urucu de miriti (nemohsãimikaru), o pari de frutas pequenas de miriti (nemuhtãriimikaru), o pari de miriti meio amarelo (nebohoimikaru), o pari de talos de caraná (ñapũdhkaimikaru). Sustantando-se em cima desses paris que ele criara, ele subiu no espaço.

Enquanto isso, Yebá Buró tirou do seio esquerdo sementes de tabaco, grãosinhos minúsculos, e os espalhou em cima dos paris. Depois tirou leite, também do seio esquerdo, que ela derramou por cima dessas esteiras. A semente de tabaco era para formar a terra, e o leite, para adubá-la.

O Bisneto do Mundo estava subindo para a Maloca de Cima, cortando e dividindo o espaço em várias camadas. O mundo foi assim dividido em andares (ou graus) sobrepostos, como o ninho da caba está dividido em vários níveis. O Sol feito por eles já estava iluminando todos esses níveis. Ele estava em cima, bem no alto. Se ele estivesse perto de nós, ele nos queimaria a todos! Portanto, o mundo ficou dividido em graus, em andares sobrepostos como disse antes. O quarto da Avó do Mundo ficou debaixo de todos esses graus: é o primeiro quarto ou “Quarto de Quartzo Branco” (Ḫtābohutaribu). O segundo quarto, acima do primeiro, chama-se “Quarto de Pedras Velhas” (Ḫtābuhutaribu). Não se sabe exatamente o que nele existe. O terceiro andar chama-se “Quarto de Tabatinga Amarela” (Bahsibohotaribu). É nesse nível que vivemos nós, assim como toda a humanidade. O quarto andar chama-se “Firmamento” ou “Andar dos Brincos do Sol” (Abepōtaribu). É este grau que os Antigos chamavam “Nível dos Santos” ou, ainda, “Nível dos Demiurgos”. Isso é a história dos Antigos. Os velhos desse tempo, fazendo comparações com a religião católica, dizem que o Bisneto do Mundo deve estar lá agora. Este, que foi criado por Yebá Buró no Quarto de Quartzo Branco, não tinha corpo. Era espírito. A religião católica diz que Deus é um espírito que não tem corpo. A este trecho, meu pai que está contando, está comparando as histórias dos Antigos com a religião católica. Dizem que neste nível é que deve estar Ḫmukoñehkū, o Bisneto do Mundo, o nosso Demiurgo eterno. Acima deste nível está a Maloca de Cima, a do terceiro Trovão. Este é o guardião dos enfeites de penas e dos diversos adornos que os Antigos usavam para as danças. O Bisneto do Mundo, criando as camadas da terra, estava subindo no espaço, dirigindo-se para a maloca do terceiro Trovão, porque a Avó do Mundo lhe havia dado a ordem de ir lá pedir os enfeites de penas que viriam a ser a futura humanidade.

Quando chegou à maloca do terceiro Trovão, encontrou-a fechada. A maloca era toda de quartzo branco, inclusive a porta, e ninguém podia entrar. Chegando lá, Umukoñehkũ começou a acalmar tudo e só então abriu a porta. Se não tivesse feito assim, ele seria morto. No momento em que ele abriu a porta, apareceu Umukomahsũ Boreka, o chefe dos Desana. Boreka era como o irmão do Bisneto do Mundo. Ingressaram juntos na maloca. Ao entrar, o Bisneto do Mundo exclamou: “Sów!” É uma saudação de quem chega ao dono da maloca. E continuou dizendo:

— “Umukoñehkārē mahsākarimahsũ”, isto é, “Eu sou o homem que veio visitar o Avô do Mundo”.

O terceiro Trovão respondeu:

— “Sim, Bisneto do Mundo!”

Ele respondeu do fundo da maloca, não veio até a porta para saudá-los. Em primeiro lugar veio o seu cigarro, a seguir o ipadu e, em terceiro lugar, o ipadu feito com tapioca. Essas coisas vieram por si mesmas para cumprimentar o Bisneto do Mundo. Vieram uma por uma, chegaram à presença dele, pararam um pouco e voltaram ao quarto do Trovão.

Como apareceu a humanidade

Depois que voltaram o cigarro e o ipadu, Umukosurāpanami ficou olhando. Viu muitas riquezas: penas e diversos adornos dos Antigos. A maloca do Trovão lhe pareceu como se fosse um museu! Enquanto ele estava olhando, o Trovão veio cumprimentá-lo. O Bisneto do Mundo disse-lhe então:

— “Eu vim aqui porque Yebá buró me mandou pedir-lhe as suas riquezas, ó Avô do Mundo. Por isso é que eu vim aqui!”

O Trovão respondeu:

— “Muito bem, meu Bisneto! Eu tenho aqui as riquezas que você quer!”

Dito isto, desceu ao seu quarto, pegou um pari usado como defesa do quarto de chefe e voltou para perto do Bisneto do Mundo. Estendeu então o pari no chão e, com a mão, apertou a sua barriga. Sairam-lhe então pela boca as diversas riquezas que caíram sobre o pari. Eram acangataras e outros enfeites de penas, colares com pedra de quartzo, colares de dentes de onça, placas peitorais, forquilhas para segurar o cigarro. Ele fez isto na vista do Bisneto do Mundo. Quando acabou de despejar tudo, o Trovão disse:

— “Eis as riquezas, meu Bisneto! Quando voltar lá, você faça assim mesmo!”

E ensinou-lhe os ritos que deveria realizar.

No mesmo instante, todas as riquezas se transformaram em gente. Eram homens e mulheres que encheram a maloca do terceiro Trovão. Deram uma volta dentro da maloca e tornaram a transformar-se em riquezas. Essas riquezas viriam a ser a futura humanidade. O Trovão disse então:

— “Procedem dessa forma quando forem colocar as Malocas de Transformação para criar a futura humanidade”.

E colocou todas as riquezas na mão do Bisneto do Mundo. No pátio da maloca do terceiro Trovão havia um pé de ipadu. O Trovão disse, mostrando-o:

— “Aí está um pé de ipadu. Tirem cada um de vocês uma folha nova e engulam-na. Quando sentirem dor de barriga, acendam o seu turi⁵, deixem cair as cinzas do turi dentro de uma cuia de água e, depois, bebam esta água. E tratem de vomitar num só buraco no rio”.

Tiraram então a folha de ipadu e a engoliram. Quando começaram a sentir dor de barriga, eles fizeram como lhes fora dito. Ao vomitar, aí mesmo, apareceram duas mulheres. O seu



5. Mũhpürimih em desana, madeira ignígera (*Licania* sp.).

vômito era como um parto e, dele, surgiram as primeiras mulheres. O Bisneto do Mundo disse ao seu irmão Boreka:

— “Puxe-as para fora da água!”

Umukomahsū Boreka pegou então as duas mulheres pela mão e puxou-as para fora da água, chamando-as “Minhas filhas!” Levaram-nas para a maloca do terceiro Trovão para mostrá-las. O Avô do Mundo disse:

— “Muito bem! Fazei assim!”

Ele viu que fizeram as coisas direito. O terceiro Trovão disse a Umukosurāpanami:

— “Eu também vou com vocês levar as minhas riquezas”.

Prometeu ir com eles para ajudar a formar a futura humanidade. Feito isso, o Bisneto do Mundo voltou para o Quarto de Quartzo Branco, onde ele tinha aparecido, com todas as riquezas que havia encontrado no alto e que o terceiro Trovão lhe dera.

Depois ele subiu à superfície da terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado Díáahpikō-dihtaru, isto é, “Lago de Leite”, que deve ser o Oceano. Enquanto ele vinha subindo, o terceiro Trovão desceu neste grande lago na forma de uma jibóia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma lancha. Para eles, parecia um grande navio a vapor que se chama Pamūrīgahsiru, isto é, “Canoa da Futura Humanidade” ou “Canoa de Transformação”.

Umukosurāpanami e Umukomahsū Boreka, o chefe dos Desana, vieram como comandantes dessa cobra-canoa. Chegaram à maloca do primeiro Trovão, no Lago de Leite. Entraram e agiram segundo as instruções de Umukoñhkū. Aí, repetiu-se o que havia acontecido na Maloca de Cima: os enfeites tornaram-se pessoas que fizeram um desfile. Deram uma volta dentro da maloca e, depois, voltaram a ser enfeites.

Esta Maloca de Leite está na beira de um grande lago que se chama Lago de Leite, ou seja, o lago de onde surgiu

a futura humanidade. As malocas da beira do Rio de Leite (Diáhpiikō) foram colocadas pelo Bisneto do Mundo junto com Boreka. Essas malocas chamam-se Pamūrīwi'ri “Malocas de Transformação”.

Na frente deste grande lago, na frente da Maloca de Leite, ao seu lado direito, há uma outra maloca que se chama Wihōwi'i “Maloca de Paricá”⁶. Esta maloca foi feita por Umukomahsū Boreka ao surgir com seu irmão nesse grande lago. Foi ele que pensou criar esta grande maloca. Esta maloca é de paricá. Boreka ia se tornar um grande pajé, por isso é que ele a criou, mesmo vindo com seu irmão. Por essa razão, a Maloca de Paricá é dele.

Como disse antes, tendo entrado na Maloca de Leite, ele fez como o Avô do Mundo lhe tinha ensinado na Maloca de Cima. Ao sair desta maloca, o Bisneto do Mundo embarcou de novo com as riquezas na grande embarcação. Esta grande embarcação era o terceiro Trovão mesmo, que vinha trazendo as riquezas que viriam a ser a futura humanidade. Umukosurāpanami veio de pé, na proa da embarcação, com o seu bastão cerimonial. Umukomahsū Boreka estava no centro, dentro da embarcação. Os dois eram chefes dessa grande Canoa de Transformação, trazendo as riquezas. Eles subiram pelo lado esquerdo do lago criando Malocas de Transformação. Ao chegarem a uma maloca, eles encostavam, saíam da embarcação levando as riquezas e faziam as suas cerimônias.



6. O paricá, em língua geral, é uma espécie de rapé extraído da cortiça de uma árvore chamada gahsirihōgu, a qual é raspada, cozida e, depois de decantada, secada ao sol. A estas raspas junta-se o pó vermelho de caraiuru (gūrūyā em desana). Colocado em pequenas cuias ou nooco da noz de tucum, esse pó era cheirado durante as cerimônias dos pajés. No dia em que cheiravam o paricá, os pajés tomavam um caapi especial, chamado waigahpi “caapi de peixe”.

E, em cada maloca, acontecia a mesma coisa: as riquezas transformavam-se em pessoas, com corpo humano, e estavam crescendo.

As primeiras malocas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Maloca de Leite. As outras malocas estão localizadas no grande rio que é o Rio de Leite (Ahpikōmau), outras estão nas costas do Brasil, no rio Amazonas, no rio Negro, no rio Uaupés e, por fim, no rio Tiquié. De um certo ponto, baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo rio Uaupés até a saída por terra em Ipanoré.

Subindo acima da Maloca de Leite, a Canoa de Transformação chegou à maloca que se chama Diásorowi'i "Maloca do Redemoinho". Aí, ela encostou e os dois fizeram uma cerimônia com as riquezas. Esta maloca foi criada por Umukosurāpanami e por Umukomahsū Boreka. Subindo acima desta maloca, eles colocaram uma maloca que se chama Diábarirawi'i "Maloca dos que Engatinham". A futura humanidade tornava-se gente e crescia maloca por maloca, assim como a criancinha cresce ano por ano. Assim mesmo acontecia com eles.

A embarcação vinha debaixo da água, como submarino. As malocas também estão debaixo das águas. Tanto é que a humanidade veio como Waimahsā "Gente de Peixe". Chamamos hoje em dia Waimahsā aqueles que ficaram nestas malocas. Subindo mais acima, colocaram a maloca que se chama Diámahinawi'i "Maloca de Olhar Para Trás". Aí, fizeram cerimônias como de costume. Estas quatro malocas estão na beira do Lago de Leite, no seu lado esquerdo. Daí subiram o Rio de Leite e chegaram à maloca que se chama Diátauwi'i "Maloca da Barragem". Daí subiram e chegaram à 6ª maloca que se chama Diáimikawi'i "Maloca dos Paris". Daí subiram e chegaram à 7ª maloca que se chama Diágōrēwi'i "Maloca de Caju". Daí subiram e chegaram à 8ª maloca que se chama

Diámairiwi'i⁷. Daí subiram e chegaram à 9^a. maloca que se chama Diákabukērāwi'i "Maloca do Borbulho na Água". Daí subiram e chegaram à 10^a. maloca que se chama Diáimipawi'i "Maloca de Areia". Daí subiram e chegaram à 11^a. maloca que se chama Diáwābewi'i "Maloca dos Escudos". Os velhos contam que esta maloca está nas costas do Brasil. Daí subiram e chegaram à 12^a. maloca que se chama Diánihkūwi'i "Maloca da Terra". Também ela está nas costas do Brasil.

Continuando a subir, entraram no rio Amazonas. Chegaram à 13^a. maloca que se chama Diápīrōwi'i "Maloca da Cobra". Os velhos dizem que esta maloca se encontra onde está hoje Manaus. Daí entraram no Rio Negro e chegaram à 14^a. maloca chamada Diáborerawi'i "Maloca de Branqueamento". Daí subiram e chegaram à 15^a. maloca que se chama Diábaraceruwi'i "Maloca de Baracelu", isto é, Barcelos. Daí subiram e chegaram à 16^a. maloca que se chama Diámiñapōrāwi'i "Maloca das Flautas Sagradas". Daí subiram e chegaram à 17^a. maloca que se chama Diádariwi'i "Maloca das Frutas Uirapixuna". Daí, subiram e chegaram à 18^a. maloca que se chama Diámariwawi'i⁸. Daí subiram e chegaram na 19^a. que se chama Diábehkawi'i "Maloca dos Tapurus". Os velhos contam que esta maloca é Tapuruquara. Daí subiram e chegaram na 20^a. maloca que se chama Diábopitawi'i⁹. Daí subiram e chegaram à 21^a. maloca que se chama Diámokākuwi'i "Maloca do Sêmen". Daí subiram e chegaram à 22^a. maloca que se chama Diáwairōwi'i "Maloca do Cacuri". Daí subiram e chegaram à 23^a. maloca que se chama Diánahsikapagūwi'i "Maloca do Grande Camarão". Estas malocas n^{os} 21, 22 e 23 estão em São Gabriel da Cachoeira. Daí vieram subindo e chegaram à 24^a.



7. Palavra intraduzível em português.

8. Palavra intraduzível em português.

9. Palavra intraduzível em português.

maloca que se chama Diágoriwi'i "Maloca das Flores". É a atual Ilha das Flores, no rio Negro. Daí vieram subindo e chegaram na 25ª maloca chamada Diánekapagārāwi'i "Maloca das Grandes Estrelas". Daí subiram e chegaram à 26ª maloca que se chama Diáuhtāgohowi'i "Maloca dos Desenhos Rupestres". Situa-se em Itapinima, já no rio Uaupés. Daí subiram e chegaram à 27ª maloca chamada Diámiñapōrāwi'i "Maloca das Flautas Sagradas". Daí subiram e chegaram à 28ª maloca que se chama Diáūrīsatarowi'i "Maloca da Muda de Pupunha". Daí subiram e chegaram à 29ª maloca que se chama Diásewi'i "Maloca dos Bancos".

A humanidade já estava formada. Vimos que ela passou por muitas malocas, entrando nelas, transformando-se. Por isso, eles já estavam grandes. Daí subiram e chegaram na 30ª maloca chamada Diábayabūwi'i "Maloca dos Cantos". Esta maloca é a principal. Antes de chegar a esta maloca, Ūmukosurāpanami disse:

— "A humanidade já está formada. Encontramos-nos na metade da viagem e é tempo de fazê-la falar".

O nascimento de Gahpimahsū e a origem das línguas

Ūmukomahsū Boreka já havia ultrapassado a Maloca dos Cantos. O Bisneto do Mundo chegou depois dele. Para se comunicar com ele, ele mandou o seu bastão invisível que tem o nome de "osso de pajé". O bastão atravessou pelo rio, na frente de Boreka. Vendo-o, este baixou para participar da grande cerimônia que o Bisneto do Mundo ia fazer para dar a cada um a sua própria língua: Desana, Tukano, Pira-tapuyo, Tuyuka, Siriano, Barasano, Baniwa, Brancos. Cada um ia receber uma língua própria.

Nesta mesma maloca é que apareceu um ser misterioso chamado Gahpimahsū, o Filho do Caapi. Quando Ūmukosurāpanami chegou à Maloca dos Cantos, juntamente

com o seu irmão Boreka, fizeram um rito com cigarro e ipadu para as duas primeiras mulheres que o terceiro Trovão criou com o vômito deles. Uma delas mascarou o ipadu e a outra fumou o cigarro. Aquela que fumou o cigarro deu à luz Gahpimahsũ. A que mascarou ipadu deu à luz às araras, japus e às outras aves que têm penas coloridas. Assim todos poderiam ter bonitos enfeites de penas.

A primeira mulher, a que fumou o cigarro, teve o filho no dia em que Ŭmukosurāpanami distribuiu as línguas às várias tribos. Ao sentir as dores do parto, suas pernas tremeram. Seu tremor passou às pernas dos homens que se encontravam na Maloca dos Cantos. A seguir, sentiu o arrepio do parto e este atingiu a humanidade que estava naquela maloca. Para esquentar-se, ateou o fogo. Esse calor foi igualmente transmitido a eles. Colocou no chão, onde ia receber a criança, trançados de arumã¹⁰ de diversas cores. Tais foram: bowuhukoregahsiro “esteira de arumã de fartura”, moãweheruwuhukoregahsiro “esteira de arumã do sapo moãweheru¹¹”, õsuwuhukoregahsiro “esteira de arumã de massa de mandioca”, dehkowuhukoregahsiro “esteira de arumã de água” e, por fim, pĩrõwuhukoregahsiro “esteira de arumã de cobra”.

A visão da multiplicidade das cores desses trançados penetrou nos olhos da humanidade que se encontrava na Maloca dos Cantos. Enquanto tomavam caapi, o baya ou mestre dos cantos, o kumu, sábio ou rezador e os dançadores viam os desenhos dos trançados das esteiras que apareceram quando Gahpimahsũ nasceu. O kumu recitava um por um os nomes dos desenhos para que fossem lembrados. Tais eram: arũgohsori “quartos de beijos”, wahtĩyãduhkupu “joelho do diabo”,



10. Wuhu em desana (*Ischnosiphon ovatus* Kecke).

11. Não identificado.

biãñahkōrī “cabinho de pimenta”, bianñhtūrī “semente de pimenta”, pikaru (losango, sem tradução), wahsūduhpuri “galhos da árvore wahsū¹²”.

Antes de Gahpimahsū nascer, a mãe perdeu sangue. O vermelho desse sangue impregnou os olhos da humanidade. Ao nascer a criança, ela cortou o seu cordão umbilical. Na visão dos homens, o cordão umbilical apareceu como pequenas cobras. Depois, a mãe foi lavar o filho, que estremeceu de frio. Esse tremor também alcançou os homens. A seguir, pintou o rosto de Gahpimahsū com a tinta vermelha extraída do caraiuru¹³, e também com tabatinga branca, vermelha e amarela. Na visão dos homens apareceram as cores da pintura de rosto da criança.

Ao cabo disso, ela levou o seu filho para a maloca onde se encontrava a humanidade, isto é, a Maloca dos Cantos. Quando Gahpimahsū entrou, as visões eram tantas que ninguém enxergava mais nada. Não podiam reconhecer-se uns aos outros. Neste preciso momento, Ūmukosurāpanami, que era o representante dos Tukano, chamou pela primeira vez Ūmukomahsū Boreka de “meokū”, isto é, “primo-cunhado”, embora fossem irmãos. E estabeleceu a lei de que Desana podia casar com Tukano e Tukano com Desana. Isto é, uma pessoa podia casar com os filhos da tia, irmã do pai que, por sua vez, só podia ter filhos com homem de outra tribo, e estes pertenceriam a esta última. Ou então, com um filho da tia materna, ou seja, irmã de sua mãe, que, sendo casada com homem de outra tribo, os filhos seriam desta.

Quando Ūmukomahsū Boreka vinha subindo na Canoa de Transformação, escolheu os Siriano para serem seus primos-cunhados. Mas Wauro, o chefe dos Tukano, que,



12. Fruta de uma árvore que parece seringueira da terra firme.

13. Gūrūyā (*Bignonia chica* Verlot).

como veremos, tomou o lugar de Umukosurāpanami como seu representante na terra, confundiu as línguas, tornando siriano parecido com desana. Chamou os Siriano de “primos-cunhados” para que os Tukano pudessem casar-se com suas mulheres. Mas a gente de Boreka, os Umukomahsā, isto é “Gente do Universo”, também puderam casar-se com mulheres Siriana porque Boreka os havia chamado de primos-cunhados.

Como vimos, na Maloca dos Cantos, toda a humanidade ficou sob os efeitos do caapi, tendo visões. Ninguém entendia nada, devido a essa multiplicidade de visões. Por isso, cada qual começou a falar uma língua diferente. Feito isto, eles continuaram a viajar rio Uaupés acima. Chegaram assim na 31^a. maloca que se chama Diásibuwi'i “Maloca da Urupema¹⁴”. Mais adiante, chegaram na 32^a. maloca que se chama Diáabewi'i “Maloca da Lua”. Daí subiram e chegaram na 33^a. maloca que se chama Diámiñapōrāwi'i “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí prosseguiram até a 34^a. maloca ou Diáwahsūpagarowi'i “Maloca da Fruta Grande Wahsū”. Daí vieram subindo até a 35^a. maloca que se chama Diáwahkūwi'i “Maloca do Bastão de Ritmo”. Subindo chegaram à 36^a. maloca que se chama Diáborerūwi'i “Maloca da Tabatinga Amarela”. Daí subiram e chegaram até a 37^a. maloca que se chama Diáyurūwi'i “Maloca dos Desenhos Fechados”. Daí subiram e chegaram até a 38^a. maloca que se chama Diáwihōwi'i “Maloca de Paricá”.

A humanidade, dentro da Canoa de Transformação, entrou no rio Tiquié e chegou na 39^a. maloca chamada Diágamūrāwi'i “Maloca dos Gaviões”. Subindo mais acima, chegaram à 40^a. maloca que se chama Diáwērapagawī'i “Maloca da Tapiocã Grande”. Foi nessa maloca que as primeiras mulheres tiveram a sua primeira menstruação. O Bis-



14. Urupema, em língua geral, é uma peneira de crivo aberto.

neto do Mundo deixou-as nesta maloca, cercando-as com paris. E somente os homens prosseguiram a viagem.

Mais acima, entraram na 41^a maloca que se chama Diáwahsübogariwi'i "Maloca dos Açoites". Subindo mais adiante, entraram na 42^a maloca que se chama Diáwahsuwi'i "Maloca dos Aventais de Dança de Tururi" e, mais acima, na 43^a maloca que se chama Diádihpurumanawi'i "Maloca dos Piolhos". Subindo mais adiante, entraram na 44^a maloca que se chama Diáwahsübogariwi'i "Maloca dos Açoites". Daí subiram e chegaram na 45^a maloca chamada Diápoarihtāwi'i "Maloca da Serra do Cabelo". Daí subiram e chegaram na 46^a maloca que se chama Diámiñapōrāwi'i "Maloca das Flautas Sagradas". Daí subiram e chegaram à 47^a maloca que se chama também Diámiñapōrāwi'i "Maloca das Flautas Sagradas". Nesse local, se situa a povoação Uira-poço, no rio Tiquié. Prosseguindo, chegaram à 48^a maloca que se chama Diáwahkuwi'i "Maloca do Bastão de Ritmo". Subindo mais adiante, entraram na 49^a maloca que se chama Diáugawi'i "Maloca dos Adornos de Nuca". Depois entraram na 50^a maloca chamada Diámiñapōrāwi'i "Maloca das Flautas Sagradas". Subindo mais acima, entraram na 51^a maloca que se chama Diágamūrāwi'i, "Maloca dos Gaviões". Subindo mais adiante, entraram na 52^a maloca chamada Diábuyabuwi'i, "Maloca dos Enfeites". Conta-se que esta maloca está nas cachoeiras de Pari. Até aqui chegou a Canoa de Transformação.

Umukosurāpanami deixou neste lugar os Barasana, Kaviria, Yepámahsã, Micura e várias outras tribos. Essas tribos prosseguiram a viagem sozinhas, colocando as suas malocas ao longo do rio. Elas saíram por terra na Cachoeira Comprida, que fica acima da cachoeira de Pari. Da Maloca dos Enfeites para cima, somente elas conhecem o nome das malocas.

A Canoa de Transformação baixou outra vez e, com ela, foram os Tukano, os Desana e mais outras tribos. Baixaram

até a Maloca da Tapioca Grande (40^a) onde o Bisneto do Mundo tinha deixado as mulheres. A Canoa de Transformação encostou e subiu de novo com elas até a Maloca dos Piolhos (43^a) onde ele cortou os cabelos delas. Por isso, temos este costume de cortar os cabelos da mulher quando esta tem a primeira menstruação. Porque também os cabelos dessas mulheres eram brancos: E a Canoa continuou subindo até a Maloca da Serra do Cabelo (45^a) onde ele deu para a humanidade outros cabelos, de cor preta, como são os nossos. Aqui acaba a viagem pelo rio Tiquié.

Recomeçando a subir o rio Uaupés, eles chegaram e entraram na 53^a maloca que se chama Diámenegõãrãwi'i "Maloca da Formiga de Ingá", onde fica atualmente a Missão de Taracua. Daí chegaram à 54^a maloca que se chama Diãñamasarowi'i "Maloca das Raízes de Veado". Subiram mais adiante e entraram na 55^a maloca que se chama Diãñimürãyorowi'i "Maloca da Ponta das Larvas de Borboleta".

Como saíram para a superfície da terra

Daí chegaram à 56^a maloca que se chama Diáperagobewi'i¹⁵. Esta maloca está na grande Cachoeira de Ipanoré. Aí, pisaram na terra pela primeira vez, porque antes eles vinham debaixo da água com a Canoa de Transformação. O Bisneto do Mundo ia dividindo-os à medida que estavam saindo para a superfície da terra. Eles saíram por si mesmos. Por isso, na Cachoeira de Ipanoré vêem-se os buracos da sua saída, na lage de pedra. A Canoa de Transformação ficou no fundo da água, não veio à tona. Somente eles é que saíram à superfície da terra.

Cada um saiu acompanhado de sua mulher. Colocaram-se em filas, na terra. O primeiro a sair foi o chefe dos Tukano,



15. Palavra intraduzível em português.

que se chama Doethiro, sendo mais conhecido como Wauro. Ele é o chefe de todos os Tukano. Ele era como o Demiurgo da Terra. Foi como aconteceu com Deus. Deus gerou o seu filho Jesus, não é? O Demiurgo da Terra, ou Bisneto do Mundo, gerou Doethiro que significa “Traira de Cabeça Chata”. O Bisneto do Mundo baixou com a Canoa de Transformação.

Em segundo, saiu Ūmukomahsũ Boreka, o chefe dos Desana. São estes dois que levaram as riquezas que o Bisneto do Mundo tinha pedido ao Avô do Mundo na Maloca de Cima.

Como foi dito no começo, a humanidade estava dentro das riquezas, dentro dos adornos, como a galinha está dentro do ovo. Quando a galinha sai, ela deixa a casca. Pois, a mesma coisa aconteceu com eles! Já vimos que a humanidade foi se transformando de maloca em maloca. Sabemos que eles estavam crescendo e que eles saíram de dentro das riquezas, como o pintinho saiu do ovo. Por isso, as riquezas são deles, porque eles cresceram nelas. E é por isto que Wauro e Boreka tomaram para si essas riquezas, chamadas agora Pamũrĩbuya “Enfeites de Transformação” e depois as distribuíram. Wauro distribuiu as dele para a sua geração, mas nem para todos os Tukano, só para alguns. Sobre isto, somente os Tukano sabem. Ūmukomahsũ Boreka, o chefe dos Desana, também distribuiu as riquezas que lhe couberam apenas para alguns Desana. Essas riquezas são eternas.

O terceiro a sair para a superfície foi o Pira-tapuyo. O quarto foi o Siriano. O quinto foi o Baniwa. Este saiu com arco e flecha e logo retesou o arco para experimentá-lo. Por isso, esse grupo é conhecido por ser bravo. O sexto a sair foi o Maku. A todos estes, o Bisneto do Mundo disse:

— “Dou-lhes o bem-estar, dou-lhes as riquezas das quais vocês nasceram”.

Dizendo isso, ele estava dando-lhes o poder de serem mansos, de fazerem grandes festas com danças, de se reunirem

com muita gente, de conviverem bem com todos, isto é, de não fazerem guerras. Isso tanto é verdade que os nossos Antigos nenhuma vez fizeram guerras, porque o Bisneto do Mundo lhes deu esse poder.

O sétimo a sair para a superfície foi o Branco, com a espingarda na mão. O Bisneto do Mundo disse-lhe:

— “Você é o último. Dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como você é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar as riquezas dos outros. Com isso, encontrará dinheiro!”

Quando ele acabou de dizer isto, o primeiro Branco virou as costas, deu um tiro com a espingarda e seguiu para o sul. Ele baixou, entrando nas malocas, por onde ele já havia passado enquanto estava subindo na Canoa de Transformação. Entrou na 21^a maloca, situada em São Gabriel, e aí mesmo fez a guerra. Numa pedra que existe nesse lugar, vêem-se figurinhas parecidas com soldados, com capacete e espingarda, todos ajoelhados e dando tiros. Foi assim porque o Bisneto do Mundo deu-lhe o poder de fazer a guerra! Para ele a guerra é como uma festa. Por isso é que os Brancos fazem guerras!

O oitavo a sair foi o Padre com um livro na mão. O Bisneto do Mundo mandou que ele ficasse com o Branco. Os nossos avôs sabiam que existia Padre, porque conheciam essa história! Tanto é verdade que os Padres chegaram assim como os Brancos!

Já vimos que saíram da Canoa de Transformação muita gente. Saíram e ficaram conversando uns com os outros, todos contentes. Enquanto isso, ouviram um barulho atrás deles. Era um ser que estava surgindo. Ouvindo o barulho, perguntaram:

— “Quem é aquele ali?”

A maior parte disse:

— “Wahtĩ!” (um espírito do mato).

Por isso, ele recebeu o nome de Wahtĩ. Ele existe na mata.

Se tivessem dito “é gente que está lá!”, ele teria saído como Maku, um índio do centro do mato!

Feito isto, Umukosurãpanami deu-lhes a ordem de continuar a sua viagem. A Canoa de Transformação, que era o terceiro Trovão, por sua vez, baixou novamente. O Bisneto do Mundo baixou com ela até o Lago de Leite. Umukoñehkũ, que era o terceiro Trovão, subiu na maloca dele, na Maloca de Cima, e o Bisneto do Mundo também subiu.



Terceira parte: A viagem por terra dos Pamūrīmahsã

Os Pamūrīmahsã, “Gente de Transformação”, prosseguiram a sua viagem. Eles não subiram mais de Canoa. Subiram por si mesmos, com sua própria força. Como dissemos antes, o Avô do Mundo mandou Wauro (ou Doethiro) representá-lo junto aos Tukano. Umukomahsū Boreka ficou como o chefe dos Desana e prosseguiu a viagem. Por isso, depois da sua saída para a superfície da terra, na Cachoeira de Ipanoré, eles conduziram os Pamūrīmahsã. Subindo, eles entraram na 57^a maloca chamada Diátaborewi’i “Maloca do Capim Branco”. Depois de saírem desta maloca, já não faziam tantos rituais como anteriormente. Já eram gente madura, adulta. Ao subir acima desta maloca, entraram na 58^a maloca que se chama Diáyuhrowi’i “Maloca do Estreitamento”. Ao subir acima, chegaram na 59^a maloca que se chama Diáyeauhtāmūwi’i “Maloca da Cachoeira das Onças”. Esta maloca está localizada em Iauareté, na frente da boca do rio Papuri. Aí, eles entraram no rio Papuri. Subindo-o, eles entraram na 60^a maloca chamada Diátaurihtāmūwi’i “Maloca da Cachoeira do Anteparo”. E prosseguiram a viagem. Subindo, entraram na 61^a maloca que se chama Diáimikawi’i “Maloca dos Paris”. Esta maloca está em Terezita, na Colômbia. Subindo acima, eles entraram no rio Macucu, cuja desembocadura fica acima de Terezita. Subindo neste rio, bem na cabeceira, eles entraram na 62^a maloca que se chama Diáwãrřōwi’i “Maloca do (peixe) Acará”. Depois desta maloca, eles adentraram no mato, colocando novas malocas. Entraram na 63^a maloca que se chama Diáwahsūwiruwi’i “Maloca da (fruta) Wahsū”. Esta maloca fica no meio da mata. Indo mais adiante, eles chegaram na 64^a maloca que se chama Diãñahsamenīgřīpoeburiwi’i “Maloca das Capoeiras dos

Cabaceiros de Maracás”. Eles estavam andando debaixo da terra, porque tinham o poder de fazer isso. Indó mais adiante, entraram na 65^a. maloca que se chama Diáugaruwi’i “Maloca do Adorno de Nuca”.

Atravessando pela mata onde ficam essas malocas, eles chegaram de novo no rio Uaupés. Aí, ingressaram na 66^a. maloca que se chama Diápoepawi’i, “Maloca das Roças”. Esta maloca fica na altura da atual povoação de Santa Cruz de Aracapuri, no rio Uaupés, fronteira com a Colômbia, acima da foz do rio Querari. Depois desta maloca, vieram descendo o rio Uaupés e chegaram na 67^a. maloca que se chama Diáwehkugeawi’i, “Maloca do Jirau de Pesca de Anta”. Baixando mais ainda, chegaram na 68^a. maloca chamada Diámoamūwi’i, “Maloca do Caruru¹⁶ de Cachoeira”. Conta-se que esta maloca está na grande Cachoeira de Caruru, acima de Iauareté. Baixando mais ainda, entraram outra vez na 59^a. maloca, a Maloca da Cachoeira das Onças (Diáyeauhtāmūwi’i). Passaram de novo nas 58^a. e 57^a. malocas. Descendo mais abaixo, chegaram à maloca da saída por terra, isto é, em Diáperagobewi’i, a 56^a. maloca. Assim, eles voltaram ao lugar onde pisaram a terra pela primeira vez: a Cachoeira de Ipanoré.

Este é o mito da criação da humanidade. Porém, este mito é somente o início de muitos outros. Com cerimônias especiais, cada maloca tem um nome e um significado particulares. É assim que falavam os Antigos.

O trabalho de Umukosurāpanami não durou para sempre. Houve três grandes cataclismos: dois incêndios e um dilúvio que fizeram, a cada vez, desaparecer a humanidade. Assim, Umukoñehkū teve que renovar, repetidas vezes, o seu trabalho. Sumiram três grupos da humanidade! O quarto grupo,



16. Alga que cresce nas cachoeiras, da qual se extraía o sal antigamente.

o que existe atualmente, somos nós. Antes de nós, desapareceram três grupos! Adiante falaremos sobre esses grupos desaparecidos. Depois de ter feito o quarto grupo, Umakoñehkū disse:

— “Está dando muito trabalho recomeçar tudo de novo”.

E, dirigindo-se ao quarto grupo, que somos nós, ele complementou:

— “Agora, eu os deixo em paz. Não vou mais castigá-los”.



Quarta parte: As andanças pelo mundo de Ŭmukomahsũ Boreka

Sabemos que Ŭmukomahsũ Boreka, o chefe dos Desana, e os próprios Desana chamados Ŭmukomahsã, isto é, “Gente do Universo”, foram entrando no rio Macucu. Nas cabeceiras desse rio, bem no centro da mata, construíram uma grande maloca. Pouco a pouco, foram se multiplicando e enchendo a grande maloca. Diante disso, Boreka decidiu dividi-los em grupos menores. Antes disso, Boreka quis ensinar e distribuir os seus poderes entre eles. A primeira coisa que ele repartiu foi o paricá (wihõ), também chamado abeyeru, isto é, “Pênis da Lua”. O paricá mais forte que existe no mundo era esse dos Ŭmukomahsã. Para ser pajé é preciso cheirar o paricá, como fez Boreka, o maior pajé do mundo desde o início.

Esse paricá tinha o poder de fazer um homem virar onça. Depois de tê-lo dado a sua geração, Boreka tirou fibras de tucum da Maloca do Universo, da Ŭmukowi'i. Essas fibras de tucum¹⁷ chamavam-se uməsĩñahkãsumidari, isto é, “fibras de tucum do universo”. Ele tirou esse tucum para tecer as peles de onças. Cada um fazia a sua pele, conforme eles queriam. Além do tucum, Boreka tirou um espinho do pé de tucum da Maloca do Universo. O espinho tinha uns 15 centímetros de comprimento. Os Desana enfiaram o espinho na pele de onça que lhes serviria de escudo, para tirar a medida de sua grossura. Fizeram isso para que as flechas dos inimigos não atravessassem a pele, atingindo sua carne. Por isso, a pele de onça tinha a grossura de mais de um palmo. Cada um escolheu a cor da sua pele.

Boreka fez a dele mais escura, pintada de preto nas costas e de branco na barriga. Ele disse:



17. Palmeira Astrocaryum tucumã.

— “Eu vou aparecer como (o peixe) uaracu”.

Aí, ele recebeu esse nome de Boreka. O peixe uaracu parece assim mesmo! Por isso, ele se chama Ūmukomahsū Boreka.

Ūmukomahsū Tōramū Kēhíri “Gente do Universo (dos Desenhos) do Sonho”, o nosso ancestral maior, disse:

— “Eu vou fazer minha pele de onça branca”.

E ele recebeu o nome de Yebore, “Onça Branca”. A sua pele não era branca assim como cal, era branca como o dia. Assim foi que Boreka transmitiu à sua gente todo o seu conhecimento. Esse nosso chefe era o mais feroz de todos, o que mais gente matou. Por isso, a sua geração é brava e sábia. Porque ele era um sábio! Os seus descendentes se chamam Tōramū Kēhíripōrā, isto é, “Os Filhos (dos Desenhos) do Sonho”.

Ūmukomahsū Uari Dihputiro “Gente do Universo de Cabeça Chata”, disse por sua vez:

— “Eu vou fazer a minha pele de onça pintada e com cabeça chata”.

Por isso, ele recebeu o nome de Dihputiro “Cabeça Chata”. Seus descendentes chamam-se Dihputiropōrā “Filhos da Cabeça Chata”.

Uari Gāmīsērō “Orelha Dobrada” disse:

— “Eu vou fazer a minha xadrezada e com orelha dobrada”.

Por isso, ele recebeu esse nome que significa “a onça parece ter quatro orelhas”. Seus descendentes chamam-se Wahsūpūpōrā “Filhos do Cunuri”, que é o seu nome profano.

Gurabebore “Cu Branco” disse:

— “Eu vou fazer a minha pele preta e colocar branco só no cu”.

E recebeu esse nome. Seus descendentes chamam-se Gurabeborenepōrā, isto é, “Filhos dos Cus Brancos”.

Uari Duru “Rugidor” tomou esse nome porque o seu berro foi ouvido no mundo inteiro. Os seus descendentes chamam-se Dururā “Rugidores”. Esses seis primeiros grupos dos Desana

foram os mais afamados.

Quando terminaram de tecer as suas peles de onça, Boreka perguntou:

— “Já aprontaram?”

Eles responderam que sim. Então, ele disse:

— “Olham bem como eu vou fazer, estejam atentos”.

E mostrou-lhes a maneira de vesti-las. A pele não foi envergada como camisa. Bastava tocá-la e ela entrava dentro da pessoa. O primeiro a vestir a sua pele foi Boreka, o chefe supremo dos Desana. Sua barriga ficou nas costas da onça e suas próprias costas na barriga da mesma. A cabeça ficou sendo a cabeça da própria onça. Suas pernas ficaram sendo as pernas traseiras da onça. A pele não era muito grande. Na verdade, era como um fino algodão. Ao penetrar nelas é que aumentou de tamanho. Entrando nelas, doía muito, porque tinham que virar o corpo ao contrário. Ao gritarem de dor, já não gritavam mais como gente. Rugiam como onça. Finda sua transformação, eles experimentaram rugir. Entre todos, o que rugiu mais alto foi *Ūmukomahsū Uari Dūrū*, o Rugidor.

Ao cabo dessa lição, *Ūmukomahsū Boreka* abriu caminhos invisíveis no mundo e, em primeiro lugar, a sua morada original, a Maloca de Paricá. Retirou daí um fio emplumado invisível (*wihtōda*) e o estendeu rumo ao norte, até a Maloca do Norte (*Dihpamahawi'i*). Ele estava traçando os caminhos do universo, através do espaço, para poder viajar. Depois disso, ele estendeu um outro fio emplumado que atravessou o centro do universo, desde as Malocas do Universo (*Ūmukowi'iri*) do leste até as do oeste. Assim, ele pôde andar sobre esses caminhos no espaço enquanto transmitia os seus conhecimentos.

Na linha do Equador, onde se encontrava, ele não pretendia fazer mal a ninguém, porque viviam aí os seus irmãos. Eles iam estudar nos quatro cantos do mundo antes de voltarem para a Maloca de Paricá. Ao iniciar esse estudo, Boreka deixou o

seu trocano de paricá (wihōtoatore), que era um grande tambor invisível, na Maloca de Paricá, a fim de guiá-lo, já que esse trocano tocava sozinho. Ouvindo o trocano, saberia onde se situava a sua maloca. Depois, ele deixou nesse mesmo lugar seu outro poder, um tipo de espelho chamado em desana umukodiuru, o “espelho do universo”, um espelho resplandecente invisível, que serviria também para guiá-lo porque, enquanto percorria o mundo, o espelho soltava faíscas como raios ao refletir a luz.

Nessa peregrinação, Umukomahsū Boreka teria de matar muita gente e precisava de onças selvagens para devorá-las. Para isso, ele abriu quatro malocas. Abriu a 65ª maloca, a “Maloca do Adorno de Nuca” (Diáugaruwi’i) e mais outras três chamadas Wagarowi’i “Maloca do Aracuçã”, Diáuhhtëbohowi’i “Maloca de Quartzo Branco” e Diáyuhkuduhkawi’i “Maloca das Frutas”. Somente a primeira era uma Maloca de Transformação. Já lhe pertencia e aí ele guardou as peles de onça que ele e os seus irmãos haviam tecido. As outras três malocas são malocas da terra. Aí, estavam as onças mais ferozes que comiam gente e que passariam a ser os seus soldados durante o estudo que ele estava realizando.

Saíram muitas onças destas malocas. O mundo ficou infestado de onças. Com elas, saíram também muitos Wahtī, espíritos do mato. O universo escureceu. Em certos lugares, chuvia um pouco. Ninguém podia ir longe. Quando Umukomahsū Boreka acabou de abrir as quatro malocas, ele passou a dar lições para os seus irmãos. Só então é que ele começou o seu estudo. A primeira parte do universo onde ele fez os seus ensinamentos foi o leste. Ele fez-se acompanhar de todas as onças selvagens. Aí, ele começou a ensinar aos seus irmãos como matar gente. Mas eles não comiam gente. Matavam e jogavam-nas para as verdadeiras onças comerem. Suas armas eram um poder invisível chamado em desana yohokaduhpu,

isto é “cabo de enxó”. Dele, eles se serviam como se fosse espada e terçado. Com ele, eles cortavam cabeças humanas que jogavam em seguida para as onças selvagens.

Voltando ao centro do mundo, ao Equador, Boreka dirigiu-se para a Maloca de Paricá onde estavam o trocano e o espelho mágico que o vinham guiando e chamando. Depois, ele tomou o rumo do oeste, levando os seus irmãos e ensinando-os a fazerem a mesma coisa. Depois, foi para o norte, agindo do mesmo modo. Por toda parte existiam onças. Os lugares onde morreram muita gente são aqueles por onde ele andou ensinando para os seus irmãos. Vendo que ele estava ficando muito perigoso, alguns homens sábios, os kumua, disseram:

— “Ele pensa que, tendo nascido do paricá, ele pode fazer o que bem entende. Vamos procurá-lo”.

Após essa fala, fizeram seus rituais com breu para que ele errasse o caminho de volta à sua maloca. Com esses rituais de breu, eles tiraram o trocano de paricá da Maloca de Paricá, bem como o espelho do universo e os colocaram na Maloca do Norte (Dihpamahawí’i). Assim, mudaram a posição da maloca, que estava no sul, a fim de confundi-lo.

Boreka não pôde mais voltar à Maloca de Paricá. Não encontrou o caminho. O trocano e o espelho não sinalizavam mais nada. Ele passou então pelo maior perigo: as onças, que eram seus soldados, descontroladas, comiam mais e mais gente. Ao mesmo tempo, começou a se espalhar o rumor de que Umukomahsū Boreka estava perdido e que alguns kumua haviam confundido o seu caminho. Por isso, ele matava cada vez mais e, dessa forma, acabaria com toda a humanidade. O perigo aumentava. Ninguém podia mais sair de casa. No meio disso tudo, uma velha foi tinguíjar num igarapezinho. Ela estava pensando:

— “Sou velha, já vi o mundo, vivi muito tempo. Se a onça me comer, não me importo”.

Enquanto ela estava tinguindo e apanhando peixinhos, ouviu o rugido de uma infinidade de onças que vinham em sua direção. Ao vê-las aproximarem-se, a velha pressentiu que ia perder a vida. Pensou então:

— “Todo mundo está dizendo que Boreka está errante, que ele perdeu o seu caminho. Vou perguntar-lhe se é verdade. Ele vai me ouvir”.

Quando as onças estavam bem próximas, ela gritou:

— “Meu neto, não me coma, eu sou a sua avó! Por que é que você anda comendo gente sabendo que é gente? O que está acontecendo com você?”

Ouvindo isso, as onças se afastaram. Depois, apareceu um homem todo enfeitado. Era o próprio Boreka. Ele saudou a velha e contou que ele estava perdido, porque os kumua haviam confundido o seu caminho. Perguntou-lhe onde ficava a sua maloca, a Maloca de Paricá. Como a velha não o sabia, ela lhe indicou o rumo errado. Somente os homens é que sabiam. Boreka só perguntou isso e despediu-se da velha. Ele tomou a direção que a velha assinalou, mas não encontrou a Maloca de Paricá.

Pouco tempo depois, um homem foi para a roça. No meio da estrada, encontrou-se com homens que vinham voltando, seguidos de muitas onças. Era Boreka acompanhado dos seus irmãos que haviam vestido as suas peles de onça. Cansados de ter a pele de onça por dentro, retiraram-na e a jogaram sobre os seus ombros. O homem dirigiu-se ao primeiro da fila, que era Boreka, e perguntou:

— “Aonde vais?”

Boreka respondeu:

— “Vou andando por aí porque desapareceu o meu caminho”.

O homem prosseguiu:

— “Você é aquele de quem todo mundo está falando?”

— “Sou eu mesmo”, respondeu Boreka.

Então, o homem contou-lhe o que os kumua fizeram para

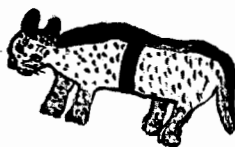
atrapalhá-lo. E, em seguida, mostrou-lhe onde ficava a Maloca de Paricá. Boreka, por sua vez, perguntou ao homem onde ele morava. Só isso é que ele queria saber. O homem mostrou a direção da sua maloca. Aí mesmo despediram-se e foram embora. Boreka e os seus acompanhantes vestiram de novo a pele de onça e, finalmente, ele encontrou a sua morada. Ao chegar à Maloca de Paricá, Boreka percebeu o que os kumua tinham feito e consertou tudo. Assim, ele terminou seu estudo. Ele fechou as quatro malocas que havia aberto no mundo e, na 65ª maloca, a Maloca do Adorno de Nuca, ele deixou sua veste de onça e aquelas dos seus acompanhantes. Por isso, essa maloca é importante: é a guardiã das peles de onça de Boreka e dos seus irmãos.

Nessa mesma maloca, está Umukoye, a onça invisível do universo. Ela está aí amarrada e só pode soltar-se quando se cheira o paricá chamado abeyeru. Por isso, desde aquele tempo, ninguém mais cheirou desse paricá. Esses caminhos que Umukomahsū Boreka traçou ficaram para sempre. Ainda hoje, poderosos pajés invisíveis andam por eles, cortando o espaço, durante a estação chuvosa. O resto do tempo, eles vivem na Maloca de Paricá, isto é na Maloca do Sul. Quando aparecem, começa a relampejar. É sinal de que eles estão passando. Dirijam-se à Maloca do Norte. Depois, eles voltam novamente à Maloca de Paricá. Chamam-se Īmahsāyea. Esses pajés invisíveis existem em todo o universo.

Por isso, os grandes kumua fazem seus ritos com breu e cigarro quando pressentem a sua vinda. Com a reza de breu, escondem suas malocas e renovam o fio emplumado invisível para que os pajés invisíveis pisem sobre ele e não deixem cair os raios sobre as malocas. Com a fumaça do cigarro, eles se escondem a si mesmos para que os Īmahsāyea não os vejam. Isto se faz quando os kumua sabem que esses poderosos pajés estão por vir, antes da sua ida e vinda à Maloca do Norte.

Na sua ida, os kumua fazem a reza do breu e do cigarro. E, na sua volta, um mês mais tarde, apenas a do cigarro. Estes pajés invisíveis do universo dividem-se em três grupos, um dos quais é mais forte e atrevido. Ele se chama Nahsīwikurikuru “Grupo do (peixe) Pirapucu”. Ainda hoje, os kumua continuam fazendo os seus ritos para que os pajés invisíveis não se desviem do seu caminho e cometam erros, como aconteceu com Boreka.

Boreka acompanhou o Bisneto do Mundo na sua peregrinação. Foi um grande pajé e finalmente ele subiu para morar nas malocas que colocou no espaço. A principal delas, a Maloca de Paricá, fica no sul. Além dessa, há muitas outras espalhadas no firmamento, também chamadas Malocas de Paricá (Wihōwi’iri). Boreka tornou-se Gente de Paricá (Wihōmahsū). Ele é eterno. Aqui, nessa terra ficou o seu filho, que tem o mesmo nome. Este filho de Boreka morreu e foi enterrado aí, nesta terra. Ele também foi um grande pajé e transmitiu os seus conhecimentos aos seus filhos primogênitos e estes aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos e isso em cada geração.



Quinta parte: A divisão dos Umukomahsã

Como foi dito anteriormente, os Umukomahsã se multiplicaram muito. Já vimos como Boreka repartiu o paricá, que era o seu maior poder, primeiro a seus irmãos e depois a seus descendentes, para torná-los mais poderosos.

O primeiro grupo era constituído pelo próprio Umukomahsũ Boreka. O segundo grupo foi formado pelo seu irmão Umukomahsũ Uari Namiyoariru. O terceiro grupo foi o de Umukomahsũ Dabayaru, o quarto o de Umukomahsũ Tõrãmũ Kẽhĩri. O quinto grupo foi o de Umukomahsũ Duseberi, o sexto grupo o de Umukomahsũ Uari Paya e, por fim, o sétimo grupo foi o de Umukomahsũ Kisibi Yepuri Wariru. Estes sete grupos são todos grupos de chefes. Eles são irmãos de Boreka e quase tão importantes quanto ele. O chefe do grupo dos avõs chamou-se Umukomahsũ Uari Dihputiro.

Grupo de Boreka

O chefe do primeiro grupo foi Umukomahsũ Boreka, cujos descendentes chamam-se Borekapõrã. Seu primeiro irmão foi Uari durũ, cujos descendentes têm o nome de Dũrurã. O seu segundo irmão foi Tõrãmũ Ogei, sendo os seus descendentes chamados Ogerã. O terceiro irmão foi Aõyuhkudeu, cujos descendentes foram chamados Aõyuhkudearã. Este foi o cantor de Boreka, o bayaru. Todos eles viveram numa mesma maloca com Boreka. São igualmente chefes, eles fazem parte do grupo de Boreka. Dentro desses quatro grupos, há um outro que não é um grupo à parte. Chama-se Buguyeripõrã. Ele recebeu este nome porque era muito baixinho.

Boreka tinha dois avõs (ñehkũsuma). O primeiro, que tinha por nome Porabaũ, era o preparador do ipadu. O segundo, de nome desconhecido, cujos descendentes chamavam-se Sekeã, era o preparador do cigarro.

Os empregados (poromahana) de Boreka chamavam-se Oyoa. Eles eram os seus pescadores. Qualquer serviço que ele lhes mandava, eles faziam. Eram eles que traziam e cuidavam do mastro de breu nos dias de dança. Todos eles viviam numa só maloca, junto com Umukomahsū Boreka.

Grupo de Uari Namiyoariru

Este grupo tinha como apelido Sāmēperupōrā, isto é, “Descendentes do Caxiri de Uacu”. A este, Boreka deu ordem de ficar numa outra maloca. É o segundo grupo de chefes e ele dividiu com ele os seus avôs, bem como os seus empregados. Não conhecemos os nomes destes, a não ser o de um dos seus empregados, que se chamava Gawa.

Grupo de Dubayaru

Este era o grupo dos mestres de cerimônia, dos mestres dos cantos. Ele também viveu numa outra maloca e não teve avôs, nem empregados. É o terceiro grupo de chefes e o nome dos seus descendentes é “Mēmēripōrā”.

Grupo de Tōrāmū Kēhíri

Este foi um chefe importante. Boreka deu-lhe ordem de viver numa outra maloca e concedeu-lhe muito poder, quase quanto ele. Ele lhe deu um par de cintos de dentes de onça chamados em desana koayeaguikari, o trocano (toatore) — ensinando-lhe os ritos que dão força ao trocano — e muitos outros bens. A seu chefe, Boreka disse:

— “Você também é meu irmão, por isso lhe confiro o poder de ter o trocano”.

Deu-lhe também avôs, empregados, bem como um cantor chamado Wiribayaru ou, ainda, Duseberi. Embora o grupo de Tōrāmū Kēhíri seja o quarto grupo de chefes, ele recebeu muitos poderes de Boreka.

Os nomes dos componentes deste grupo são:

1. Tōrāmū Kēhíri, cujos descendentes chamam-se Kēhíripōrā;
2. Kisibi yesuriro, cujos descendentes chamam-se Yeseropōrā;
3. Umusī pārōkumu, que não teve descendentes;
4. Umusī bohso taribuari, cujos descendentes chamam-se Āgāñēgārīpōrā.

O grupo de Tōrāmū Kēhíri tinha como cantor ou bayaru Duseberi. Este morreu sem deixar descendentes. Por isso, esse grupo desapareceu. Duseberi tinha dois irmãos que lhe serviam de ajudantes chamados respectivamente Uari Paya, cujos descendentes foram chamados Payatearā, e Kisibi Yepuri Wariru cujos descendentes são chamados Yepuriwarirua.

A princípio, todos esses grupos viviam numa mesma maloca, a de Boreka. Atualmente, estão espalhados por diversas povoações.

Os avôs de Tōrāmū Kēhíri tinham o nome de Uari Diapoañi e Kisibi Waberopera. Eram chamados em conjunto Yedirirā e preparavam o ipadu e o cigarro para Tōrāmū Kēhíri.

Os empregados, ou “secretários” de Tōrāmū Kēhíri, chamavam-se respectivamente Buyassu, Mahāgubu, Mahākore, Mimigubu, Gārīmiru e Umusī Searokumu. Estes eram os nomes dos seus seis pescadores. Eram também aqueles que traziam o breu e cuidavam do mastro de breu nos dias de dança. Eles eram do grupo de Tōrāmū Kēhíri.

Cada um destes homens teve as suas gerações. Todos estes de que eu dei o nome tiveram as suas gerações. Perguntando-se o nome, fica-se sabendo a qual geração cada qual pertence. Os homens cujos nomes citei até agora são os avôs dos avôs dos meus avôs, ou seja, os meus trisavôs.

Grupos de Umukomahsū Duseberi, Uari Paya e Kisibi Yepuri Wariru

Não conhecemos a composição desses três últimos grupos de Boreka.

Os avôs de Boreka

O grupo dos avôs de Boreka, os Umukomahsãñehkūsūma, isto é, os “Avôs do Universo”, tinha como chefe, como já vimos, Uari Dihputiro. Este não teve pai conhecido. Ele é o filho de uma empregada desana de Boreka, mas ninguém sabe quem foi o seu pai verdadeiro. Na hora do parto, a própria mulher de Boreka cuidou dela. Quando a criança nasceu, ela foi logo avisar Boreka. Este disse então:

— “Aqui não há outra gente, aqui somente há os meus filhos, os meus sobrinhos, os meus avôs e os meus empregados. É somente isso que eu posso fazer para a minha criada. Traga este menino aqui! Farei dele o avô dos meus filhos!”

Ouvindo isso, a mulher de Boreka foi buscar a criança e a sua mãe. Quando o menino se tornou grande, Boreka deu-lhe o poder de ficar como chefe do grupo dos seus avôs. Ele lhe deu um par de brincos que havia tirado da Maloca do Universo e também dois pares de um tipo de colar de miçangas chamado em desana dasiri que se costumava usar no dia de dança. Também esse tipo de colar foi tirado da Maloca do Universo. A Uari Dihputiro, o chefe dos avôs, ele deu também o poder de ter o trocano, bem como outros poderes. Aquele que não recebeu o poder de ter o trocano, não podia tê-lo. E Boreka ensinou-lhe muitas coisas, tais como os cantos dos mestres de cerimônias (bayakumūrī), as cerimônias do (alucinógeno) caapi (gahpibayiri), a feitiçaria de âmbito coletivo (birari) e muitas outras coisas. Por isso, Uari Dihputiro é o chefe dos avôs.

Os avôs de Boreka eram os seguintes:

1. Uari Dihputiro, cujos descendentes chamam-se Dihputiopōrā;
2. Bihtiri niarī;
3. Uari Gōāmūpōrā, também chamados Sibia;
4. Yogu, cujos descendentes chamam-se Yogupōrā;

5. Uari Gãmisērō, cujos descendentes são chamados Wahsūpupōrã;

6. Toapiana;

7. Toroyuhkua;

8. Diáyarāpōrã.

Como vimos, o terceiro avô também era chamado de Sibi porque ele era muito bom. Quando chegavam visitas, ele as recebia bem, todo contente. Ele nunca lhes mostrava cara feia. Sibi é o nome de um passarinho muito alegre¹⁸.

Do começo até aqui, todos os grupos de que eu dei o nome são Umukomahsã, ou seja, eles são todos Desana. Umukomahsū Boreka é o chefe deles, a cabeça deles. Eis a história dos Desana.



18. Não identificado.

Sexta parte: História de Umukomahsū Boreka no tempo dos Portugueses

Como acabamos de ver, os Desana ficaram divididos em várias malocas onde viviam sossegados. Trabalhavam e faziam grandes festas, como a festa de oferta de bens (poori). Na maloca do filho de Boreka, também chamado Boreka, havia um tipo de boneco de que ele era o dono. Chamava-se Gõãmũ “Demiurgo”. Ele morava dentro de uma grande cuia de um metro de altura, sustentada sobre um suporte de panela. Durante o dia, ele se parecia como uma cobra venenosa. Mas ele não mordia. De noite, no sonho, ele tinha relação sexual com a mulher de Boreka. Assim a mulher de Boreka contava para as outras mulheres! No sonho, ele lhe aparecia como um padre, às vezes como um Branco. Assim, não somente ele tinha vida, como também ele vivia no sonho com algumas outras mulheres da maloca de Boreka. Mas não com todas! Escolhia a mulher com quem ia viver no sonho. Ele não fazia isso com as solteiras, somente com as mulheres que já tinham marido, isto é, que pertenciam a outra tribo. Por isso, quando nascia uma criança da mistura do sêmen de Gõãmũ e do marido, já se sabia que, quando crescesse, ele seria inteligente, sábio, e adivinho. Gõãmũ tinha relação sexual no sonho com cinco mulheres da maloca de Boreka que tinham marido.

Ele tinha um grande poder. Protegia Boreka, livrando-o de todos os males e de todos os perigos que dele se aproximassem. Enquanto viviam deste modo, chegaram os primeiros Brancos na região. De acordo com a história do Brasil, esses Brancos seriam os bandeirantes. Depois deles, chegaram os Brancos que agarraram a gente. Eles cercaram a maloca de Boreka, mas não conseguiram entrar nela. Suas pernas ficaram moles. Eles não tinham mais força para andar. Voltaram uma segunda vez, cercaram a maloca e aconteceu a mesma

coisa. Tornaram a voltar e sucedia o mesmo. Por isso, eles perguntaram para os índios de outras tribos porque eles ficavam deste jeito quando tentavam entrar na maloca de Boreka. Os outros contaram que Boreka tinha na sua maloca um tipo de boneco que o defendia. Os Brancos perguntaram em qual lugar ele ficava guardado. Responderam que era bem no meio da porta do quarto de Boreka. A porta chamava-se Imikadihsi “Porta dos Paris”. Ele estava sobre essa porta, em cima de um suporte de cuia.

Os Brancos ouviram tudo direito e foram outra vez para a maloca de Boreka. Quando chegaram, a primeira coisa que fizeram foi derrubar Gõãmũ com um tiro de espingarda. Atiraram sem ver nada, porque sabiam onde ele se encontrava. A casa de Gõãmũ, isto é, a cuia, ficou totalmente despedaçada, mas ele subiu ao céu. Os Brancos cercaram então a maloca e agarraram Boreka. O descendente legítimo da Gente de Transformação foi assim preso pelos Brancos. O irmão de Boreka conseguiu fugir e tomou o lugar dele como chefe supremo dos Desana. Boreka, quando foi levado pelos Brancos, levou consigo a maior parte dos seus poderes. Não se sabe para qual lugar os Brancos o levaram. Talvez esteja na Bahia, no Rio de Janeiro ou no Portugal. Isso ninguém sabe. As riquezas restantes ficaram todas para a sua geração. Elas estão com os descendentes de Boreka, os Borekapõrã. Entre outras, estão os Pamũribuya, os “Enfeites de Transformação” e as outras coisas tiradas da Maloca do Universo.



Sétima parte: A dispersão dos Umukomahsã e a localização dos Tōrāmū Kēhíripōrã

Ao receber a ordem de Umukomahsū Boreka de viver em outra maloca, Umukomahsū Tōrāmū Kēhíri dirigiu-se às nascentes do rio Cuiucuiu, afluente do rio Papuri. Construiu uma maloca no lugar chamado Pamōsuriwiara, isto é “Cachoeira das Vestes de Tatu”. Aí, viveu por muito tempo com seus avôs, irmãos e criados. Mudaram-se depois para a margem do rio Cuiucuiu, num lugar chamado Poráyuri “Paraná do Espinho”. Estando aí, foram pegos pelos Brancos. Mas somente três rapazinhos. Os outros conseguiram fugir. Um deles era o filho do chefe Tōrāmū Kēhíri. O segundo era o seu primo-irmão, filho do irmão do seu pai. O terceiro, conhecido como Wauōmã era tio dos dois por ser irmão dos pais deles. Voltaremos a tratar deles mais adiante.

Antes da chegada dos Umukomahsã, o rio Tiquié era habitado por duas tribos chamadas Wayerã e Koamana. Os Wayerã e os Koamana eram cunhados entre si, tal como os Tukano e os Desana. Um grupo da tribo Koamana vivia junto da cachoeira Moamū “Cachoeira de Sal”, conhecida hoje sob o nome de Cachoeira Caruru. Um grupo da tribo Wayerã morava próximo à Cachoeira Siribu “Cachoeira de Mirupu”, atualmente chamada Pari-Cachoeira. Junto a essa cachoeira existem duas pedras com desenhos rupestres: uma delas chamada Mirupu é dos Desana, a outra chamada Yebasora é dos Tukano. Um grupo dos Koamana vivia na foz do igarapé Cucura chamado Diburuyapiro “Foz do Igarapé da Cucura do Mato”. Outro grupo dos Wayerã vivia em Warusereru, onde hoje se situa a povoação de São José. Tal era a localização desses grupos. Todos acabaram sendo levados pelos Brancos e exterminados.

Juntamente com os Brancos que dizimaram os antigos habitantes do rio Tiquié, a que acabamos de referir-nos,

andava um índio Tariano que vivia numa maloca na Cachoeira de Iauareté, no médio rio Uaupés. Naquele tempo, ainda não havia a demarcação da fronteira entre o Brasil e a Colômbia. Esse Tariano, ao voltar para a sua maloca, contou que o Tiquié havia sido despovoado. Sabendo disso, começaram a vir para cá os primeiros Tukano. Em primeiro lugar, chegaram os do grupo Turopõrã que se haviam estabelecido nas cabeceiras do igarapé Turi, acima da atual povoação de Santa Luzia no rio Papuri. Daí, atravessaram a mata, fazendo roças, construindo tapiris e depois malocas, até descerem ao Tiquié. Assim, chegaram até a antiga maloca dos Wayerã, em Warusereru.

Na mesma época chegou outro grupo Tukano com seus irmãos chamado Panisípõrã. Estabeleceu-se no lugar antes ocupado por outro grupo Wayerã, em Siriribu. Depois deste, veio outro grupo Tukano chamado Matagobepõrã. Tinha vindo de Mahãpīgõriyeri "Pedras dos Rabos de Arara". Hospedou-se na maloca de Panisĩ em Siriribu. Tempos mais tarde, houve uma desavença entre os grupos Panisĩ e Matagobe, e este último arrasou todas as suas roças, construiu um grande batelão para levar todos os seus irmãos, carregando ainda mudas de mandioca e de outras plantas, farinha e todos os seus haveres. Ao despedir-se do tuxaua dos Panisĩ, disse-lhe que iria a um lugar chamado em língua geral Uaracari, que fica abaixo de Barcelos, no rio Negro. Esse tuxaua dos Matagobe conhecia o referido lugar por ter estado ali com os Brancos, trabalhando piaçaba.

Saiu à tarde de Siriribu e veio baixando o Tiquié. Parou para dormir à beira do rio. Os irmãos dele foram procurar folhas da palmeira bacaba para construir um tapiri a fim de aí pernoitar. Viram então que havia terra boa, igual à que tinham no rio Papuri. Contaram isso ao seu tuxaua, que foi verificar pessoalmente se isso era verdade. Constatando que a terra era bastante fértil, resolveu construir aí mesmo uma maloca. Aí

ficaram durante muitas gerações. O grupo Panisī passou a chamar essa localidade de Uaracari. Fica abaixo da atual povoação de Santo Antônio e foi abandonada porque virou capoeira.

O tuxaua dos Matagobe, cujo nome em português era Adão, estando em Uaracari soube do rapto de três rapazes do rio Cuiucuiu. Disse a seus irmãos:

— “Vou resgatar esses rapazes, porque são nossos sobrinhos. E aqui não temos primos-cunhados para casarem com nossas filhas”.

Mandou as mulheres preparar farinha para a viagem e seguiu até a Cachoeira de Ipanoré.

Feitos prisioneiros pelos Brancos, os três rapazes foram levados até a Cachoeira de Ipanoré. Aí viviam suas tias Tukano, irmãs de suas mães, que se haviam casado com índios Tariano. Ao saberem que haviam aprisionados parentes seus do rio Cuiucuiu, foram ver quem eram. Verificaram que eram seus sobrinhos, filhos de suas irmãs casadas com Desana. Os índios Tariano já eram documentados pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), por isso os Brancos tiveram que respeitá-los. A pedido de suas mulheres foram falar com os Brancos a fim de que libertassem os rapazes, no que os Brancos acederam. Passados dois dias, o filho do tuxaua Tōrāmū Kēhíri voltou a sua maloca no rio Cuiucuiu. Os dois outros rapazes ficaram morando nas casas de suas tias.

Chegando em Ipanoré, o tuxaua dos Matagobe conversou com essas mulheres, contou a viagem e o motivo de sua chegada até ali. Acabou trazendo os dois jovens, dando uma de suas filhas em casamento a um deles. Esse foi nosso tataravô. Isto é, dos Desana das povoações denominadas em desana Bayagobe e Warusererukau, ou seja, respectivamente Santo Antônio e São João no rio Tiquié. Junto com a sua filha, entregou a maloca e as plantações, construindo outra mais abaixo, num lugar chamado Yūhsuariburu “Morro do Frio”.

Entregou também a esse genro a parte fronteira do rio, onde lhe cabia pescar, bem como o terreno equivalente, mata adentro.

Pouco tempo depois, o rapaz do rio Cuiucuiu morreu, sem chegar a ver o filho que ia nascer. Mais aí ficaram os seus tios Desana, que tinham ido visitá-lo. Morto o marido, a filha de Adão casou-se com um índio Siriano, das cabeceiras do rio Papuri, do lugar chamado Surubu, acima da missão de Uacaricuara, na Colômbia. Ainda grávida, mudou-se para lá, onde nasceu um menino que foi chamado Tõrãmũ. Quando estava com dois anos, os tios paternos que haviam ficado em Uaracari, foram buscá-lo, porque eles próprios não tiveram filhos. Mas já não havia maloca. Todos viviam em casinhas pequenas. Quando Tõrãmũ estava com 17 anos, a mãe veio visitá-lo e o levou consigo a Surubu. Lá casou-se com uma mulher da tribo Karapaná e a trouxe de volta a Uaracari para conhecer os tios que o haviam criado. Suas primas-cunhadas (bahsurinanome) reclamaram dele haver-se casado com uma Karapaná, ao invés de escolher uma delas. Elas eram Tukano e ele Desana, que é o casamento preferido.

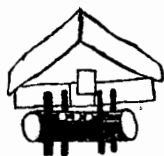
Tõrãmũ resolveu deixar a sua mulher Karapaná, que já estava grávida, na aldeia do seu padrasto, em Surubu, e voltou a Uaracari sozinho. Sua mulher Karapaná teve um menino que se chamou Mirupu. É o avô dos Desana de Santo Antônio.

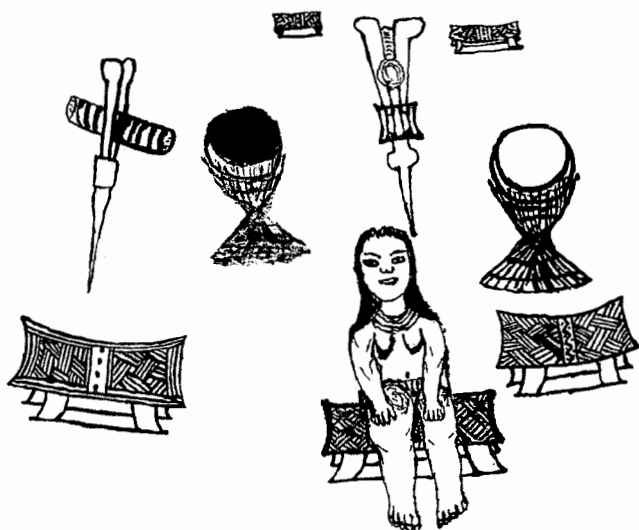
Tempos depois, Tõrãmũ casou-se com uma moça Tukano do grupo Buiberapõrã. Ela teve um menino chamado Uari, morrendo logo depois do parto. Esse menino é o avô dos Desana de São João. Ficando viúvo, Tõrãmũ casou-se com uma moça do grupo Tukano Turopõrã. Mãe e filho morreram depois do parto. Desgostoso, ele foi embora com os Brancos. Passados cinco anos, voltou à antiga povoação de Uaracari que, como disse, havia virado capoeira. Casou-se então com uma mulher do grupo Tukano Panisipõrã. Ela teve dois filhos

homens. O primogênito chamava-se Tõrãmũ e o segundo Kisibi. Tõrãmũ é o pai de um dos autores deste livro, Umusĩ pārõkumu, cujo nome português era José. Seu irmão, Miguel, é o avô do sobrinho de Umusĩ, Feliciano Lana.

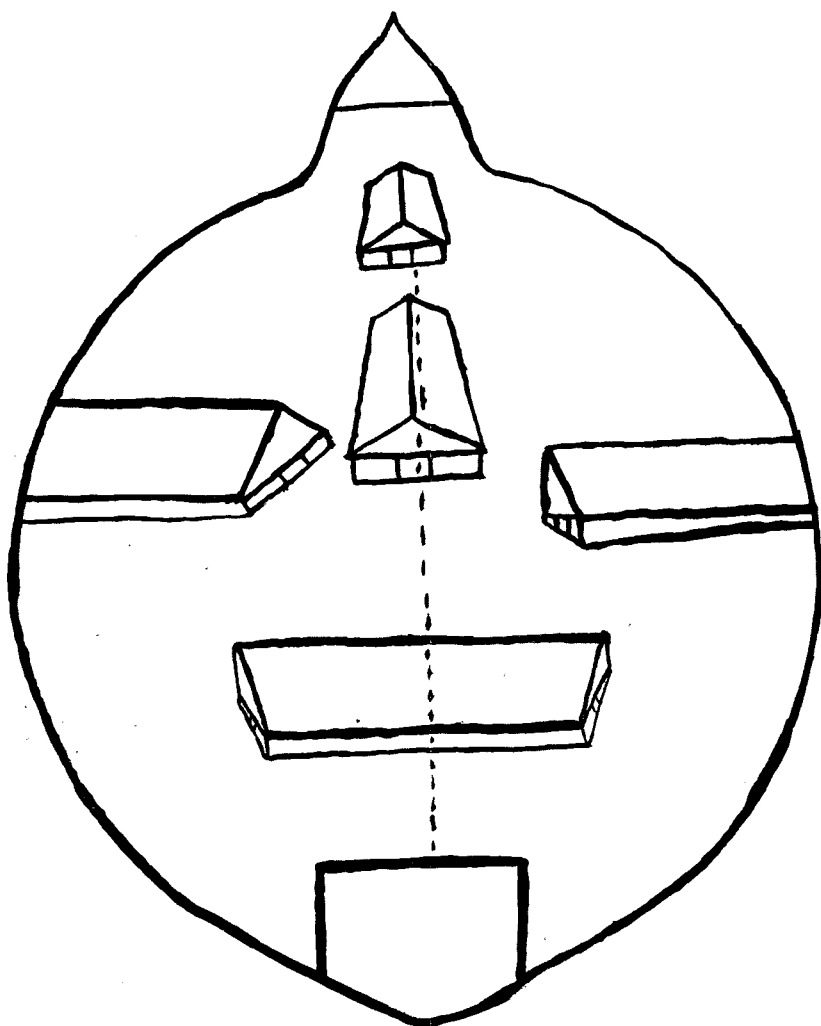
Tõrãmũ casou-se com uma mulher Tukano do grupo Panisĩ e teve vários filhos, dos quais somente sobreviveu Umusĩ. Foi batizado com o nome de Firmiano. José foi baya, isto é, mestre de canto, e conhecia todos os ritos e costumes dos Antigos. Embora não fosse o mais velho dos filhos, porque seu pai tinha tido outros dois casamentos anteriores, ficou sendo tuxaua, chefe de todos os seus irmãos.

José construiu sua maloca num local chamado Mihinãburu “Morro do Açai”, à margem direita do rio Tiquié, em frente à atual povoação de São João. Depois pediu a seu primo, tuxaua da maloca de Siriribu (Pari-Cachoeira), chamado José Mentre, para transferir-se à margem esquerda, isto é, para Warusererukau, chamada São João em português. Aqui morreu e deixou seus descendentes.





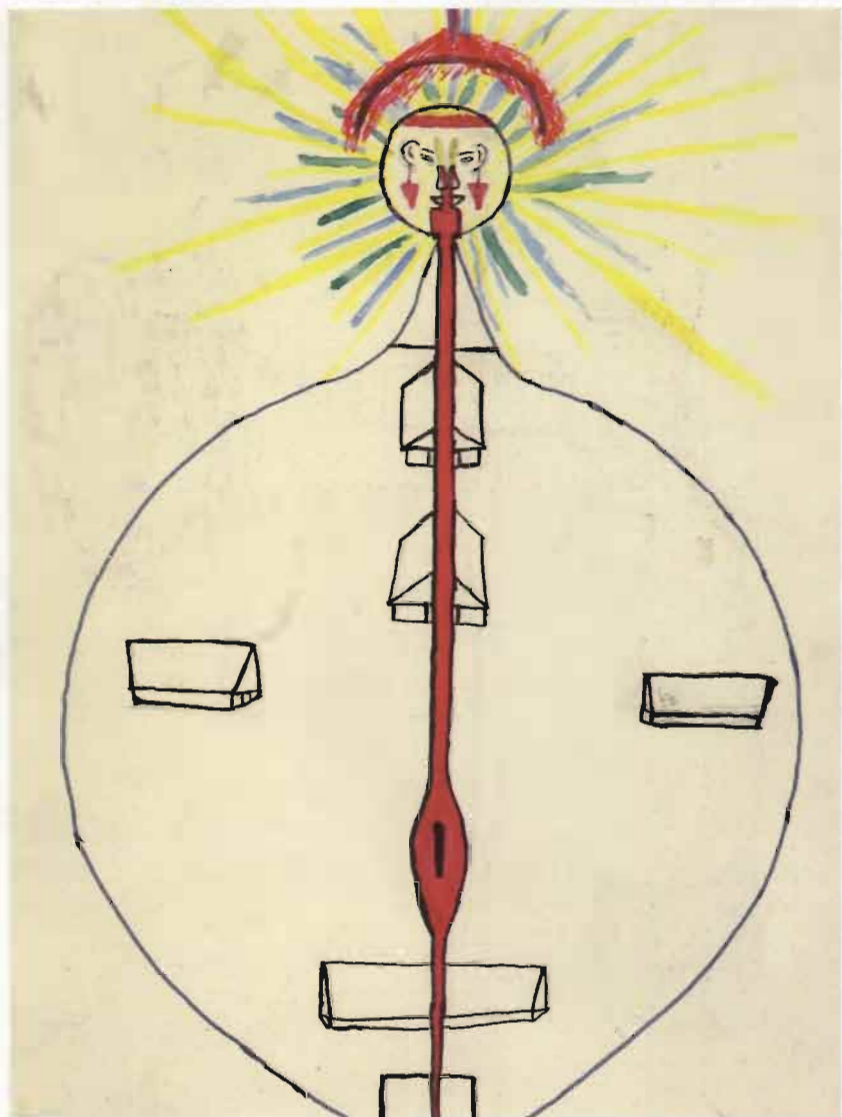
1. Yebá Buró, avó do mundo, constrói-se a si mesma de seis coisas invisíveis: bancos, suportes de panelas, cuias de ipadu e de tapioca, forquilhas porta-cigarro e cigarros.



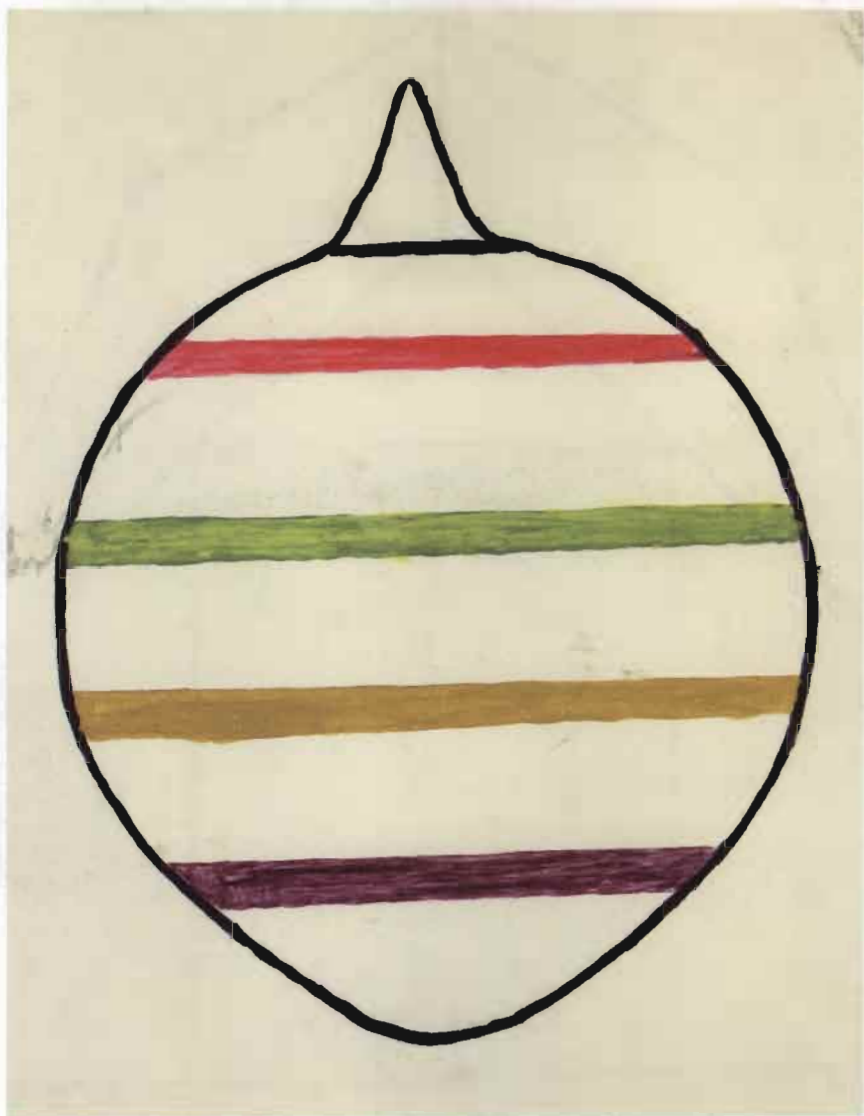
2. Com o seu pensamento, Yebá Buró cria o universo: uma grande esfera onde reina a escuridão. Dentro dela faz sua morada: um compartimento com paredes de quartzo. Cria cinco Homens-Trovões, incumbindo-os de fazer o mundo e a futura humanidade. A cada um deles dá uma casa invisível.



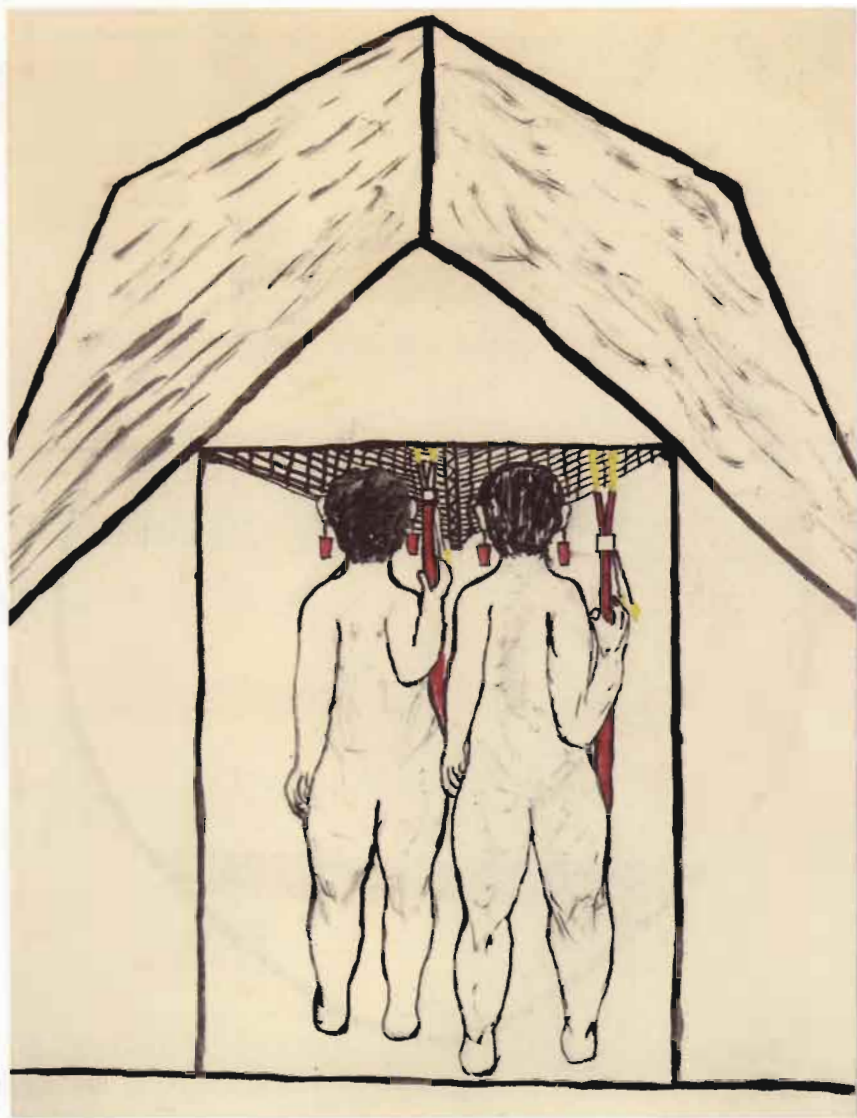
3. Sentada no seu banco cerimonial e fumando um cigarro na forquilha porta-cigarro, Yebá Buró, faz surgir da fumaça um novo ser, Umukosurāpanami, criador da luz, das camadas do universo e da humanidade.



4. Umukosurāpanami envia seu cetro-maracá à torre da grande esfera: umusīdoro. Com a ajuda de Yebá Buró, que enfeita o bastão com adornos de penas, a ponta se transforma num rosto humano que irradia luz. Estava criado o sol.



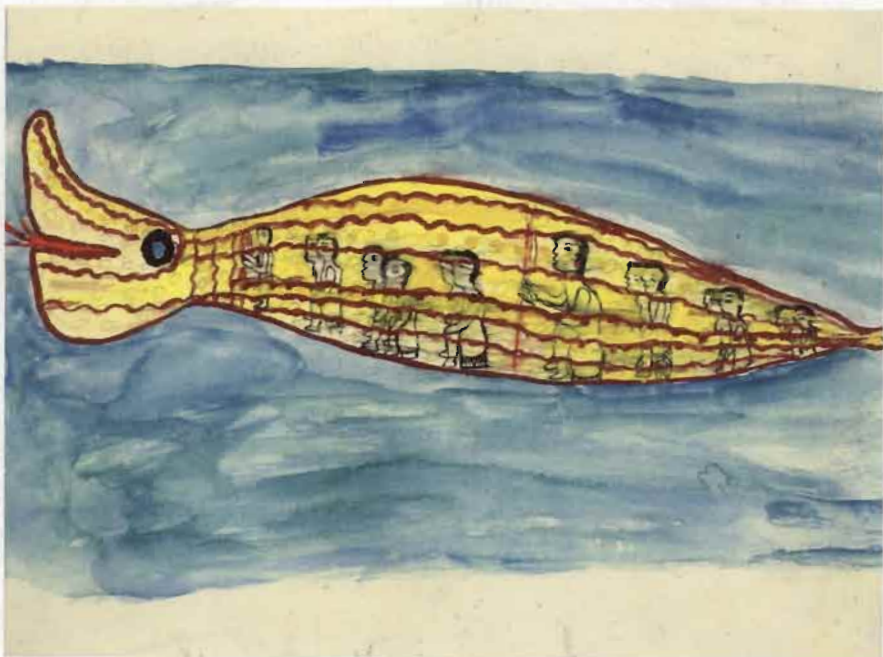
5. A esfera, *umukopatore* e suas quatro camadas. A primeira camada abriga o compartimento de quartzo. Na segunda camada ninguém sabe o que existe. A terceira camada corresponde à superfície da terra. A quarta camada é o céu, morada eterna do Criador e dos heróis culturais.



6. *Umukosurāpanami*, o Criador, e *Umukomahsū Boreka*, respectivamente ancestrais dos Tukano e dos Desana, ingressam na casa do terceiro Trovão para buscar suas riquezas e com elas criar a humanidade.

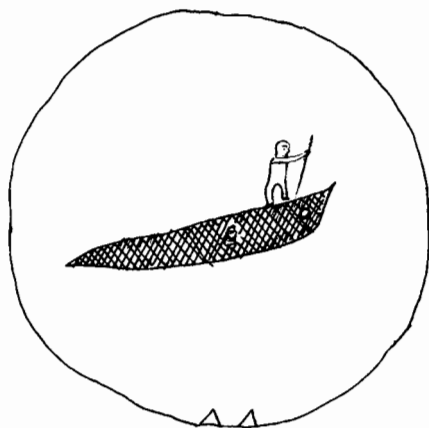


7. Umukoñehkū, o terceiro Trovão, abre seu "pari de defesa" e despeja nele suas riquezas: acangataras, diademas, colares com pedra de quartzo, colares de dentes de onça, placas peitorais, porta-cigarros. Cada par de enfeites representa um homem e uma mulher. Com eles os dois heróis farão a humanidade.

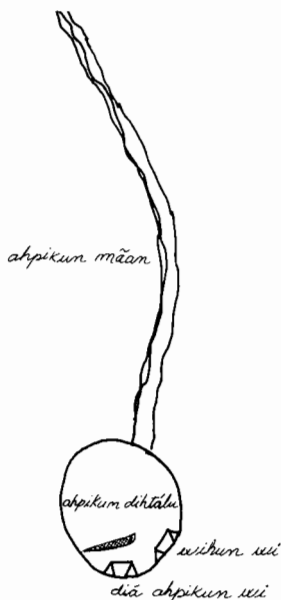


8. A Pamūrĩgahsiru, também chamada Pamūrĩpĩrõ, navegando no Rio de Leite, levando no seu bojo os ancestrais dos Tukano e dos Desana, o primeiro tendo na mão o bastão cerimonial.

9. Umakosurāpanami e Umakomahsū Boreka no comando da cobra-canoa, iniciando a longa viagem a partir de Diáahpikōdihtaru.

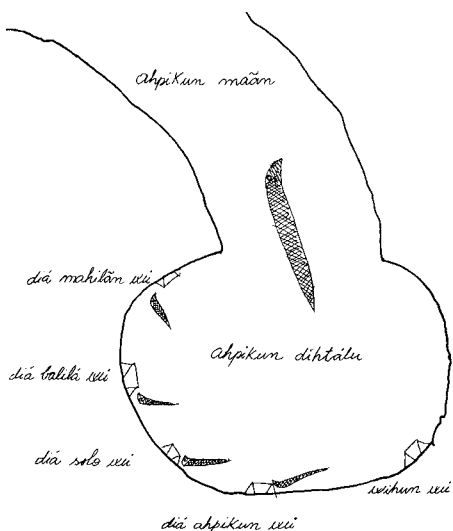


diá ahpikum sei

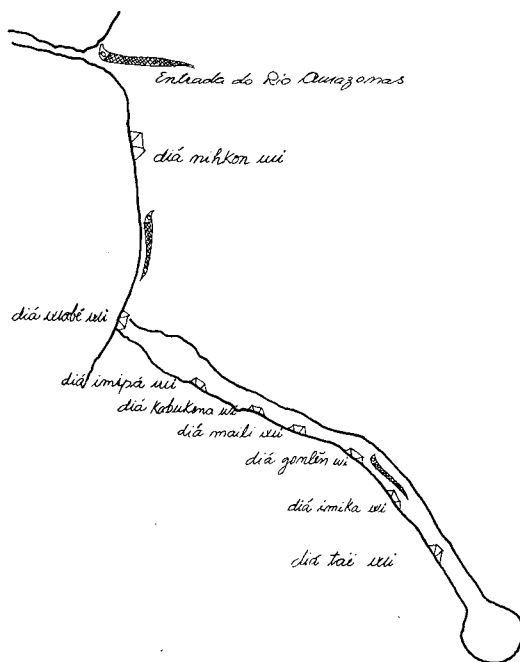


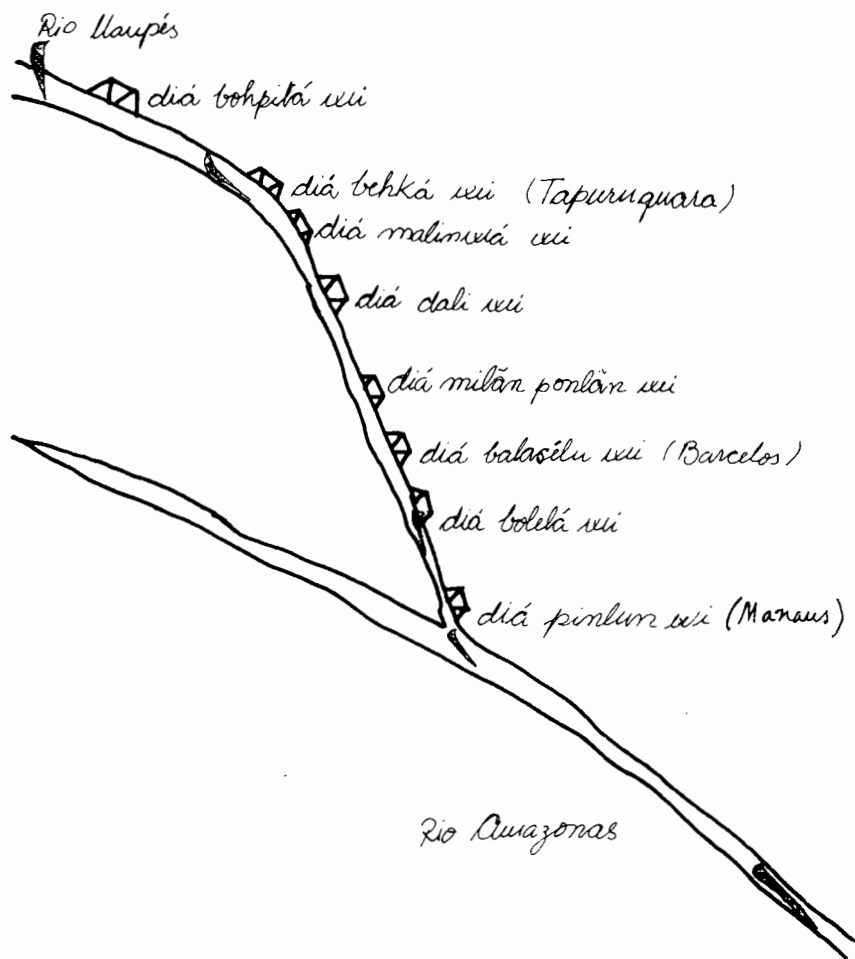
10. A cobra-canoa encosta primeiro na casa do primeiro Trovão e, em seguida, na Maloca de Paricá, a de Boreka, onde os dois heróis praticam os ritos prescritos.

11. Subindo pelo lado esquerdo do Lago de Leite, Ūmukosurāpanami e Ūmukomahsū Boreka foram colocando malocas de transformar gente.

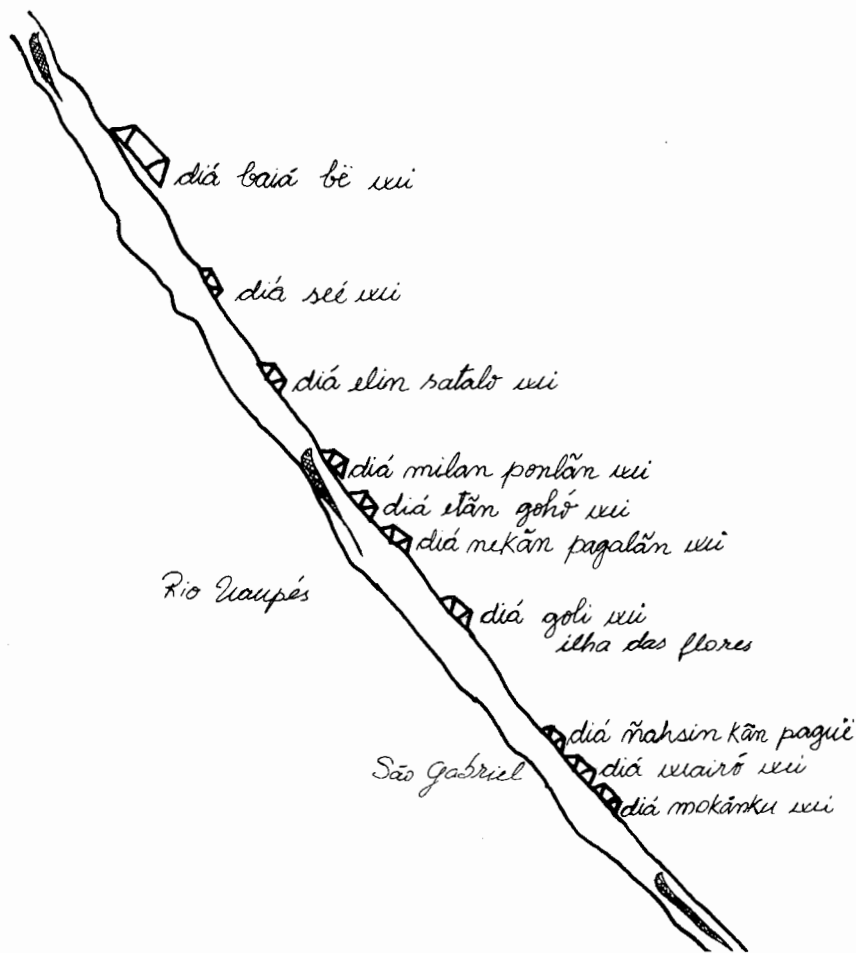


12. Navegando debaixo d'água, a embarcação encosta em malocas submersas, ao longo do Rio de Leite, onde a humanidade vai amadurecendo. Assim entra no rio Amazonas.

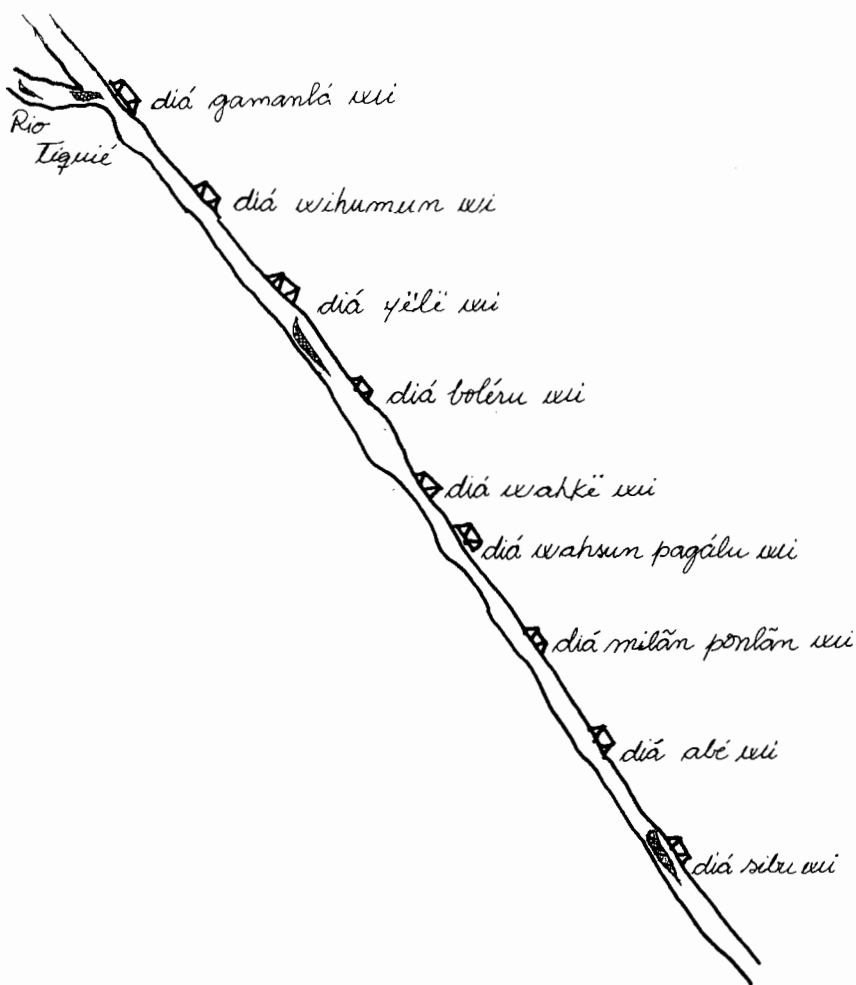




13. A décima terceira maloca, Diápĩrōwi'i,
foi colocada onde hoje se situa a cidade de Manaus.



14. Penetrando no Rio Negro, a Canoa de Transformação encosta em três malocas onde se localiza atualmente a cidade de São Gabriel da Cachoeira.

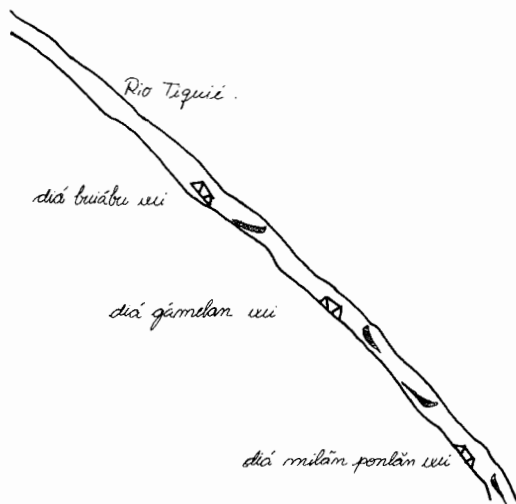
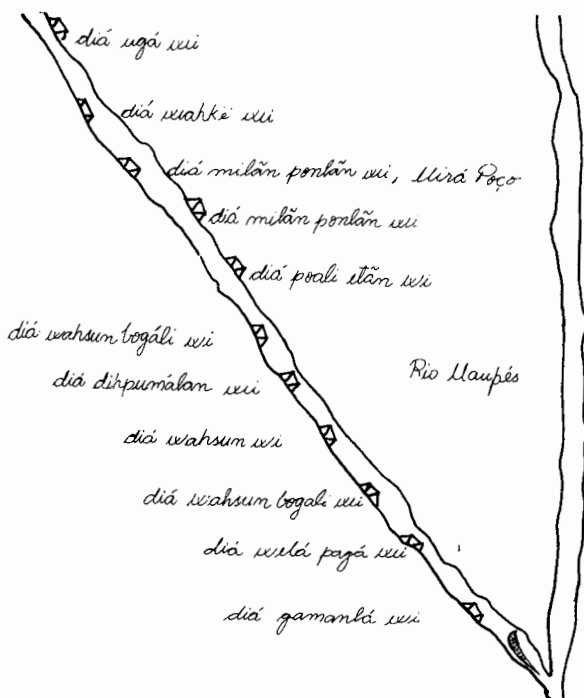


15. Prosseguindo a viagem, a Canoa de Transformação sobe o rio Uaupés, colocando malocas em sua margem direita, até chegar ao seu afluente, o rio Tiquié. Ao chegar à 30ª maloca, Diábayabuwí'i, Ūmukosurāpanami resolve separar as tribos dando a cada qual sua própria língua.

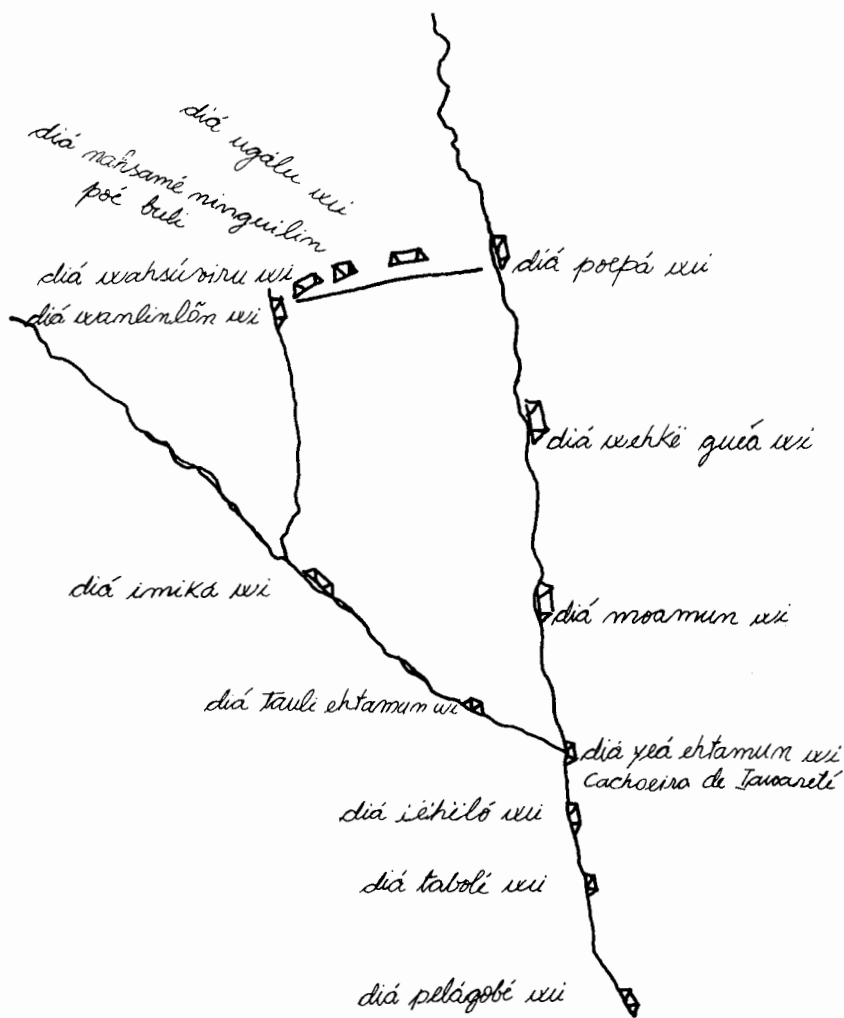


16. Nascimento de Gahpimahsū, sobre uma esteira trançada de arumã.

17. Malocas de Transformação colocadas por Umukomahsū Boreka no rio Tiquié.



18. No local onde fora colocada a 50ª Maloca de Transformação, a Diámiñapōrāwi'i, vivem atualmente os Kēhíripōrā, o grupo dos autores, em São João, rio Tiquié.



19. Voltando ao rio Uaupés, a Canoa da Transformação levou a humanidade até a cachoeira de Ipanoré onde ela pisou a terra pela primeira vez.

Mito de origem da noite

No início do mundo, não havia noite. Era só dia. A humanidade ficou cansada de viver sempre de dia. Soube-se então que, pelo norte, havia um Ser chamado Ñami e que, no lugar onde morava, havia dois tempos: dia e noite. Por isso, os Òmukomahsã, isto é, os Desana, ficaram observando pelo norte. A um certo ponto, viram uma nuvem preta que se levantava. Depois de várias horas, esta nuvem desaparecia. Depois de algumas horas, levantava-se outra vez, e assim fazia continuamente. Vendo isso, eles disseram para Yebá Gõãmũ, o Demiurgo da Terra:

— “Nós também queremos ter a noite”.

Ouvindo isto, Yebá Gõãmũ disse-lhes:

— “Então, vamos conversar com ele, para ver o que ele diz”.

Yebá Gõãmũ partiu com eles para fazer um trato com Ñami. Até que chegaram na casa do Dono da Noite. Ñami “Noite” era o nome dele. Yebá Gõãmũ o cumprimentou quando entrou pela porta:

— “Alô!”

Ninguém respondeu. Não havia ninguém. A casa estava vazia, sem gente. Ele repetiu mais uma vez a palavra:

— “Alô!”

Ninguém respondeu. Repetiu mais uma vez. Já era a terceira vez. Aí, respondeu uma velha, a mulher de Ñami, lá atrás do quarto protegido com Paris. Depois, ela veio cumprimentá-los e deu-lhes um lugar para sentar. Depois sumiu outra vez. O velho Ñami estava ainda roncando.

A velha fazia de tudo para acordá-lo, mas sem sucesso. Vendo que ele não acordava mesmo, ela esquentou um pedaço de camuti no fogo e, depois, colocou o pedaço quente no peito dele. Só aí é que ele acordou. Começou a tossir baixinho, depois levantou-se da rede. Aí, a velha avisou que o neto dele

tinha chegado. Ouvindo isso, ele se levantou e veio cumprimentar os visitantes. Ele era um velho muito feio. Depois, ele desceu até o quarto dele. Pouco depois, veio subindo de novo e ele disse:

— “Fiquem aqui ainda, eu vou tomar banho por um momento”.

Eles ficaram esperando. Alguns deles foram atrás de Ñami para espiá-lo durante o banho. Quando ele chegou na beira do rio, levantou a mão até a sua cabeça, segurou com ela os cabelos e puxou para cima a sua pele. Por dentro, ele estava jovem. Ele se tinha vestido de velho para dormir.

Na volta do banho, ele não era mais velho: era moço mesmo. Depois que começaram a conversar, ele perguntou o motivo da sua visita. Aí, Yebá Gõãmũ contou todas as dificuldades pelas quais a humanidade passava por não haver noite. E contou também que ele vinha pedir-lhe a noite. Ñami disse então:

— “Eu te darei a noite, meu neto, é bom que tu vieste”.

Enquanto conversavam, o sol já estava se pondo. Quando chegou a hora de escurecer, Ñami disse para Yebá Gõãmũ:

— “Meu neto, tu vieste pedir o meu poder para ter a noite. Por isso, eu vou te mostrar: fica aqui observando todas as cerimônias que eu vou fazer”.

Dizendo isto, ele voltou ao seu quarto. E Yebá Gõãmũ ficou sentado junto com os outros. Ñami, quando chegou dentro do seu quarto, começou logo a cerimônia. Yebá Gõãmũ, junto com os outros, escutou um barulho como se alguém estivesse arrastando um grande peso no chão. Era Ñami que estava trazendo a grande mala da noite. Lá dentro, ele fez a cerimônia com o chicote chamado em deşana wahşüboga¹⁹, bateu por cima da mala da noite e, ao mesmo tempo, cantou o seguinte:

— “Titi titi”.



19. Com que se açoita os jovens no momento da iniciação masculina.

Assim ele fez no quarto dele, isto é, dentro do quarto protegido com Paris. Depois, ele empurrou a mala com a ponta do pé, até a porta do quarto. Ao mesmo tempo, comeu ipadu e fumou cigarro. O ipadu e o cigarro eram de sono. No momento em que Nami tomou isto, o sono começou a chegar nos olhos dos seus hóspedes, para Yebá Gõãmũ e seus colegas que já estavam com muita vontade de dormir.

Yebá Gõãmũ estava sentado debaixo do esteio da entrada: era todo enfeitado para olhar as cerimônias de Nami. Os outros tinham-se deitado nas suas redes, também com o desejo de ver as cerimônias que o Dono da Noite ia fazer. O último irmão de Yebá Gõãmũ amarrou a sua rede de dormir num cantinho da parede e ficou também olhando as cerimônias de Nami.

Quando chegou na porta do seu quarto, Nami bateu duas vezes em seguida em cima da mala e, ao mesmo tempo, cantou duas vezes:

— “Titi titi, titi titi”.

Já eram oito horas da noite. Aí, ninguém mais aguentou. Todos, menos um, adormeceram. Yebá Gõãmũ, o chefe deles, também ficou dormindo. Sentado, ele quebrou o enfeite yohokadũhpũ “cabo de enxó” que havia no ombro. Depois, ele se levantou e foi se deitar na rede junto com os outros. Só ficou olhando o seu último irmão. A ele, o sono não atacou. O único a assistir a todas as cerimônias do início ao fim foi ele.

Nami veio empurrando, novamente, a mala da noite com a ponta dos pés. A mala veio devagar, até que chegou na porta por onde ficava o forno nas grandes malocas. E parou aí. Ele bateu então três vezes em cima da mala e cantou três vezes:

— “Titi titi, titi titi, titi titi”.

Já era meia noite. Depois, ele continuou a empurrar devagar a mala, até chegar debaixo da terceira coluna da casa, isto é, no espaço de dança da casa. E parou aí. Bateu outra vez e cantou:

— “Titi titi”.

Cantou em seguida uma segunda frase:

— “Sirá sirá”.

Já eram duas horas da madrugada. Daí, ele veio empurrando a mala da noite devagarzinho, até perto da porta. Aí parou, bateu outra vez e cantou duas vezes em seguida:

— “Titi titi, sirá sirá, titi titi, sirá sirá”.

Logo, ao terminar de cantar, ele se virou e voltou ao seu quarto. A grande mala ficou aí mesmo.

Ñami não a havia ainda entregado para Yebá Gõãmũ. Mas este último acordou quando Ñami já estava para chegar ao seu quarto, bem como os seus companheiros. Quando acordaram, já eram cinco horas e meia da manhã. Estava amanhecendo. Nenhum daqueles que adormeceram sabia as cerimônias que Ñami fez quando estava trazendo a pesadíssima mala da noite. O Dono da Noite, quando chegou ao seu quarto, desentfeitou-se dos adornos de sono. Quando acabou de fazê-lo, ele voltou perto de Yebá Gõãmũ para lhe entregar a mala da noite. Chegando na presença dele, ele disse:

— “Eis a mala da noite, meu neto. Leva-a até a tua casa. Quando chegar lá, manda preparar caxiri para o dia de dança. Neste dia é que deverás abrir a mala. Não abre a mala fora da lei, porque pode acontecer alguma coisa de ruim. Leva-a com todo cuidado, segundo a minha ordem”.

Yebá Gõãmũ respondeu que assim faria. Depois do mingau, eles saíram levando a grande mala da noite. Mas a mala pesava mesmo. Quando chegaram pela metade do caminho, começaram a falar:

— “Esta mala é muito pesada. Vamos abrir para ver o que há dentro”.

Depois de conversarem muito, abriram a mala e logo fugiu o japu da noite (ñamiumu) que estava dentro da mala. Em seguida, escaparam os grilos da noite (ñamipigãrã). Voaram, causando um grande espanto. A mala ficou vazia. Aí escureceu

mesmo, veio uma chuvarada como nunca. E eles, sem barracuinhas onde se protegerem, molharam-se assim mesmo.

O japu chegou até a casa de Ñami. Logo ao entrar, ele disse:

— “Os Umukomahsã estão passando muito mal porque abriram a mala da noite”.

Ñami entristeceu-se ao ouvir essa notícia do japu.

Os Umukomahsã queriam fazer como Ñami tinha feito, mas nenhum deles sabia as cerimônias e as funções que ele tinha feito durante a noite. Nem mesmo o seu chefe as conhecia, porque também ele ficou dormindo. Experimentaram pronunciar algumas palavras inventadas por eles mesmos, mas não adiantou nada. Alguns disseram assim:

— “Saia o dia, saia...”

Eram palavras inventadas mesmo. Yebá Gõãmũ, vendo que não adiantava, tirou o ipadu da sua boca e untou com ele uma árvore, uma vez para cima, outra vez para baixo. O ipadu se transformou num cogumelo grande, chamado em desana dihtibuguñẽ, que se encontra às vezes no mato.

O irmão caçula de Yebá Gõãmũ, vendo que ninguém sabia as cerimônias que Ñami tinha feito na sua casa, disse-lhes:

— “Mas por que vocês não sabem? Parece que vocês não viram mesmo nada? Por que será? Estão dizendo umas coisas à toa em cima da mala”.

Ele falou palavras muito duras para eles. Depois disso, ele preparou o açoite e começou a fazer como Ñami tinha feito. Cantou como ele próprio havia cantado. Aí, todos os grilos da noite que tinham fugido responderam. Ele fez todas as cerimônias que Ñami havia feito, até amanhecer.

Depois, os Umukomahsã continuaram a viagem, abandonando a mala. Ela ficou no rio Caiari, ou Uaupés: pode-se ver, hoje em dia, um caixão de pedra, aberto. E a noite ficou para sempre, até os nossos dias.

Assim termina o mito de origem da noite: é um mito dos Desana do grupo Kẽhĩripõrã.

Explicação do mito de origem da noite

Este mito, os Antigos contavam aos seus filhos, netos, para que não considerassem os outros como os seus inferiores. E também, para respeitarem as ordens dos kumua ou sábios. Ñami tinha dado a ordem de não abrir a mala, a não ser no dia de dança. Mas eles não obedeceram à sua ordem. Aí, escureceram no meio do caminho. Ademais, ninguém ficou reparando as cerimônias de Ñami. O único que escutou e viu todas as cerimônias durante a noite inteira foi o menor de todos. Quem os libertou da escuridão foi ele, porque ele escutou as palavras de Ñami. Ele foi o mais sábio de todos. Por isso, os Antigos sempre recomendavam de não insistir na inferioridade de alguém, porque a sabedoria vai a qualquer um. A gente se engrandece com a sabedoria.



Mito dos três cataclismos

Como foi dito anteriormente, houveram três cataclismos: dois incêndios e um dilúvio.

O cataclismo de Guramūye

Como vimos, a humanidade veio subindo e entrando maloca por maloca. Vimos também que cada maloca tem um nome, que seis delas (n^{os} 16, 27, 33, 46, 47 e 50) têm o mesmo nome e que elas, em conjunto, chamam-se Diamiñapōrāwi'iri, isto é, “Malocas das Flautas Sagradas”. Numa dessas malocas é que apareceu Guramūye. Todavia, não se sabe exatamente em qual dessas seis ele apareceu. Talvez seja na maloca n^o 16, porque esta é a primeira. O meu velho pai, que está contando, diz que o seu pai não lhe disse em qual maloca Guramūye nasceu. O seu pai falou que os missionários²⁰, quando chegaram nesta região, destruíram todas as malocas. Isso era do tempo das malocas. Os Padres diziam que as malocas eram “coisas do diabo”, de Satanás. Por isso é que o meu avô não contou direito para o meu pai. O meu pai diz que se esses Padres não tivessem chegado com essa idéia de nos fazerem deixar para trás as coisas dos Antigos, ele seria como o finado pai dele, que era um grande sábio, um cantor, bem como um chefe de maloca. Ele sabia todas as coisas dos Antigos. Com esta obrigação dos missionários, o meu avô não quis ensinar todo para o seu filho, por isso muitas coisas desapareceram. Todavia, mesmo assim, ele contou os mitos, as cerimônias dos assuntos que não existem mais, bem como as suas funções. Mas tudo isso desapareceu.

Os Pamūrīmahsā, quando vinham subindo, queriam criar as Miñapōrāwi'iri, isto é, as “Malocas das Flautas Sagradas”,



20. Da Ordem dos Salesianos.

mas não sabiam como proceder. Então, eles benzeram o cigarro e o ipadu para dar para as duas primeiras mulheres. Essas mulheres são chamadas Buhpupōrānome, “Filhas de Trovão”. São aquelas que Ūmukosurāpanami e Ūmukomahsū Boreka encontraram no seu vômito, como já vimos. Depois de ter benzido o cigarro e o ipadu, os deram para as mulheres. Uma fumou o cigarro, a outra mascou o ipadu. Na cerimônia, eles tinham dado o poder de elas gerarem filhos sem ter relação sexual com um homem. Eles queriam criar Ġuramūye, ainda chamado Miñapōrāmahsū.

Aquela que fumou o cigarro ficou prenha de Gahpimahsū como já vimos. A que mascou o ipadu ficou prenha de Ġuramūye. Naquele tempo, estas duas primeiras mulheres não tinham vagina²¹. Somente tinham o buraquinho de mijar. Por isso, Ġuramūye não tinha jeito de sair. Foram os homens que cuidaram de fazer o parto, não as mulheres!

Vendo que a criança não podia sair, Ūmukomahsū Boreka pegou a sua forquilha de pegar cigarro chamada em desana oreoyabu ou, ainda, oreoduhpu. Essa forquilha, nesse tempo, era invisível. Pegando-a, ele pôs os braços da forquilha em cima do buraquinho de mijar e, com eles, mediu a “porta do parto”. Depois, ele tirou o seu brinco siyarimihi que ficava pendurado na sua orelha e, com ele, cortou o lugar medido com a forquilha. Assim foi feito o canalzinho e o orifício da mulher por onde nasce o nenê. É a partir dessa época que as mulheres começaram a ter este canalzinho, a “porta do parto”, antes elas não o tinham! Feito isto, Boreka retirou a criança, Ġuramūye, de dentro da sua mãe. Enquanto isso, a mãe estava sem sentidos, de tanta dor. Os homens pegaram então a criança recém-nascida e a deixaram dentro de uma cuia que eles tamparam e



21- Mahsāporenihidihsi, isto é, a “porta do parto”.

levaram em seguida para a Maloca do Universo, isto é, para a maloca do Avô do Mundo.

A mãe não viu o seu filho. Os Ūmukomahsã o levaram através do espaço e, ao chegarem no meio do caminho, destamparam a cuia para olhá-lo. Viram dentro da cuia um nenê lindo. Ele parecia uma linda rosa. Ele era mais lindo do que todo ser que existe no mundo. Quando destamparam a cuia para olhar, o nenê começou a chorar. O seu choro era muito belo, ele era forte como o som do trovão. Os Ūmukomahsã tamparam logo a cuia para que ninguém ouvisse o seu choro. Mas a mãe de Ğuramūye o ouviu e disse:

— “Vocês não me mostraram o meu filho!”

Os homens, que estavam perto dela, disseram:

— “Um dia ele vai voltar!”

Por isso, Ğuramūye não pode ser visto pelas mulheres, porque a própria mãe não pôde vê-lo. Pouco depois, os homens fizeram uma grande festa chamada Ğāmōyerinū, o “Dia do Iniciado”. É também denominada Wahsūrīparinū, o “Dia do Açoite”. Quando o menino alcançava a idade de 12, 13 ou 14 anos, era tempo de fazer esta cerimônia. Estes primeiros homens estavam instituindo essa cerimônia para a humanidade. É neste dia que Ğuramūye chegou para cuidar da juventude. Os jovens que chegam neste período, que passam pelo ritual do açoite e já podem ver as flautas sagradas, recebem o nome de Ğāmā, isto é, “Iniciados”. Ğuramūye chegou para cuidar dos iniciados. Ele já era homem. Era bonito, simpático. Somente os homens o receberam.

As primeiras mulheres, antes dele chegar, saíram para fora para não vê-lo. A mãe desejava muito ver o seu filho, mas isso não era possível. Somente à noite elas poderiam vê-lo. Ele chegou de manhãzinha. Desceu da Maloca do Universo quando ainda estava escuro e, ao chegar, logo começou a executar os ritos. Ele zunia por si mesmo, zunia diversas músicas das

flautas sagradas. As suas mãos, os seus pés, o seu corpo inteiro zuniam. Pode-se dizer que do seu corpo saiam músicas. Por isso, ele é chamado Garamūye, Miñapōrāmahsū ou, ainda, Miñapōrāye. O rito do açoite durou o dia inteiro. As mulheres esperavam lá fora, sem poder entrar na maloca. Quando já estava escurecendo, Garamūye mandou as mulheres entrarem. Ele ia dançar e se mostrar para a sua mãe. No momento em que elas estavam entrando, Garamūye mandou o som dele para fora da maloca. Na maloca não havia mais música. Ele estava dançando junto com os outros homens. Foi então que a mãe viu pela primeira vez o seu filho já feito homem.

Depois, ele passou a cuidar dos iniciados, que tinham restrições alimentares muito severas. Só podiam comer maniuara, beiju de tapioca, farinha de tapioca e espuma de manicoera. Não podiam comer nada de assado. Com Garamūye o jejum era muito duro. Ele cuidou de três grupos de iniciados. Somente três grupos aguentaram o jejum que ele lhes estava impondo. O quarto grupo não agüentou a fome. Um dia, ele foi com esse quarto grupo de iniciados no mato para colher frutas de uacu²² para um dabucuri. Quando ele chegou no centro do mato, os iniciados viram um pé de uacu e o avisaram. Ele subiu na árvore para derrubar as frutas e mandou-os recolhê-las e descascá-las. Os iniciados ficaram recolhendo as frutas.

Os jovens estavam com muita fome de tanto jejuar. Não agüentavam mais. Por isso, acenderam um fogo e começaram a assar os uacu para comê-los. Garamūye já estava percebendo o que eles estavam fazendo. A fumaça do uacu assado chegou até o seu nariz. Aí, ele ficou doido e começou a gritar:

— “Vocês estão fazendo isso comigo, vocês vão passar pior do que eu!”



22. Sãmē em desana (*Monopteryx uacu* Spar. et Benth.).

Dito isso, ele veio caindo em cima deles. Aí vieram chuva, trovão e o tempo escureceu. Ficou noite mesmo. Os iniciados não podiam fugir. Então, Garamüye, no meio desta escuridão, começou a abrir o seu cu. O cu dele estava como um grande oco de pau. Aí, ele começou a chamar os iniciados:

— “Ei vocês, por que estão apanhando tanta chuva? Entrem neste oco para não apanharem tanta chuva!”

Ouvindo isto, os iniciados começaram a entrar no seu cu. Todos entraram, menós um. Depois de eles terem entrado no seu cu, ele o apertou e todos ficaram presos dentro da sua barriga.

Aí, ele subiu para a maloca do seu avô, isto é, para a Maloca do Universo. Não avisou os pais dos rapazes sobre o que havia acontecido. Voltou apenas aquele menino que não tinha entrado no seu cu. Foi ele que contou para os pais dos desaparecidos tudo o que tinha acontecido. Ele contou que Garamüye havia comido os seus filhos. Ouvindo isto, os pais ficaram muito zangados e disseram:

— “Ele também vai morrer, nós também mataremos ele!”

Aí, eles começaram a chamá-lo, mas ele sempre se negava a vir. Vendo que ele não vinha, resolveram enganá-lo. Convidaram-no a vir tomar caxiri misturado com cana de açúcar. Mas ele diz:

— “Eu já experimentei esse caxiri”.

O convidaram então a vir tomar um caxiri não misturado, mas ele respondeu que já havia também experimentado este. Depois, o convidaram para vir tomar caxiri de fruta de pão. Mas ele respondeu que já o tinha experimentado. Disseram-lhe então que viesse tomar caxiri de abacate. Aí, ele respondeu:

— “Esse sim, eu nunca experimentei. Vou tomar!”

Dessa maneira, eles o enganaram. O caxiri era, de fato, muito comum.

Quando ele chegou, eles o receberam bem, deram-lhe caxiri e ficaram conversando. Deram-lhe muito caxiri até ele

ficar bêbado. Vendo-o bêbado, eles perguntaram porque ele havia comido os seus filhos. Ğaramūye respondeu que era culpa deles, que eles não haviam obedecido às leis dele. E acrescentou:

— “Se vocês querem me matar por causa dos seus filhos, podem fazê-lo! Todavia, antes de me matar, vocês devem procurar quatro tipos de lenhas: kīgahsiripea, yabuborerupea, guisigarupea e porasīgārupea. Com estas lenhas vocês poderão me queimar. É somente me matando que vocês precisarão jejuar menos”.

Ouvindo isto, eles foram procurar as lenhas que ele havia mencionado. Depois, eles tocaram fogo. Quando o fogo já estava forte, eles pegaram Ğaramūye e o botaram dentro da fogueira. Ele estava com todos os seus enfeites e, mesmo assim, o queimaram. Na verdade, Ğaramūye não queimou propriamente, ele subiu para a Maloca do Universo. Somente queimaram os seus enfeites. Enquanto os enfeites estavam queimando, o fogo começou a queimar o capim, depois a terra, as árvores e, por fim, o próprio ar. O mundo queimou todo. A humanidade desapareceu. A terra demorou vários anos para esfriar. Quando esfriou, a humanidade ressurgiu de repente e encheu novamente a terra. Este foi o primeiro cataclismo de fogo.

No lugar onde Ğaramūye foi queimado, começou a brotar um pé de paxiúba. Era o osso dele! Brotou na camada de terra chamada Uhtābohotaribū e saiu no Bahsibohotaribu, isto é, na superfície da terra. O osso de Ğaramūye, isto é, o pé de paxiúba, foi distribuído a toda a humanidade. Os primeiros homens derrubaram este pé. Hoje em dia, pode-se ver a marca nos lugares onde foi derrubado. Se vê isso nas pedras que ficam perto de algumas cachoeiras. Isso é uma lembrança de Ğaramūye. Antes de queimar, ele havia dito que permaneceria dentro das flautas sagradas, que atualmente são feitas de

paxiúba²³. Já que eram proibidas à vista das mulheres, elas não podiam saber nada a respeito. Os Antigos, antes de praticar o rito das flautas, faziam uma cerimônia com cigarro invocando Guramūye. Por isto, as flautas zuniam bem. Zuniam como Guramūye. Esta história é verdadeira. Aqui termina o mito do primeiro cataclismo de fogo.

Nūgūye e o segundo cataclismo de fogo

Nūgūye “Pajé de Raiz” era um rapazinho órfão que vivia como criado na maloca de Abe, o Sol. Além dele vivia aí também a sua irmãzinha, de nove a dez anos de idade. Era miudinha e passava o dia carregando o filho de Abe. A mulher de Abe quase não dava comida para a menina. Antes de comer, ela sempre a mandava dar banho no seu filho e, enquanto a menina fazia isso, ela aproveitava para comer. Ela não guardava nada para a menina. À tarde, ela tirava a espuma de manicoera e mandava a menina ir ao porto para dar de comer ao filho e lhe dar outro banho. Ela fazia sempre assim. A menina, às vezes, sentia muita fome. Como ela era gente de gavião, quando levava o nenê para o porto, ela sempre levava um pedaço de beijú que comia com água e, para saciar a sua fome, chupava o cérebro da criancinha. Ela fazia isso porque a mulher de Abe não lhe dava comida alguma.

Pouco a pouco, a criança começou a definhar, a ficar amarela, sem sangue. A mãe falou para as outras pessoas que o seu filho estava ficando cada vez mais amarelo. Então, as outras lhe contaram que a sua criada estava chupando o cérebro do seu filho e que era por isso que ele estava ficando amarelo. Ouvindo isto, a mulher de Abe ficou muito aborrecida. Ela pegou a menina, quebrou-lhe os ossos e a jogou em seguida



23. Palmeira *Iriartea exorrhiza*.

no forno onde fazia o beiju. A menina morreu queimada. O irmão, Nügüye, não estava na maloca neste momento. Encontrava-se na beira de um lago cheirando pimenta para embelezar o seu rosto. A alma da menina chegou até ele e desceu na água do lago, gritando:

— “Meu irmão, meu irmão, a mulher de Abe me queimou no forno, ai, ai, ai, meu irmão”.

Nügüye, vendo a alma da sua irmã, disse consigo mesmo:

— “Nós somos órfãos, os nossos pais já morreram, por isso é que está acontecendo isso”.

Ao pronunciar estas palavras, ele pegou a alma da irmã, a embrulhou numa folha e a colocou na sua bolsa.

Ele voltou de tardinha para a maloca de Abe. No meio do caminho, tirou o osso da sua coxa direita e o transformou num grande taquaral, desse de fazer as flautas tērēriru, e continuou a viagem. Perto da maloca de Abe havia uma plantação de tabaco. Ele pegou uma folha, voltou a embrulhar nela a alma da menina que ele deixou em cima da porta da maloca. Nessa mesma noite, um morcego mordeu a mulher de Abe. Era a alma da menina que estava castigando a mulher criminosa. No grupo de Abe, quando uma pessoa era mordida por morcego, os outros a jogavam num grande buraco. Isso era o costume deles. Foi isso que eles fizeram com a mulher de Abe que havia queimado a irmã de Nügüye. Foi para que acontecesse isso que o irmão da menina havia deixado a alma dela em cima da porta da maloca, a fim de que, transformada em morcego, ela mordesse a mulher criminosa.

Ao entrar na maloca, Nügüye fez como se não soubesse de nada. Não perguntou pela irmã e ninguém lhe contou nada. Ele entrou na maloca, amarrou a sua rede, deitou-se e começou a tocar a linda flauta, isto é, o seu osso que ele havia transformado na flauta tērēriru. Tocando nela, ele estava, de fato, chorando a morte da sua irmã. Ele dizia através do som da flauta:

— “Minha irmã, minha irmã, nós que crescemos órfãos acabamos assim, minha irmã, minha irmã”.

Por isso, a flauta tērēriru, para quem a toca bem, tem um som triste, porque ele inventou essa flauta para chorar. Todavia, mesmo sendo triste, essa flauta tem uma música suave. Ouvindo a linda música, os filhos de Abe correram para perto de Nūgūye, perguntando onde ele havia encontrado a flauta. Ele indicou o lugar. Eles perguntaram se tinha muitas e ele respondeu que sim, que ele somente havia tirado uma. Aí, eles disseram:

— “Amanhã, você nos mostra onde é, nós também queremos ter uma flauta dessas!”

— “Vamos amanhã” ele respondeu.

Assim caíram no engano de Nūgūye.

No dia seguinte, eles acordaram com muita vontade de ir para lá. Depois do mingau, Nūgūye disse:

— “Vamos todos agora, filhos de Abe!”

Todos os filhos de Abe foram com ele, não ficou nenhum na maloca. Nūgūye disse então:

— “Vocês vão adiante, eu fico atrás com o seu caçula”.

Este era como se fosse seu afilhado e Nūgūye o amava como o seu próprio filho. Disse-lhes ainda:

— “Quando chegarem aos igarapés, peguem os peixes para nós comermos. Depois de comer, nós começaremos a tirar as flautas”.

Eles concordaram em fazer o que ele ordenara. Foram adiante. Era verão e os igarapés estavam muito secos. Nūgūye os seguia com o seu afilhado, revelando-lhe tudo o que iria acontecer. Quando eles chegavam num igarapé, ele dizia o seu nome. Cada igarapé tinha um nome diferente. Nūgūye ia dizendo as rezas que o afilhado deveria recitar na sua volta. Ele dizia por exemplo:

— “Quando o igarapé estiver bem vermelho, reze assim...”

Se a mata tremer, diga assim... Se a terra ficar mole para você, se os paus avermelharem, se você chegar à sua maloca e não puder mais vê-la, se sua rede ficar vermelha, diga assim, assim...”

No caminho, ele foi revelando todas as rezas e avisando o que ele teria que fazer na sua volta.

Quando chegaram no taquaral, os outros, que tinham ido na frente, já estavam esperando. Entregaram os peixes a Nügüye. Este disse então:

— “Procurem lenhas para cozinhar os peixes!”

Eles procuraram lenhas, acenderam fogo e começaram a cozinhar os peixes. Aí, eles foram tirar os caniços. Nügüye disse:

— “Vocês vão depois, nós vamos comer primeiro!”

Mas eles não escutaram e ele disse para o seu afilhado:

— “Você não vai agora, nós iremos depois!”

Os dois ficaram perto do fogo, enquanto os outros já estavam no meio do taquaral. O fogo começou a alastrar-se, queimando as folhas das taquaras, dividindo-se em duas partes, esquerda e direita. Os filhos de Abe ficaram bem no meio. O fogo os envolveu e os devorou. Somente se salvou o mais novo, o afilhado de Nügüye, que começou a voltar para a sua maloca. No caminho de volta, aconteceu tudo o que Nügüye havia dito que iria acontecer. Aí, ele se lembrou das rezas que este lhe havia ensinado e fez como Nügüye lhe havia mandado fazer. O seu corpo parecia não ter mais ossos. As suas pernas pareciam como se estivessem flutuando no ar.

Nügüye não voltou para a maloca de Abe com ele. Ele transformou-se num grande gavião. Voando, ele chegou na maloca antes do seu afilhado e pousou em cima da cumieira. E começou a cantar:

— “Como a mulher de Abe queimou a irmã de Nügüye, este queimou todos os filhos de Abe! Coá, coá, coá coá coá”.

Ao ouvi-lo, Abe disse:

— “Será que ele fez isso mesmo?”

Enquanto estava pensando nisso, Nūgūye cantou outra vez a mesma coisa. Nesse instante, chegou o caçula, apoiando-se num pau. Ele estava quase sem forças e bem amarelo. Ele disse para o seu pai que Nūgūye estava contando a verdade, que ele tinha feito isso mesmo. Ouvindo-o, Abe disse:

— “Ele também vai morrer!”

Ele foi então buscar a sua zarabatana e saiu para matar Nūgūye, transformado em gavião. Viu ele sair voando e pousar na ponta da pupunheira, onde ele cantou a mesma coisa outra vez. Abe soprou então uma seta envenenada e o gavião caiu no chão. Abe o agarrou e disse:

— “Você queimou os meus filhos, vou queimá-lo também!”

Ele foi buscar lenhas, um montão de lenhas. Depois, ateou fogo e, quando o fogo estava muito forte, ele pegou o gavião e o jogou na fogueira. O gavião mexeu as asas e o fogo pegou nas penas delas. Depois, o fogo se espalhou no capim, nas folhas das árvores, no chão. O mundo inteiro pegou fogo, acabando com a humanidade. Este foi o segundo cataclismo que houve no mundo. Costuma-se chamá-lo o “Incêndio de Nūgūye”. Depois dele, a humanidade foi renovada. Aqui termina o mito de Nūgūye ou Pajé de Raiz e do segundo cataclismo de fogo.

O dilúvio de Sēpīrō

Gōāmū, isto é, o Demiurgo, vendo que a humanidade toda morria devorada pelas cobras, pelas onças e pelos espíritos do mato, vendo que estavam desaparecendo muitas criaturas da terra, decidiu matar todos esses bichos através de um dilúvio. Por isso, ele procurou Sēpīrō a quem deu ordem de provocar um dilúvio. Sēpīrō é também um Trovão, mas cuja casa não se conhece. Ele é o sétimo Trovão. Assim Gōāmū lhe mandou provocar um dilúvio. A maloca de número 5 ou Diatawi'i é o fim do mundo. É aí que termina o mundo. Aí há uma espécie

de porta, a Porta das Águas, que fecha o Rio de Leite. Esta porta era afiada como uma gilete, ou talvez era mais afiada do que uma gilete, porque só de tocar nela ela cortava. Isso porque junto dela crescia uma cana branca como o quartzo que os Antigos usavam em lugar de tesoura. Chama-se sebomihi. Esta porta fechava e abria sozinha quatro vezes ao dia. Gõãmũ mandou Sêpĩrõ fechar esta porta com o seu rabo. Sêpĩrõ parecia um grande gavião, mas era também chamado de “Cobra grande do rio”. Ele obedeceu à ordem de Gõãmũ e foi fechar a Porta das Águas. Pousou em cima do travessão do universo (umukotabu). Em cima da Porta das Águas é que havia esse travessão do universo. Sêpĩrõ ficou pousado aí e, com o seu rabo, fechou a Porta das Águas. Gõãmũ havia falado para ele:

— “Faça a água subir até submergir as árvores e as colinas. Somente os picos das mais altas montanhas devem ficar fora d’água, porque a humanidade vai subir nelas e assim não desaparecerá”.

Sêpĩrõ respondeu que assim faria.

A seguir, Gõãmũ criou as piranhas para que comessem os animais nocivos durante a enchente. Também criou as grandes lontras do rio (nêrêrõa) para comer os espíritos do mato, quando da subida das águas. Gõãmũ subiu numa montanha altíssima chamada Ñumú “Bacaba”. Esta montanha fica no norte, na direção da Porta das Águas. Em cima desta montanha é que ele ficou olhando o trabalho de Sêpĩrõ. Gõãmũ havia dito:

— “Quando a água chegar à altura do seu peito, você levanta o seu rabo da Porta das Águas porque o mundo já estará alagado e somente aparecerão as grandes montanhas”.

A água ia enchendo e enchendo. A humanidade sabia que Gõãmũ estava fazendo isso para matar os animais nocivos e os espíritos do mato. Sabia também que somente as montanhas mais altas ficariam fora da água. Por isso, as pessoas trataram de subir nelas. Pouco a pouco, a água cobriu a mata, as

árvores afundaram e as onças, as cobras e os espíritos do mato ficaram nadando na superfície da água, enquanto as lontras e as piranhas os devoravam. Alguns homens treparam nas serras mas foram comidos pelas piranhas, porque algumas serras também afundaram. Outros foram devorados pelas piranhas, pelas lontras e pelos espíritos do mato enquanto estavam nadando. Encostando, eles viam as pessoas e as comiam. As montanhas mais baixas ainda não haviam afundado. Pouco a pouco, elas também afundaram e a humanidade toda foi comida pelas piranhas e pelas lontras.

Só ficaram fora da água as mais elevadas montanhas. Numa delas, que se chama Yairue, ficou Yairó “Inambu” com a sua mulher. Era uma montanha alta, que também estava afundando. O rabo de Yairó já estava submerso e as piranhas o comeram. Por isso, desde esse tempo, ele ficou sem rabo. Ao vê-lo, a sua mulher chorou e disse:

— “Você sempre diz que é um grande sábio, que ninguém no mundo o alcança! Quando você se embebeda, sempre diz isso, e eu sempre o respeitei como o meu marido! Mas estou vendo que você está me levando para a morte”.

Dizendo isso, ela chorou. Ela tinha muito medo de morrer. Faltava um palmo para a montanha ficar totalmente submersa. Yairó não respondeu nada. Ele ficou calado e pensou:

— “É mesmo, minha mulher, eu tinha costume de falar assim. Você escutava quando eu estava dizendo isto!”

Estava entardecendo. Aí, ele tirou a sua cuia de sabedoria e se cobriu com ela. Quando anoiteceu, Yairó mascou o seu ipadu invisível, fumou o seu cigarro também invisível e pensou no que poderia fazer. A água continuava a subir e sua mulher não parava de chorar. Yairó disse-lhe:

— “Mulher, não chore tanto, você vai ver!”

Quando chegou nove horas da noite, ele começou a cantar: “Yai”. A montanha subiu um palmo. Com a força do seu

canto, a montanha estava crescendo. À meia noite, ele cantou outra vez e a montanha cresceu outro palmo. De madrugada, ele voltou a cantar e ela subiu mais um palmo. Antes do amanhecer, ele cantou assim:

— “Yai yorō yorō yorō yorō”.

Cada vez que ele cantava essas palavras, a montanha subia um pouquinho mais. No fim, ela tinha aumentado de nove palmos. Ela amanheceu bem alta e, assim, Yairó mostrou a sua força para a sua mulher. Por isso, hoje em dia, esta montanha aparece formada de camadas sobrepostas.

Gõãmũ estava na montanha Ñumú junto com os seus servos. Daí viu que todas as montanhas iam afundando e que a humanidade estava sendo tragada pelas águas. Ele se deu conta então que Sēpīrō não estava cumprindo a sua ordem, que ele estava passando da medida. Pensando nisso, Gõãmũ fez aparecer um grande barco para ir até a Porta das Águas onde se encontrava Sēpīrō. Com esta embarcação ele queria ir, mas era muito perigoso porque as piranhas estavam prontas para devorá-la. Vendo isto, Gõãmũ tirou os seus invisíveis paris chamados em desana wereimikadihpabu e, com eles, envolveu a embarcação para que as piranhas não a vissem mais. Assim, ele chegou até a Porta das Águas, onde ele se certificou que Sēpīrō tinha passado das medidas. Só a cabeça dele aparecia. Ele tinha água até o pescoço! Gõãmũ ficou muito bravo vendo que Sēpīrō ultrapassara a medida que ele havia marcado. Pegou então a sua zarabatana e soprou uma seta envenenada com curare (nimá) bem no pescoço de Sēpīrō que largou então a Porta das Águas e pulou em direção ao leste. No lugar onde ele caiu, há uma grande pedra.

Só então a água começou pouco a pouco a baixar. Mas toda a humanidade já havia desaparecido! As árvores secaram porque, quando ficaram submersas na água, elas não podiam mais respirar. Fez um verão muito forte e as árvores secas

pegaram fogo. Assim o mundo inteiro queimou de novo. Depois, começou a chover e a chuva lavou o carvão do mundo. Só então a mata voltou a brotar e a humanidade a renovar-se.

Como vimos, o mundo passou por três cataclismos, ex-¹términando e renovando-se três humanidades. A quarta humanidade somos nós. Gõãmũ decidiu então que não haveria mais desastres, porque dava muito trabalho refazer a humanidade. Ele disse:

— “Este mundo será como no céu. Esta humanidade não desaparecerá mais, ela será como o Mundo dos Santos”.

Isto quer dizer que a camada da terra em que vivemos, isto é, Bahsibohotaribu, seria como a superfície do firmamento, ou seja, Abepõtaribu.

As montanhas que não afundaram durante o dilúvio foram quatro. Os nomes delas são os seguintes: Ñumú onde ficou Gõãmũ, Yairue onde se refugiou Yairó e a sua mulher, Pari e Buriri. Essas quatro montanhas não afundaram durante o dilúvio. Elas são os esteios do céu, quer dizer, os esteios de Abepõtaribu. Durante a noite, quando o céu desce, essas montanhas o sustentam para que ele não caia e esmague a humanidade. Ao descer, o céu aperta o ar, dando sono para a gente dormir. De madrugada, o céu começa a se levantar e os homens a acordar. Estas montanhas são os esteios da Małoca do Universo. É assim que termina o mito do dilúvio.



O roubo das flautas sagradas pelas mulheres

Depois da queima de Gūramūye, sabendo que cresceriam pés de paxiúba, a humanidade começou a buscar o lugar onde iriam brotar. Os Ūmukomahsã, isto é, os Desana, também procuraram o pé de paxiúba que devia lhes caber. O Desana que fez essa busca chamava-se Abe “Lua”. Ao encontrá-lo, cortou dois pedaços que ele levou para a sua maloca. Ficava no rio Papuri, abaixo da Missão colombiana de Piracuara, e se chamava Abewi’i “Maloca do Lua”. Deixou-os no porto, ao lado de uma árvore chamada em desana nogēmū²⁴. Junto, deixou um cipó chamado sumuseame²⁵ que serve como remédio para provocar vômito.

Foi para a casa e comunicou ao seu filho que, pela madrugada, ainda escuro, deveria ir ao porto para tocar as flautas sagradas (tarusuwãigõã). Mas o filho era muito dorminhoco e perdeu a hora. O pai o acordava, continuamente, sem resultado. Nisso, despertaram as duas filhas de Abe e viram o pai tentando tirar do sono o seu irmão e sussurar-lhe alguma coisa no ouvido. Perceberam que falava de cipó e se ofereceram para buscá-lo. Não podendo disfarçar mais, Abe consentiu que elas fossem. As moças levaram o seu turi aceso e foram ao porto buscar o cipó.

Ao chegar lá, procuraram debaixo da árvore nogēmū e viram dois pedaços de paxiúba que brilhavam como ouro.

— “Que beleza de paxiúba encontramos, disseram as moças, vamos levá-las”.

Mas os dois pedaços de paxiúba fugiam delas à medida que se aproximavam. Todavia, as duas conseguiram agarrá-los.



24. Não identificada.

25. Não identificado.

Com as paxiúbas na mão, se perguntaram para que poderiam servir. Carregaram-nas para a beira do rio. Nisso vinham subindo os peixes. Eram os Waimahsã, isto é, a “Gente peixe” que deviam ensinar ao filho de Abe como tocar as flautas. Ao ver as mulheres, voltaram.

Por fim, chegou o peixe wayusoamũ, o aracu de cabeça vermelha²⁶, que ensinou às moças como tocar as paxiúbas. Antes disso, elas haviam enfiado a paxiúba na própria vagina, procurando experimentar para que poderia servir. O peixe wayusoamũ pegou os pedaços de paxiúba e começou a soprá-los. Aí mesmo, eles começaram a tocar. Então, agarrando-se neles, as duas moças disseram:

— “Agora que descobrimos a serventia deles, vamos tocar nós mesmas”.

E assim fizeram.

Abe zangou-se com o seu filho dorminhoco. Quanto às filhas, não voltaram para casa. Ficaram no porto tocando as flautas. Seu som foi ouvido em todo o universo. Gente de toda parte se reuniu para comemorar, de novo, o dia do açoitete, como fazia Guramũye. Ao chegarem, viram as mulheres donas das flautas. Afastaram-se aterrorizados, enquanto outras mulheres se aproximavam. Todas reunidas, decidiram entrar na casa de Abe.

Eram cerca de dez horas da manhã. Abe e os homens todos varriam a casa e faziam todo serviço de mulher. Quando as mulheres entraram, Abe saiu e escondeu-se. Com ele saíram e se esconderam os homens todos. A casa encheu-se de mulheres com suas flautas sagradas. Nenhum homem se atreveu a entrar.

Só então os homens se deram conta de que as mulheres se



26. *Leporinus* sp.

apoderaram de suas flautas e ficaram irados. Xingaram o rapaz dorminhoco e disseram-se uns aos outros:

— “Pertenceram a nós primeiro e não às mulheres. Temos que reavê-las”.

Tiraram então do cerne da paxiúba buhuñu, usada para fazer pari de pesca, um pedaço com que construíram uma flauta chamada barisērōbugu. Deram pimenta ao filho dorminhoco de Abe para ele mastigar e mandaram-no cuspir uma saliva bem comprida. Agarraram essa linha de saliva da sua boca e o rapaz caiu fulminado. Com um rito, o ressuscitaram. A linha de saliva tornou-se o cipó dūhkamedūhkari²⁷ que, partido em pequenos pedaços, foi usado para acompanhar a música da flauta barisērōbugu. Ao terminar isso, experimentaram a flauta. Lançaram o som na direção do sul. O rapaz dorminhoco foi encarregado de tocar a flauta e os outros homens o acompanharam com os pedacinhos de cipó.

Em meio à música das flautas sagradas que se haviam multiplicado, tocadas pelas mulheres, umas das filhas de Abe escutou o som da flauta barisērōbugu, tocada pelo irmão. Para ouvir melhor, fez um gesto com a mão junto à orelha. Esse gesto derrubou o rapaz, que caiu morto. Diante disso, os homens se irritaram mais ainda. Disseram que era preciso matar todas as mulheres. O primeiro a dizê-lo foi o sapo pará²⁸ que insistiu na matança. Todos acompanharam Gōāmū no cerco à maloca tomada pelas mulheres. Os que tinham um instrumento na mão ficaram bem na direção da porta, embora longe. Daí, podiam enxergar as mulheres que estavam cobertas de enfeites, como se fossem homens. Colocaram a flauta barisērōbugu bem na direção da vagina de uma das filhas de Abe, para que o



27. Não identificado.

28. Não identificado.

som da flauta; penetrando na vagina dela, a explodisse junto com todas as outras mulheres. No instante em que o filho dorminhoco de Abe ia soprar, Gõãmũ levantou a flauta até a altura do peito da mulher e soprou ele mesmo.

O som da flauta barisêrôbugu desarvorou as mulheres, que caíram desacordadas e acabaram abandonando a maloca, em fuga, aí deixando as flautas sagradas. Uma das filhas de Abe levou consigo um pedacinho pequeno de uma das flautas que escondeu na sua vagina.

Depois dessa fuga, os homens retomaram a maloca e se apoderaram de novo das flautas sagradas. As duas filhas de Abe fugiram chorando para o sul, e nunca mais voltaram. Na baixada, escreveram numa pedra em Itapinima, no baixo Uaupés, abaixo de Taracuá, a história de sua conquista das flautas sagradas.



Três mitos sobre Buhtari Gõãmũ, o demiurgo indolente

I

Um dia, Buhtari Gõãmũ saiu para passear no mato. Ele ia andando pelo caminho, um pouco longe da casa. Depois de alguns quilômetros, encontrou duas moças que estavam no pé de uma árvore de sorva. Estas moças eram as filhas de Mahsãwehe, o Irara²⁹. O Irara estava comendo frutas de sorva, junto com as suas filhas. Ele estava nos galhos da sorveira apanhando as frutas que jogava para as moças comerem.

Encontrando as moças debaixo da árvore, Buhtari Gõãmũ perguntou baixinho para elas:

— “O que vocês estão fazendo?”

— “Estamos comendo as frutas de sorva”, responderam também baixinho.

Aí, ele as agarrou e teve relação sexual com elas. No momento em que ele estava fazendo sexo com elas, o fedor do espermatozoide veio tocar o nariz do pai. É assim que o Irara soube que alguém estava mexendo com as suas filhas.

Quando terminou o ato, Buhtari Gõãmũ pensou em enganar o Irara. Por isso, ele voltou pelo mesmo caminho. À pouca distância, ele fez meia volta e voltou para se encontrar com Mahsãwehe. Pegou a sua flautinha feita de osso de veado e foi andando e tocando como para dizer que ele estava chegando pela primeira vez. Pouco a pouco, o som da flautinha se aproximava dos ouvidos do Irara.

Mas este sabia que isto era engano, ele percebera que Buhtari Gõãmũ já tinha chegado antes. Depois de alguns



29. Ou “Papa-mel”, *Tayra barbara*.

minutos, Buhtari Gõãmũ chegou e saudou as moças, com voz forte. Perguntou-lhes com quem estavam. Elas responderam que estavam com o seu pai. Fingindo, ele perguntou onde estava o Irara. Elas lhe mostraram que ele estava em cima da sorveira. Aí é que ele saudou o Irara e perguntou:

— “O que o senhor está fazendo?”

— “Estou comendo frutas de sorva”, respondeu Mahsãwehe.

— “Estão maduras?”, continuou Buhtari Gõãmũ.

— “Estão, sim senhor”.

— “Dê-me uma, por favor”, pediu Buhtari Gõãmũ.

Ouvindo isso, o Irara jogou uma fruta, mas esta bateu contra os galhos e caiu no chão em pedaços. Vendo isso, Buhtari Gõãmũ pediu mais outra. Mas o Irara respondeu:

— “Venha aqui para comer, porque quando eu jogo uma fruta, ela bate contra os galhos.”

— “Tem maduras?”

— “Ora se tem! Tem muito. Por isso é que eu estou o convidando. Venha, suba até onde eu subi!”

Buhtari Gõãmũ trepou então na árvore até chegar em cima. Era verdade mesmo: havia muitas frutas maduras.

— “Está vendo quantas frutas? Coma à vontade”, disse-lhe o Irara.

Buhtari Gõãmũ começou a comer as frutas que se encontravam perto dele. Quando acabou com elas, ele trepou num outro galho, onde havia mais frutas. Vendo que ele já estava em outro galho, o Irara soltou o açazeiro pelo qual ele tinha subido. Porque o Irara amarrara o seu rabo na ponta do açazeiro, que era o açazeiro do sul, para alcançar a copa da sorveira, de modo a comer a fruta da sorva. O Irara foi, pois, com o açazeiro. Soltando-se da sorveira, ele disse:

— “Agüente agora, já que você não respeitou as minhas filhas! Volte como quiser!”

Dizendo isso, ele voltou ao sul, com o açazeiro. Ao endireitar-se, o açazeiro fez um estrondo como o barulho do trovão.

Buhtari Gõãmũ ficou sozinho nos galhos da sorveira. Esta árvore não era como a de agora, era muito maior. Ele ficou preso em cima, não sabendo mais como descer. Ficou lá vários meses, comendo as frutas. As frutas acabaram. Quando não havia mais frutas para comer, ele ficou chupando o leite da sorva.

Isso aconteceu durante o verão, porque é no verão que as frutas de sorva amadurecem. Portanto, Buhtari Gõãmũ ficou preso todo o verão até o inverno. No fim do inverno, como também acontece hoje em dia, as aves costumam subir: os anuns pretos, as garças e os jaburus. Todas estas aves pernoitavam nesta grande árvore, onde se encontrava Buhtari Gõãmũ.

Primeiro, chegaram os anuns pretos³⁰. Chegaram bem de tardezinha e perguntaram:

— “O que você está fazendo, nosso amigo?”

— “Ah colegas! Eu estou comendo frutas de sorva”, ele respondeu.

Ouvindo isso, todos se puseram a rir. Depois, começaram a perguntar com seriedade. Buhtari Gõãmũ contou então tudo o que havia acontecido. Contou que ele tinha vivido com as filhas do Irara e que, por causa disso, este o tinha deixado ali. Eles perguntaram então:

— “Por que você subiu depois de ter feito isto? Você não deveria ter subido”.

— “Eu pensei que ele não tinha visto nada”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Ouvindo a resposta de Buhtari Gõãmũ, todos se puseram a rir de novo. Aí, ele perguntou aos pássaros para onde eles iam.



30. Ave da ordem dos Cuculídeos, *Crotophaga ani* L.

Responderam que iam para a casa da Amõ. Amõ era uma mulher que vivia sozinha. Ela tinha a sua casa pelo oeste. Disse-lhe que iam renovar a casa desta mulher. Ouvindo isso, Buhtari Gõãmũ logo pediu licença de ir com eles. Mas eles pensaram uns minutos e negaram:

— “Não fique triste colega. Depois de nós virão outros. Eles hão de levá-lo, nosso amigo”.

Buhtari Gõãmũ nada podia dizer. Isso eles falaram antes de dormir. No dia seguinte, os pássaros continuaram a sua viagem. O pobre Buhtari Gõãmũ ficou sozinho outra vez. Poucos dias depois, chegaram outros. Eram também anuns pretos. Chegaram à tardezinha, na mesma hora dos primeiros. Perguntaram a Buhtari Gõãmũ o que ele estava fazendo em cima da árvore. Ele contou as mesmas coisas, como havia contado aos primeiros. No fim, pediu para ir com eles. Mas eles responderam as mesmas coisas do que os primeiros. E disseram que depois deles vinha outro grupo de aves e que ele iria com eles. No dia seguinte, eles se despediram de Buhtari Gõãmũ e continuaram a sua viagem.

Dias depois, chegou um grupo de tucanos d'água³¹. Pernoitaram na árvore. Também eles perguntaram a Buhtari Gõãmũ há quanto tempo ele estava ali. Ele respondeu que estava ali desde o verão. Os tucanos d'água disseram então:

— “É muito tempo que você está aqui”.

Buhtari Gõãmũ perguntou aonde iam. Os tucanos d'água responderam que iam para a casa da Amõ para renovar a sua casa. Quando acabou de ouvir isso, Buhtari Gõãmũ pediu para ir com eles, mas eles também responderam como os anuns pretos, isto é, que, depois deles, vinha um outro grupo. Disse-lhe também de não desanimar e que, com toda certeza,



31. Dehkonahsi em desana, gênero Ranfastídeos.

ele iria com ele. No dia seguinte, se despediram, mandando-lhe que esperasse o outro grupo e eles seguiram a sua viagem.

Ele ficou sozinho outra vez. Ficou aí, chupando o leite da sorva. Pouco tempo depois, chegou outro grupo. Eram também tucanos d'água. Estes disseram a mesma coisa, que depois deles vinha outro grupo que, com toda certeza, o levaria. No dia seguinte, despediram-se e continuaram a viagem.

Dias depois, chegaram outros. Era um grupo de garças³². Elas também pernoitaram nesta árvore. Perguntaram o que ele estava fazendo na árvore. Buhtari Gõãmũ contou tudo o que acontecera e logo pediu para ir com elas. Mas as garças responderam:

— “Nós somos muito poucas. Depois de nós vai chegar outro grupo. Você irá com ele”.

No dia seguinte, despediram-se dele e continuaram a sua viagem.

Alguns dias depois, chegou outro grupo de garças. Perguntaram-lhe as mesmas coisas que os primeiros e ele deu as mesmas respostas. O pobre Buhtari Gõãmũ pediu para ir com eles. Mas elas também disseram que eram poucas, e contaram que atrás delas vinha outro grupo. No dia seguinte, elas também seguiram.

Dias depois, chegou outro grupo. Eram jaburus³³. Eles pernoitaram nesta árvore e lhe perguntaram por quê ele estava ali sozinho. Ele contou tudo o que acontecera. Ouvindo-o, os jaburus responderam:

— “Ele lhe fez muito mal! Ele lhe fez o que não se pode fazer!”

Buhtari Gõãmũ perguntou então aonde eles iam. Responderam que iam renovar a casa de Amõ. Ele pediu para ir com



32. Ya'hi em desana, *Leucophoyx thula*.

33. Ave da Ordem dos Ardeiformes.

eles. Os jaburus ficaram pensando, falaram entre si, e contaram aos outros que o homem queria ir com eles. Por fim, depois de terem pensado muito, responderam:

— “Nosso grande amigo, nós não podemos levá-lo porque somos muito poucos. Atrás de nós vêm outros, eles levarão você. Não desanime”.

No dia seguinte, eles se despediram dele e seguiram a viagem.

Poucos dias depois, chegou outro grupo, também de jaburus. Eram muitíssimos. Buhtari Gõãmũ pediu logo para ir com eles. Estes responderam:

— “Atrás de nós vêm outros, eles te levarão”.

Mas Buhtari Gõãmũ não queria mais ficar. Contou-lhes que outros lhe tinham dado a mesma resposta. Ouvindo isso, os jaburus tiveram pena dele e disseram:

— “Não chore. Nós te levaremos”.

Ficaram aí mesmo, isto é, não seguiram a sua viagem. Depois de um dia, chegou outro grupo. Eram também numerosos, como os primeiros. Com estes dois grupos, a árvore ficou cheia de jaburus. Os jaburus falaram entre si:

— “Este homem quer ir conosco. Ele contou que está aqui faz muito tempo. Explicou também que foi o Irara que o deixou aqui por que ele mexera com as filhas dele”.

Ouvindo as palavras dos seus colegas, os jaburus recém-chegados deram gargalhadas. Os primeiros chegados na árvore convidaram-nos então a ajudá-los a levar Buhtari Gõãmũ até a casa da Amõ, o que eles aceitaram.

No dia seguinte, chegou outro grupo de jaburus. Eram tão numerosos quanto os dois grupos anteriores. A árvore não respirava mais, ela estava cheia de jaburus. Este grupo era o último. Foi-lhes contado o que tinha acontecido com Buhtari Gõãmũ e, como os outros, eles foram convidados para ajudar a levá-lo até a casa da Amõ. Eles aceitaram.

No dia seguinte, o prepararam para levá-lo. Tomaram as suas flautas de pã que colocaram no braço de Buhtari Gõãmũ com leite de tururi. Depois, cada um tirou uma pena das suas asas, que enfiaram no oco do caniço, isto é, da flauta. Tiraram ipadu da sua boca e untaram, com ele, o pé das penas. Quando terminaram de colocar as penas, eles mandaram Buhtari Gõãmũ experimentar voar, isto é, mandaram-no mexer as asas. Este experimentou mexer as asas, mas as penas caíram todas. Vendo isso, os jaburus renovaram o seu trabalho e, quando terminaram, deram-lhe outra vez a ordem de experimentar voar. Buhtari Gõãmũ mexeu de novo as asas mas, desta vez, as penas não caíram mais. Mandaram-no então subir um pouquinho. Depois o fizeram descer nos galhos. Vendo-o, todos os jaburus deram gargalhadas. Feito isso, disseram:

— “Agora está bom. Você irá conosco até a casa da Amõ. Depois você voltará para a sua casa”.

Colocaram Buhtari Gõãmũ bem em cima deles. Com as suas asas, o suspendiam. Os três grupos de jaburus ficaram assim embaixo dele. Lá em cima ele mexia as asas para aliviar o seu peso. Por fim, chegaram até a casa da Amõ. Antes de chegar na casa, disseram:

— “Você não toca no beiju. Nós é que o daremos para você. E nem no peixe, se tiver. Fica só esperando, nós lhe daremos de comer, você ouviu?”

— “Sim, senhores”, ele respondeu.

Dito isso, eles entraram na casa com Buhtari Gõãmũ. Depois que eles entraram todos, Amõ veio cumprimentá-los. Quando acabou, ela voltou para o seu quarto. Depois voltou trazendo quinhapira, beiju e um peixe que ela lhes ofereceu para comer. Os jaburus saíram para comer. Buhtari Gõãmũ também saiu com eles e ficou esperando, segundo os conselhos dos jaburus. Um jaburu tirou um pedacinho de beiju e de peixe e lhe deu.

Quando eles tiravam um pedaço de beiju e de peixe, estes cresciam e ficavam de novo inteiros, como se não fosse tirado nenhum pedaço. Buhtari Gõãmũ estava com muita fome, ele comia com muita pressa. O jaburu deu-lhe um pedaço pela segunda vez. Buhtari Gõãmũ o pegou com pressa e logo o engoliu. Neste instante, o jaburu que lhe dava comida não reparou mais nele.

Vendo que não lhe davam mais nada para comer, Buhtari Gõãmũ foi tirar um pedaço de beiju e de peixe. Aí, o beiju ficou com uma parte cortada e o peixe também ficou sem uma parte, isto é, a parte que ele tirou não cresceu mais. Todos os jaburus olharam-se uns aos outros, vendo o ocorrido. Não havia remédio, não havia como fechar as partes estragadas do beiju e do peixe. Quando terminaram de comer, chamaram Amõ para retirar o beiju e o peixe. Quando ela chegou para buscar a comida, viu as partes estragadas no beiju e no peixe. Perguntou então aos jaburus se, no meio deles, havia alguma pessoa estranha. Os jaburus responderam que não. Mas Amõ não acreditou neles porque tinha visto o estrago no beiju e no peixe. Todavia, mesmo assim, ela não disse nada.

A casa da Amõ estava cheia de gente de garças, de anuns pretos, de tucanos d'água e de jaburus. Por isso, era difícil respirar dentro da casa, com tantas pessoas. No dia seguinte, começaram a renová-la. Cada um tirava umas suas penas: as garças e os jaburus cobriram a casa e os tucanos d'água fecharam as partes da frente com elas. Enquanto isso, os anuns pretos, com suas penas, fizeram as paredes da casa. Portanto, a casa era só feita de penas de aves. Era mesmo uma casa bonita.

Terminaram de renovar a casa num só dia. Quando acabaram o trabalho, começaram a desaparecer. Desapareciam quando iam tomar banho, quando iam cagar. Em qualquer parte que eles iam, desapareciam. Buhtari Gõãmũ ficou sozinho,

porque as aves, quando iam tomar banho, transformavam-se em peixes e baixavam. Fazer isto ele não sabia. Por isso é que ele ficou sozinho.

Quando viu que todos haviam ido embora, Amõ começou a varrer a casa. Mas, percebendo que havia ficado um deles, ela queimou pimenta para descobrir quem ia tossir. Vendo que ela estava queimando pimenta, Buhtari Gõãmũ pegou a sua zarabatana, furou com ela a parede da casa e ficou respirando o ar de fora através dela.

Amõ veio varrendo até chegar perto dele. Ao vê-lo, ela perguntou quem era ele. Buhtari Gõãmũ contou então o que havia acontecido com ele. Aí ele ficou alguns dias.

Amõ estava totalmente nua e isto excitava muito Buhtari Gõãmũ. Lá em cima, na cumieira da casa, estavam pendurados dois pedaços de pau miratinga: eram os maridos de Amõ. Certos dias, ela subia até onde estavam os pedaços de pau. Aí, sentada em cima deles, ela fazia movimentos para gozar. Depois, descia. Buhtari Gõãmũ ficava observando e tinha mesmo muito desejo de praticar sexo com ela. E praticou mesmo. Mas isso não lhe trouxe satisfação nenhuma. Pelo contrário, deu-lhe doença. No meio dos cabelos do sexo de Amõ, havia, com efeito, numerosos insetos picadores, isto é, aranhas, escorpiões, tocandiras e formigas de fogo. Estes picaram o pau dele enquanto ele fazia sexo com Amõ. O seu pau começou a inchar, a crescer, até atingir o comprimento de um meio metro. E ele sentia dores terríveis. Não podendo mais sustentar esse pau grande cheio de doença, ele teceu um cestinho e se pôs a carregá-lo dentro, o cesto pendurado no seu pescoço.

Nestes mesmos dias, os Aõmũrã, os “Velhos do Beiju”, isto é, as cegonhas cinzentas³⁴, cercaram os peixes no porto da



34. Euxenura maguari, família dos Ciconídeos.

Amõ. Havia muitos peixes nesse cercado. Buhtari Gõãmũ foi até o porto para vê-lo. Ficou sentado aí, triste com tantas dores. Enquanto estava olhando, chegaram vários tipos de peixes, querendo sair do cercado. Depois de alguns momentos, vieram dois acarazinhos procurando um buraquinho para sair do cercado, mas não o encontraram. Quando chegaram perto de Buhtari Gõãmũ, ficaram olhando-o. Pouco depois, desapareceram. Buhtari Gõãmũ ficou procurando para onde eles foram, mas não encontrou nenhum sinal deles.

Depois de poucos minutos, vieram atrás dele dois rapazinhos que o saudaram. Perguntaram o que é que ele estava fazendo. Ele respondeu que estava olhando a cerca das cegonhas cinzentas. Os rapazinhos perguntaram o que ele carregava no seu cesto. Buhtari Gõãmũ contou então tudo o que tinha acontecido, que ele tinha vivido com Amõ e que, por isso, o seu pau estava naquele estado. Ouvindo as palavras do Buhtari Gõãmũ, os dois rapazinhos acharam graça, dizendo:

— “Antes de viver com ela, a gente deve pentear bem o seu xiri, tirar todos os bichos que estão aí no meio dos cabelos. Só depois disso é que a gente pode fazer sexo com ela”.

Buhtari Gõãmũ respondeu que ele não tinha feito isso. Disseram-lhe que é por isso que tinha acontecido assim e complementaram:

— “Nós te daremos o remédio deste teu sofrimento”.

Mas antes, os rapazinhos pediram a Buhtari Gõãmũ que, em troca, abrisse a cerca. Buhtari Gõãmũ respondeu que assim o faria. Dito isso, os jovens afastaram-se um pouco e tiraram minhocas misturadas com algumas folhas, já preparadas. Aproximando-se do homem, disseram:

— “Pega o seu pau, conforme o comprimento e a grossura que tu desejas”.

Ouvindo as palavras dos rapazinhos, Buhtari Gõãmũ obedeceu. Os dois derramaram então o remédio em cima do

pau de meio metro de comprimento. Aconteceu que, só botando o remédio no pau, esse já se encolhia, parando até onde Buhtari Gõãmũ segurava, isto é, até onde ele estava marcando. Por isso, se Buhtari Gõãmũ marcasse um pouco maior, toda a humanidade masculina teria paus grandes. A culpa foi de Buhtari Gõãmũ.

Feito isso, Buhtari Gõãmũ abriu a cerca das cegonhas como agradecimento. Todos os peixes saíram. Pouco mais tarde, as cegonhas cinzentas chegaram para ver a sua cerca mas não acharam mais os peixes. Ficaram danadas vendo o cercado aberto. Perguntaram-se:

— “Quem será que chegou aqui? Desde que os nossos antigos avôs cercaram o rio aqui, nunca tinha acontecido assim. Talvez teria chegado gente estranha?”

Dizendo isso, pegaram os seus punhais e iam furando nos paus e na terra, querendo matar Buhtari Gõãmũ. Este voltou para a casa da Amõ. A mulher, vendo que ele não pensava em ir embora, e nem mesmo sabia para onde voltar, mandou um pensamento a Goropona, o Urubu³⁵:

— “Aqui na minha casa há um homem que eu não conheço, nem sei de onde ele é”.

Recebendo esse pensamento de Amõ, Urubu disse:

— “Deve ser o meu neto. Vou buscá-lo, porque eu costumo comer os restos da comida dele”.

Isso, Urubu dizia porque ele costuma comer os peixes podres nos lagos tinguijados, e animais mortos pelos homens. Por isso, ele compadeceu de Buhtari Gõãmũ.

Urubu chegou na casa da Amõ. Esta o avisou que foi ela que tinha mandado o pensamento para levar o homem que estava na sua casa. Urubu respondeu que tinha recebido o



35. Ave falconiforme, *Coragyps atratus*.

pensamento e por isso é que tinha chegado. Então, Urubu disse a Buhtari Gõãmũ:

— “Amarre dois pedaços de pauzinhos, um no meu rabo, o outro nas minhas costas”.

Porque, no rabo, era para ele sentar, e nas costas para ele se segurar. Quando Buhtari Gõãmũ terminou de fazer isso, Urubu o mandou trepar em cima dele, para viajar. Antes de voar, ele recomendou:

— “Segura-te bem fortemente durante a viagem”.

— “Pois não”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Dito isso, Urubu levantou vôo. Quando ultrapassou a altura das árvores da terra, elê disse:

— “Olha meu neto, vou lhe mostrar a primeira Maloca de Transformação da humanidade, a Maloca de Leite. Segure-te bem!”

Dito isto, Urubu deu um arrote grande com cheiro da coisa podre que ele comera, e perguntou a Buhtari Gõãmũ:

— “Como tu respiras, meu neto?”

— “Eu respiro a coisa mais cheirosa deste mundo”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Se ele tinha respondido “Estou respirando o mau cheiro da coisa podre”, Urubu ia derrubá-lo aí mesmo, para comê-lo quando ele apodreceria. Mas Buhtari Gõãmũ sabia o que Urubu queria fazer.

Urubu subiu novamente até chegar no Caminho do Vento. Quando passou neste caminho, ele fez movimentos violentos, de modo a derrubar Buhtari Gõãmũ. Mas este se segurava com toda força, para não cair. Aí, Urubu deu um arrote outra vez, perguntando para Buhtari Gõãmũ o que ele sentia. Mas Buhtari Gõãmũ fez a mesma resposta do que antes.

Urubu subiu mais ainda no céu. Aí é que viram a Maloca de Transformação da humanidade. Urubu disse então a Buhtari Gõãmũ:

— “Olha aí meu neto! Esta é a maloca que eu queria lhe mostrar”.

Buhtari Gõãmũ olhou em direção do sul e viu a maloca: ela brilhava como a faísca do relâmpago. Por isso, não dava para olhar bem. Na verdade, era uma coisa misteriosa mesmo. Urubu disse então:

— “Eu lhe mostrei o que eu queria lhe mostrar. Vamos descer agora”.

E veio descendo. Fez de novo movimentos violentos, tentando derrubar Buhtari Gõãmũ, mas este não caiu. Por fim, Urubu pousou em cima de uma árvore, deixando-o nos galhos. E disse-lhe:

— “Olha, meu neto, aqui já é sua terra. Você pode descer sozinho. Já fiz a tarefa mais difícil, a de te trazer até aqui”.

Dito isto, Urubu subiu novamente no céu. Buhtari Gõãmũ ficou aí. Pouco tempo depois, uma grande tocandira³⁶ veio subindo na árvore, para buscá-lo. Ela viera de baixo da Maloca dos Favos de Mel para buscar Buhtari Gõãmũ com a vontade de fazê-lo desaparecer. Chegou perto dele e disse:

— “Olha meu neto, eu vim a ti. Vou te deixar em terra. Trepê em cima de mim”.

Buhtari Gõãmũ trepou em cima dela mas ele já sabia do pensamento da tocandira. Por isso, quando ele viu que ela já estava se aproximando da terra, ele tirou a sua lança que empurrou na terra. A tocandira entrou na terra sozinha e foi descendo, dizendo assim:

— “Você foi muito inteligente. Eu ia fazer você desaparecer”.

E ela desceu dentro da terra com um barulho grande, maior do que o do trovão.

Assim termina o primeiro mito de Buhtari Gõãmũ.



36. Dinoponera grandis (ou Paraponera).

II

Buhtari Gõãmũ vivia sozinho na sua casa. Como ele era jovem, ia todos os dias botar pimenta no nariz para tornar gorduroso e belo o seu rosto. A pouco distância da sua casa, havia um igarapezinho. Aí é que ele costumava pingar pimenta no nariz.

Certo dia, aconteceu-lhe uma coisa estranha: depois de ter pingado pimenta no seu nariz, ele tirou do seu saquinho o seu espelho para ver se o seu rosto já estava tornando-se mantegoso e brilhante. Enquanto ele estava olhando, apareceu no espelho o rosto de uma mulher, atrás dele. Ele virou o olhar para trás, mas não viu ninguém. Perturbou-se muito, vendo que não havia ninguém. Olhou-se novamente no espelho e, pouco depois, apareceu de novo o maravilhoso rosto. Olhou novamente para trás mas não viu ninguém. Ficou se perguntando quem seria essa pessoa.

Depois, ele olhou de novo no espelho, todo pensativo por causa da beleza do rosto da mulher. Pouco tempo depois, o rosto apareceu de novo no espelho. Buhtari Gõãmũ ficou olhando-a, através do espelho. Vendo que ela estava sorrindo para ele, ele também sorriu. Virou-se para olhar com um movimento rápido, mas mesmo assim não a viu. E voltou para a sua casa. Já era tarde. Mas ele só ficava pensando naquele bonito rosto no espelho.

No dia seguinte, ele saiu para fazer o seu serviço de pimenta, até que chegou no lugar onde ele costumava ficar, isto é, na beira do igarapezinho. Quando ele acabou de pingar a pimenta, ele tirou o espelho do seu saquinho e começou a olhar. Poucos momentos depois, o rosto apareceu no espelho. Buhtari Gõãmũ sorriu, e ela também, mas eles não podiam se encontrar, estar um na presença do outro.

Aí, Buhtari Gõãmũ deixou de olhar no espelho e resolveu

fazer de outra maneira para encontrar o rosto maravilhoso. Perto dele, havia uma árvore cheia de cipós. Buhtari Gõãmũ pensou em procurar aí mesmo aquele rosto. Transformando-se em carapanã³⁷, ele foi experimentar chupar no cipó, fio por fio. Primeiro, foi chupando os fios de cima, mas não achou ninguém. Entrou então mais para dentro, e foi aí que ele a encontrou: ela era mulher de cipó.

Aqui termina o mito como é contado pelos Tukano. Em seguida, começa o mito como é contado pelos Desana do grupo Kēhíripõrã.

Buhtari Goãmũ estava procurando uma mulher que fosse exemplar e obediente às ordens do seu marido. Por isso, ele enviava os ouvidos por toda parte, para saber por onde havia uma mulher destas. Na frente da sua moradia, havia uma serra que se chamava Sigãñũ, “Serra do Cipó”. Numa tarde, ele ouviu risadas de mulheres nesta serra. Como ele estava procurando mulheres, ele se interessou e foi à procura delas. Transformou-se em carapanã e foi até a serra. Quando chegou lá, não viu ninguém, somente uma porção de cipós. Começou então a chupar os cipós de cima e, aí mesmo, ouviu gritos fortíssimos. Estes cipós de cima, que gritavam, eram, de fato, mulheres desobedientes, murmuradoras, resmungonas e desonestas. Por isso, Buhtari Gõãmũ não os tirou, e foi chupar os cipós de mais baixo. Aconteceu como no primeiro caso. Ele entrou então mais, e experimentou chupar. Os gritos diminuíram. Eram as mulheres do meio. Mas nem estas, ele tirou.

Ele entrou mais ainda, até no meio, e experimentou picar. Esta não gritou. Só se moveu um pouquinho, mas ela não gritou. Esta era o tipo de mulher que ele queria, por isso foi esta



37. Ou mosquito, Culicídeo.

que ele tirou. Ele cortou um cipó de tamanho menor do que ele. O cipó chegava até a sua orelha. Ele o cortou em cima e em baixo e o levou de volta para a sua casa.

No dia seguinte, ele foi procurar um outro tipo de cipó, chamado Sumusīgãme, isto é, “cipó de espuma”, e o deixou junto com o cipó que tirara na Serra do Cipó. Na madrugada seguinte, ele tirou os dois cipós e os levou até o porto. Aí, os raspou, esfregando bem a raspagem. Coou na cuia. Depois tomou e vomitou no rio. Depois do vômito, apareceu uma menina atrás dele. Ele puxou com a mão a bela menina e a levou até a sua casa. Esta menina era uma daquelas que riram na Serra do Cipó.

Buhtari Gõãmũ criou a menina, esperando que ela crescesse até a altura de moça, até o dia em ela ter pela primeira vez a sua menstruação. Ele mesmo fez as cerimônias sobre este acontecimento. Só depois disso é que ele praticou sexo com ela.

Esta mulher era muito trabalhadora, bondosa e exemplar. Infelizmente, chegou um dia em que ela ia desaparecer. Um dia, enquanto ela estava “passando a lua”, isto é, estava menstruada, ela ficou em casa, sem sair longe, sem ir na roça, como se costumava fazer nos dias em que saía o sangue menstrual. Esta era a lei das mulheres, que não podiam ir na mata nem na roça, nem comiam carne ou peixes grandes como piraíba, surubim e outros peixes maiores. Ficavam em casa, tecendo alguns enfeites de tucum, como ligas, joelheiras. Comiam só farinha de tapioca e tomavam manicuera. Pintavam-se no rosto com tinta cerimoniaada. Não comiam coisas doces e nem frutas, como banana, abacaxi, cucura, ingá. Todas as frutas que têm tapurus (vermes) não eram consumidas porque, quando as mulheres as comiam nesses dias, logo apodreciam-lhes os dentes: o tapuru da fruta passava nos dentes delas. Por isso, elas deviam respeitar um jejum rigoroso. Fazendo isso, isto é, obedecendo

essas leis, é que os nossos Antigos não tinham nenhum dente podre. Aqueles que não cumpriam essas leis, tinham dentes podres. Estes que obedeciam as leis, envelheciam sem ter nenhum dente podre e morriam com todos os seus dentes. Estas regras eram obedecidas pelas mulheres nos dias em que elas passavam a lua e, também, nos dias depois do parto. Os dias depois do parto eram mais rigorosos. E também o homem, isto é, o marido, não podia comer frutas que têm tapurus. Até hoje é praticada esta lei.

Por isso é que a esposa de Buhtari Gõãmũ ficou em casa jejuando. Quem lhe trazia comida era o seu marido. Assim, esta bela mulher ficou tecendo um enfeite de tucum enquanto Buhtari Gõãmũ foi procurar filhotes de cupim. Ela tinha a seu lado uma cuia de farinha de tapioca. De vez em quando, ela comia a tapioca e ficava tecendo.

Enquanto ela estava fazendo este serviço, apareceu na sua frente um passarinho procurando comida. Chegou na frente da porta da casa de Buhtari Gõãmũ. Vinha correndo para cá e para lá. Vendo a esperteza do passarinho, a mulher tirou uma bolinha de tapioca que ela jogou na sua frente. O passarinho veio correndo, pegou a bolinha e a engoliu logo. A mulher jogou mais uma bolinha de tapioca e ele fez a mesma coisa. Vendo isto, ela começou a rir e jogou uma bolinha para mais longe. O passarinho foi correndo atrás da bolinha até pegá-la.

Depois disso, a mulher de Buhtari Gõãmũ não reparou mais no passarinho e ficou trabalhando. Esse passarinho era da casa de Uwawá, Urubu-rei³⁸. Por isso, o passarinho levou a bolinha de tapioca até a sua casa e a entregou ao seu chefe, Uwawá. A casa do Uwawá fica no espaço, lá em cima. Chegando, o passarinho lhe contou sobre a generosidade da mulher. A mulher do Uwawá era muito preguiçosa e avarenta em



38. Gypagus papa.

dar comida aos seus criados. Por isso, os empregados de Uwawá não gostavam dela. Uwawá também sentia o desejo de abandonar a sua mulher e se perguntava onde encontraria uma mulher bondosa, generosa e trabalhadeira. Ele estava com estes sentimentos quando o passarinho encontrou a mulher generosa. Por isso, o passarinho disse-lhe:

— “Eu fui até a casa de Buhtari Gõãmũ e encontrei a mulher dele. Ela está sentada aí, na frente da porta, dentro da casa, tecendo enfeites. Foi ela que me deu esta cuia de tapioca. Ela é muito generosa e trabalhadeira. Seria bom que ela fosse a tua esposa porque tua mulher é muito preguiçosa. Como és o chefe de muitos, tu tens o direito de ter uma mulher dessa, a mulher de Buhtari Gõãmũ. Por isso, roube-a agora mesmo, porque o seu marido foi na mata. Ela está sozinha, é bom tirá-la agora mesmo! Porque ela está aí com um preguiçoso, sem criados. Está num lugar muito triste”.

Ouvindo esta mensagem do passarinho, Uwawá sentiu a vontade de roubar a mulher de Buhtari Gõãmũ. Tirou então o magnífico enfeite da ponta da sua lança cerimonial e o fez cair bem na frente da porta da casa da mulher. Quando a mulher viu o bonito enfeite, ela foi logo pegá-lo. Mal tinha tocado nele com a mão, o enfeite a embrulhou toda. Assim, Uwawá a puxou até a casa dele.

Buhtari Gõãmũ voltou do mato depois que ela foi roubada. Quando chégou, não encontrou mais a sua mulher e ele mandou os ouvidos por toda parte, procurando por onde ela estaria. Mas não a encontrou. Todos diziam que não a tinham visto. Assim, ela desapareceu.

Passaram-se meses, mas Buhtari Gõãmũ não conseguia esquecer a sua bela mulher. Ele estava sozinho, na sua casa, até que chegou o começo da enchente. Ao lado da casa, havia um grande formigueiro que costumava sair nesta época. Durante esse período, Buhtari Gõãmũ sempre apanhava os

filhotes das formigas com a sua mulher, quando ela estava ainda com ele. Vendo a enchente, ele foi olhar o formigueiro e viu que as formigas estavam para sair. Cortou então paus, fabricou com eles um bonito jirau e voltou para a sua casa. Às duas horas, ele saiu para apanhar as formigas. Muitíssimas estavam saindo do formigueiro e voando. Ele ficou apanhando as formigas que o tocavam. Aí chegaram, voando baixinho para pegar também formigas, os gaviões de rabo comprido, que se chamam Tesoura Grande³⁹. A um certo ponto, Buhtari Gõãmũ ficou aborrecido, pensando:

— “Se eu estivesse com a minha esposa eu não deixaria estas formigas para vocês. Vocês as estão comendo porque a minha esposa desapareceu”.

Pensando nisso, ele ficou ainda mais aborrecido. Pegou então um pedaço de pau e o jogou contra um gavião que voava baixinho. Ele o acertou bem nas asas. O gavião caiu no chão, meio morto. Buhtari Gõãmũ pensou então consigo mesmo:

— “Bem feito para você! Por que você veio comer as minhas formigas que eu não lhe deixaria se eu estivesse com a minha mulher?”

O gavião estava se mexendo no chão, não conseguindo mais voar. Buhtari Gõãmũ não reparou mais nele. O esqueceu. Pouco tempo depois, chegou um rapaz que perguntou o que ele estava fazendo. Buhtari Gõãmũ respondeu que estava apanhando formigas. O rapaz perguntou-lhe quantas é que tinha apanhado. Buhtari Gõãmũ respondeu que estava apanhando pouco: o resto voava para cima. Ouvindo isto, o rapaz aproximou-se para ver o formigueiro. Depois de muitas conversas, ele perguntou:

— “Por que você fez isto para mim? Você quebrou o meu braço”.



39. Pássaros da família Tiranídeos, *Muscivora tyrannus*.

Ouvindo essa pergunta, Buhtari Gõãmũ ficou assustado. Pediu então desculpa ao rapaz pelo o que ele lhe tinha feito e contou que ele tinha jogado o pedaço de pau contra ele depois de muitos pensamentos. Falou que pensava na perda da sua mulher, o que o fez se aborrecer ainda mais. O jovem respondeu que a mulher dele estava na casa de Uwawá e que eles vinham apanhar as formigas para um dabucuri que teria lugar na casa de Uwawá. É para ir tomar caxiri que eles tinham vindo apanhar as formigas.

O jovem acrescentou:

— “Se tu quiseres ir conosco, nós te levaremos hoje mesmo, porque hoje há caxiri na casa de Uwawá”.

Depois de pensar um instante, Buhtari Gõãmũ disse que queria ir. Enquanto os dois estavam conversando, os outros gaviões desapareceram e vieram transformados com corpos humanos para conversar com Buhtari Gõãmũ. Aquele que estava falando com Buhtari Gõãmũ contou-lhes que ele queria ir com eles, que a atual mulher de Uwawá era a mulher dele que Urubu-rei lhe havia roubado. Ouvindo isto, todos disseram que era bom ele vir com eles.

Tomaram as suas flautas, isto é, os caniços, e as colocaram nos braços de Buhtari Gõãmũ. Depois, cada um deles tirou umas penas suas que enfiaram no oco do caniço, o untando com ipadu. Mandaram-no então se mexer, isto é, mandaram-no experimentar voar. Quando ele experimentou voar, todas as penas caíram. Vendo isto, os gaviões renovaram o serviço e depois mandaram-no de novo se movimentar. Desta vez, as penas não caíram mais. Quando Buhtari Gõãmũ ficou pronto, eles começaram a subir, deixando-o bem em cima deles. Deram-lhe a ordem de se movimentar pouco, para não caírem as penas. Fizeram assim até chegar na casa deles.

Depois de entrar em casa, tiraram as suas vestes, deixando-as no lugar próprio: tiraram a sua camisa de voar, ficando

com corpo humano. Depois disto, começaram a se enfeitar. Primeiro, eles tiraram o leite da árvore chamada sorveira que colocaram no seu rosto. Quando o leite estava seco, o tiraram dos seus rostos, formaram bolinhas e jogaram-nas no corpo de Buhtari Gõãmũ. Aí mesmo, as bolinhas de leite de sorva se tornaram feridas. Ele ficou com o corpo coberto de feridas. Os gaviões fizeram isto para escondê-lo, para disfarçar a aparência dele. Depois, com palha, teceram um enfeite simples que deixaram na sua cabeça. Tiraram em seguida um pauzinho e, entregando-lhe, disseram:

— “Quando nós chegarmos na casa de Uwawá nós diremos assim de ti: 'Este é o nosso escravo que trouxemos para guardar os nossos cigarros e os nossos ipadus'”.

— “Muito bem”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Dito isso, eles partiram. Carregaram os seus cestos cheios de formigas e foram andando até a casa de Uwawá. Quando chegaram, Uwawá estava sentado bem no centro da casa, coberto com todos os seus enfeites. A casa estava cheia de gente. Buhtari Gõãmũ, vestido de escravo, entrou também na casa e, quando se sentou, logo procurou com o olhar a sua mulher. E ele a viu. Era ela mesmo. Mas ele nada podia fazer porque ela estava no meio de muita gente. Também ele estava muito feio, com o corpo cheio de feridas.

Uwawá veio cumprimentá-los. Eles disseram logo que o homem cheio de feridas era o seu escravo que trouxeram para guardar os cigarros e os ipadus. Ouvindo isso, Uwawá o saudou como a um escravo. Os outros da casa também fizeram a mesma saudação. Depois, vieram para saudar as mulheres. Primeiro chegou, como cabeça delas, a mulher de Uwawá. Ela era mesmo a chefe das mulheres. Também elas fizeram a mesma saudação. Mas Buhtari Gõãmũ não respondia claramente, porque sabia que ele não era um verdadeiro escravo.

Ao terminar estas saudações, Uwawá mandou oferecer-lhes bebida e ordenou à sua mulher:

— “Mulher, venha oferecer bebida para essa gente! tire o caxiri do camuti e, para aquele escravo, ofereça com a cuia feia o resto daquela bebida feia. Não a tire do camuti”.

A mulher fez conforme a ordem do marido mas Buhtari Gõãmũ não tomou, nem engoliu, um pingo da bebida oferecida.

Até que chegou a tarde. Buhtari Gõãmũ mandou então um pensamento para a sua ex-mulher para ela dizer a Uwawá:

— “Meu marido, já está ficando tarde! Pense em carregar lenhas, nós não temos para esta noite”.

Foi isso que a mulher disse ao seu marido. Neste mesmo momento, Buhtari Gõãmũ mandou outro pensamento a Uwawá:

— “Eu não posso ir. Leve aquele escravo para rachar lenhas”.

Pegando este pensamento, ele respondeu esta mesma frase. Ouvindo a resposta do marido, a mulher chamou o fingido escravo para rachar lenhas, entregando-lhe o machado. O falso escravo recebeu o machado e foi adiante dela, até a roça. E foi rachando lenhas. O primeiro pau, ele rachou uma vez, o segundo duas, o terceiro pau, três e o quarto pau, quatro vezes. E, no último, rachou bastante lenhas. Atrás dele, vinha a mulher de Uwawá, com o aturá, recolhendo as lenhas rachadas.

Quando acabou de rachar, Buhtari Gõãmũ foi atrás de um tronco, esperando-a. Tirou a veste de escravo, cheia de feridas, e a escondeu. E ficou esperando até que ela chegou no último monte de lenhas. Quando ela acabou de recolher esse monte, ele assobiou, espiando um pouco, atrás do tronco. Ouvindo o assobio, ela procurou quem estava fazendo isso. Até que ela o encontrou: era Buhtari Gõãmũ, o seu marido mesmo, isto é, o seu primeiro marido. Vendo-o, ela disse:

— “É você, não é?”

— “Por que você fez isso comigo? O que é que aconteceu com você?”, ele perguntou.

Aí ela falou do enfeite que caiu e como ela acabou por se encontrar na casa de Uwawá. E ficaram conversando.

Antes dos dois voltarem para a casa de Uwawá, ele viveu com ela, já que ela era a sua mulher. Era a primeira vez que os dois se encontravam de novo. Depois, ele se vestiu de novo de escravo e, cheio de feridas, pegou o seu machado e foi voltaíndo, com o seu andar de escravo, até chegar na casa de Uwawá. Deixou o machado perto da parede, entrou e foi sentar-se no seu lugar. Depois, chegou a mulher. Vendo-a voltar, Uwawá disse para ela:

— “Venha distribuir as bebidas”.

Ouvindo isso, ela foi distribuindo as bebidas. Ofereceu também ao escravo bebida boa com a cuia limpa. Vendo isso, Uwawá reclamou:

— “Eu não lhe disse de oferecer ao escravo o resto da bebida com a cuia suja?”

Mas a mulher não obedeceu porque tinha visto que aquele não era um escravo verdadeiro, mas sim o seu primeiro marido.

Pouco tempo depois, chegou uma mosca trazendo vários embrulhos de peixinhos moqueados que ele ofereceu a Uwawá. A mosca disse:

— “Estão subindo muitíssimos peixinhos na Cachoeira do Veado. Por isso, eu vim convidá-lo, nosso chefe, para comer estes peixinhos”.

É que aqui, na terra, estava apodrecendo um veado, por isso é que a mosca falou assim. Os peixinhos de que ela falava são os tapurus: estavam no veado podre. Quando apodrecia uma anta aqui na terra, a mosca falava de “Cachoeira da Anta”. Quando apodrecia uma paca, a mosca falava de “Cachoeira da Paca”, e assim por diante. Falando de qualquer animal, ela a chamava Cachoeira de tal animal.

Ouvindo isso, Uwawá disse aos seus empregados e também à sua mulher:

— “Esta mosca veio nos convidar para comer peixinhos na Cachoeira do Veado. Por isso iremos amanhã. Devemos preparar beiju e farinha, bem cedo, para sair logo.”

E disse logo a Goroponãñĩgũ, o Urubu Preto:

— “Venha cá, você, Cabeça de Urubu. Vai logo para a Cachoeira do Veado, preparar os paris (cercados) para pegar os peixinhos. Eu irei para lá amanhã, junto com os outros”.

Urubu Preto saiu logo. Por isso é que ele sempre chega primeiro para comer um animal podre, porque Uwawá o mandou na frente.

No dia seguinte, Uwawá saiu junto com os outros. Deixou o cargo de cuidar da sua casa ao escravo fingido. A última a sair da casa foi a mulher dele. Buhtari Gõãmũ pegou então o enfeite de penas que se enrolava na flauta de osso de veado, tirou o ipadu da sua boca e, com ele, untou o enfeite para grudar. Depois, tirou um espinho que ele colocou no enfeite, misturado com o ipadu. Aí mesmo, o enfeite se transformou numa grande caba que nós chamamos Yeuhtimũ, isto é, “Caba de Onça”⁴⁰. Buhtari Gõãmũ mandou então esta caba atrás da mulher. A caba foi voando e picou bem no joelho dela. A mulher caiu no chão, meio morta. Aí mesmo, Buhtari Gõãmũ mandou uma sugestão a Uwawá, lhe fazendo dizer:

— “Agora você não pode mais andar. Fica aqui na casa, junto com o nosso escravo, cuidando da casa”.

A mulher ficou com o seu primeiro marido. Buhtari Gõãmũ fez cerimônias sobre a picada da caba. Depois da cerimônia, a mulher ficou forte de novo.

No dia seguinte, Buhtari Gõãmũ disse para a sua mulher:

— “Vamos voltar para a nossa casa”.

— “Você quer me levar? perguntou a mulher. Pois aqui é



40. Ou vespa.

difícil de fugir, porque todas as coisas que estão nesta casa falam. Se você quer me levar mesmo, primeiro jogue fora tudo o que está nesta casa. Somente depois poderemos sair”.

Ouvindo as palavras da sua mulher, Buhtari Gõãmũ começou o trabalho. Jogou fora tudo o que ele via na casa. Sobrou um pedaço de remo quebrado que estava bem escondido debaixo da palha e que ele não tinha enxergado. Quando terminou o serviço, ele disse à mulher:

— “Já terminei de jogar tudo fora. Não há mais nada. Vamos agora”.

Começaram a sair da casa. Enquanto eles estavam passando pela porta, o objeto que ficara na palha voou em cima deles, dizendo:

— “Buhtari Gõãmũ está levando a mulher que Uwawá havia roubado dele. Por isso eu já vou avisá-lo”.

O objeto ia gritando isso. Ouvindo-o, a mulher disse então:

— “Bem que eu disse para você que falavam. Agora a coisa é muito ruim para nós. Uwawá já vai saber”.

— “Bem, vamos assim mesmo”, falou Buhtari Gõãmũ.

Na verdade, o objeto já chegara perto de Uwawá, contando o que tinha visto. Escutando a notícia da fuga dos dois, Uwawá irritou-se e disse aos seus súditos:

— “Vamos esperá-los no meio do caminho”.

— “Muito bem, vamos”, responderam eles.

E foram esperá-los no meio do caminho. Vestiram-se de iraras, que são algo parecidas ao macaco e gostam de chupar cana de açúcar e abacaxi nas roças. Vestidos de iraras, ficaram esperando Buhtari Gõãmũ e sua mulher. Numa árvore, eles abriram um oco de mel e ficaram tirando mel à espera de Buhtari Gõãmũ e da sua mulher. Fizeram um jirau e uma escada para subir até o oco de mel. Eram bastante iraras. Abriram o oco de mel e ficaram tomando o mel dentro do oco mesmo.

Pouco depois, chegou Buhtari Gõãmũ com a mulher. Vendo a macacada toda, Buhtari Gõãmũ perguntou:

— “O que é que estão fazendo aí?”

— “Estamos tomando mel”, responderam.

A mulher perguntou a Buhtari Gõãmũ o que era. Ele respondeu:

— “Estão dizendo que estão tomando mel”.

— “Peça um pouco para mim, disse a mulher, eu também quero provar”.

Mas ele respondeu baixinho:

— “Deixe, vamos embora”.

Mas a mulher não escutou. Insistiu. Então, ele pediu aos iraras:

— “Mande um pouquinho para a mulher, ela também quer provar”.

Então, os iraras jogaram um favo de mel na sua direção. O favo caiu e se espalhou em cima do podredume. A mulher foi lambar o mel no chão. Sentiu esse gosto de doce e mandou Buhtari Gõãmũ pedir mais. Ele disse ainda mais baixinho:

— “Vamos embora”.

Mas a mulher não escutou. Ela mesmo pediu mel aos iraras que lhe jogaram mais um favo de mel. Mas aconteceu como pela primeira vez, isto é, o mel se espalhou no chão. A mulher pediu mais. Eles responderam:

— “Jogar para você não adianta, o mel sempre cai e se espalha no chão. Venha até aqui para lambar o mel. Sobe pela escada, que tem bastante para tomar”.

— “É verdade o que vocês estão dizendo?”, perguntou a mulher.

— “É verdade o que estamos dizendo. Venha tomar!”, responderam os iraras.

Dizendo isso, um irara entrou com a cabeça no oco e tomou mel. Depois, levantou a cabeça e disse para a mulher:

— “Olha aqui como eu estou fazendo. Venha tomar depressa, como eu fiz, aqui tem mel até de sobra”.

Então, a mulher subiu pela escada até o jirau. No jirau, havia uma porção de iraras. Eles mostraram à mulher o oco de mel e também como tirá-lo. A mulher ajoelhou-se sobre o jirau para lambê-lo. Os iraras estavam achando graça quando ela inclinava a cabeça para tomar o mel no oco da árvore. Metiam as suas mãos no traseiro e no xiri dela. A mulher batia nas mãos deles com a sua mão. Mas eles não cessavam. Cada vez eram mais mãos para meter no xiri dela. E a mulher disse, batendo nas mãos deles:

— “Não façam isso comigo. Me deixam, por favor, que ainda vou tomar mel”.

Mas eles não escutaram. Havia cada vez mais mãos para tocar nela e, no final, eles a empurraram para dentro do oco do mel. Aí, ela entrou fazendo um barulho grande. No meio deste barulho, um irara se transformou em Uwawá, isto é, no Urubu Branco ou Urubu-rei. Todos os seus companheiros também deixaram de ser iraras e voaram para cima, levantando-se do jirau. Uwawá disse para a mulher que entrou no oco do mel:

— “Bem feito para você! Assim você acaba de uma vez. Não serás nem mulher do outro e nem minha mulher. Assim estaremos em paz”.

Dizendo isso, ele se levantou do jirau e voou até a casa dele, no espaço.

Buhtari Gõãmũ ficou olhando tudo o que aconteceu, e escutou também as xingações que Uwawá havia dito à sua mulher. Ele queria tirar ela do oco de mel mas não havia jeito: ela já estava morta. Vendo isto, ele a deixou aí mesmo e continuou a viagem até a sua casa. Voltou chorando a perda da mulher que ele encontrara depois de tanto sofrimento.

Depois de muito chorar, Buhtari Goãmũ ficou ainda mais irritado contra Uwawá e disse:

— “Este Uwawá está judiando de mim demasiado. Primeiro, ele roubou a minha mulher e agora a matou. Ele pensa que é invencível. Ele pensa que ele come coisas que a gente não vê. Eu também sou outro. Ele também deve morrer como morreu a minha mulher. Somente depois disso é que eu ficarei satisfeito. Ele também morrerá na hora em que vai comer”.

Dizendo assim, irritou-se ainda mais. Pensou então como ele ia enganar Uwawá. Quem o fez se irritar ainda mais, foi o seu primo, o Inambu⁴¹. Este lhe disse irritado:

— “Muito bem, meu primo. Nós também o mataremos, porque nós somos outros. Ele quis judiar de nós! Ele deverá pagar esta injustiça”.

Buhtari Gõãmũ disse ao seu primo Inambu:

— “Bem, já que você vai me ajudar a matá-lo, eu vou lhe explicar como nos vamos proceder. Nos vamos nos deixar apodrecer porque ele somente come coisas podres. Vou me transformar num veado para apodrecer. Vamos nos deixarmos apodrecer, viu? Eu vou viver bem na pontinha do nariz do veado. Você também faça a mesma coisa. O resto do nosso corpo, nos vamos o deixar apodrecer, como se fossemos verdadeiros animais podres”.

Depois de explicar ao seu primo como eles iam proceder, Buhtari Gõãmũ foi tirar folhas de maniva e deixou-as em montes. Um monte era para ele, o outro para o seu primo Inambu. Aí, os dois esperaram que as folhas de maniva apodrecessem. Quando as folhas estavam bem podres, eles se deitaram em cima dos montes de folhas de maniva. Ao se deitar, Buhtari Gõãmũ explicou mais uma vez como fazer para o seu primo Inambu. Buhtari Gõãmũ se tornou um grande veado e, deitado em cima do seu monte de folhas de maniva, ele começou a



41. *Crypturellus* sp.

apodrecer. Vivia no tracinho que está no meio das bocas do nariz. O resto do seu corpo ficou tudo podre. Não ficou nada vivo.

A mosca chegou logo para pôr os seus ovinhos em cima do veado podre. Depois, levou a notícia a Uwawá, dizendo que na Cachoeira do Veadó estavam subindo muitos peixinhos. Todas as aves do mundo foram logo ver o veado podre, para ver se era um animal podre mesmo, porque eles sabiam o que aconteceu. Por isso, eles se reuniram. O Doutor que examinou o veado foi a mosca. Entrou no corpo do veado para procurar a parte viva. Saiu dizendo que não havia nada de vivo nele. As aves também observaram o veado. O jacu e o cujubim olharam e disseram:

— “Eu estou vendo que ele está vivo”.

Aí, veio também o japu que disse:

— “Eu também digo que o veado está vivo, ele está vendo”.

Então, a mosca entrou no corpo do veado podre uma segunda vez: penetrou pela boca e saiu no trazeiro. E disse:

— “Eu virei toda a barriga, não achei nada”.

— “Ele está vendo”, retrucaram as aves.

A mosca entrou outra vez. Entrou pela orelha, foi até o cérebro e saiu pelo nariz. Quando chegou na boca do nariz, ela experimentou voar para ver se o veado respirava. Mas ele não respirou e nem se mexeu. A mosca disse então:

— “Olha aqui, eu revirei todo o corpo do bicho. Não achei nenhuma parte dele viva. O animal está mesmo podre!”

— “Olha, nós estamos dizendo que o veado está vivo”, disseram de novo os outros.

Mas a mosca que havia revirado todo o corpo do veado não os escutou.

Uwawá estava guiando e olhando a examinação do corpo do veado. Vendo que a mosca não encontrava mesmo nenhuma parte dele viva, ele veio descendo para comer o veado.

Veio com o bastão yegu na mão para furar o peito do veado, porque também ele pensava:

— “Se ele está vivo, somente pode viver aí”.

Por isso, ele veio descendo com o bastão na mão. Pousou em cima do veado, furando-o no peito com o bastão.

Aí mesmo, o veado podre agarrou Uwawá pelo pescoço, com todos os seus enfeites. Todas as aves que estavam olhando voaram, gritando. O jacu, o cujubim e o japu se foram, dizendo:

— “Bem que nós dizíamos que o veado estava vivo. Agora não há mais remédio. Uwawá está nas mãos de Buhtari Gõãmũ”.

Buhtari Gõãmũ disse a Uwawá:

— “Agora sim que eu te tenho nas minhas mãos. Espero que você me mate, porque você já matou minha mulher”.

Aí, os dois começaram a brigar. Depois de muita briga, Uwawá levou Buhtari Gõãmũ até a Maloca de Cima. Quando chegou lá, Uwawá tirou uma fruta de sorva, cuja árvore estava ao lado. Foi essa fruta que ele tirou e deu para Buhtari Gõãmũ. Mas este não a quis pegar. Uwawá insistiu para que ele a pegasse, aí Buhtari Gõãmũ respondeu:

— “Não quero pegar a sua oferta porque você me tratou muito mal. Nunca seremos amigos. Acabaremos com a morte”.

Aí mesmo, os dois se agarraram outra vez. Se Buhtari Gõãmũ tivesse pegado aquela fruta que Uwawá lhe oferecia, ele teria ficado manso, se tornaria amigo de Uwawá e o soltaria. Vendo que Buhtari Gõãmũ não queria mesmo pegar a fruta, Uwawá continuou a briga até o fim.

Buhtari Gõãmũ trouxe Uwawá de novo para a terra. Desceram brigando, até chegar em Urubuquara. Aí, brigaram muitíssimo mesmo, até que Uwawá não agüentou mais. Foi aí, em Urubuquara, que Buhtari Gõãmũ matou Uwawá. Hoje em dia, se vê os sinais da briga de Buhtari Gõãmũ com Uwawá. Estes

sinais estão em Urubuquara, no rio Caiari ou Uaupés.

Aqui termina o segundo mito de Buhtari Gõãmũ com Uwawá, o Urubu-rei.

III

Buhtari Gõãmũ encontrou-se com a filha de Diápĩrõ, a Cobra do Rio e viveu uns tempos com ela. Enquanto o primo dela estava pequeno, ela ficou com Buhtari Gõãmũ. Depois, o seu primo legítimo cresceu e a mulher, vendo que ele já era um rapaz, não gostou mais de Buhtari Gõãmũ.

O primo também a amava muito. Ele era filho de Bohsepũrĩpĩrõ, a Cobra da Folha de Ipadu. Os dois costumavam se encontrar no porto e sempre na mesma hora, ao meio dia, porque a mulher, quando voltava da roça, ia buscar água no porto. Nesta hora é que ele se encontrava com ela. Por isso, quando ela voltava da roça, a primeira coisa que fazia era buscar água. Quando descia no porto, ela mexia a cuia dentro do camuti. Ela fazia assim para que o seu primo escutasse que ela estava indo para o porto. Fazia isso para chamar o rapaz. Ouvindo o barulho da cuia dentro do camuti, ele vinha logo: ele sempre chegava pelo rio. Subindo, ele fazia aparecer um risquinho na superfície d'água. Chegando no porto, ele assumia forma humana, tirava o seu pari e o deixava estendido no chão. Aí, em cima desse pari, os dois coabitavam. Isto, ele fazia todos os dias com ela.

A mulher não gostava mais de Buhtari Gõãmũ, não lhe falava mais, não lhe servia mais comida. Isto é, ela não queria mais vê-lo. Mas Buhtari Gõãmũ já sabia por que ela fazia isto. Mesmo assim, ele mandou que ela preparasse um beiju fresco para ele comer. Mesmo não gostando mais dele, a mulher preparou o beiju e lhe deu. Buhtari Gõãmũ pegou o beiju e agradeceu, mas a mulher não respondeu nada. Ele tirou então pe-

dacinhos desse beiju e os colocou sobre o seu corpo. Os pedacinhos tornaram-se feridas bem feias. Ele fez isso para desagradar ainda mais a sua mulher. Porque ela sempre dizia que ele era feio. Para se tornar ainda mais feio é que ele fez isso.

Depois de pouco tempo, ele pensou matar o amigo da sua mulher. Aí, ele fabricou uma sarabatana. Depois, preparou curare. Quando terminou todo, ele foi esperá-los numa árvore que estava ao lado do porto. Nesta árvore havia umas frutinhas que os passarinhos costumam comer. Por isso, ele fingiu estar matando os pássaros.

Quando voltou da roça, a mulher foi logo para o porto, mexendo a cuia dentro do camuti. Chegou até a beira do rio. Logo veio Bohsepūrīpīrō. Como de costume, ele tirou o seu pari, o estendeu no chão, agarrou a mulher, a deitou sobre o pari e praticou sexo com ela. Buhtari Gōāmũ estava na árvore em cima deles, olhando tudo. Pegou devagarzinho a sua sarabatana e soprou uma seta no rapaz. Este, sentindo que algo tinha entrado nele, mexeu com a mão e a pequena flechinha enrolada com samaumá quebrou. O pedacinho envenenado ficou no seu corpo. A mulher perguntou:

— “O que foi?”

— “Uma mutuca está me picando”, ele respondeu.

Buhtari Gōāmũ, vendo que ele não sabia do que se tratava, soprou mais uma flechinha contra ele. O rapaz fez a mesma coisa. Depois de poucos minutos ele morreu em cima da mulher. A mulher perguntou, o sacudiu, tentou mexê-lo, mas ele não respondeu e tampouco se mexeu. Vendo-o morto, ela se levantou e deixou o cadáver estendido em cima do pari. Revirou então todo o corpo dele, procurando saber o que tinha acontecido, mas ela não enxergou os pedacinhos de flechas envenenadas. Vendo que ele estava morto mesmo, ela tirou o seu brinco e o escondeu debaixo do adorno do seu joelho. Tirou água e voltou para a casa sem dizer nada. O cadáver ficou aí mesmo.

Depois de ela ter ido embora, Buhtari Gõãmũ desceu da árvore para ver o morto. Vendo-o morto mesmo, cortou o seu pau e o embrulhou dentro de uma folha. Depois, ele pescou três peixinhos que embrulhou com outras folhas. Dos dois embrulhos ele fez um pacote só e voltou para a casa, com o embrulho na mão.

Quando chegou, a sua mulher estava preparando beiju. Por isso, o forno estava cheio de brasas. Buhtari Gõãmũ foi à boca do forno, espalhou as brasas e enterrou no meio o embrulho. E ficou esperando, até o embrulho ficar bem assado. Neste mesmo momento, a mulher tirou o beiju do forno. Buhtari Gõãmũ também tirou o seu embrulhinho de peixinhos assados para comer. Pegou um pedaço de beiju, abriu o embrulho de peixinhos assados e começou a comer. A mulher lhe perguntou o que ele estava comendo. Ele respondeu que eram peixinhos. Ela disse então:

— “Por favor, me dê um pouquinho”.

Buhtari Gõãmũ abriu o embrulho contendo o pau do rapaz e lhe deu. A mulher o pegou e comeu. Ela não sabia que aquilo era o pau do seu primo. Quando ela acabou de comer, Buhtari Gõãmũ se levantou, caminhou em direção da sua rede e disse:

— “Aqueles que gostam muito do amor, quando morrem, comem até o pau, não é?”

Dizendo isso, ele se aproximou da sua rede e se deitou. Ouvindo-o, a mulher pensou:

— “Será que ele fez isso para mim?”

Logo pegou a cuia e foi até o porto. Tirou água com a cuia, bebeu e, depois, vomitou no rio. O vômito caiu no rio. Aí é que saiu o pau do rapaz que ela tinha comido. Quando caiu na água, o pau transformou-se no peixe chamado abeyeru, isto é, pau da lua⁴². Este peixe, os Antigos, não o comiam.



42. Trata-se do peixe jeju, da família dos Caracídeos, *Hoplerythrinus unitaeniatus* Spix.

Feito isto, a mulher voltou para a casa. Ela queria se unir outra vez com Buhtari Gõãmũ, mas ele não queria mais dela. Por isso, ele lhe respondia sem gosto quando ela perguntava alguma coisa. Ela queria ficar com ele porque o seu primo havia morrido.

Depois disso, Buhtari Gõãmũ foi roçar. Quando terminou de roçar, ele foi derrubar. Antes de começar a derrubada, ele convidou os passarinhos mais bonitos do mundo a vir ajudá-lo a derrubar a roça. Para fazer esse trabalho, todos eles assumiram forma humana. Quando Buhtari Gõãmũ regressava para a sua casa, eles voltavam a ser passarinhos, e isso, eles faziam todos os dias.

No último dia da derrubada, Buhtari Gõãmũ pensou em tomar o brinco que a sua mulher tirara do rapaz, que era o filho da Cobra da Folha de Ipadu. Mas era difícil tirar esse brinco dela porque ela o havia escondido debaixo da sua joelheira. Por isso, ele pensou se transformar na avó dela. Com efeito, a mulher de Buhtari Gõãmũ tinha uma avó muito velha que ficava sempre na rede. Por isso, ele resolveu tomar a forma dessa velhinha.

A mulher foi para a roça como de costume. Ele também estava derrubando a roça, junto com os outros. Depois, ele foi atrás dela. Antes de apresentar-se à mulher, ele se transformou na avozinha dela: o bastão era da avó mesmo, o cabelo feio e branco, o andar, a língua e a voz eram dela mesmo. O cestinho também. Ele era uma avó perfeita. A velhinha chegou até onde a mulher estava cavando leiras para plantar a mandioca. Aí, a velhinha fingida perguntou para a sua neta:

— “Minha neta, você está trabalhando duro, não é?”

— “Estou sim”, respondeu a neta.

A velha continuou:

— “O serviço é assim mesmo, minha neta. Eu também, quando ainda tinha força, trabalhava como você. Agora não

posso mesmo, porque sou velha demais”.

— “Vovó, você quis mesmo vir hoje?”, perguntou a mulher.

— “Sim senhora, minha neta, respondeu a velha. Eu vim aqui para recolher ciscos de lenha e apanhar um pouco de sol, porque o dia inteiro eu fiquei dormindo na minha rede. Por isso hoje eu resolvi dar uma voltinha aqui na roça e buscar cisquinhos de lenha”.

A neta continuou o seu trabalho. A velhinha, por sua parte, ficou procurando os pauzinhos que deixava no seu cesto. Depois de um certo momento, ela disse:

— “Minha neta, venha tirar o bicho de pé que está no meu pé”.

A mulher deixou o seu instrumento de cavar e veio tirarlhe o bicho de pé. Tirou um espinho e disse:

— “Mostre-me onde está”.

A velha mostrou com o dedo. A neta puxou então o pé da velha, abrindo bem a sua coxa para reparar no xiri dela. Ela queria verificar se era mesmo o xiri da sua avó. Ela fez isto porque estava duvidando a respeito desta velha. Ela sabia que a velha nunca tinha ido à roça. Por isso, ela estava duvidando. Mas não encontrou nenhum defeito. O xiri era da velha mesmo.

Enquanto ela estava tirando o bicho de pé, a velha perguntou:

— “Minha neta, é verdade que você tem o brinco que tirou do seu primo?”

A mulher respondeu:

— “Quem disse para a senhora que eu tenho o brinco do meu primo? Eu não tenho nenhum brinco”.

— “Aquela gente me contou, insistiu a velha. Buhtari Gõãmũ disse para os outros 'A minha mulher tem um brinco, eu sei que ela o tem. Um dia, vou tirar esse brinco dela'. Assim é que ele contou para eles. E eles me contaram assim. Por isso é que eu vim perguntar para você se tinha mesmo esse

brinco. Eu vim hoje por causa desse brinco, antes que Buhtari Gõãmũ o tire de você. Porque ele não vai perguntar para mim: eu sou velha, fico sempre na rede. De você sim, ele vai tirá-lo. E eu não quero ver você chorar. Se você me der o brinco, eu vou colocá-lo num camutizinho, tampar bem e enterrá-lo debaixo da minha rede. Assim, Buhtari Gõãmũ não lhe roubará. Se, por acaso, ele me perguntar, vou xingá-lo, vou dizer para ele, por exemplo: 'Eu não sei de nada'. Por isso é que eu vim aqui lhe perguntar, escondida dele, enquanto ele está derrubando a roça”.

A mulher então caiu no engano da velhinha e tirou o brinco que ela lhe entregou. A velha disse:

— “É este brinco que Buhtari Gõãmũ queria tirar de você? Que brilho especial ele tem! Eu sei que você ia chorar muito se ele o tirasse de você. Agora sim, esse brinco ficará sempre seu! Eu vou guardá-lo bem para você. Muito bem, minha neta, eu já vou indo, antes que o Buhtari Gõãmũ volte. Quero estar em casa antes dele, para ele não saber deste acontecimento. Só para isso eu vim. Se eu não viesse, com toda certeza Buhtari Gõãmũ tiraria de você esse brinco”.

Dizendo isso, a velha fingida se levantou, pegou o seu bastão, carregou o cesto velho e voltou para a casa. Enquanto voltava, ia recolhendo os ciscos e os pondo no cesto. Quando desapareceu da vista da sua neta, isto é, quando entrou no caminho de volta, ela jogou fora o seu bastão. Quando o bastão caiu no chão, ele se transformou em muçurana. Ela tirou o cesto velho que carregava nas costas e o deixou ao lado do caminho. O cesto velho se transformou em casa de cupim. Depois disso, Buhtari Gõãmũ tirou a veste de velha e a deixou em cima de um toco de pau. Depois de tirar tudo, ele não era mais uma velha, era mesmo Buhtari Gõãmũ. E foi junto com os outros derrubar paus.

Depois de umas horas, a mulher vinha voltando da roça.

Buhtari Gõãmũ fez um jirau para derrubar uma árvore que estava na beira do caminho. Enquanto ele estava derrubando, a mulher vinha chegando. Quando ele a viu, ele tirou um cipó fino, o enfiou no brinco e o colocou na sua orelha. Quando a mulher se aproximava dele, ele assobiou baixinho. A mulher virou o olhar e viu Buhtari Gõãmũ com o seu brinco. Enquanto ela estava olhando para ele, ele mexeu a cabeça para fazê-lo brilhar. Aí ela chorou mesmo, porque perdeu o brinco que guardava como lembrança do seu primo.

Ela voltou logo para a casa e perguntou para a sua avó se ela tinha ido até a roça. A velha respondeu que não tinha ido. Ouvindo isso, a mulher ficou tão irritada que ela xingou a velhinha. Mais tarde, Buhtari Gõãmũ voltou para a casa. A mulher não lhe disse nada, porque ela queria ficar ainda com ele. Mas ele não queria mais dela.

Poucos dias depois, Buhtari Gõãmũ foi tirar bacabas perto da Maloca de Cima. Deitado na sua rede, antes de dormir, ele comeu estas bacabas. Embaixo dele, estava a sua mulher. Ouvindo-o mastigar, ela perguntou o que ele estava comendo. Ele respondeu que era bacaba. Ela disse então:

— “Dê-me uma”.

Buhtari Gõãmũ lhe deu uma bacaba. Ela comeu. Sentiu um gosto tão agradável no paladar que ela pediu mais uma. E ele deu. Depois, ela pediu mais, mas ele disse que acabou. Aí ela perguntou se havia muitas frutinhas onde ele as tirou. Ele disse:

— “Há muitas!”

A mulher disse que queria comer muitas daquelas frutinhas, daquelas bacabas. Buhtari Gõãmũ disse-lhe então:

— “Se você quiser comer bastante bacaba, prepare caxiri que eu farei dabucuri dessas frutas para você”.

A mulher prometeu fazer caxiri e os dois marcaram o dia do dabucuri. Enquanto ela estava preparando o caxiri, Buhtari

Gõãmũ começou a colher as frutinhas, junto com seus amigos, os passarinhos. Nò dia do caxiri, eles trouxeram as bacabas para a casa. Buhtari Gõãmũ, neste dia, não parecia mais ser leproso. O rosto dele e de todos os seus convidados era um só. Buhtari Gõãmũ fez isso para atralhar a sua mulher. E conseguiu mesmo. A mulher não reconhecia mais Buhtari Gõãmũ, porque todos tinham o mesmo rosto.

Quando eles entraram na casa, ela lhes ofereceu um lugar para sentar. Ficaram sentados em fila. Depois, ela começou a oferecer-lhes bebidas com uma grande cuia. Ela entregou a cuia ao primeiro, mas este disse:

—“Eu não sou o teu marido. Este é o teu marido”.

Dizendo isso, ele indicou o segundo da fila. Então, a mulher entregou a cuia ao segundo que falou:

—“Eu também não sou o teu marido. Este é o teu marido”.

Dizendo isso, ele apontou ao terceiro. O terceiro apontou ao quarto, o quarto ao quinto, e assim por diante. No fim, estava sentado o Arapaço. Foi este que aceitou a cuia. Depois, ele a deixou no chão, agarrou a mulher e a levou para fora. Aí, ele fez o que queria com ela, isto é, praticou sexo com ela. Buhtari Gõãmũ tinha dado esta ordem, pedindo que o Arapaço fizesse isso com ela. Deu-lhe esta ordem porque ele não queria ver mais a sua mulher. Depois disso, deram entrada aos cestos de frutinhas. Buhtari Gõãmũ e os seus amigos se enfeitaram e todos começaram a cantar e dançar. A mulher somente apareceu de noite, porque foi somente à noite que o Arapaço a deixou livre. E ela andava rodeando-os, oferecendo-lhes caxiri.

Buhtari Gõãmũ cantou assim:

— “Kamísiri, kamísiri, wapiyakawa,
mari kaya, maripi, maripi.
ya kamísiri wewayuriya,
kamísiri wayuriya”.

Assim, ele cantava as xingações que havia ouvido da sua

mulher, e ele dizia mais coisas ainda. Até que amanheceram. Quando estavam pelas seis horas da manhã, a mulher ficou no chão, dormindo. Vendo-a dormir, Buhtari Gõãmũ cantou o seguinte:

— “Filha do Sábio de Peixe, durma deitada, durma deitada.
Diá waikumumahkõ kanikuña, kanikuña,
wapiyakawa; mari kaya
maripi, maripi
ya dikawaya wewayuriya,
kamísiri wayuriya”.

Ela estava dormindo. Enquanto dormia, o rabo do filho da Cobra da Folha de Ipadu saiu do xiri dela: com efeito, a mulher de Buhtari Gõãmũ era grávida de Bohsepũrĩpĩrõ.

Buhtari Gõãmũ estava para iniciar a parte da dança chamada Wiribayariru, isto é, o “Canto de Saída”. Nessa parte, os dançadores costumam sair para fora de casa, dançando no pátio em frente da porta. Por isso, Buhtari Gõãmũ, com todos os seus companheiros, saíu para fora da casa. Aí, no pátio fizeram uma roda, cantando. Deram uma volta. Quando ele começou a cantar outra parte, Buhtari Gõãmũ disse aos seus companheiros:

— “Preparem-se bem, nós vamos subir no céu”.

Ouvindo essa palavra de Buhtari Gõãmũ, a sua cunhada disse:

— “Eu quero subir contigo, eu quero ser tua”.

Mas Buhtari Gõãmũ respondeu:

— “Eu não quero mais de todas vocês, vocês são mulheres que não prestam”. Mas a moça retrucou:

— “Eu, estando contigo, nunca farei o que lhe fez a minha irmã”.

Mas Buhtari Gõãmũ não queria levar nenhuma mulher. Ele começou a subir no céu até a altura das árvores. Aí desceu para a terra. Depois, começou a se levantar outra vez no céu.

Quando chegou na altura das árvores, Buhtari Gõãmũ, junto com os seus companheiros, largou as mulheres que dançavam com eles. Somente as mulheres desceram para o chão. Buhtari Gõãmũ com os outros subiu pelo céu. Assim foi a ascensão no céu de Buhtari Gõãmũ.

No dia seguinte, a mulher de Buhtari Gõãmũ foi pegar camarões no igarapé. Na sua peneira entravam camarões, às vezes alguns acarazinhos. Encontrando-os, ela exclamava:

— “Ah, meu zinho!”

Ouvindo a exclamação da sua mãe, a cobra, dentro da sua barriga, logo perguntava:

— “O que é mãe?”

— “É camarão”, respondia a mãe.

Quando encontrava um acarazinho, dizia:

— “É acará”.

Ele respondia:

— “Vou comer eu, mamãe”.

Depois, ela encontrou a frutinha de cunuri. E logo ele perguntou o que era isso.

— “É cunuri”, ela respondeu.

Ela o mandou subir na árvore para apanhar as frutinhas. Então, ele começou a sair do seu ventre e a subir na árvore. Mas ele era tão comprido que não acabava de sair dela. Vendo isso, a mãe fez a árvore crescer mais. Só aí é que ele acabou de sair dela. Mas, mesmo assim, o seu rabo ficou se segurando no corpo da mãe. Ele sempre perguntava alguma coisa para a sua mãe que cada vez lhe respondia.

Ela fez então uma cerimônia com a sua saliva que ela deixou em seguida ao pé da árvore, junto com o rabo da cobra. Esta saliva transformou-se no sapinho chamado em desana pīrōnihikoro⁴³.



43. Não identificado.

Este é que se pôs a responder às perguntas dele, no lugar da mãe.

Feito isso, a mulher fugiu na sua canoa. Quando chegou perto do porto da casa dos seus pais, ela virou o remo. O sol bateu no remo e o brilho do sol bateu bem no rosto da cobra. Aí mesmo ele veio gritando, mas ela correu para dentro da casa. Os seus parentes fecharam as portas, a escondendo debaixo de um grande camuti. O filho da Cobra da Folha de Ipadu caiu em cima da casa. Aí, ele fez crescer o rio. Vendo isso, os parentes da mulher foram abrir o camuti e viram dentro um grande peixe, um pirarara⁴⁴. Pegando-o, o jogaram no rio. Aí mesmo o rio decresceu. O filho também foi com ela.

Explicação dos três mitos de Buhtari Gõãmũ

Destes mitos é que saíam os mandamentos dos Antigos. O primeiro mito de Buhtari Gõãmũ era como o Sexto Mandamento da Lei de Deus: “Não pecar contra a castidade”. Porque Buhtari Gõãmũ cometeu o pecado contra a castidade com as filhas do Irara, ele foi castigado pelo pai das moças. Esse mito era contado para os rapazes e para as moças, para eles não cometerem isto sem a ordem dos pais; para não haver estragos por causa disso, para não acontecer nenhum mal por causa disso. É que os tuxauas e os sábios ou kumua, isto é, os rezadores, faziam esta pregação aos seus filhos. Ademais, Buhtari Gõãmũ cometeu também pecado com Amõ, e recebeu um castigo terrível por isso. Este mito era assim narrado para mandar respeitar as velhas de idade. Era também dirigido aos rapazes.

O segundo mito era como o Nono Mandamento da Lei de Deus: “Não desejar a mulher do próximo”. Esta lei era para os homens: não roubar a mulher do outro, e também não pecar



44. Mahawi em desana, Phractocephalus hemiopterus.

com a mulher do outro. Porque isto era caso de briga, podia causar até a morte, como aconteceu com Uwawá.

O terceiro mito era destinado às mulheres. Esta lei era “Não pecar com outro, mesmo tendo marido”. Para não acontecer a mesma coisa nesse mito, onde se viu Buhtari Gõãmũ abandonar para sempre a sua mulher.

No meio desses mitos, tiram-se cerimônias bem comprovadas e eficazes. Aqui terminam os três mitos sobre Buhtari Gõãmũ.



Mito de origem da mandioca

A princípio, não existia mandioca para a humanidade. Mas havia um homem chamado Baaribo, quer dizer, aquele “que tem comida”. Baaribo tinha toda espécie de plantas que a gente come no mundo. Ele as tinha em si mesmo, dentro de si mesmo. Transformando-se, ele produzia a comida. A ele, comida nunca faltava.

Baaribo morava pelo norte. A sua esposa era do grupo Suramahsô, “Macaca Barriguda”⁴⁵. Ela teve dois filhos com ele, Doé e Abe. Doé, o primogênito, encontrou uma mulher como esposa. Todos viviam juntos, numa mesma maloca.

O filho menor de Baaribo acostumou-se a cometer pecado com a mulher do seu irmão. Este acabou por suspeitá-lo de ter relação sexual com a sua mulher e ficou vigiando os dois para ver se isso era mesmo verdade. Era pura verdade! Por isso, o filho primogênito de Baaribo começou a ter raiva do seu irmão menor.

Um dia, o menor ficou cozinhando caraiuru, a tinta vermelha para pintar o rosto. Saiu cedo da casa e ficou perto do porto. O irmão maior estava na casa e a sua mulher foi para a roça. Ela voltou da roça de tarde. Logo ao voltar, ela pegou o camuti e foi para o porto, buscar água. O rapaz ainda estava no porto fazendo o seu serviço. Por isso, vendo a mulher chegar ao porto, ele correu, agarrou-a e ficou praticando sexo com ela, como era o costume dele.

O marido, sabendo que o seu irmão estava ainda no porto, foi logo atrás da sua mulher para olhar. Quando chegou no porto, ele viu os dois amando-se. Ficou tão irritado que pegou um pedaço de pau e, com ele, matou o seu irmão.



45. Lagothrix lagotricha.

Só não matou a mulher. Depois, pegou um pari, enrolou o corpo do irmão e o enterrou na lama. Depois de ter feito isso, ele voltou para a casa sem dizer nada para o seu pai, e nem brigou com a sua mulher, para ninguém saber.

O sol já estava entardecendo. Vendo que o rapaz não chegava em casa, Baaribo incomodou-se e foi ver até o porto. Mas não o encontrou. Voltando em casa, ele perguntou ao seu filho primogênito mas este respondeu que não o tinha visto. Daquele dia em diante, Baaribo ficou procurando o seu filho caçula. Perguntou a várias pessoas da sua casa, mas ninguém sabia de nada. Aí, ele andou nos povoados por perto, sem conseguir notícias do seu filho Abe. Vendo que não encontrava nenhuma testemunha, Baaribo teve uma idéia: a de se transformar num pássaro chamado japu⁴⁶ para ouvir as conversas dos outros sem ninguém suspeitar. E foi voando até os povoados distantes, para ver se conseguia alguma informação sobre o filho perdido. Descia nos povoados transformado em japu para ouvir as conversas das pessoas, mas ninguém falava dele. Depois, ele voou para as roças com o mesmo propósito. Encontrou uma roça em que quatro mulheres estavam trabalhando.

Baaribo, transformado em japu, desceu na roça voando e pousou bem no meio das mulheres. Mexeu as suas asas, fazendo sinal que estava com fome. Vendo-o, as mulheres se aproximaram dele e começaram a falar. Uma perguntou:

— “De quem será esse japu?”

— “Deve ser do filho do Baaribo, ele deve estar procurando o seu dono”, respondeu outra.

Aí, outra perguntou:

— “E ele, para onde ele foi?”

— “Você não ouviu falar do que aconteceu?”



46. Umu em desana, *Ostinops* sp.

A mulher respondeu que não. Aí, ela começou a contar o que tinha acontecido, e também diz onde e como ele foi enterado. O japu ficou escutando a conversa das mulheres, que estavam falando da morte do seu filho menor que o primogênito havia matado.

Depois de ouvir tudo isso, o japu, isto é, Baaribo, voltou para a sua casa. Logo ao chegar, ele foi olhar na lama embaixo do porto, segundo a explicação das mulheres da roça. Era verdade mesmo, o corpo do seu filho estava enrolado num pari enterrado na lama. Vendo-o, Baaribo puxou o corpo do seu filho para fora da lama, o lavou bem e abriu a esteira. Ele viu então que o corpo do seu filho estava meio-podre, que ele já cheirava o podre e também que o pau dele estava cortado. Vendo isso, ele se pôs a pensar como fazer para trazer de volta à vida o seu filho. Fez então uma cerimônia sobre o cadáver para que voltasse à vida. Pouco depois, a vida voltou no seu filho que se levantou. Baaribo perguntou então por qual motivo ele tinha sido morto pelo próprio irmão. O filho menor contou tudo. Aí, o pai disse:

— “Meu filho, vocês dois são os meus filhos. Vamos voltar para a nossa casa. Eu vou aconselhar ao teu irmão para ele não se irritar mais contigo”.

O filho mais moço respondeu que não queria voltar para a casa, que ele queria morrer mesmo. Aí, o pai o aconselhou outra vez, e ele respondeu que tinha vergonha porque não tinha mais pênis. Ouvindo isso, Baaribo inventou um cogumelo que se costuma encontrar nos paus podres e que se chama abeyeru, isto é, “pênis da lua”⁴⁷. Ele o colocou no lugar do membro cortado. Depois de ter feito isto, Baaribo disse para o seu filho:



47. Não identificado.

- “Vamos agora para casa, meu filho”.
- “Será que não vão rir de mim?”, perguntou o filho.
- “Não meu filho, respondeu Baaribo, tudo está perfeito como antes”.

Então, o filho ressuscitado concordou em ir para a casa. Enquanto Baaribo estava fazendo isso no porto, o seu filho maior, o criminoso, escutou a notícia que o seu irmão estava vivo de novo. Aí mesmo, ele começou a preparar a veste de um passarinho que se aninha na cumieira da casa chamado ñamakasērēō⁴⁸. Quando aprontou a veste do passarinho, experimentou vestir-se. A veste deu perfeitamente nele. Ele voou em cima da casa, bem na ponta da cumieira, esperando a volta do irmão ressuscitado.

Quando este já estava para chegar, da ponta da cumieira, o passarinho cantou:

- “O fantasma está chegando, siu, siu, siu”.

Ele disse isso porque ele próprio o tinha matado. Ouvindo isto, o ressuscitado não quis mais seguir os passos, e disse ao pai:

- “Eu não quero mais voltar para a casa papa, porque o meu irmão está me chamando de fantasma”.

Dizendo isso, ele virou as costas e foi entrando na mata. O pai o segurou pela mão, tirou o seu enfeite que mantinha às penas de arara na sua nuca e lhe entregou. E mandou-o embora. O filho menor pegou o enfeite, aproximou-se de uma árvore grande e bateu com ele nela. Depois entrou na mata. Agora, ele é chamado Saropau, o “Batedor de Sapupemas”. Às vezes, ouvimos na mata umas batidas fortes: é ele.

Baaribo entrou sozinho em casa e chorou muito a perda do seu filho amado. Prometeu chorar por um mês, porque ele



48. Não identificado.

queria morrer também e desaparecer junto com o seu filho. Sabendo da intenção de Baaribo, todos os seres existentes no mundo reuniram-se para chorar com ele: a humanidade e os animais também. Alguns consolavam-no, mas ele não aceitou. Chegou também Wehku⁴⁹, a Anta, para chorar o filho de Baaribo. Mesmo sendo grande, Wehku tinha uma voz fina e chorava assim:

— “Paniku, paniku, paniku”, isto é, “meu bisneto, meu bisneto, meu bisneto”.

Depois dela, chegou Yorada, a pequena cobra muçurana⁵⁰. Esta cobra é igual ao fio de espinhel, de tão fina ela é. Todavia, mesmo sendo muito fina, ela chorava com voz grossa:

— “Paniku, paniku, paniku”.

Baaribo continuava inconsolável. Já não entendia mais nada, de tanto chorar. O seu brinco estava virado e prestes a cair. Era sinal de que ele já estava para morrer. E, com ele, desapareceria todo o alimento do mundo, tal como mandioca, batata, cará, cana de açúcar, pimenta e mais outros alimentos. Vendo isso, a sua mulher se aproximou dele, o tocou no ombro e, sacudindo-o, disse:

— “Pai de Abe, não chora tanto, o seu brinco já está virando”.

Depois sacudiu-o com mais força. Baaribo virou então o olhar e viu a sua mulher. Vendo ela tentar consolá-lo, ele pensou:

— “Minha mulher não chora tanto quanto eu. Eu, que sou homem, estou chorando no lugar dela. Ela é que deveria chorar muito!”

Pensando isso, ele endireitou o seu brinco e resistiu de chorar. E pensou que não adiantava chorar tanto. Se a mulher



49. Tapirus terrestris.

50. Cobra da família Colubrídeos, Pseudoboa claelia.

não o tivesse sacudido, Baaribo teria desaparecido e, com ele, toda a alimentação do mundo.

Passados alguns dias, Baaribo disse para a sua mulher:

— “Você tem filhos sem juízo. Por isso, eu não quero mais tê-la como minha esposa. Eu a deixarei para sempre, e ao seu filho também. Fique com ele, eu vou sair daqui para sempre”.

Depois de dizer isso, ele saiu da casa e foi descendo pelo sul, procurando mulheres como esposas. Primeiro, entrou na casa dos Bohsomahsã, isto é, das Acutivaias⁵¹. Quando entrou, viu mulheres muito bonitas, porém finas e branquinhas. Ele não as quis porque achou-as demasiado finas. Depois, Baaribo continuou a sua viagem e chegou à casa dos Buamahsã, isto é, das Cutias⁵². Ficou uns dias aí, reparando o modo de estar delas. Nesta casa, ele viu também mulheres de certa linha. Porém, elas tinham um defeito: a parte branca dos olhos era vermelha. Por isso, ele não gostou delas e não as quis como esposas. E continuou a viagem, até que chegou à casa dos Wehkumahsã, ou seja, a casa das Antas. Lá também, ele parou alguns dias. Nesta casa, ele viu as mulheres-antas: eram gordas, mas tinham pernas finas e eram morenas. Baaribo não gostou delas, porque eram negras e tinham pernas finas.

Depois de alguns dias, seguiu a viagem. Todos os seres que existem no mundo estavam falando do que tinha acontecido e sabiam que Baaribo estava descendo para o sul procurando mulheres para casar. Wariro também escutou falar isso. Ele morava numa serra, a meio caminho do sul. Ainda hoje se vê essa serra que fica na boca do Curicuriari ou rio Papagaio Curica, abaixo de São Gabriel da Cachoeira. Aí é que morava Wariro. Ele tinha duas filhas bonitas. Essas moças também



51. *Myoprocta exilis*.

52. *Dasyprocta* sp.

tinham ouvido falar que Baaribo estava procurando mulheres para casar. Ele próprio soube que Wariro tinha filhas moças, muito bonitas, e teve vontade de conhecê-las.

Depois de viajar muito, ele chegou na casa de Wariro. Ao chegar, saudou-o assim:

— “Alô, titio, eu vim visitá-lo”.

Wariro o recebeu com muito gosto, oferecendo-lhe um banco para sentar. Depois do pai, vieram as duas moças para cumprimentá-lo. Eram moças bonitas. Baaribo as achou bonitas e sinceras de coração. Elas também gostaram dele. Trouxeram-lhe quinhapira e beiju, mas muito mal feito, porque de uma fruta do mato chamado uhsi⁵³. Depois, trouxeram-lhe mingau de tapioca, também sem muito gosto. Baaribo fingiu comer a quinhapira e tomar o mingau, mas elas viram que ele estava fingindo e riram envergonhadas. Depois Baaribo contou a Wariro toda a sua vida e a razão da sua ida para a casa dele. As moças também o ouviram.

Ao anoitecer, Baaribo procurou o seu saquinho de onde tirou um pedacinho de beiju de tapioca pura que entregou à moça mais nova, ordenando-lhe que o deixasse no balaio do beiju. Em seguida, tirou um pequeno embrulho de peixe moqueado e o entregou à mesma moça para que ela o colocasse no jirau em cima do fogo. Ao mesmo tempo, tirou um pequeno pacote de maniuaras e mandou colocá-lo junto com o embrulho de peixe moqueado. Por fim, entregou-lhe beiju de caxiri assim como um tipo de cará, que se chama em desana ñahamanañe⁵⁴ e se costuma usar como tempero do caxiri, a fim de que ela os deixasse dentro do camuti de caxiri. A moça obedeceu às instruções de Baaribo. Ele lhe deu então a ordem



53. Não identificado.

54. Não identificado.

de não olhar no camuti de caxiri até as dez horas da noite. Depois disso, cada qual deitou-se em sua rede para dormir.

A moça acordou na hora certa. Levantou-se da rede, acendeu o seu turi e foi ver o camuti de caxiri. O camuti estava cheio de caxiri já fermentado. Em seguida, foi ver o jirau onde tinha deixado os embrulhos de peixe moqueado e de maniuaras e também o encontrou cheio. Por fim, foi espiar o balaio de beiju que ela também encontrou repleto de beijus. Diante desses milagres, as duas moças gostaram mais ainda de Baaribo.

De manhãzinha, a casa de Wariro estava cheia de comidas e bebidas. Wariro ficou muito contente de ter arranjado um genro tão poderoso. E as moças também estavam com grande alegria de ter um marido tão poderoso. No dia seguinte, Baaribo disse para as suas novas esposas:

— “Mostrem-me a mata virgem onde vocês gostariam de fazer uma roça”.

Ouvindo isso, as moças o levaram na mata e mostraram-lhe o lugar onde queriam ter uma roça. Então, Baaribo lhes disse:

— “Delimitem o tamanho que quiserem, enquanto isso eu fico aqui tecendo aturás para vocês”.

As moças saíram marcando sua futura roça enquanto ele foi à mata recolher o cipó chamado em desana puisîgãda⁵⁵ para trançar os aturás. Passada meia hora, elas já tinham dado volta ao lugar demarcado, porque queriam fazer uma roça circular. Baaribo perguntou-lhes se haviam feito a demarcação bem redonda e elas responderam afirmativamente. Então, ele disse:

— “Agora vocês vão voltando. Esperam por mim no caminho. Não venham olhar, por favor, se vocês ouvem algum barulho”.



55. Cipó-titica (*Heteropsis* af. *Jenmani*).

Elas responderam que sim e foram voltando, segundo a ordem dele. Baaribo foi então até o centro do círculo onde começou a queimar por si mesmo. O fogo pegou nas árvores grandes e foi queimando a mata. Mas ele não ultrapassou os limites marcados pelas moças. As árvores começaram a cair. Ao ouvir o barulho do fogo, a maior das duas irmãs disse:

— “Vamos espiar para ver o que está acontecendo”.

Mas a menor retrucou:

— “Ele nos proibiu olhar, você não se lembra?”

Mas a primogênita não escutou e foi olhar. Quando chegou lá, viu Baaribo todo enfeitado queimando no meio do fogo. Mas ele percebeu que ela estava o espiando porque o brinco caiu da sua orelha. Depois de ter olhado, a moça voltou no lugar onde se encontrava a sua irmã e contou-lhe o que tinha visto.

Passada meia hora, Baaribo chegou no lugar onde elas estavam e disse:

— “Vocês não escutaram os meus conselhos e foram espiar”.

Ouvindo isto, a menor disse:

— “Só esta que foi espiar”.

Mas Baaribo as acalmou para que elas não discutissem muito entre si. Até que voltaram em casa.

No dia seguinte, Baaribo disse para as suas duas esposas:

— “Vamos ver se a nossa roça queimou bem”.

Sairam cedo e foram para a roça. Quando chegaram lá, encontraram-a cheia de diversas frutas e abelhas que zumbiam tirando o mel das flores das manivas: A primogênita, entusiasmada, saiu correndo para ver de perto suas frutas e suas manivas, gritando:

— “Minhas frutas e minhas manivas!”

Só deu três passos, pisou num toco e caiu no chão. Era o castigo que lhe infligiu o brinco de Baaribo por ter ido espiar enquanto ele queimava. Ao cair, a mulher perdeu os sentidos

e urinou. Por onde a urina caiu, começou a brotar capim. Não fosse a desobediência dela, não haveria capim nas roças.

Baaribo fez uma cerimônia para a mulher voltar a viver. Depois, mandou ambas arrancarem a mandioca, cuja raiz já saía sem casca, pronta para ser ralada. Encheram os aturás de mandioca e de frutas e voltaram para casa. Então, Baaribo disse:

— “Vocês não devem comer coisa alguma antes de ralar as mandiocas. Nem mesmo tomem chibé. Comam somente depois de ter ralado tudo”.

Elas lhe obedeceram e, num instante, ralaram todos os tubérculos de mandioca, como se fossem poucos. No dia seguinte, voltaram a fazer esse serviço. Quando chegaram na roça, viram que ela estava cheia de capim. Era o castigo por causa da urina da mulher. Assim começou o tempo da mulher trabalhar duramente, suando muito. Mas elas se conformaram. Ao arrancarem a mandioca, a casca ainda continuava na terra. Isso durou cinco dias. Depois, a primogênita, voltando da roça com muita fome, comeu antes de ralar. Nesse instante, nos próprios aturás, a mandioca começou a criar casca. Foi o segundo castigo que as mulheres receberam por sua desobediência. Baaribo disse:

— “Eu lhes tinha dito de não comer nada antes de ralar”.

A irmã menor ficou danada com a primogênita mas Baaribo tratou de acalmá-las. Depois, elas começaram a descascar as mandiocas, mas as cascas se multiplicavam. Aí, pediram ajuda aos sapos chamados em desana taromana⁵⁶. É por isso que, hoje em dia, esses sapos têm beiços grandes, porque descascaram com suas bocas. No dia seguinte, as duas mulheres foram outra vez na roça. Quando arrancavam, a mandioca saía com casca, como agora. Era o castigo por sua desobediência.



56. Não identificado.

Depois de alguns meses, as duas mulheres ficaram grávidas. Cada um dela teve um menino. O da primogênita chamou-se Ñamiyoariru, isto é, “Estrela Vespertina”, o da irmã mais nova, Boyoriru, “Estrela da Manhã”. Depois de vários anos, os filhos de Baaribo já eram moços. Vendo-os crescerem, ele se lembrou do seu filho criminoso que ele tinha almadidoado. E disse consigo mesmo:

— “Almadiçoei o meu filho primogênito porque ele matou o próprio irmão. Mas ele também é meu filho. No lugar do morto, já tenho dois filhos. Vou convidar o meu primeiro filho para lhe ensinar os ritos da mandioca para ele ter também um bom meio de vida”.

Chamou então Boyoriru a quem ele contou toda a história. Depois, ele lhe disse:

— “Agora, você vai pelo norte até a casa do seu irmão maior Doé. Diga para ele que eu o convido aqui”.

Boyoriru partiu por ordem do pai. Quando chegou na casa de Doé, ele o saudou da seguinte forma:

— “Sów ! gãmũrẽ mahsãkarimahsũ”, isto é, “Alô, eu vim visitar o meu irmão maior”.

Doé veio cumprimentá-lo e ofereceu-lhe um banco para sentar. Depois, vieram saudá-lo a mulher e a velha mãe de Doé e, por fim, a viúva de Abe. Quando aproximou-se para cumprimentá-lo, ela chorou porque viu o jovem parecido como o seu finado marido. Mas Boyoriru disse logo:

— “Eu não sou o teu finado marido, eu sou outro”.

Ouvindo isso, a viúva chorou mais ainda. Depois, a mulher de Doé trouxe quinhapira e um beiju pobre feito de uhsi porque não tinham mandioca. Depois de devolver o resto de quinhapira, Boyoriru começou a falar, falando do recado do pai, isto é, do seu convite. Doé aceitou e respondeu que ia. No dia seguinte, Boyoriru voltou a falar e insistiu para que Doé chegasse no dia marcado.

Doé partiu no dia marcado. Com ele foram a sua mulher, a sua velha mãe e a viúva de Abe. Baaribo estava esperando com caxiri a vinda do seu filho. Doé chegou na casa do seu pai ao meio dia. Quando chegou, disse:

— “Alô! venho visitar o meu pai”.

Baaribo o recebeu com muito carinho e chorou muito, vendo o seu filho. Doé também chorou. As esposas de Baaribo vieram cumprimentá-lo e a todos que chegaram. Depois, trouxeram quinhapira, beiju, peixes e os ofereceram para eles. Em seguida, Baaribo ofereceu caxiri a Doé e, com ele, começou a se lembrar de tudo o que tinha acontecido. Por fim, chorou outra vez e deu ao filho a mão de paz, a mão do pai, colocando um fim à sua maldição.

Já estava escurecendo. Aí, Baaribo começou a avisá-lo do que ele tinha feito com as manivas. Falou assim:

— “Eu escondi as mudas de maniva no pé da árvore chamada nogêmũ⁵⁷. É là que eu as deixei. Por isso, você roça o pé em torno dessa árvore e derruba a mata próxima. Depois, você queima. Assim vai brotar a maniva e todos terão mandioca para comer”.

Por fim, ensinou-lhe as cerimônias. Amanheceu e eles foram dormir pelas seis horas da manhã.

No dia seguinte, as mulheres de Baaribo levaram as mulheres hóspedes à sua roça a fim de arrancarem mandioca para o rancho que levariam na viagem de volta. A antiga esposa de Baaribo também foi. Estava com muito ciúme das novas esposas de Baaribo e fez um rito com a maniva para maltratá-las. Ao arrancar a mandioca, ela quebrou a maniva de tal jeito que uma lasca acertou o olho da primogênita. Esta caiu no chão meio morta. Levaram-na de volta para casa. Quando chegaram,



57. Não identificado.

Baaribo já sabia do acontecimento e fez uma cerimônia para curá-la. A mulher ficou boa de novo.

No dia seguinte, Doé voltou ao norte com o seu grupo. Quando chegou, fez conforme as explicações de Baaribo. Junto a árvore nogêmũ encontrou a muda de maniva que, tratada de acordo com as ordens de Baaribo, multiplicou-se, dando mandioca para toda a humanidade. Depois de algum tempo, Doé quis ir outra vez para a casa de Baaribo, mas não encontrou mais o caminho. O caminho estava cerrado. Baaribo tinha fechado o caminho para ele não vir mais. Ele só tinha aberto o caminho para o filho vir escutar as cerimônias que ele não lhe havia ensinado por causa do seu crime. Quando se arrependeu, ele se lembrou do seu filho. Depois de ter-lhe entregado um pouco do seu poder, ele fechou o caminho porque sabia que o seu filho maior teria comida, quase quanto como ele. Daquele dia em diante, nunca mais se viram, um ao outro.

Assim termina o mito de origem da mandioca. Hoje em dia, ainda existem as palavras das cerimônias mencionadas.

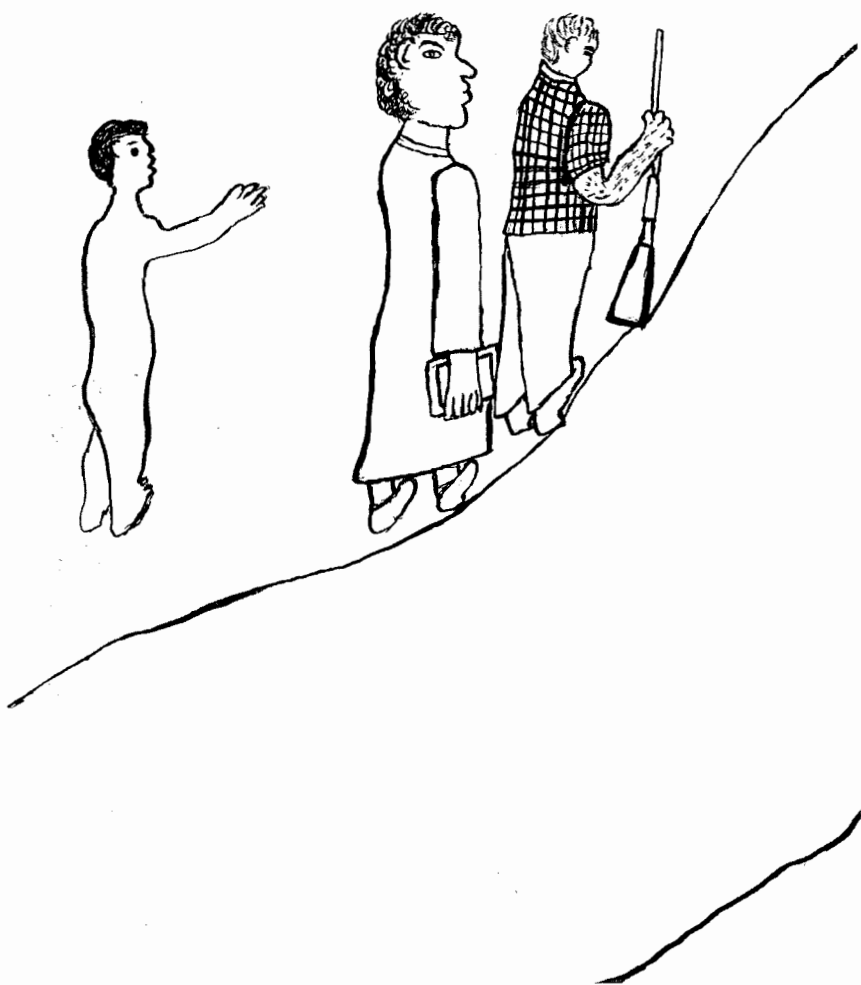
Explicação do mito de origem da mandioca

Os Antigos contavam esse mito de origem da mandioca para amar ao filho, mesmo sendo ele ruim. Explicavam aos seus filhos de não mexer nas mulheres dos outros para não acontecer o que aconteceu nesse mito.



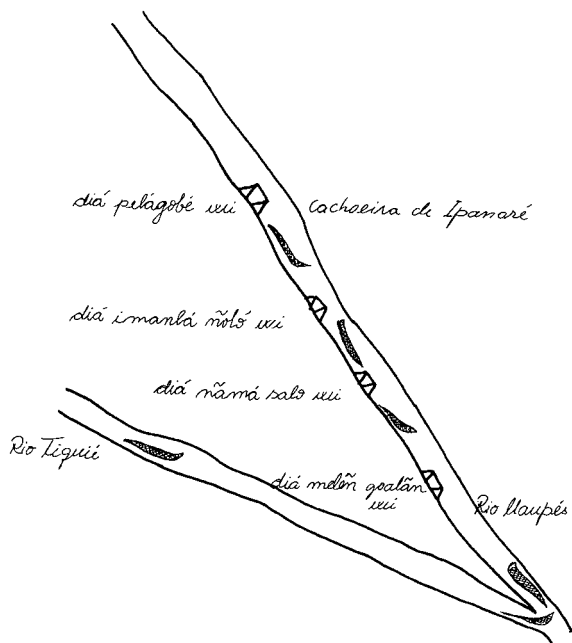
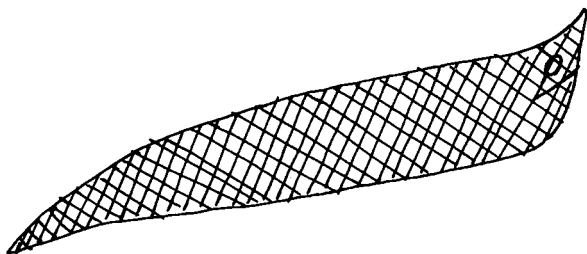


20. A saída da humanidade pelos buracos das pedras da cachoeira de Ipanoré, médio Uaupés, chamada Diáperagobewi'i em desana. Um casal de cada tribo pisa pela primeira vez. Ao alto, à esquerda, Wahtī, o Espírito da floresta, última criatura de Ūmukosurāpanami.

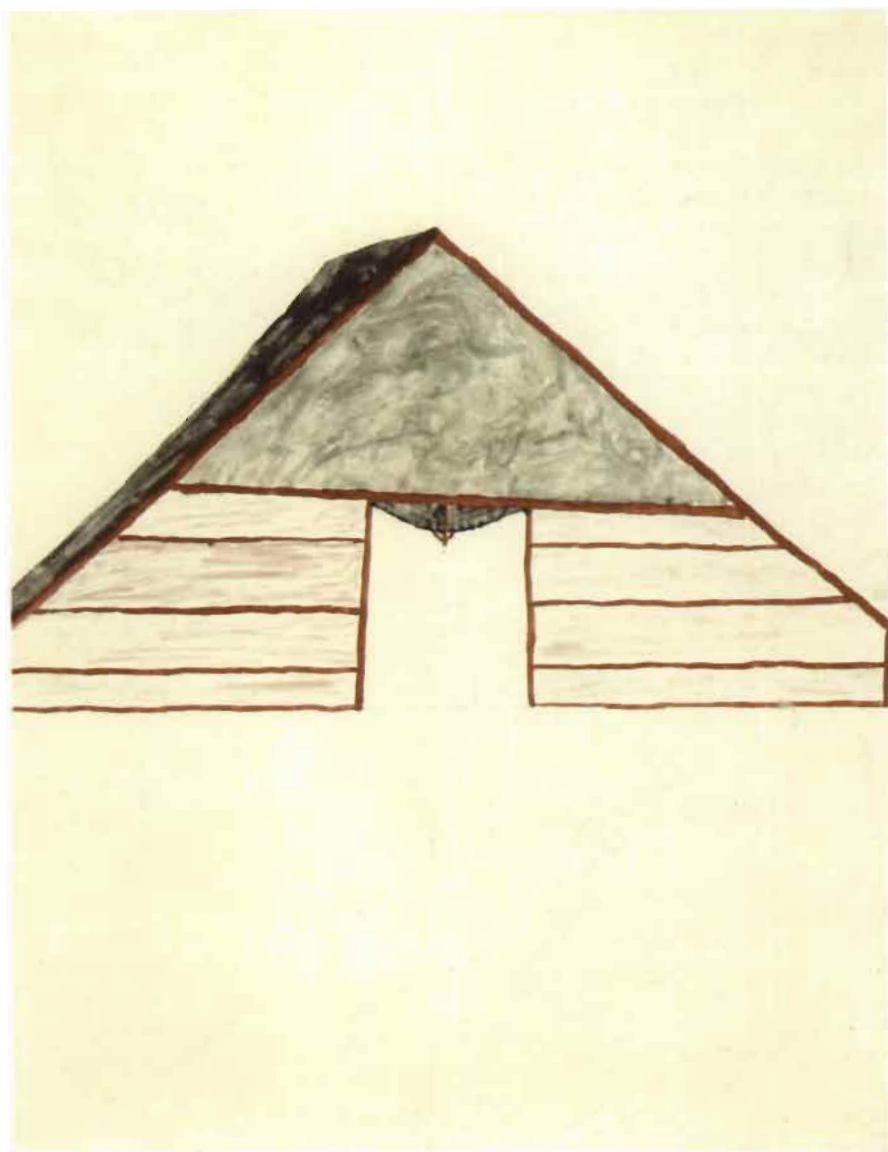


21. O sétimo e o oitavo a sairem da Canoa de Transformação foram o branco com uma espingarda e o padre com um livro na mão. Umukosurāpanami enxota-os para bem longe, para o sul.

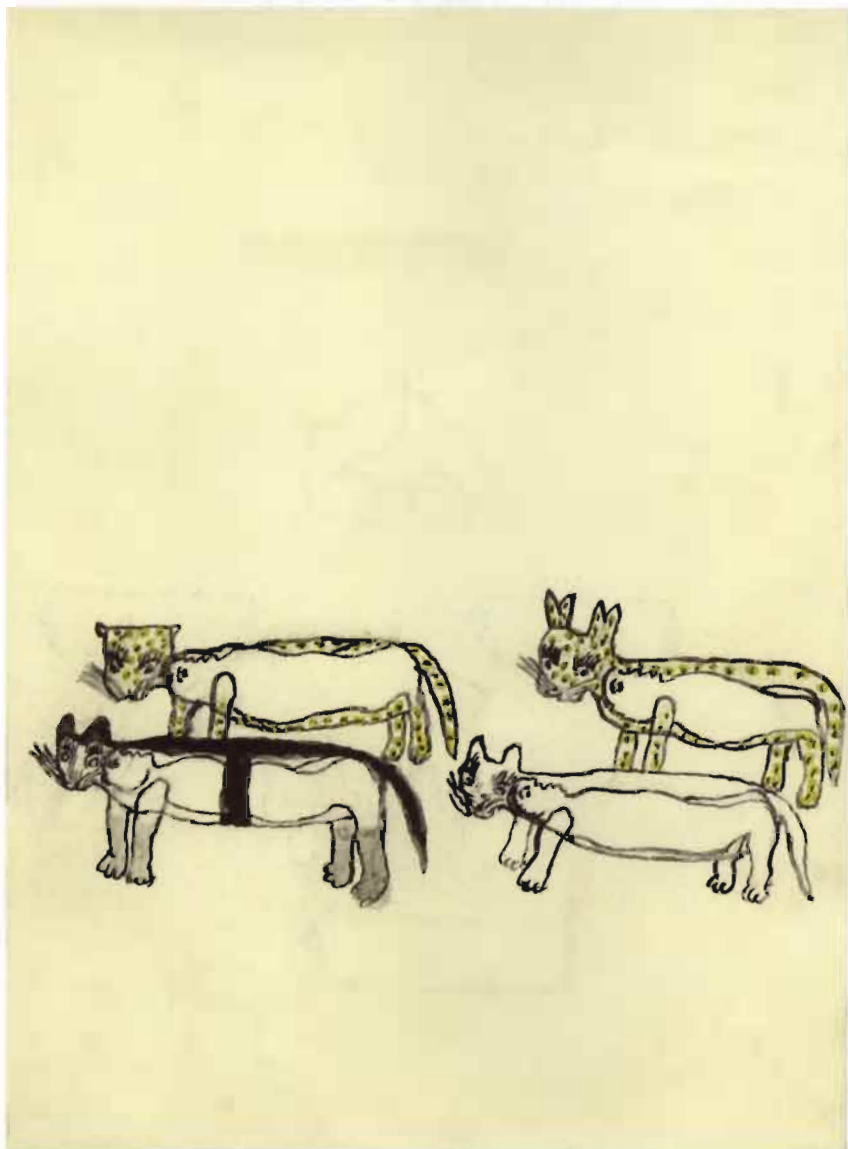
22. Depois de deixar a humanidade na 56ª Maloca de Transformação, a da saída à superfície da terra, a cobra-canoa submerge levando Umukosurāpanami, o Criador, e Umukoñehkū, o terceiro Trovão. Ao chegarem ao Lago de Leite desfazem-se da canoa e cada qual sobe ao seu compartimento na Umukowi'i.



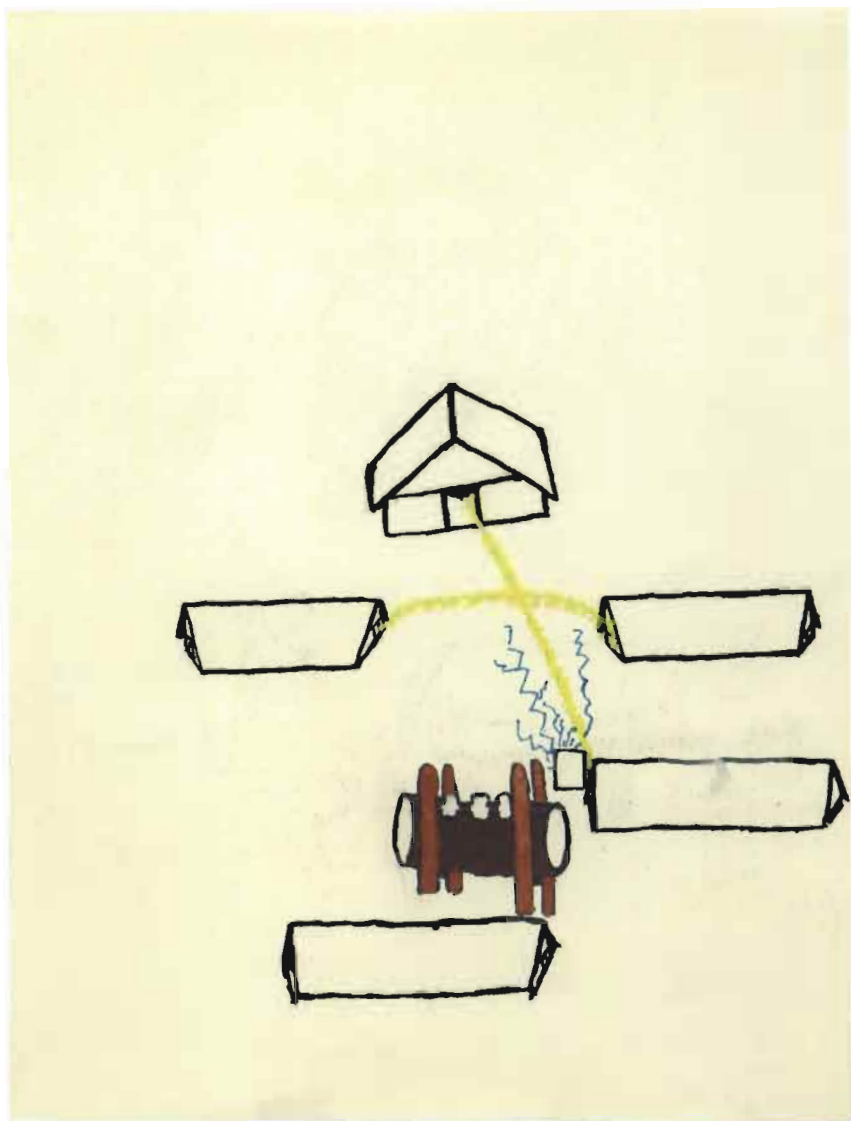
23. Os Pamērīmahsã continuaram a viagem com sua própria força, sem a cobra-canoa. Do rio Uaupés passaram ao Papuri, adentraram-se na mata, voltaram àquele rio, até alcançar a cachoeira de Ipanoré, onde pisaram a terra pela primeira vez.



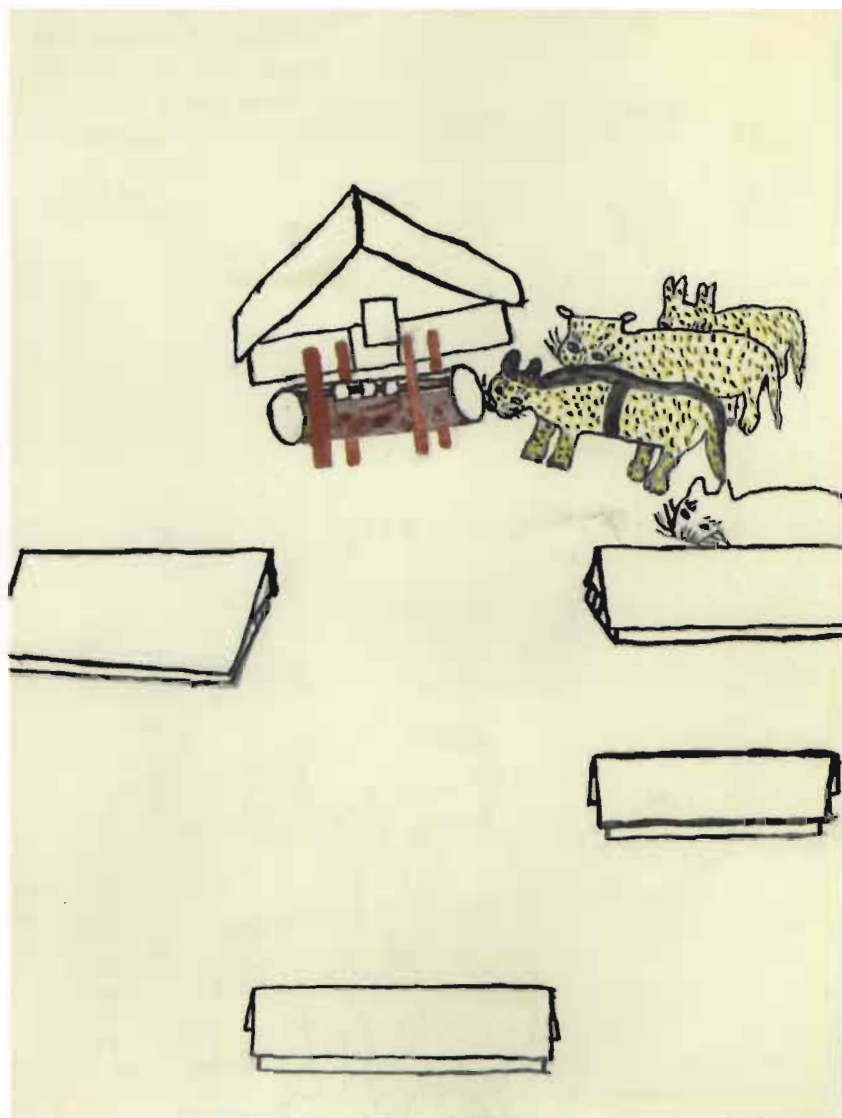
24. A primeira maloca dos Desana no rio Macucu. A porta está levantada, presa à viga mestra por um anel de cipó.



25. Os ancestrais dos Desana, depois de tomarem paricá, adquiririam o poder de se transformarem em onças. Cada grupo escolheu uma pele diferente de onça.

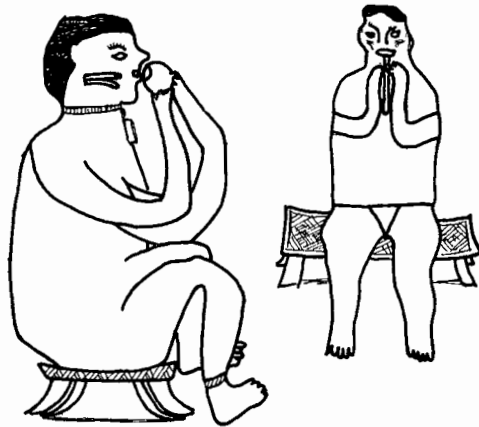


26. Ao deixar sua maloca, a Wihōwi'i, para iniciar o seu aprendizado, Boreka deixa em sua morada ancestral um espelho resplandescente, que lançava faíscas, e um troceno, a fim de, com os lampejos do espelho e o troar do tambor, encontrar o caminho de volta.



27. Tendo os kumua anulado o resplendor do espelho mágico e calado o reboar do trocano da Wihōwi'i, os quatro ancestrais ficaram desorientados. Boreka e seus companheiros perderam o caminho de volta.

28. Boreka apresentando-se a uma velha, em figura humana, com sua pintura de rosto, enfeites e o cetro-maracá, insígnia de chefia.



29. Os kumua realizando os ritos do breu e do cigarro.

O mito de Gãipayã e a origem da pupunha

Gãipayã foi o ancestral dos periquitos⁵⁸ mas tinha figura humana. Vivia sozinho em sua maloca num lugar chamado Waitudihtaru “Lago da Tornozeleira”, no rio Uaupés, onde hoje existe um morro alto. Solitário, fez várias tentativas para encontrar uma esposa, mas as mulheres não gostavam dele. Tampouco os pais queriam dá-las para ele.

Quando chegou a época do amadurecimento das frutas ucuqui⁵⁹, Gãipayã ia diariamente ver o ucuquizeiro que ficava próximo à sua casa, mas nunca encontrava fruta madura. Achou estranho e ficou imaginando que espécie de bicho estaria comendo seus ucuquis. Como primeira providência cercou seu ucuquizeiro com varas de caniços (wēhēriwahsūrī), varas de igapó (toroyuhkupuri) e varas chamadas kārōyuhkupuri. Feita a cerca, voltou para a sua casa, achando que nenhum bicho comeria mais os seus ucuquis.

No dia seguinte, foi novamente colher as frutas. Não encontrou nenhuma, mesmo depois de cercada a árvore. Resolveu então vigiá-la de noite. Subiu numa árvore próxima para ver quem roubava os ucuquis. Quando começou a clarear, ouviu o ruído de alguém chegando. Ficou atento. Pouco depois, aproximou-se um grupo de moças bonitas, cada qual com um aturá para recolher as frutas. Quando começaram a encher os cestos, ele desceu da árvore devagarzinho para agarrá-las, mas as moças perceberam-no e escaparam. Gãipayã decidiu então cercar o ucuquizeiro com espinhos dos cipós bumērī “cipós do (peixe) tucunaré” e poamanasīgādari “cipós do (peixe) caloche”⁶⁰.

58. Brotogeris tirica.

59. Poe ém desana, Ecclimusa spuria Dicke.

60. Cipós não identificados. Tucunaré é o nome do peixe Cichla ocellaris.



Na noite seguinte, ficou outra vez à espera das moças, pensando que seria muito bom conseguir uma ou duas para serem suas esposas. Mas só conseguiu pegar uma, porque seus cabelos ficaram presos nos espinhos da cerca. Gãipayã desembaraçou os cabelos da moça dos espinhos e aí se deu conta que ela estava grávida. Mesmo assim, sentiu-se feliz por ter finalmente encontrado uma mulher. Convidou-a a acompanhá-lo para a sua casa e ela concordou.

Ao chegarem, Gãipayã perguntou o que comia e ela respondeu que se alimentava de gafanhotos, daracubis, cupins, maniuaras⁶¹ e de muitos outros insetos. Gãipayã verificou que havia uma divergência de comidas entre eles, mas tampouco lhe deu muita importância. Coletava esses insetos para a mulher e ele próprio se alimentava com comida de gente.

Um dia, ele quis experimentar viver com ela, mas receoso de que ela não era bem humana, tomou certas cautelas.

— “Primeiro tenho que examiná-la com todo o cuidado”, ele pensou.

Convidou-a ir ao mato para dar um passeio. Chegando lá, ele apanhou uma folha de pōrāpū⁶², mandou que se deitasse e fingiu deitar-se em cima dela como se fossem fazer amor. Assim, introduziu a folha na vagina. Ao puxá-la, verificou que estava toda carcomida, como se tivesse sido picada por algum bicho. Examinou então a vagina da mulher e viu uma porção de piranhas dentro. Elas é que haviam mordido a folha. Se não tivesse feito essa experiência, teria morrido.

Entendeu então que essa mulher era filha de Pīrō, a maior cobra do rio, que vivia na maloca chamada Waitudihtaruwi'i “Maloca do Lago da Tornoeleira” e tinha sido mulher de um



61. Respectivamente, poreroa (*Acridium* sp.), bahparua (Ortópteros), burua (Isópteros) e mēgā (*Atta* sp.).

62. Não identificado.

Muñumahsũ, isto é, “Gente-piranha”⁶³. Por isso, levava filhotes de piranhas no seu ventre. Gãipayã desistiu então de viver com ela. Levantaram-se e voltaram para a sua casa. Nos dias seguintes, ele ficou imaginando um meio de matar essas piranhas e retirá-las da barriga da mulher. Pediu timbó⁶⁴ à Bũhpũ, a aranha invisível, e convidou a sua mulher a irem ao igarapé. Então, perguntou-lhe:

— “Agora eu vou fazer como eu quero no seu corpo. Você aceita?”

Ela respondeu que sim. Gãipayã mandou-a deitar à beira do igarapé com a bunda dentro da água e despejou dentro da sua vagina o timbó de Bũhpũ. Nesse momento, começou a sair uma porção de piranhas já mortas pelo timbó. Gãipayã olhou bem para ver se ainda tinha alguma e perguntou para a mulher se sentia algo no ventre. Ela respondeu que não. Depois disso, ele passou a viver com ela como homem e mulher.

Passado algum tempo, perguntou-lhe o que o pai dela comia. A mulher deu a mesma resposta da vez anterior. Então, ele começou a recolher os referidos insetos para levar ao sogro. Construiu uma cerca de capins, a cobriu com uma teia de aranha para pegar gafanhotos e outros insetos. Depois de juntar uma boa quantidade deles, preparou a viagem.

Os dois desceram o Tiquié até chegarem ao lago Patavá. Ao ultrapassar o lago, a mulher disse para o seu marido:

— “Vamos parar um pouco aqui”.

Mandou-o abrir os aturás que continham os insetos tostados, pedindo que os jogasse ao rio. O marido a obedecia em tudo. Nisso, viu peixes subindo à tona d’água para comer os insetos. Apareceram diversas espécies de peixes para comer o



63. *Serrasalmus spilopleura*.

64. Na em desana, *Lonchocarpus* sp.

presente que a irmã e o cunhado deles lhes estavam oferecendo. A mulher procedeu assim para apaziguá-los antes de chegarem à maloca do seu pai. Não fosse isso, esses seus irmãos-peixes poderiam causar algum dano ao marido.

Depois começou a entrada na maloca. A mulher pegou o açoite wahsüboga, pintado de duas cores, e preveniu Gãipayã que não tivesse medo, já que o pai dela costumava fazer coisas estranhas. Quando acabou de falar, agitou com o açoite a superfície da água e a água se abriu para eles chegarem até a maloca sobre terra enxuta. Tornou a advertí-lo de que deveria manter-se calmo.

O velho Pírõ, tuxaua da Waitudihtarwi'i, já sabia que sua filha estava para chegar. Ao ingressar na maloca, o casal fez os cumprimentos de entrada. O irmão da mulher foi quem respondeu, dando-lhes bancos para se sentarem. Em seguida, dirigiu-se ao quarto de pari e comunicou ao pai a chegada da filha e do genro. No quarto do velho, ele vestiu a veste de cobra. Em seguida, tomou o lado direito da maloca, e o casal de cobras o lado esquerdo, fazendo o seguinte ruído:

— “Tiriri ri ri, tiriri ri ri”.

Vinham na figura de gigantescas cobras do rio, fazendo sua zoadá.

A mulher prendeu a mão do seu marido entre as coxas para que não fugisse de pavor. Primeiro apareceu o irmão: uma grande cobra pintada de vermelho. Aproximou-se da mulher, lambeu-lhe o rosto, depois lambeu o rosto do cunhado e voltou pelo lado direito da maloca, como tinha vindo. A seguir, aproximaram-se os dois velhos procedendo do mesmo modo e, voltando pelo lado esquerdo, faziam soar os mesmos ruídos da vinda. Era a primeira saudação. No quarto de pari tiraram as vestes de cobra e voltaram para um segundo cumprimento, mas já na figura de gente, conversando numa língua humana. Abraçaram a filha quase chorando por não tê-la visto há tanto

tempo. Os visitantes entregaram os aturás com os insetos tostados e as cobras ofereceram-lhes um quarto para passarem alguns dias em sua maloca.

Na manhã seguinte, Pirõ perguntou à sua filha o que o marido comia. Ela respondeu que comia a eles mesmos, isto é, peixes. Meio triste, o pai disse que tinha um velho criado, Maku, e iria matá-lo para dá-lo de comer ao seu genro. É que os velhos não confiavam em Gãipayã e queriam desafiá-lo. Gãipayã aceitou a oferta do sogro. Assou e comeu o velho Maku fora da maloca. Pirõ ficou muito desgostoso por ter perdido o criado que lhe preparava o ipadu. Passados alguns dias, perguntou ao genro se tinha inimigos. Gãipayã respondeu afirmativamente e o velho mandou-o trazer essas pessoas para ele e sua mulher comê-las.

Um dia, Gãipayã e o cunhado foram ao porto onde havia alguns pés de arumã de cobra⁶⁵. O cunhado mandou Gãipayã cortar vários colmos de arumã para trançar um tipiti. Deixaram-no no porto e voltaram para a maloca. Na manhã seguinte, os dois homens foram ao lugar onde as mulheres haviam deixado mandioca para amolecer. Remando numa canoa, apareceram duas moças, as que haviam roubado os ucuquis de Gãipayã e o desdenhado. Tendo mergulhado, os dois homens viram-nas como se fossem aves voando. Quando as moças estavam bem na sua mira, pegaram um gancho de apanhar frutas e viraram a canoa. Ao mesmo tempo, pisaram a mandioca mole para produzir espuma. As moças ficaram nadando, tonteadas. Nisso, Gãipayã, por instrução do cunhado, encolheu o tipiti e, num impulso, soltou-o sobre uma das moças para que fosse fisgada para dentro do tipiti. Tentou três vezes mas não acertou. O cunhado tomou-lhe das mãos o tipiti, encolheu-o como



65. Pirõwuhu em desana, *Ischnosiphon ovatus* Kecke.

uma mola, e o tipiti engoliu uma das moças, que caiu como uma bola dentro dele. Fez os mesmos movimentos e agarrou a outra moça. Carregadas dentro do tipiti, as duas foram entregues ao casal de cobras, para que as comessem. Os dois já haviam vestido a pele de grandes cobras, prontos para devorar a oferta do genro.

Ao entrar na maloca, Gãipayã dirigiu-se à porta do pari, procedendo segundo as instruções do cunhado: ofereceu uma das mulheres ao sogro e a outra para a sua sogra. Esta era a sua segunda oferta e ao mesmo tempo uma advertência do casal de cobras ao genro, de que também eles comiam gente.

Passados alguns dias, o velho trouxe um grelo de miriti e entregou-o ao genro para fiá-lo e tecer-lhe uma rede. O velho Pîrõ sabia que Gãipãyã levaria muitos dias nesse trabalho. A mulher de Gãipayã foi na roça preocupada porque achou que o marido talvez não pudesse atender o pedido do seu pai. Fingiu ter esquecido alguma coisa e voltou correndo à maloca. Viu o marido fiando a fibra de miriti como fazem todos os índios.

— “Aqui não se fia assim”, disse ela.

E prosseguiu:

— “Faça o seguinte: tire aquele pé da planta tãduhka⁶⁶, depois queime toda essa rama de fibra de miriti que você está fiando, recolhe a cinza na cuia, junte a planta tãduhka, misture-as com água e beba-a toda. Ela vai sair pelo seu nariz. Puxe-a e terá o fio torcido. Enrole-o num novelo e espere até o velho voltar”.

Terminada a explicação, a mulher voltou para a roça. Gãipayã fez conforme ela lhe havia ordenado e aconteceu exatamente o que a mulher havia dito.

Quando Pîrõ chegou, o genro entregou-lhe a encomenda. O velho ficou admirado de sua esperteza. Dias mais tarde, ele



66. Planta não identificada.

o convidou a tirar ipadu com todo o pessoal da maloca. Chegando na roça, o velho fez com que o genro sentisse sede. Mas Gãipayã não foi tomar água porque sabia que era outra tentativa do sogro para prejudicá-lo. Ao terminarem a coleta do ipadu, voltaram à maloca. No porto, Pírõ incitou todos os seus criados a tomarem banho junto com ele. Gãipayã percebeu nisso outra tentativa de matá-lo e recusou o convite do velho. Ao voltarem do banho, Pírõ e seus criados estavam transformados em corujas⁶⁷. Ingressaram na maloca voando pela porta da frente e saindo pela de trás. Repetiram este vôo várias vezes até que a casa ficou com catinga de coruja a ponto de ninguém aguentar. Gãipayã tirou a sua sarabatana invisível, enfiou-a na parede trançada da maloca e ficou respirando ar puro através do tubo. Se não tivesse feito isso, teria morrido com o mau cheiro das corujas. Pírõ gostou de ver os recursos que o genro usava para salvar-se de suas repetidas tentativas de matá-lo:

Gãipayã resolveu então passar um susto no sogro. Reuniu seus amigos, os gaviões de tesoura⁶⁸ para tomarem banho juntos. Vestiu a pele deles, voou bem alto e desceu no porto. Mas antes de entrar na água, temendo as piranhas, ele estendeu seu invisível pari de defesa no rio e, em vôo rasante, caiu em cima do pari. Por isso é que o gavião de tesoura agora, quando toma banho, toca a água de leve. Depois do banho, Gãipayã entrou na maloca do sogro com todos os seus companheiros, da mesma forma que o velho Pírõ. Depois de alguns minutos, a maloca ficou fedendo o gavião de tesoura. Só então Gãipayã deixou sua veste na casa dos gaviões, voltando na figura de um homem. Depois disso, o velho Pírõ desistiu de matar seu genro.

Quando chegou o tempo da piracema, organizou-se uma grande festa de dança com caxiri na maloca de Pírõ. Os convi-



67. Buhpupagobu em desana, Pulsatrix perspicillita.

68. Pigõsea em desana, Elanoides forficatus.

dados eram todos parentes do velho Pīrō, isto é, eram Waimahsā “Gente-peixe”. O cunhado de Gāipayā o preveniu de que não saísse da maloca sozinho, nem mesmo para ir à privada. Ele o obedeceu. Ao anoitecer, saíram os dois da maloca e viram puçás rodeando-a. Os donos dos puçás pescavam os bayabuya, isto é, os enfeites cerimoniais dos Waimahsā e esses enfeites se transformavam em peixes.

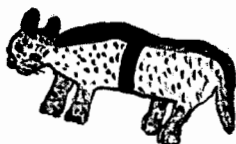
Ao voltar à sua maloca, Gāipayā contou como se fazia a pescaria na Maloca do Lago da Tornozeleira em tempo de piracema. Por isso, os puçás são usados até hoje dessa forma.

Ao lado da Maloca do seu sogro, havia uma pupunheira carregada de frutas. Era um pé só, mas tinha pupunhas⁶⁹ de diversas cores, das quatro espécies que existem hoje: ūrīdiari “pupunha vermelho-alaranjada”; ūrīboho “pupunha branca”; ūrīnahsikatu “fruta listrada” e ūrīsawe “pupunha verde miúda”. Um dia, o pessoal da maloca tirou alguns cachos para cozinhar. Mas não queriam que Gāipayā recolhesse a semente para levar para a sua casa. Seus cunhados também proibiram à mulher dele de levar a semente porque não queriam que a pupunheira se espalhasse pelo mundo. Mas Gāipayā queria levar uma semente de qualquer maneira. Tornou-se invisível e foi ao lugar onde estavam cozinhando a pupunha. Pegou uma, abriu-a e tirou a semente, guardando-a debaixo do pé. A mulher desconfiou que ele se tinha apoderado da fruta. Falou baixinho que lha entregasse, mas ele negou havê-la roubado. Ela voltou a insistir, dizendo que estava debaixo do pé dele. Ele levantou o pé e escondeu a semente debaixo do braço. Ela mandou que levantasse o braço. Antes de fazê-lo, Gāipayā levou a semente à boca. A mulher pediu que a abrisse. Antes de abri-la, escondeu a semente debaixo da língua. Ela mandou que mostrasse a



69. Ūrī em desana, Guilielma speciosa Mart.

língua. Antes de fazê-lo, Gãipayã engoliu a semente. Então, não havia mais jeito de tirá-la dele. Quando foi à privada, Gãipayã recolheu a semente. Plantou-a junto à sua casa. A pupunheira cresceu igualzinha à que tinha visto na Maloca do Lago da Tornozeleira. Era um pé só que dava muitos frutos de todas as espécies de pupunha. Assim apareceram as primeiras pupunhas no mundo.



O mito de Āgāmahsāpu, seguido do mito dos Diroá e dos Koáyea

Mito de Āgāmahsāpu

Depois do surgimento da humanidade, isto é, depois da chegada dos Pāmūrīmahsā, apareceu esse grupo de Āgāmahsāpu⁷⁰. Este era o nome do chefe de todas as aves, como os inambus, jacus, jacamins, mutuns, todas essas aves que cantam no tempo certo. Āgāmahsāpu morava no norte. Daí, ele baixou até a Maloca do Rio de Leite (Diáhpiḱōwi'i) para subir por onde a humanidade veio subindo e entrar nas malocas onde ela havia penetrado antes. A cerimônia que ele vinha fazendo chama-se Miubehari ou, também, Mūbuhāñahani, isto é, o rito de distribuição das frutas umari⁷¹.

Isso aconteceu antes do tempo do umari dar frutos. Āgāmahsāpu chegou distribuindo essas frutas. Ele era o primeiro inambu e, ao entrar nas Malocas de Transformação, procurava as mulheres mais bonitas para viver com elas. Entrava maloca por maloca fazendo suas cerimônias e suas danças com todo o seu grupo. Por isso, até hoje, essas aves nesses dias cantam mais que nos outros dias. Estas cerimônias foram aprendidas pelos Umukomahsā, isto é, os Desana. Eles também fizeram como Āgāmahsāpu: entrando nas Malocas de Transformação (Pamūrīwi'iri), executando as cerimônias que propiciavam o crescimento da fruta umari para o ano seguinte. Esta cerimônia era muito bela. Quando eles faziam esta cerimônia, aí é que dava muito umari no ano seguinte.

A notícia da vinda de Āgāmahsāpu e do seu grupo foi ouvida pelo mundo todo. Todo mundo sabia que ele vinha



70. Āgāmahsāpu significa "inambu maior", "pai", "pessoa".

71. Umari, mū, em língua desana, é planta da família das Icacináceas, de frutos comestíveis (Poraqueiba sericea Tul.).

dançando maloca por maloca, entrando nas Malocas de Transformação da humanidade. Como eu disse antes, ele estava procurando mulheres para casar. Na maloca nº 30, isto é, na Diábayabuwí'i "Maloca dos Cantos", também chamada Diáwi'i "Maloca do Rio", morava Diápĩrõ, a Cobra do Rio, com as suas duas filhas moças. As moças ouviram falar que vinha um homem chamado Āgãmahsãpu e que ele procurava mulheres para casar. Deu-lhes logo vontade de acompanhá-lo e comentaram entre si que iriam com ele. Tinham ouvido falar que Āgãmahsãpu era um homem muito bonito e chefe de um grupo. Por isso, elas já gostavam dele, mesmo sem conhecê-lo. Āgãmahsãpu também escutou que na Maloca do Rio havia duas lindas moças. Mesmo não tendo visto elas, ele quis levá-las. E ele vinha subindo com esse pensamento. Quando ele chegou na Maloca do Rio, avisou para o seu grupo antes de entrar:

— "Eu quero levar as moças que estão nesta maloca. Vocês têm que me ajudar".

Depois é que ele entrou na Diábayabuwí'i.

Diápĩrõ, vendo que o grupo estava se aproximando da sua maloca, escondeu as suas filhas. Fechou-as dentro de uma mala, dessas de guardar enfeites de penas, porque ele sabia que Āgãmahsãpu estava procurando por mulheres. Por isso, ele as escondeu. Mas eles já sabiam que nesta maloca havia duas moças. Āgãmahsãpu entrou fazendo as suas cerimônias. As suas músicas eram tão lindas e, às vezes, tão suaves, que as moças, ao escutá-las, tinham vontade de vê-lo. A tardinha, ainda dentro da mala, as moças perguntaram ao pai:

— "Papai, como são eles? São como a gente ou não? Como eles são?"

O pai respondeu:

— "Minhas filhas, eles são muito feios!"

As moças tornaram a falar:

— "Com uma voz tão bonita eles não podem ser tão feios!"

— “Só a voz deles é que é bonita. Eles mesmos são feios”, retrucou o pai.

Então elas ficaram caladas. Já estava anoitecendo. Quando estava bem escuro, elas pediram ao pai que abrisse só um pouquinho a mala para que pudessem dar uma espiada nos visitantes. Diápīrō perguntou:

— “Por que vocês querem ver homens tão feios?”

— “Só um pouquinho, papai”, responderam.

Aí, não pararam mais de pedir e o pai ficou cansado de tanto elas insistirem. Já eram 9 horas da noite quando ele abriu um pouquinho a mala e, por esta aberturazinha, elas olharam os dançadores. Repararam que eram muito simpáticos. Os rostos deles pareciam um só. Disseram então para o pai:

— “Por que o senhor nos enganou? Estes são gente. Abra mais para sairmos daqui”.

O pai abriu. Elas saíram da mala e foram para o centro da maloca, onde as mulheres costumam sentar-se nos dias de dança.

Nesta maloca, havia um outro ser chamado Oá “Mucura”⁷². Oá também havia escutado que as filhas de Diápīrō estavam esperando Āgāmahsāpu para irem com ele. Sabia também o dia em que ele chegaria. Por isso, ele foi participar da dança de Āgāmahsāpu na Maloca do Rio. A casa de Oá ficava no rio Tiquié, na Serra do Mucura (Oáuhā), onde ele vivia sozinho com a sua velha avó. Daí é que ele foi para Diáwi’i. Ele chegou lá no dia certo, depois de Āgāmahsāpu ter entrado na maloca. Quando chegou, ele disse:

— “Sów! Yu pagumūrē dehkō iri tamūrī mahsū”, isto é, “Alô, eu vim ajudar o meu primo a tomar essas bebidas”.

Na verdade, ele só veio para atralhar Āgāmahsāpu na sua conquista das duas moças. Este último se deu conta disso



72. Caluromys phillander.

e ficou aborrecido com Oá. Oá não tirava o olho de ãgãmahsãpu. Sempre que este se aproximava das duas moças, ele corria para escutar o que ia dizer.

As filhas de Diápírõ estavam sentadas no centro da maloca, no lugar onde as mulheres costumam sentar nos dias de dança. Já era meia-noite e ãgãmahsãpu estava começando a fazer a cerimônia de yuri-iriri, ou cerimônia de beber o resto do caapi. O camuti de caapi ficava sempre na frente do quarto do chefe da maloca. Os homens, ao terminar de tomar o restinho dessa bebida, voltavam ao seu lugar, fazendo gestos e dizendo:

— “Nem o caapi me derruba”.

Esse rito da volta chama-se “pari-pari”, que quer dizer: “Eu sou valente”. Ao terminar esse rito, ãgãmahsãpu viu as duas moças e perguntou para elas:

— “Onde vocês estavam quando eu cheguei?”

Responderam, rindo:

— “Estávamos aqui mesmo, você não nos viu?”

— “Não, eu não as vi!”, ele respondeu.

E ele passou adiante. Oá também foi falar com elas, mas elas não lhe responderam porque ele era muito feio. Mesmo assim, ele tentou fazer elas gostarem dele, mas elas nem lhe davam a menor atenção. ãgãmahsãpu não conseguiu mais falar com as moças porque Oá estava sempre perto dele para ouvir o que ele ia dizer para elas. Num certo momento, ele cantou a sua cantiga mais bonita:

— “Wôô wôô sôrôô wôô sôrôô”.

O seu canto encantou as moças que quiseram acompanhá-lo de qualquer maneira. Oá percebeu que elas estavam gostando de ãgãmahsãpu por causa do seu canto. Começou a fazer brincadeiras para fazê-las rir. Mas elas ficaram sérias. Vendo que elas não estavam ligando para ele, Oá aproximou-se de ãgãmahsãpu e pediu que ele lhe emprestasse a sua flauta de pã porque ele queria tocar. Mas ãgãmahsãpu não quis

emprestá-la para aquele bobo. Oá, então, resolveu ser claro:

— “Primo, nós vamos levar essas moças para as nossas malocas”.

Mas Āgāmahsāpū não respondeu nada para ele. Mesmo assim, Oá não o largou mais. O grupo de Āgāmahsāpū aproximou-se das duas moças e disse:

— “Vocês devem ir com o nosso chefe, ele é muito bom”.

Um deles, o jacamim⁷³, cantou de maneira suave para elas, dizendo:

— “Minhas primas, amanhã partiremos com o nosso chefe!”

Assim cumpriam a ordem de Āgāmahsāpū de ajudá-lo a conquistar as moças.

Já estava clareando quando Āgāmahsāpū se aproximou das duas moças e, mesmo estando Oá por perto, disse para elas:

— “Quero que as duas venham comigo. Sairei de manhãzinha e chegarei à minha casa depois de amanhã, quando as mulheres prepararão o primeiro caxiri, o kōrāsuriđhko, para a nossa merenda. No dia seguinte, faremos o grande caxiri para o dia de dança. Quero que vocês estejam na minha casa nesse dia”.

Elas aceitaram o seu convite. Ele explicou ainda:

— “Vocês devem ir pelo caminho da direita, que as levará ao rio Uaupés, porque o da esquerda, do Tiquié, é o caminho que leva à casa de Oá. Vou deixar no meu caminho, o da direita, uma pena da cauda da arara vermelha. No caminho da esquerda, deixarei uma pena da cauda da arara verde. Este caminho é o da maloca de Oá”.

Oá ouviu tudo.

O dia amanheceu e Āgāmahsāpū saiu com o seu grupo da Maloca do Rio. Oá saiu também, atrás deles. Na encruzilhada dos dois caminhos, ele fez conforme havia explicado para



73. Mōāborebu em desana, Psophia sp.

as duas moças, colocando uma pena da arara vermelha no caminho da direita. Este caminho da direita era o rio Uaupés. Para elas, nesse tempo, os rios eram caminhos. E no caminho da esquerda, ele deixou a pena da arara verde. Este caminho era o rio Tiquié, o caminho de Oá. Ao chegar na sua maloca, Ægãmahsãpu mandou preparar caxiri. As moças sabiam em qual dia elas deviam chegar na maloca dele. Oá conhecia também o dia em que as moças iriam sair da sua maloca para ir àquela de Ægãmahsãpu. No dia marcado, as duas moças saíram escondidas da maloca do seu pai e chegaram ao encontro dos dois caminhos. Nesse mesmo dia, Oá saiu bem cedo da sua maloca, dizendo para a sua velha avó:

— “Avó, eu vou passear no mato. Fique aqui porque as suas netas vão chegar hoje”.

— “Muito bem”, respondeu a velha.

Mas Oá não foi passear no mato. Ele foi para a encruzilhada dos caminhos para mudar as penas de lugar: no caminho da direita, colocou a pena da arara verde, e no da esquerda, a da arara vermelha. Feito isso, ele subiu no ingazeiro que havia nesse lugar e esperou a chegada das moças.

Pouco depois elas chegaram. A mais velha perguntou para a sua irmã:

— “Qual será o caminho certo?”

— “O caminho da direita, respondeu ela, você não se lembra do que ele disse?”

— “Não! Ele mandou a gente seguir o caminho onde estaria a pena da arara vermelha”, retrucou a primogênita.

A mais nova insistiu:

— “Não, ele disse o caminho da direita, porque o caminho da esquerda é o da casa de Oá, você não se lembra?”

Mas a primogênita não quis ouvir a sua irmã menor. Foram pelo caminho da esquerda e Oá, todo contente em cima do ingazeiro, viu que elas iam chegar na sua casa. Ele desceu

então do ingazeiro e foi recolocar as penas nos seus respectivos lugares, isto é, a vermelha no caminho da direita e a verde no caminho da esquerda.

As moças vinham pensando que já estavam perto da maloca de Āgāmahsāpu, daquele homem simpático de que já gostavam muito. Na verdade elas estavam se dirigindo para a casa de Oá. Este, feliz da vida, estava atrás delas. Chegaram lá a tardinha. Não havia ninguém, tudo estava calmo. As moças pensaram consigo mesmas:

— “Onde estarão aqueles homens que dançaram em nossa maloca?”

Elas se aproximaram e, quando entraram, viram no fundo da maloca uma velha trabalhando tuiuca, fazendo camutis. As moças a saudaram assim:

— “Né surāñehkō”, ou seja, “Alô, avó das nossas avós”.

Era a saudação de entrada. A velha respondeu:

— “Alô, minhas bisnetas”.

— “A senhora está sozinha?”, perguntaram as moças.

A velha respondeu:

— “Estou com o meu neto, o primo de vocês”.

As moças pensaram que a velha fosse a avó de Āgāmahsāpu, mas ela não o era, ela era a avó de Oá, a Mucura. Examinaram a casa curiosas, reparando em tudo o que havia. Foi quando a velha lhes disse:

— “Fiquem esperando aqui. Meu neto, o primo de vocês, já vai voltar. Ele saiu bem cedo e, antes de sair, ele me avisou que vocês chegariam hoje e pediu que eu recebesse vocês”.

As moças riram para a velha, que acrescentou:

— “Minhas netas, enquanto vocês esperam a volta do seu primo, deem-se na rede dele”.

E mostrou a rede dele. Curiosas, as moças foram vê-la. A mais nova mexeu na rede e voaram uma porção de moscas, zoando: “oá oá”. As moscas estavam chamando a mucura.

A rede fedia muito. A moça mais nova fez gesto com o olho para a sua irmã e disse:

— “Está vendo?”

Mas já estava muito tarde para elas voltarem!

Nesse momento Oá apareceu. Entrou pela porta traseira da casa, onde estava sentada a sua velha avó. Antes de entrar, deu uma pancada forte na parede. Saudou a avó, dizendo:

— “Sów! Surãñehkō duari!”, isto é, “Alô, avó, a senhora está sentada?”

A velha respondeu que sim, que estava sentada. Oá perguntou então se havia gente estranha na casa. A velha respondeu que não, que apenas as primas dele haviam chegado. Oá, todo contente, retrucou:

— “Foi ótimo elas terem vindo ver-me. Eu estou morando sozinho e preciso de companhia”.

As moças não sabiam o que fazer. O sol já estava se pondo e elas não podiam arrear caminho. Oá perguntou para a sua avó se os Maku haviam chegado. Ela respondeu negativamente e ele continuou dizendo:

— “Eu penso que eles chegaram, mas como eles têm vergonha, eles não entram numa casa quando há muita gente”.

Dizendo isso, ele saiu pela porta da frente da casa. Aí, ele viu um embrulho de formigas maniuaras que ele próprio havia deixado antes de entrar. Aí, ele gritou:

— “Está vendo? Eu não disse que os Maku tinham chegado? Deixaram aqui um embrulho de maniuaras”.

O embrulho estava pendurado na parede de fora. Oá disse para a velha:

— “Avó, vem tirar esse embrulho de maniuaras que os Maku deixaram, prepare-as e dê-as para as suas netas comerem”.

A velha saiu, tirou o embrulho e fez conforme lhe fora ordenado. Mas as moças não comeram nada, porque eram oâmêgã, ou seja as maniuaras de mucura. No mato, costuma-se

encontrar essas maniuaras que ninguém come porque fedem muito, igual mucura.

Enquanto isto, anoiteceu. As moças não tinha rede. A velha mandou-as deitar com o neto dela. O jeito era fazer isso mesmo, já que não havia outra rede na casa. As duas deitaram com Oá, que ficou no meio. Oá não dormiu nada esta noite. Passou-a mexendo com elas, mas não foi aceito por nenhuma delas. Todavia, lá pela madrugada, a primogênita acabou por aceitá-lo. Até a meia-noite ela não o aceitou. Por isso, vendo que elas não o aceitavam no lugar próprio para isso, Oá passava o seu pau pelo corpo todo delas, na barriga, no pescoço, nas mãos, nas pernas. Por essa razão é que, hoje em dia, as mulheres têm um cheiro diferente, porque Oá as estragou. Antes disso, as mulheres tinham um cheiro gostoso. Cheiravam a abacaxi. Se Oá não tivesse feito isso, as mulheres cheirariam assim até hoje.

Pois é, a primogênita acabou por aceitá-lo, mas não a cacula! Isso quer dizer que os últimos sempre têm razão! As duas horas da madrugada, Oá foi tomar banho no porto com as duas moças. Ali, viveu mais uma vez com a que o havia aceito na rede, isto é, com a primogênita. Ainda hoje pode-se ver o lugar onde ele teve relação com a moça. Há sinais gravados na pedra, mostrando claramente o lugar onde se situava o porto de Oá. Fica na Serra da Mucura, no rio Tiquié, acima da povoação Fátima.

Oá não tomou banho somente num porto. Foi a vários outros, batendo na água para fazer barulho e dar a entender às moças que não estava sozinho, que havia muita gente na sua casa. Fez isso de vergonha das moças. De volta do banho, as moças ficaram pensando em Āgāmahsāpu. Estava amanhecendo o dia da dança e elas se esforçavam para ouvir o reboar do troceno dele. Ao ouvir o primeiro sinal, saíram correndo para sentir de onde provinha o som. Vinha na direção delas, da casa de Oá, onde estavam. Então a mais nova disse:

— “Eu não fico aqui. Quando clarear vou na direção do rebôo do trocano. Você querendo fica aqui, porque Oá já viveu com você!”

Mas a primogênita respondeu que iria embora também.

Elas estavam fora da casa de Oá. Oá também ouviu o som do trocano e disse para as moças:

— “Estão ouvindo? Meu primo Oá é muito doido. Está tocando o trocano à toa. Eu vou tocar o meu também”.

Dizendo isso, ele pegou o seu tambor e começou a tocar. O som saía assim: “oá tu, oá tu, oá tu”. O tambor chamava a ele próprio, como quem diz: “mucura, mucura, mucura”. Não adiantava mais esconder o seu nome para que as moças pensassem que ele fosse o esperado *Āgãmahsãpu*. As moscas, as maniuaras e, finalmente, o trocano revelaram a sua verdadeira identidade.

Antes de clarear, as moças deixaram a casa de Oá e tomaram o rumo do reboar do trocano. Foram andando a esmo, na direção da maloca de *Āgãmahsãpu*, e chegaram até lá, mas na outra margem do rio Uaupés. O sol ainda não havia despontado. Elas ficaram sentadas na beira do rio porque não havia canoa para atravessar. Enquanto estavam sentadas, veio subindo o martim-pescador⁷⁴ que tinha ido buscar um saco de maracás para a festa desse dia. Foi *Āgãmahsãpu* que mandara trazê-lo. As moças chamaram-no para atravessarem o rio na sua canoa. O martim-pescador veio encostando. Ao chegar perto delas, sentiu o seu cheiro ruim. Afastou-se logo, dizendo:

— “Vocês estiveram na maloca de Oá, não é? Estão fazendo muito. O nosso chefe esperou por vocês ontem. Agora ele vai dançar!”

Dizendo isso, ele tomou a direção da maloca de dança. Pouco depois, veio um patinho que fora tirar o cipó de caapi,



74. Sãrã em desana, *Chloroceryle amazona* Gmel.

de cuja casca e algumas folhas se fazia a bebida. Era Diakomã, o ipequi picapara⁷⁵, que se costuma ver na beira do rio. Ele vinha com um enfeite de fio de algodão na cabeça. Por isso, esse pássaro tem, hoje em dia, uma linha branca na cabeça. As moças chamaram-no, pedindo-lhe passagem para atravessar. Ele veio se aproximando mas, quando chegou perto delas, ele sentiu o mau cheiro delas e disse a mesma coisa que o martimpescador. Em seguida, dirigiu-se à maloca de dança. Estes eram os empregados de Āgāmahsāpu. Depois dele veio o jacaré⁷⁶. Ele tinha uma grande canoa, mas muito velha e feia. Também a ele as moças pediram passagem. Como ele não sentiu o cheiro fedorento delas, ele as levou até o porto da maloca de Āgāmahsāpu.

As moças foram para a maloca. Todos olharam quando entraram. Dirigiram-se para onde estava Āgāmahsāpu, rodeado de gente. Como elas fediam muito, Āgāmahsāpu deu ordem às mulheres para recebê-las. Estas as mandaram entrar pela porta dos fundos. Por isso, nos dias de festa, as mulheres sempre entram pela porta traseira da maloca. Não fosse isso, entrariam pela porta da frente. As mulheres lavaram as duas moças com plantas cheirosas para tirar do seu corpo o fedor de Oá. O restinho que ficou é o cheiro que homens e mulheres têm debaixo dos braços. Se não tivessem sido lavadas, existiria no corpo todo. Fizeram isto às oito horas da manhã.

Neste dia, Āgāmahsāpu executou os mesmos ritos que fez nas Malocas de Transformação. As garças, as cegonhas, as garças-reais e os socós eram seus preparadores de ipadu. O canto do saracura⁷⁷:

— “Saraku, saraku totó, saraku totó”.

Parece o som produzido quando se soca o ipadu: “tó tó”.



75. *Heliornis fulica* Bod.

76. Diakē em desana, da família dos Crocodíleos.

77. Saraku em desana, *Aramides cajanea*.

Āgāmahsāpu estava reunido com todas essas aves quando chegou Oá. Ele entrou na maloca depois das moças, dizendo:

— “Sów! yu pagumūrē mahsākarimahsū”, isto é, “Alô, vim visitar o meu primo”.

Āgāmahsāpu já sabia porque ele estava ali. Aliás, o próprio Oá confessou logo:

— “Olha, primo, fugiram duas moças que estiveram na minha casa. Eu as recebi bem, por isso vim atrás delas. Estão por aqui? Tenho certeza que já chegaram. Então, entregue-as logo, porque foram para a minha casa primeiro”.

Āgāmahsāpu não quis discutir. Disse apenas que não haviam chegado. Antes de ir para a maloca dele, Oá havia falado para a sua velha avó:

— “Olha, minha avó, suas netas fugiram de mim. Vou buscá-las na maloca de Āgāmahsāpu. Vou retirá-las de lá. Somente voltarei aqui depois dele as entregar para mim. Se não as entregar, não hei de voltar. Isto é que a senhora deve saber. Por isso, deixo aqui a minha cuia. Se eles me matarem, meu sangue voltará a essa cuia. Se não me fizerem mal algum, isso não acontecerá! Por isso, preste atenção a esta cuia”.

A velha aceitou a palavra do seu neto. Depois, Oá foi para a maloca de Āgāmahsāpu e nós vimos o que ele fez. Āgāmahsāpu dançou o dia inteiro. Oá também, continuando a insistir para que ele lhe entregasse as moças. Enquanto isso, a velha ficou vigiando a cuia que continuou vazia o dia inteiro.

Anoiteceu. À meia-noite, antes de ir tomar o resto do caapi, Āgāmahsāpu cantou a sua cantiga, a mesma de quando esteve na maloca de Diápīrō. Ouvindo-a, as moças disseram às mulheres da maloca:

— “Foi isso que nos trouxe aqui. É isso que nós gostamos nele”.

De madrugada, Āgāmahsāpu continuava dançando e Oá repetindo as mesmas frases. A velha ficou vigiando a cuia a

noite toda até a madrugada. A cuia ficou sempre vazia e a velha pensou consigo mesma:

— “Até agora o meu neto continua vivo”.

Oá não parava de repetir as mesmas palavras, exigindo de Āgāmahsāpū que ele lhe entregasse as duas moças:

— “Se você não quer me entregar as duas, dê-me ao menos uma, assim cada um de nós ficará com uma”.

Āgāmahsāpū respondeu:

— “Não vou lhe dar nenhuma. Fui eu quem as convidei para vir até a minha maloca! Erraram o caminho e foram parar na sua casa. Se quer passar bem, fique quieto. Já estou cansado de sua caceteação!”

Mas Oá não escutou os conselhos de Āgāmahsāpū e este ficou ainda mais irritado. Já estava clareando o dia, quando Āgāmahsāpū disse aos seus empregados:

— “Peguem este homem, levem-no para o porto e façam com ele o que quiserem”.

As garças, os socós e as garças-reais⁷⁸ apanharam então Oá, levando-o para fora da maloca. Lá, com seus punhais, mataram-no. Depois, eles o levaram para o porto, tiraram o seu escudo que deixaram em cima de uma pedra. Hoje em dia, pode-se ver a marca do escudo de Oá numa pedra que fica no porto de Āgāmahsāpū, no rio Uaupés.

A velha foi olhar a cuia antes de clarear. Ela estava cheia de sangue. Chorando muito, ela disse:

— “Meu neto não pôde morrer assim à toa! Āgāmahsāpū também tem que morrer!”

Quando acabou de falar isso, ela pegou a cuia de sangue e transformou este sangue em dois grandes gaviões-reais⁷⁹, e



78. Respectivamente, ya'hi (*Leucophoyx thula*), õbu (*Nycticorax nycticorax*) e ya'hiñahkua (*Philherodius pileatus* Bod.).

79. Gamūrā em desana, *Harpia harpya*.

mandou-os pegarem Āgāmahsāpu. Isso quer dizer que o crime sempre vai mais adiante.

Āgāmahsāpu terminou o seu dia de dança quando o sol já estava alto, como era costume dos Antigos. Eram oito horas da manhã quando ele se aprontou para dormir. Antes disso, ele próprio lavou mais uma vez as moças para deitar com elas. Deitou com as duas numa rede só. Elas o aceitaram porque gostavam dele. No fim da noite, quando estava para clarear, ele foi tomar banho com elas. Ao chegarem ao porto, a mais velha disse a Āgāmahsāpu que ele já era o marido das duas. E pediu-lhe que cantasse aquele seu canto para ela ouvir. Mas ele respondeu:

— “Só costume cantar em dia e hora certos”.

Mas a mulher insistiu, pedindo que cantasse uma só vez. Então, a irmã mais nova disse:

— “Você não ouviu ele dizer que só canta em dia certo?”

A outra não se conformou, voltando a pedir:

— “Eu quero escutá-lo cantar só uma vez!”

Então Āgāmahsāpu cantou:

— “Wôô wôô sôrôô, wôô sôrôô”.

A mulher abraçou o marido e disse:

— “Por favor, mais uma vez!”

— “Não”, ele respondeu.

— “Só uma vez”, ela insistiu.

A irmã mais nova voltou a dizer:

— “Você não vê que ele não quer cantar?”

A outra fez de conta que não ouviu nada e implorou para ele:

— “Só mais uma vez”.

Então ele acedeu. Os gaviões-reais, que a velha mandara de madrugada, já estavam esperando. Quando Āgāmahsāpu começou a cantar a primeira palavra “wôô” agarraram-no e levaram-no até Ūmukowi’i, a Maloca do Universo.

Explicação do mito de Āgāmahsāpu

Isso significa que não se deve casar com uma moça que namorou outro. Isso acaba em morte, como aconteceu nesse mito. Āgāmahsāpu é a figura do homem que namora direito. Oá queria namorar mesmo com as duas moças, mas elas não gostavam dele. Quando elas foram na maloca de Āgāmahsāpu, ele mudou, como vimos, a pena no caminho para elas irem para a sua maloca e, de noite, ele deitou com elas. Uma das duas o aceitou, enquanto a outra se negou a ter relação com ele. De manhã, as duas fugiram da sua maloca e ele foi atrás delas. Oá é aquele que mexe com a noiva do outro, que atrapalha o namoro do outro. Āgāmahsāpu mandou matá-lo e o sangue voltou na cuia. Isso é sinal que aquele que atrapalha o namoro de alguém, ou mexe com a namorada do outro, será morto. Isto é, o sangue chama o sangue. A velha transformou o sangue de Oá nos gaviões-reais a quem ela mandou matar Āgāmahsāpu. Isso quer dizer que os parentes do morto matarão aquele que matou. O crime sempre traz vingança e assim, vai aumentando. Por isso, as leis dos Antigos eram as seguintes:

1. Não se deve roubar a mulher do outro;
2. Não se deve namorar uma mulher que tem muitos tios e primos sem lhes pedir licença primeiro;
3. Não se deve amigar-se com a mulher que fugiu do marido;
4. Não se deve atrapalhar o namoro do outro.

Porque tudo isso acaba como nesse mito. É cumprindo essas leis que os Antigos viviam bem, na paz.

As moças ficaram sozinhas. Isso quer dizer que as moças que se casam ou amigam deste modo, geralmente ficam logo viúvas. Por isso, essa é a primeira coisa que devem saber os pais do rapaz e os da moça.

Mito dos Diroá e dos Koáyea

Vendo os gaviões-reais agarrar ãgãmahsãpu, a avó dele gritou:

— “Ei, vocês, pelo menos dêem-me a última pena da asa do meu neto”.

Atendendo ao pedido da velha, os gaviões jogaram a última pena da asa do inambu. Com esta pena, a velha formou o inambu de hoje. Ela chorou muito a morte do seu neto. Ela tinha um marido que se chamava Siruriye “Pajé da Peneira”. Era uma grande caba⁸⁰. A velha disse ao marido:

— “Os gaviões-reais levaram o nosso neto. Vá ver o que eles vão fazer com ele. Tente tirar alguma coisa dele, porque ele não pode desaparecer assim à toa”.

Diante da ordem da velha, Siruriye foi até a Cachoeira das Onças (Yeauhtãmũwi’i), que fica onde hoje se situa a Missão de Iauareté. É que os gaviões haviam levado ãgãmahsãpu para a maloca dos Koáyea, as “Onças⁸¹ de Cuias” para que todos se banquetegassem com o seu corpo.

O velho foi. Ao chegar, fez a saudação de entrada: “Sów”. As onças e os gaviões responderam: “Ũu”, que é a saudação de recepção. Ofereceram-lhe um banco para ele sentar. Não o conheciam, pensavam que fosse um estranho. Pediram que ele esperasse enquanto preparavam a comida. O velho respondeu que esperaria. Enquanto isso, a panela com a carne do neto estava fervendo. Pouco depois, trouxeram-na para comerem todos juntos. Trouxeram o pilão e comentaram entre si:

— “Vamos comê-lo em pedaços ou socado no pilão? Pode acontecer alguma coisa de ruim para nós se o comermos em pedaços”.



80. Ou vespa.

81. Panthera onça.

E perguntaram:

— “Quem quer socar essa carne?”

O velho respondeu logo:

— “Eu vou socar”.

— “Muito bem”, disseram.

O velho pegou o pilão, encheu-o de carne e começou a socar. Antes de socar, porém, ele escolheu o osso direito da perna de *Āgāmahsāpu* e o deixou num cantinho do pilão. O resto, ele socou tudo. As onças e os gaviões recomendaram ao velho que socasse bem. E ele retrucou:

— “Estou socando tudo! Não estão ouvindo os ossos quebrarem?”

Quando acabou de socar, ele tirou a carne e os ossos do pilão e serviu para eles. Socou o resto da carne, enquanto comiam. Serviu-lhes então o resto e, enquanto eles estavam comendo, ele tirou o osso direito. Fingindo matar uma mutuca, ele jogou longe o osso. Antes, haviam-lhe dito que não jogasse fora nenhum grãozinho porque podia acontecer alguma desgraça a todos eles. Por isso também, todo mundo comia com muito cuidado. Mas, mesmo assim, o velho jogou o osso. Pouco depois, ouviu-se um grande barulho. Ouvindo esse barulho, eles perguntaram:

— “Quem jogou? Quem jogou? Nós tínhamos avisado para tomar muito cuidado! Agora nunca mais teremos sossego, porque algum de nós deixou cair um pedaço (de osso)!”

O velho os tranquilizou dizendo que daquela carne não havia caído nenhum grão:

— “Olhem como eu estou fazendo!”

Dizendo isso, ele lambeu a folha de bananeira onde havia posto a sua comida para mostrar que ele não estava deixando para trás nenhum grãozinho. Por isso, a caba costuma lamber bem o que come. A gente vê ela fazer isso hoje em dia.

Assim que terminaram de comer *Āgāmahsāpu*, o velho voltou para a sua casa. Ele havia cumprido as ordens da velha.

Quando chegou, ele disse para ela:

— “Eu fiz conforme você me ordenou. Vá ver no lago do nosso porto!”

Mas a velha não foi logo. Só mais tarde é que ela foi e encontrou dois peixinhos bem fininhos, que nós chamamos Diroá. Esses peixinhos estavam no porto. A velha tentou pegá-los com as mãos mas não conseguiu. Escapuliram. Ela tentou então pegá-los com uma peneira e tampouco conseguiu, porque pulavam. Foi então buscar um puçá grande, mas nem com esse puçá pôde agarrá-los. Então, voltou para a casa e teceu um puçá menor com o qual conseguiu apanhar os peixinhos. Levou-os para a casa, colocando-os no cesto de defumar pimenta que se parece com um pequeno matapi. Durante a noite, os Diroá se transformavam em pequenos grilos⁸² e comiam a pimenta torrada. Levavam os grãozinhos de pimenta e os coló-cavam no olho da velha. Faziam isto todas as noites. Certa noite, os Diroá comeram o cabo das redes dos velhos, que caíram no chão. Aborrecidos, resolveram matá-los. Mas os peixinhos, que à noite viravam grilos, desapareceram. Depois que os velhos se acalmaram, tornaram a voltar.

Um dia, a velha estava trabalhando tuiuca e viu-os transformarem-se em seres humanòs. Aí, mandou-os trabalhar a tuiuca junto com ela. Quando secaram os camutis que estava moldando, a velha foi buscar lenhas. Depois ela levou os Diroá para a roça para queimar os camutis. Colocou-os debaixo de um camuti e prendeu fogo à lenha. Na realidade, ela estava ensinando os Diroá a agüentarem os grandes perigos. Quando a lenha estava em brasa, a velha levantou um pouco o camuti para olhar os pequenos. Viu-os em brasa, mas eles estavam dançando como se não estivessem queimando. A velha baixou outra vez o



82. Muhsika em desana, inseto ortóptero da subordem Grylloidea.

camuti. Quando a brasa apagou, ela retirou o camuti. Os pequenos estavam bem vivos, todo contentes. Isso quer dizer que, para fazer a guerra, deve-se treinar muito e saber muitas coisas. Era para isso que os velhos estavam fazendo essas coisas, para treinar os Diroá. Eles voltaram com a sua avó e foram tomar banho.

Pouco depois, o avô os levou para queimar a sua roça. Mandou-os ficar no meio da roça e ateou fogo. Ele foi queimando a roça com pressa, para queimar os pequenos. E o fez mesmo! O fogo os envolveu e eles gritaram:

— “Socorro vovô, o fogo está nos queimando”.

Mas o velho não respondeu. Entraram então nas embaúbas e, com elas, explodiram. Foram cair no rio. Voltaram para a maloca antes do velho avô. Tudo isso era para torná-los corajosos e valentes porque os velhos iam contar-lhes a história de Āgāmahsāpū, que era como se fosse o pai deles.

Depois dessa experiência, os velhos contaram-lhes o que os gaviões fizeram para Āgāmahsāpū. Ouvindo essa história, eles quiseram saber onde poderiam encontrá-los. A velha contou que eles se encontravam na Serra da Mucura, no rio Tiquié. Os Diroá decidiram ir para a casa de Oá para matar os gaviões. Chegando lá, não os viram. Somente encontraram uma velha a quem cumprimentaram:

— “Sów, surãñehkō”, isto é, “Alô, bisavó!”

A velha que era a avó de Oá, o Mucura, os recebeu bem, oferecendo-lhes um banco para sentarem. Ficaram conversando. A velha estava cozinhando breu. Perguntaram o que ela estava cozinhando. Ela respondeu:

— “Breu, meus netos!”

— “Para quê a senhora está cozinhando breu?”

— “É para queimar os Diroá”, respondeu a velha. “Acaso vocês não são eles?”

Negaram.

— “Vocês não viram os Diroá andando por aí?”

Responderam que não.

— “Ouvi dizer que eles já estão chegando para matar os meus netos porque eles comeram Āgãmahsāpu. Ouvi dizer que eles são fortes e que ninguém os agüenta. Por isso, eu estou cozinhando breu para queimá-los na hora em que eles pegarem os meus netos”.

Disseram então:

— “É assim, avó? A senhora sabe quantos são os Diroá? Eles são muitíssimos, eles vão chegar muito numerosos! Vão encher este mundo! Com essa panela de breu a senhora não vai matar todos eles, essa panela não é nada na frente deles! Nós vamos ensinar para a senhora como fazer para matar todos eles. A senhora deve fazer o seguinte. Na hora em que eles matarem os seus netos, a senhora pega uma panela de água e enche com ela a panela de breu, para aumentar o breu. Depois a senhora joga o breu em cima deles. Somente assim é que a senhora matará alguns deles, porque eles são muito numerosos”.

A velha acreditou na palavra deles.

Olhando por aí, eles viram as flautas de osso e perguntaram a quem pertenciam. A velha respondeu que eram dos netos dela.

— “Nós queremos vê-las, vovó”.

Dizendo isso, eles foram pegar as flautas. Mas a velha logo avisou:

— “Não as toquem, os meus netos são muito bravos e eu não quero vê-los matar vocês!”

— “Eles são bravos mesmo?”, perguntaram.

— “Eles são muito bravos”, respondeu a velha.

— “Onde estão eles?”, perguntaram.

A velha mostrou:

— “Eles estão lá”.

Aí, eles disseram:

— “Nós queremos ir vê-los”.

A velha disse:

— “Não vão, eles vão comê-los”.

— “Quando é que eles vão voltar?”

— “Eles chegam somente quando eu os chamo, quando eu acabo de preparar a comida é que eu costumo chamá-los”.

Eles disseram:

— “Chame-os! Nós queremos vê-los”.

A velha respondeu:

— “Se eles chegam aqui, é certo que eles vão comer vocês!”

Eles responderam:

— “Então, nós vamos nos esconder!”

— “Então, tudo bem!”

Dizendo isso, a velha foi buscar as flautas de osso dos seus netos. Enquanto isso, os Diroá treparam em cima dos travessões da casa. Um postou-se em cima da porta de trás, o outro na da frente. Cada um tinha na mão um puçá invisível. Com estes puçás invisíveis, eles fecharam as portas da maloca para pegar os gaviões quando eles entrassem, porque os gaviões tinham o costume de entrar cada um por sua porta, ao mesmo tempo. Por isso, eles ficaram esperando-os em cima das duas portas da casa.

A velha não viu os puçás.

Quando estava tudo pronto, eles mandaram-na tocar as flautas e a velha tocou. As flautas soavam como o canto do gavião:

— “pĩ pĩ pĩre pĩ pĩ pĩre”.

A velha tocou três vezes. Aí, os gaviões chegaram, entrando ao mesmo tempo cada um por sua porta. E caíram nos invisíveis puçás. Os Diroá os envolveram nos puçás e os levaram para fora da maloca. A velha foi logo pegar a panela de

breu e fez conforme eles lhe haviam explicado. Mas eles a tinham enganado! Ela misturou o breu com água fria, pegou a cuia e quis jogar o breu em cima deles. Mas o breu endureceu e a velha não pôde fazer mais nada. Ela ficou gritando, pedindo que, ao menos, eles lhe deixassem as últimas penas das asas dos seus netos. Ouvindo o seu pedido, os Diroá lhe jogaram uma pena e, com ela, a velha criou o gavião-real que a gente conhece hoje. Antes, o gavião era bem maior de tamanho do que o de agora. Os Diroá tiraram os ossos dos gaviões e, com eles, fizeram flautas para eles tocarem. Voltaram outra vez para a sua maloca e contaram para a sua velha avó o que tinha acontecido.

Um dia, eles foram ao mato com a avó para buscar maniuaras. A avó ficou apanhando as maniuaras enquanto eles faziam molecagem perto dela. A velha disse-lhes então:

— “Venham me ajudar a apanhar as maniuaras! Eu os trouxe aqui para vocês me ajudarem!”

Mas eles não escutaram a velha. Por perto, havia uma grande árvore chamada nehesērō⁸³, cuja fruta é muito apreciada pelas cutias, pacas e outros bichos. Os Diroá treparam na árvore. Vendo eles subirem, a velha disse:

— “Quem mandou vocês subirem? Desçam daí depressa!”

Mas eles não obedeceram e continuaram a subir na árvore. Vendo que não desciam, ela gritou:

— “Não trepem no galho esquerdo, porque podem morrer. Subam só no galho direito”.

Mas eles não escutaram e foram no galho esquerdo. De lá, eles avistaram grandes roças com moças trabalhando. Eram as filhas dos Koáyea, isto é, das Onças de Cuias. Eram as netas da velha. Vendo as moças trabalharem, os Diroá começaram a



83. Não identificada.

atirar-lhes frutas. Ao cair, cadá fruta se transformava numa grande cutia chamada em desana nehesērōbu, que gritava:

— “kē kē kē kē”.

Vendo-as, as moças pegaram paus para matá-las. Corriam atrás delas mas as cutias entraram no mato. Os Diroá atiraram novamente uma fruta e aconteceu a mesma coisa. As moças corriam atrás das cutias, rindo e gritando.

Os Diroá riam baixinho, mas a velha os ouviu e gritou:

— “O quê estão fazendo? Por que riem tanto? Desçam daí depressa!”.

Um deles respondeu:

— “Não estamos fazendo nada de mal, avó. Meu irmão foi picado por um bichinho, por isso estamos rindo”.

A velha, sabendo que faziam alguma coisa errada, retrucou:

— “Eu os trouxe aqui para me ajudarem a apanhar maniuaras e não para fazerem molecagem. Desçam logo da árvore”.

Mas eles não obedeceram à velha. Ela continuou:

— “Desçam logo, vão subir tocandiras para picá-los!”

Mesmo assim, eles não desceram.

A velha, vendo que não lhe obedeciam, tirou o sebo da sua vagina e dele fez o corpo de uma tocandira. Depois tirou um pelo da região púbica e, dele, fez o ferrão da tocandira. Em seguida, tirou o veneno do Trovão da Maloca do Universo e colocou-o no ferrão da tocandira. Tirou ainda o cerne da pupunheira, com que os Antigos faziam estaca de cavar⁸⁴, e enfiou-a na base do tronco da árvore. Fez um buraquinho e aí meteu a tocandira feita por ela, que logo se multiplicou. Então, ela gritou para os seus netos:



— “Olhem! Estão subindo muitas tocandiras para picá-los! Avisei-os de que deviam descer”.

Ouvindo isto, os Diroá foram descendo até chegar ao encontro do galho com o tronco, mas este já estava repleto de tocandiras. Não havia jeito deles descenderem sem serem picados! Transformaram-se então num pequeno pássaro muito alegre chamado sibi e foram descendo cantando, felizes e contentes. Ao chegaram no meio do tronco, um deles foi picado e caiu no chão morto. Em seguida, foi picado o outro que também caiu morto. A velha disse:

— “Bem feito, não quiseram obedecer-me”.

Depois ela benzeu água para fazê-los voltar à vida. Enquanto isso, tornaram-se invisíveis e ficaram escutando o que a velha dizia, através dos próprios ouvidos dela. Quando terminou de benzer, a velha abriu a boca dos passarinhos mortos e introduziu a água benzida. Levantaram-se no mesmo instante, já com o corpo que tinham antes, isto é, com corpo humano. Zangada, a velha disse:

— “Não subam mais, ajudem-me a apanhar maniuaras para voltarmos logo”.

Concordaram em ajudá-la. Foram então cavar cada qual um buraco, encontrando montões de maniuaras. Acabaram apanhando uma quantidade muito maior do que a velha. Nesse momento, eles pensaram em formar uma aranha. Tiraram um cipó chamado menegoanadihsikoda “cipó da saliva da formiga taracua”⁸⁵, descascaram-no e, com ele, fabricaram uma aranha com patas e tudo. Depois tiraram os espinhos de um pé de zarabatana⁸⁶, do qual se fabrica a zarabatana, e os colocaram nas patas da aranha que eles haviam feito com o cipó. Por isso



85. Não identificado.

86. Buhuñu em desana.

é que, hoje em dia, a aranha tem pêlos nas patas. Depois eles foram tirar o espinho de um arbusto chamado busuñu⁸⁷ com que fizeram os ferrões da aranha. Por isso, hoje em dia, o ferrão da aranha se parece com esse espinho. Saiu uma aranha perfeita, que lhes provocou grandes gargalhadas. Aí, a velha gritou:

— “O que vocês estão fazendo, moleques?”

— “Não estamos fazendo nada, avó. Este aqui foi mordido por uma maniuara, por isso estamos rindo”, responderam.

Tiraram o veneno do Trovão, como havia feito a velha avó, e colocaram-no no ferrão da aranha.

Nesse instante, um dos Diroá foi deixar as maniuaras no aturá da velha, que ficou cheio. Ainda havia maniuaras para recolher. A velha gritou:

— “O aturá está cheio, meus netos”.

Eles responderam:

— “Por que a senhora não trouxe um aturá maior? Estão saindo muitas maniuaras aqui”.

Dizendo isso, eles fizeram aparecer umas folhas chamadas “folhas de aranha”⁸⁸ parecidas com as da sororoca só que elas crescem numa árvore mais baixa, para embrulhar o resto das maniuaras. Disseram à velha avó que fosse buscá-las e jogaram a aranha no meio das folhas. Quando a velha meteu a mão para pegar uma folha, uma aranha a mordeu e a velha caiu no chão morta.

— “Bem feito, bem feito, agüente!”, gritaram os Diroá.

Repetiram as palavras que a velha havia dito quando foram picados pelas tocandiras. Depois, eles fizeram uma cerimônia para fazê-la voltar à vida. A cerimônia era a mesma da



87. Não identificado.

88. Buhpupūri.

velha. Quando terminaram, meteram na boca da velha a água benzida. Assim, ela voltou à vida.

A velha passou-lhes então o maior carão. Responderam:

— “Não fomos nós que fizemos isso, foram esses insetos peçonhentos do mato. Nós próprios fomos picados pelas tocandiras! Não fosse a senhora teríamos morrido. Foi a senhora que nos salvou”.

E disseram ainda:

— “Olha avó, vamos voltar para casa porque os insetos deste mato são muito bravos. Se ficarmos mais um pouco, acabaremos sendo mortos”.

Dizendo isso, levantaram-se e foram voltando, até chegarem à maloca da velha. Estavam contentes e contaram ao seu avô o que havia acontecido.

Dias mais tarde, amanheceram sem mingau e sem beiju. Perguntaram à avó:

— “Por que a senhora não preparou mingau? O que nós vamos tomar?”

A velha respondeu que não tinha tapioca para preparar o mingau.

— “Há muitas roças aqui pertinho. Nós as vimos quando tréparamos naquela árvore nehesêõ”, argumentaram os Diroá.

A velha pensou e disse:

— “Não tenho nada para levar a eles. Vocês não estão caçando nem pescando, vocês somente sabem ser moleques. Eu tenho vergonha de chegar lá de mãos vazias”.

— “Muito bem avó, nós vamos pescar, a senhora vai ver”, disseram os Diroá.

A velha disse:

— “Se vocês trouxerem peixes, eu irei pedir tapioca. Do contrário, eu não vou”.

Foram então num grande miritizal para colocar matapis para pegar muçuns e outros peixes de escama dura que

existem nos pequenos igarapés. Quando estavam no miritizal, cada um tirou uma nervura de bacaba para preparar o matapi, pronunciando as seguintes palavras:

— “Gãmiña manini muhi”, isto é, “ninguém poderá se vingar”.

Em seguida, foram apanhar o cipó-titica⁸⁹ repetindo a mesma frase. Estavam fazendo uma reza para não serem mortos. No dia seguinte, foram ver os matapis e encontraram muitos peixes. Puseram-nos num aturá pequeno e o entregaram à velha, dizendo:

— “Aqui estão os peixes avó! Agora a senhora pode ir pedir mandioca para eles”.

A velha pegou o aturá e disse:

— “Muito obrigado, meus netos. Vou já pedir”.

Ela pegou um aturá grande, colocando dentro o aturazinho de peixes. Botou-os nas costas, despedindo-se do velho e dos netos. Mas os moleques disseram logo:

— “Avó, nós também queremos ir com a senhora!”

— “Eu não quero levar vocês, eu vou sozinha”, respondeu a velha.

Eles ficaram calados. Dito isto, a velha foi embora.

Quando ela estava no meio do caminho, os Diroá apareceram na forma dos passarinhos sibia. Vinham cantando atrás da velha. A velha sabia que os passarinhos eram os dois moleques. Ia pensando que os peixes eram poucos e que os parentes não ficariam saciados. Então, teve uma idéia. Na mata existe um lugar limpo onde cresce um capim alto chamado em desana sorogoro. Despejou aí os peixes que logo se multiplicaram. A quantidade era tal, que não cabiam mais nos dois aturás. Mesmo atulhados, ainda sobravam muitos peixes.



89. *Heteropsis* af. *Jenmani*.

Diante do aperto da velha, os passarinhos sibia se afastaram voando. Pouco depois, voltaram em forma de pessoas. Perguntaram para a velha:

— “O que aconteceu, avó?”

A velha respondeu, mentindo:

— “O meu pé bateu contra uma raiz. Eu sou velha, eu não tenho mais força para carregar tanto peso!”

— “Quisemos ajudá-la, mas a senhora recusou”, retrucaram eles.

Dizendo assim, eles mandaram a velha buscar folhas de pōrāpū para embrulhar os peixes. A velha foi. Nesse meio tempo, conseguiram botar de volta todos os peixes no pequeno aturá. Logo chamaram-na.

— “Avó, não precisa arrancar as folhas. Nós conseguimos botar todos os peixes no aturá”.

A velha voltou e viu que todos os peixes couberam no aturazinho, como antes. Aí, eles disseram:

— “Se nós não tivéssemos chegado, a senhora estaria passando muito mal!”

Continuaram juntos a viagem. Transformaram-se em passarinhos de rabo comprido chamados em desana wehenītērōa, isto é, galo-da-campina⁹⁰ e vieram pousados no aturá da velha. Assim chegaram às roças dos Koáyea. Vendo a velha aproximar-se, as filhas dos Koáyea receberam-na alegres:

— “Chegou, avó? Não sabíamos que a senhora viria hoje!”

Vendo os passarinhos em cima do aturá, perguntaram:

— “São seus, esses passarinhos bonitos?”

A velha moveu a cabeça, dizendo que sim. Elas continuaram:

— “Queremos estes passarinhos”.



90. Paroaria gularis.

Fizeram um gesto para pegá-los. Os passarinhos voaram, pousando ali pertinho. As moças saíram correndo atrás deles. Os passarinhos entraram no mato com as moças atrás. Quando estavam meio longe, transformaram-se em rapazinhos. Pegaram as moças e viveram com elas. Daí mesmo, os Diroá voltaram. Nem esperaram a velha. Chegaram em casa antes dela.

Tempos depois, o avô deles, Siruriye, estava tecendo uns balaios de arumã. Enquanto isto, os moleques brincavam por perto, atrapalhando o serviço do velho. Irritado, este lhes disse:

— “Vão brincar lá fora meus netos e me deixem trabalhar sossegado!”

Mas eles não obedeceram. Diante da sua teimosia, o velho mandou a força da sua vida se transformar numa grande coruja⁹¹ que ele deixou no ingazeiro. Depois avisou os Diroá:

— “Naquele pé de ingá há uma coruja grande. Matem-na com a zarabatana que eu quero comê-la. Estou com muita fome”.

Era pura mentira! O velho queria, de fato, matar os moleques. A coruja era ele próprio. Sua intenção era que a coruja, descendo pelo tubo da zarabatana, matasse os moleques. Os Diroá pressentiram o que a coruja estava planejando contra eles e arranjaram um meio de matá-la. Um deles subiu ao espaço com uma zarabatana, enquanto o outro ficou na terra, com uma segunda zarabatana. A coruja estava aguardando o momento em que aquele que ficou no chão apontasse a zarabatana para ela, para atirar-se, tubo adentro, e devorá-lo. Ela estava olhando somente para aquele que estava na terra e não dava atenção àquele que estava no espaço. Este soprou uma seta envenenada na coruja, quando menos ela esperava, e



91. *Pulsatrix perspicillata*.

ela caiu morta. Os dois agarraram-na e correram para a casa para mostrá-la ao velho. Mas o velho estava morto! Só então se deram conta que a coruja era o próprio velho. Então, os Diroá fizeram a cerimônia para fazê-lo voltar à vida, colocando na sua boca a água benzida. O velho reviveu. Irritado, ele vociferou:

— “Vão tomar banho no porto”.

Mas depois, arrependeu-se e disse:

— “Venham ajudar-me a tecer os balaios. Eu estou trabalhando sozinho como se não tivesse netos”.

Os Diroá decidiram ajudar. No dia seguinte, teceram balaios com o seu avô. Num instante, aprontaram uma porção de balaios. Quando terminaram, entregaram-nos ao velho que agradeceu. Ele viu que eles passaram de longe a quantidade estipulada por ele. Ele estava tecendo esses balaios para oferecê-los aos Koáyea. Tinha prometido fazer um dabucuri de balaios na maloca deles.

No dia em que o velho estava saindo para entregar os balaios aos Koáyea, os dois moleques pediram para ir com ele. Mas ele se recusou a levá-los, dando a desculpa de que voltaria logo. Mas eles insistiram. Finalmente, o velho disse:

— “Esperem aí que vou ver a canoa. Se couberem, vocês vão”.

Saiu levando os balaios para embarcar na canoa, enquanto os Diroá arrumavam as suas coisas. Ao voltar, ele disse-lhes que a canoa ficara abarrotada de cestos, não podiam ir mesmo. Pediram para ver se ele havia embarcado tudo direito e, sem esperar a resposta, correram para o porto. Verificaram que os balaios estavam mal arrumados. Ajeitaram-nos, colocando um dentro do outro. Enquanto isso, o velho estava chegando. Disseram-lhe:

— “O senhor, sendo velho, não soube embarcar direito. Agora nós arrumamos tudo. Veja, há muito lugar de sobra!”

O velho respondeu:

— “É a velhice que faz isso”.

Pediram então que ele os esperasse um pouco enquanto eles iam buscar as suas coisas. Foram correndo até a casa. Enquanto estavam dentro da casa, o velho tentou empurrar a canoa para ir embora. Mas a canoa pesava como se tivesse uma rocha dentro e nem se mexia enquanto ele estava empurrando. É que os Diroá a tinham amarrado com uma corda invisível. Pouco depois, eles chegaram com a sua bagagem, desamarraram a corda invisível, empurraram a canoa e disseram ao velho:

— “Vamos embora, vovô”.

Os dois foram se colocar na popa enquanto o velho com a sua mulher ficaram na proa. Mas os moleques não remavam e a canoa quase não saía do lugar. O velho reclamou:

— “Olhem, moleques, remem por favor, a canoa somente se mexe quando se rema”.

Responderam:

— “Está bom, vovô, nós vamos remar!”

Dizendo isso, eles remaram. Remaram invisivelmente e a canoa ia ligeiro como se deslizesse sobre a água. Os velhos caíram dentro dela. Num instante a canoa chegou no porto dos Koáyea.

Eles foram até a maloca dos Koáyea com os seus avôs. Os Koáyea os cumprimentaram e ofereceram bancos para se sentarem. Depois suas mulheres trouxeram quinhapira e moqueados de caça diversa. Os Diroá ficaram atrás da sua avó. Um deles pediu-lhe a cabeça do macaco zogue-zogue⁹² e o outro, a do jacu⁹³. Fingiram comê-las, mas logo depois um deles



92. Uau em desana, gênero Callicebus thom.

93. Karamhü em desana, Penelope jacucaca.

jogou a cabeça do zogue-zogue, sem que ninguém percebesse nada. Imediatamente, apareceu um grande zogue-zogue vivo na viga mestra da maloca, cantando assim:

— “wāga wāga wāga wāga wāga”.

Em seguida, o outro jogou a cabeça do jacu e apareceu um jacu vivo gritando:

— “poru poru poru poru”.

A velha disse baixinho aos Diroá:

— “Por que vocês estão fazendo isso, vocês não têm vergonha?”

Também baixinho, eles responderam:

— “Não estamos fazendo nada, avó. Esses bichos são xerimbabos deles”.

Mas a velha sabia que eram eles que estavam fazendo isto. Depois disso, o velho mandou tirar a quinhapira e o restante do moqueado. Os Koáyea ofereceram-lhes um quarto na maloca para dormir.

Passados alguns dias, os Koáyea se deram conta de que estavam hospedando os filhos daquele homem que haviam comido, já que Āgãmahsāpu era uma espécie de pai dos Diroá. Comentaram entre si:

— “Eles são os nossos inimigos. Temos que matá-los antes que nos matem”.

Dizendo isso, convidaram os Diroá a ajudá-los a derrubar a mata para fazer roça, na esperança de matá-los com a queda das árvores. Mandaram-nos para o meio da mata, a fim de que fizessem a derrubada nesse lugar. Os Koáyea passaram a derrubar em torno para fazer as árvores tombarem de uma só vez no meio da roça. Todos os paus caíram em cima dos Diroá, mas eles não morreram. Pensando que os haviam esmagado, os Koáyea gritaram:

— “Morreram os Diroá, morreram os Diroá”.

Estes, por sua vez, no meio da mata, responderam:

— “Quase morremos, quase morremos”.

Os Koáyea fizeram a mesma tentativa várias vezes, sem conseguirem seu objetivo. Cada vez os Diroá conseguiram se salvar.

Um dia, os Diroá estavam brincando de jogar pião de tucum com os filhos dos Koáyea. Primeiro, jogou um dos Diroá com seu irmão. Ficaram sentados um frente ao outro, fazendo girar o pião. O pião começou girando no chão, depois subiu na perna de um deles, subiu até a coxa, o ventre e chegou até o peito. Daí, desceu devagarzinho até o chão. Depois continuou girando e subiu na perna do seu irmão, repetindo a mesma coisa. Depois desceu até o chão e parou. Os Diroá convidaram os filhos dos Koáyea para imitá-los, jogando o pião entre si. Dois meninos se sentaram para brincar. Eles jogaram o pião que ficou girando no chão. Depois ele subiu na perna de um dos meninos, girou na coxa e foi bater no pau dele, matando-o. Os Diroá lastimaram muito, dizendo que o pião errou a direção e não subiu. O outro menino morreu do mesmo jeito. Já tinham morrido dois. Os Diroá resolveram experimentar de novo:

— “Por que será que está acontecendo isso? Nós dois vamos experimentar outra vez”.

Dizendo isso, eles se sentaram de novo para jogar o pião. O pião foi girando no chão, subiu na perna de um deles, foi virando na coxa, subiu no ventre e chegou até o peito. Daí, desceu devagarzinho até o chão. Depois ele foi girando no chão, subiu na perna do outro, foi virando na coxa, subiu no ventre e chegou até o peito. Daí, ele desceu devagar até o chão onde parou. Disseram aos filhos dos Koáyea:

— “Vejam como o pião sobe e desce bem!”

E chamaram dois outros meninos para jogar. O pião matou-os também. Assim foram morrendo, sucessivamente, dois a dois, vários filhos dos Koáyea.

Dias depois, continuando a brincar, os Diroá deitaram-se com os filhos dos Koáyea numa rede em cima do grande forno de fazer farinha. A rede, não aguentando o peso de tanta gente, arreventou e todos os moleques caíram em cima do forno, que ficou em pedaços. Então, os Diroá disseram aos filhos dos Koáyea:

— “Vamos jogar os pedaços do forno no rio, senão os velhos nos castigam”.

Recolheram os pedaços do forno e levaram-nos ao porto. Ao chegarem ali, os Diroá fizeram aparecer miritis e tiraram lascas de casca dessa palmeira. Enfiaram em seguida cada farpa de miriti num pedacinho do forno quebrado e jogaram-nos ao rio. Na água, esses fragmentos se transformaram em grandes piranhas, chamadas goroponamuña “piranhas de urubu”. As lasquinhas do miriti viraram dentes afiados das piranhas.

No dia seguinte, os Diroá disseram aos seus companheiros:

— “Vamos à capoeira tirar poegarũ (uma espécie de capim alto)”.

Todos foram. Depois levaram feixes desse capim ao rio e os estenderam de uma a outra margem. Os feixes ficaram boiando como se fossem uma ponte sobre a superfície da água. Feito isso, os Diroá disseram aos filhos dos Koáyea:

— “Companheiros, vamos andar em cima desses feixes até a outra margem do rio, depois voltamos do mesmo jeito”.

Um dos Diroá saiu andando sobre essa ponte de feixes desamarrados e chegou à outra margem, de onde voltou do mesmo jeito. O segundo fez a mesma coisa, com igual facilidade. Então, disseram aos filhos dos Koáyea:

— “Companheiros, experimentem andar vocês também”.

Os filhos dos Koáyea acharam tão bonito esse jogo que não tiveram dúvidas em imitar os Diroá. Um se lançou: ele foi andando, andando, chegou até a outra margem do rio e veio voltando. Quando ele estava bem no meio do rio, errou o

passo e caiu no rio. Num instante, as piranhas o devoraram.

Os Diroá disseram:

— “Vai outro, aquele mergulhou de vergonha porque errou o passo. Vamos ver quem vai fazer como a gente, na ida e na volta”.

E foi logo o segundo menino. Aconteceu-lhe a mesma coisa. Ele também foi devorado pelas piranhas.

Os Diroá não desistiram:

— “Por que vocês não sabem andar? Reparem bem como se faz!”

Nisso, os Diroá, um atrás do outro, atravessaram o rio correndo de uma a outra margem, andando sobre os feixes de capim. Disseram então aos companheiros para não errarem os passos:

— “Tem que correr, experimentem vocês!”

Então, outros filhos dos Koáyea se entusiasmaram, tentando repetir o feito. Um saiu correndo. Quando chegou na metade do rio, os feixes se mexeram, derrubando o jovem que foi comido pelas piranhas. Os Diroá convenceram outros a experimentar e estes, quando chegavam na metade da ponte, caíam também no rio e as piranhas os devoravam. A intenção dos Diroá era essa mesma: queriam acabar com todos os Koáyea.

Já estava se aproximando o dia de todos voltarem para a sua casa. Por isso, o avô deles, Siruriye, disse:

— “Olhem, meus netos, nós vamos voltar daqui a pouco porque já ficamos muito tempo aqui. Já falei para os homens desta casa que iríamos voltar e eles querem fazer uma festa de despedida para nos homenagear. Por isso, vamos dar um passeio por aí durante uns três dias. No quarto dia, que será o da festa de despedida, nós voltaremos”.

Os Diroá, muito alegres, disseram:

— “Muito bem, vovô, vamos arrumar as nossas coisas”.

E vieram baixando até a boca do igarapé Japu, abaixo da Cachoeira de Iauareté. Chegando ali, fizeram um tapiri com a ajuda do avô. No dia seguinte lhe disseram:

— “Avô, nós vamos sair para pescar. Fique aqui preparando um jirau para moquear os peixes. Mas faça um jirau bem grande, porque nós vamos trazer muitos peixes”.

O velho respondeu:

— “Muito bem”.

Ele ficou no tapiri fazendo o jirau. Achou melhor fazer um jirau pequeno porque duvidou que fossem trazer muitos peixes. E assim fez. Os Diroá foram à foz do igarapé Japu. Aí, eles puseram uma cuia dentro da água, e tocaram-na com os dedos, dando umas batidas. Ouvindo as pancadas na cuia, levantou-se uma grande cobra, Umupirô, a cobra-japu, que os Diroá mataram. Era grande e comprida. Apesar do tamanho, os Diroá a levaram até o porto do tapiri. Depois correram para avisar Siruriye, pedindo que fosse buscar os peixes que haviam apanhado. Viram então que o jirau era muito pequeno e reclamaram:

— “Por que o senhor não fez um jirau grande como tínhamos mandado? Neste jirau não vão caber todos os peixes. Bem, nós vamos aumentar o jirau, enquanto isso o senhor vai tirar as tripas dos peixes”.

O velho obedeceu e foi até a canoa para tirar as tripas dos peixes. Não viu peixe algum, somente uma cobra gigantesca. Vendo-a, assustou-se e voltou até o tapiri. Os netos lhe perguntaram:

— “Destripou todos os peixes?”

O velho respondeu:

— “Eu não vi nenhum peixe”.

Perguntaram:

— “O senhor não chegou até a canoa?”

— “Cheguei”, ele respondeu.

— “Então, por que não viu os peixes?”, prosseguiram.

— “Eu não vi”, respondeu o velho.

Os Diroá disseram:

— “Vamos olhar então!”

Foram juntos até a canoa que estava cheia de peixes. Havia vários tipos de peixes. Mostrando-os ao seu avô, disseram:

— “O senhor está ficando cada vez mais cego. Venha des-tripar logo os peixes, senão eles vão apodrecer. Nós vamos carregar lenha”.

O velho ficou sozinho tirando as tripas. Ele sabia que os peixes não prestavam, porque antes havia visto aquela grande cobra. Enquanto isso, os Diroá foram buscar lenhas para o moqué. Trouxeram os peixes que deixaram no jirau. Moquearam-nos até secarem bem.

Depois, eles foram pedir ao terceiro Trovão, Umukoñehkū, o espelho de dar raios⁹⁴. Ele deu-lhes um espelho branco. Não é um espelho verdadeiro, mas uma espécie de vidro com poder de dar raios. Foi isto que o Trovão lhes deu, o vidro branco que dá raio branco. Depois de receber o vidro de dar raio, eles começaram a tecer com folhas de patauá alguns cestos, esses cestos que se costuma fazer na hora para carregar peixes, caça ou frutos do mato. Transformaram em seguida os cestos em um bando de porcos queixadas⁹⁵ e experimentaram lançar raios com o vidro branco em cima deles. Eles caíram desfalecidos, mas não morreram. Vendo isso, os Diroá disseram:

— “Umukoñehkū nos enganou, ele nos deu o vidro de dar raios fraco. Vamos fazê-lo adormecer para tirar dele o vidro forte, o vidro vermelho”.



94. Diurumihi.

95. Yehsesurina, Tayassu pecari.

Assim fizeram. Fizeram adormecer profundamente o Trovão. Depois, tiraram um pedaço da coluna vertebral de Umukoñehkū. Este era o raio mais forte, o raio vermelho. O experimentaram depois sobre os porcos queixadas. Lançaram quatro vezes os raios sobre eles. Na primeira vez, os porcos caíram no chão, mortos. Na segunda vez, eles ficaram em pedaços. Na terceira vez, ficaram somente alguns pedacinhos deles e, na quarta vez, não ficou nenhum pedaço. Vendo isso, os Diroá ficaram contentes:

— “Agora sim está bem!”

E guardaram esse poder de dar raios. Era parecido a um pedaço de vidro, só que era invisível.

No outro dia, voltaram à maloca dos Koáyea. Ao encostarem a canoa no porto, já eram quatro Diroá ao invés de dois. No dia seguinte, surgiram mais dois. No terceiro dia, quando os Koáyea preparavam os caxiris e o caapi para a festa de despedida, apareceram mais outros dois. Pela madrugada do quarto dia, o da dança, surgiu outro par de Diroá. Todos tinham o mesmo rosto. Era impossível distinguí-los. Não se sabia mais quais eram os Diroá originais, porque eles se haviam multiplicado prodigiosamente.

No dia da festa de despedida, Diruê, o chefe dos Diroá, dançou e cantou a cantiga chamada aōyuhkugori. Pela manhã, ele havia entregado os peixes, fazendo o dabucuri de peixes. Terminada essa cerimônia, ele se enfeitou com os enfeites de dança e começou a dançar. A uma hora da tarde, os Koáyea começaram a servir-lhes o caapi. Às três horas, já vinham tomando muito caapi e os Diroá se preparavam a participar da dança chamada õmabayaribu.

Os Koáyea queriam aproveitar desse momento para agarrar os Diroá, achando que estavam muito tontos para percebê-lo. Antes de começar a participar dessa parte da dança, Diruê olhou para o lugar onde ficavam os chefes de malocas e viu

os Koáyea esperando-o. Eram quatro grandes onças debaixo de quatro esteios, esperando agarrá-lo nessa parte da dança. Diruê, mesmo estando dentro da maloca e participando da dança, viu tudo o que se passava dentro e fora da maloca. Assim também, ele viu uma velha Koáyea caminhando ao porto para buscar água. Transformado num garoto dos Koáyea, ele perguntou aonde ela ia. A velha respondeu:

— “Vou buscar água, meu neto”.

Fingindo inocência, Diruê continuou:

— “Para fazer o quê?”

A velha retrucou:

— “Para cozinhar as tripas dos Diroá, porque teus pais vão agarrá-los agora mesmo”.

E acrescentou:

— “A tripa do pai deles, ãgãmahsãpu, era muito gostosa”.

Diruê, feito filho dos Koáyea, prosseguiu:

— “Quando é que os meus pais vão agarrar os Diroá?”

— “Quando estiverem cantando o õmabayaribu”, responderam a velha.

Assim, Diruê ficou sabendo de tudo. Ao levantar-se para cantar e dançar, ficou atento. Por isso, cantou assim:

— “Mari yai kuni yai kuni. Piaka deyu waya piaka deyu waya, deyu waya wiroya deyu waya wiroya”.

Era um canto cerimonial que estava dizendo:

— “Para nós mordermos as onças, já as estamos vendo”.

Ao escutarem o canto de Diruê, os Koáyea vestidos de onça deixaram os seus lugares. Comentaram entre si:

— “Não podemos pegá-los agora, já sabem tudo”.

Anoiteceu. Lá, pelas nove horas da noite, o chefe dos Koáyea sacudiu o seu bastão cerimonial yegũ que soou assim:

— “Titi, ri ri ri, tiriri, ri ri ri, tiri ri ri ri”.

Balançou-o três vezes. Era o sinal para tomar-se todo o resto do caapi. Depois, o chefe dos Koáyea foi entregar o

bastão a Diruê. Era o aviso de que este devia tomar o resto do caapi. Depois ele voltou para o seu lugar. Então Diruê levantou-se para fazer soar o bastão. Era sua resposta, antes de tomar o resto do caapi. Em seguida, foi tomá-lo com seus múltiplos. Caminhou até o quarto de chefe onde estavam sentados os Koáyea e disse:

— “Sów! Venho tomar o resto do caapi”.

Aí, o distribuidor do caapi serviu-o e aos demais Diroá.

Enquanto eles estavam tomando o resto do caapi, os Koáyea perguntaram a Diruê:

— “Você pajé de que é?”

Ele respondeu:

— “Sou yesuī, isto é, pajé do amargo”.

Os Koáyea responderam:

— “Queremos morder o pescoço do pajé do amargo”.

— “Experimentem”, contestou Diruê.

Os Koáyea agarraram o seu pescoço e o morderam. O pescoço era tão amargo que não agüentaram, soltando-o. Perguntaram a um outro dos Diroá:

— “Você pajé de que é?”

— “Eu sou yepiñ, isto é, pajé do azedo”.

Os Koáyea disseram:

— “Deixe-nos morder o pescoço do pajé azedo”.

— “Experimentem”, retrucou.

Eles o agarraram e o morderam, mas o pescoço era tão azedo que tampouco agüentaram. É que cada um dos Diroá havia conseguido um poder para enfrentar os Koáyea. Um terceiro disse:

— “Eu sou yeguikuribaru, isto é, pajé de quebrar dente”.

Este, quando mordido, arrebatava os dentes do mordedor. Dessa forma, todos os Diroá escaparam. Seu chefe tomou-se de ira ao verificar que os Koáyea eram implacáveis, não queriam perdoar.

Voltando ao seu assento, executou a cerimônia chamada “pari-pari”, que é, como vimos, uma demonstração de valentia. Nessa cerimônia, costumava-se empregar palavras ofensivas. As de Diruê foram bastante duras. Disse assim:

— “Se minha ira cair em cima de vocês, morrerão. Já viram o suficiente para avaliar o meu poder. Vocês foram inimigos dos meus pais e dos meus avôs. Mas a mim não farão nada”.

Dizendo isso, demonstrou que sabia terem sido eles junto com os gaviões-reais, os devoradores de Āgāmahsāpu que também queriam comê-lo.

Em seguida, voltou à sua dança e ao seu canto. Durante todo o dia entoou a cantiga aōyuhkuwihtōgori. Cantou e dançou até anoitecer. À meia-noite entoou o canto chamado aōyuhkubūgūgori que era o mais importante. Cantou-o e dançou até amanhecer. Lá pelas oito horas da manhã, entoou e dançou a última parte, chamada bayawiriribu. Nessa fase, era costume dançar e cantar no pátio da maloca. Diruê deu duas voltas na maloca. Na terceira volta, ele saiu para o pátio e cantou assim:

— “Kahpi periya diperi, kahpi periya diperi”.

Com essa canção quis dizer que fazia o sangue escorrer como a chuva. No pátio, deu outras voltas e tornou a entrar na maloca. Antes disso, deixou o seu bastão cerimonial bem na direção da porta. Nele, pendurou seu colar de pequenas contas brancas chamado dasiribero. Junto ao bastão, deixou o pedaço de espinhaço do Trovão que lhe conferia o poder de soltar raios.

Ao penetrar na maloca, caiu um raio seguido de um grande temporal. O bastão yegu, o colar de contas e o pedaço de espinhaço é que estavam produzindo o raio. Diruê cantava, dando voltas na maloca, enquanto o raio ia matando os Koáyea. Assim que ele terminou o seu canto, voltou a transformar-se nos dois meninos originários. Não restou nenhum pedacinho

dos Koáyea. Os Diroá, assumindo o lugar deles, disseram:

— “Isso é o seu castigo por terem matado o nosso pai e os nossos avôs”.

Antes de soltar os raios, Diruê havia escondido a sua velha avó debaixo de um grande camuti para que não fosse atingida. Mas a velha, por curiosidade, resolveu levantar um pouquinho o camuti para ver o que os seus netos estavam aprontando. O raio a fulminou. Quando os dois Diroá levantaram o camuti para ver a velha, só havia sangue. Vendo isso, disseram:

— “Morreu a velha avó que nos criou. Vamos fazer um rito para fazê-la voltar à vida”.

Assim fizeram e a velha levantou-se. Todavia, com ela, levantaram-se todos os Koáyea, porque a avó também era do grupo dos Koáyea. Por isso, os irmãos dela se ergueram também.

— “Já que é assim, a nossa avó tem que morrer também”, disseram então os Diroá.

Soltaram mais raios e acabaram com todos. Depois, subiram à Maloca do Universo. Devem estar lá agora. Eles é que, às vezes, andam pelo mundo soltando raios à toa. Assim termina o mito dos Diroá.



Funeral dos Antigos dos Umukomahsã

Vamos ouvir sobre os costumes funerais dos Antigos do povo Desana, isto é, dos Umukomahsã, a Gente do Dia. Como já vimos, o homem foi se transformando, subindo maloca por maloca, começando do Lago de Leite, até a saída para esse mundo, em Ipanoré, no rio Uaupés. Por isso, os nossos Antigos faziam uma cerimônia quando um homem soltava o seu espírito, isto é, no momento da morte. Com esta cerimônia, o kumu ou rezador mandava o espírito do morto para a primeira Maloca de Transformação da humanidade, isto é, para Diáhpikōwi'i, a Maloca de Leite. Mas não é o espírito de todo mundo que voltava para esta maloca. Somente aquele dos sábio ou kumu que, durante a sua vida, dava o Sopro de Coração às crianças, o espírito daquele que cantava e, também, daquele que sabia fazer a cerimônia do caapi. Somente o espírito destes voltava para a Maloca de Leite. Somente para eles é que um kumu vivo mandava o espírito deles para essa maloca.

O destino do espírito do pajé (ye) era diferente daquele do kumu. O pajé era um homem que dominava a doença com o seu poder. O kumu, porém, era um sacerdote que administrava as cerimônias com seu poder. Como já vimos, a origem do poder do pajé está na Wihōwi'i, isto é, na Maloca de Paricá. Por isso, quando morria um pajé, o kumu mandava o seu espírito para essa maloca. Esta maloca é de pajelança, por isso o pajé voltava com o seu espírito para ela. O espírito do pajé não ia para a Maloca de Leite, porque ele era de um outro poder.

Fazia-se essa cerimônia, mandando o espírito para estas duas malocas, somente para os maiores kumua e pajés. O espírito daqueles que viveram com pouca ciência e pouco poder

aqui na sua vida não ia para estas malocas. Umukomahsũ Boreka resolveu mandar o espírito destes para uma outra, chamada Wahpiruwi'i. Nesta maloca é que voltavam o espírito de todos os Umukomahsã, isto é, daqueles que tinham menos poderes, ou eram sem poder mesmo, como o são as crianças e as mulheres. Nesta maloca, o espírito continuava como se estivesse dentro do corpo. Escutava-se sons de instrumentos musicais. Durante muito tempo, as almas dos nossos Antigos voltaram para esses lugares.



Mito da morte de Boreka

Boreka, quando estava para morrer, chamou a sua criada e disse:

— “Daqui a algumas horas eu vou embora. Por isso, eu te digo: não quero que o meu filhinho fique sozinho depois da minha morte. Por essa razão, fiques me esperando no fim daquele caminho, porque eu quero levar-te e o menino”.

E marcou, pela altura do sol, a hora que ia morrer.

A criada aceitou as palavras do seu senhor. Quando chegou a hora marcada, ela pegou a criança e foi no lugar indicado, à espera dele. Boreka morreu na hora marcada. Ouvindo os choros dentro da casa, a criada entendeu que ele já estava morrendo.

De repente, ele veio andando pelo caminho como se não tivesse morrido. Chegou até onde ela o estava esperando com o menino e disse:

— “Vamos embora!”

E ela, com o menino, foi atrás dele. Poucos minutos depois, o homem chegou numa grande maloca. Havia muita gente. Vendo-o, todos gritaram:

— “Bem vindos”.

Antes de entrar na maloca, ele disse para a sua criada:

— “Você fique aqui! Cuide bem do menino”.

Depois de dizer isto, ele foi levado para dentro do quarto de paris de onde ele não saiu mais. Todos estes que estavam na maloca eram as almas de homens e de mulheres. A criada esperava que o seu mestre aparecesse, mas nada. Nem para dar uma espiadinha, ele se mostrava.

Dias depois, a moça foi espiar no quarto de paris, por onde ele tinha entrado. E lá viu o seu mestre deitado, todo cheio de enfeites. Mas ele não se mexia. Estava como um cadáver estendido. Ela foi espiar quando ninguém estava em casa, por isso ninguém a viu.

De noite não havia nenhuma iluminação. A casa toda estava cheia de escuridão. Quando chegava meia noite, a criança chorava de frio, porque não havia fogo. Na primeira noite, a moça foi tirar fogo no quarto vizinho, porque tinha visto a brasa que iluminava. Por isso, ela pegou umas cascas secas e foi deixá-las por onde a brasa iluminava. Mas não eram brasas do fogo. Cada uma dessas almas tinha o seu próprio fogo. E todas elas iluminavam, como brasas, nos seus cus. Por isso, quando a moça foi deixar a casca nas brasas, ela as deixou bem no cu de uma das almas. Esta acordou e gritou aborrecida. Depois, a moça foi num outro quarto procurar fogo. Ela viu uma brasa que iluminava, por isso ela foi deixar lá a casca seca. Já era o cu de uma outra alma. E ela também gritou como a outra. Depois todas acordaram e gritaram contra ela.

A criança chorou, sentindo fome. As almas perguntaram então para a moça porque a criança chorava. Ela respondeu que ela estava com fome. Disseram que no fim do pátio havia batata doce. Disseram-lhe que tirasse algumas batatas e as assasse para o menino. A moça foi à procura das batatas no lugar indicado e começou a cavar. Mas só havia minhocas em montões. Ela voltou então para a casa das almas sem ter encontrado nenhuma batata doce. Vendo-a voltar sem nada, as almas perguntaram se tinha encontrado algo. Ela respondeu que não. Então, elas falaram:

— “Você é doida mesmo. Há tantas batatas doces aí e você está dizendo que não há”.

Uma alma disse assim:

— “Vou ver eu se não há batatas”.

E ela correu ao batatal. Depois de uns minutos, ela voltou com umas batatas bem grandes que ofereceu para a moça para que ela as desse de comer ao menino. A moça pegou as batatas mas não sabia como fazer para assá-las. As almas viram que ela não sabia o que fazer porque não tinha fogo e disseram:

— “Coloque as batatas debaixo dos seus braços, nos sova-
cos, para que fiquem cozidas, para dar de comer ao menino”.

A moça obedeceu, colocou as batatas nos sovacos, espe-
rou uns quinze minutos e depois as tirou do lugar para olhar.
Mas a batata estava ainda crua. Vendo isto, as almas disseram:

— “Mas esta é realmente doida”.

Dizendo isso, uma das almas pegou quatro batatas, co-
locou duas em cada sovaco, esperou alguns minutos, de-
pois tirou as batatas já cozidas e as ofereceu à moça, para dar
ao menino.

Vendo as dificuldades pelas quais eles passavam, a moça
pensou de fugir daquele lugar. Um dia, ela fugiu, mas não deu
certo. Ela queria voltar pelo caminho por onde ela tinha ido
com o seu senhor, mas o caminho estava todo cerrado. Não
havia jeito de voltar. E ela foi novamente na casa das almas.
No dia seguinte, ela se levantou com a idéia de ir assim mes-
mo, sem rumo, para sair daquele lugar feio. Quando as almas
saíram para passear, a moça aproveitou para fugir com o me-
nino, e foi mesmo sem caminho.

Depois de várias horas de caminhada, ela escutou risadas
de gente e achou também alguns caminhos. E foi seguindo es-
tes caminhos, até que chegou numa grande maloca. Entrou.
Saudou com a saudação da entrada, e eles responderam com a
saudação de recepção. Ofereceram-lhe um banco para sentar.
Depois, as mulheres trouxeram quinhapira e ofereceram-lhe
para comer. Quando ela se aproximou para comer, viu que era
comida mesmo: o beiju era beiju verdadeiro, feito de mandioca,
a quinhapira era só de camarões. Aí, a moça e o menino
comeram mesmo. O menino comia com muito gosto os cama-
rões cozidos. Vendo-o comer os camarões com prazer, aque-
les que ofereceram a quinhapira, perguntaram para a moça:

— “O seu filhinho não sente o ardor da pimenta?”

— “Ele não sente”, ela respondeu.

Porque os camarões para eles eram pimentas, mas para a moça e para o menino eram mesmo camarões. É que havia essa diferença.

O povo desta maloca era gente-cutia. A sua comida era igual à nossa porque a cutia come mandioca, camarões e peixes no verão, quando os igarapezinhos secam.

Depois, a moça avisou para que tirassem a quinhapira e o beiju. O que eles fizeram. Depois de deixar isto nos lugares apropriados, as mulheres-cutias aproximaram-se dela para conversar. Já estava anoitecendo. As mulheres lhe perguntaram de onde ela vinha. Ela contou então todo o que tinha acontecido. Aí, elas disseram que conheciam a mãe do menino.

— “Nós costumamos ir todos os dias na roça da mãe deste menino porque ela é muito boa conosco, explicaram. Todos os dias ela diz para nós: 'Arranquem as mandiocas conforme o seu desejo!' Por isso é que nós gostamos da mãe deste menino.”

As cutias diziam isto. Os carões e os gritos que a mulher dava porque as cutias comiam a mandioca da sua roça eram, para elas, palavras boas. Das palavras boas eles diziam que eram más. Isto é, elas entendiam tudo pelo contrário. Ouvindo-as, a moça disse:

— “Por favor, me levem até onde ela está”.

— “Amanhã te levaremos até lá”, responderam.

E contaram também que a mãe do menino chorava a desapareição do seu filho todos os dias.

No dia seguinte, de manhã cedo, pegaram os seus aturás para irem até a roça da mulher, dizendo para a moça:

— “Vamos agora”.

Ouvindo isso, ela pegou o menino e saiu contente porque ela ia voltar para a sua casa. No caminho, conversavam com a moça. Diziam:

— “Quando você for para a roça, deixe para nós também os restos de mandioca. E ainda mais, quando você raspa as

manivas, não raspe as pequeninas: deixe-as para nós, no bananal”.

A moça aceitou o pedido delas. Quando chegaram quase perto da roça disseram:

— “Escute também você: ela está chorando. Nós não te dissemos que ela sempre chora por causa do filho dela?”

Era verdade mesmo, a mãe do menino estava chorando.

Quando chegaram pertinho, elas disseram à moça:

— “Nós ficamos aqui. Mas não vai contar para ninguém que fomos nós que te deixamos aqui porque se, um dia, tu contares isto, tu morrerás e virás viver conosco”.

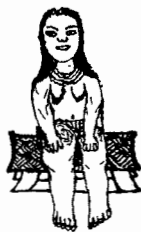
A moça respondeu que não contaria para ninguém. Despediu-se das cutias e foi caminhando na direção da sua patroa. Esta estava chorando:

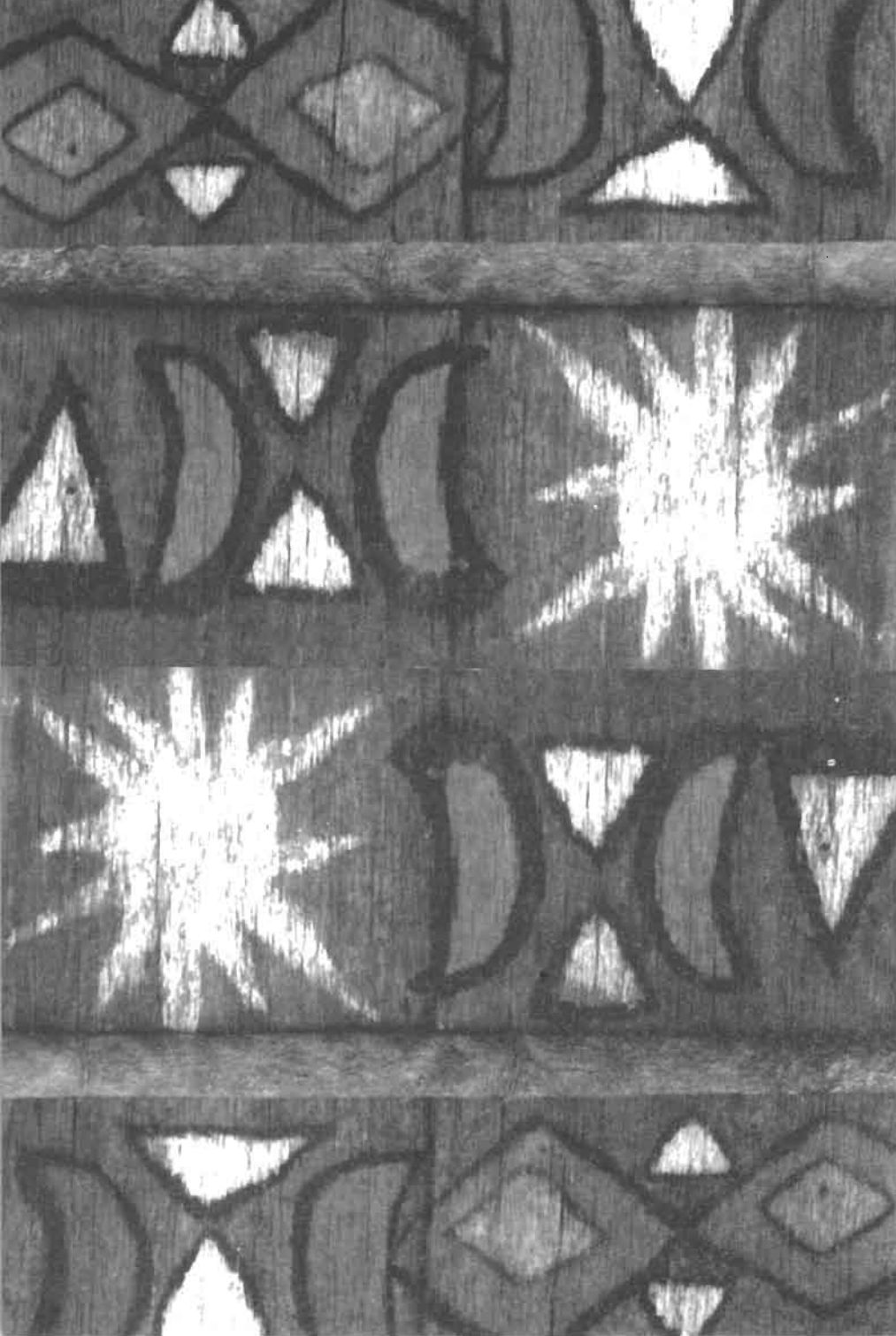
— “Meu filho, meu filho... Onde tu estarás, meu filho?”

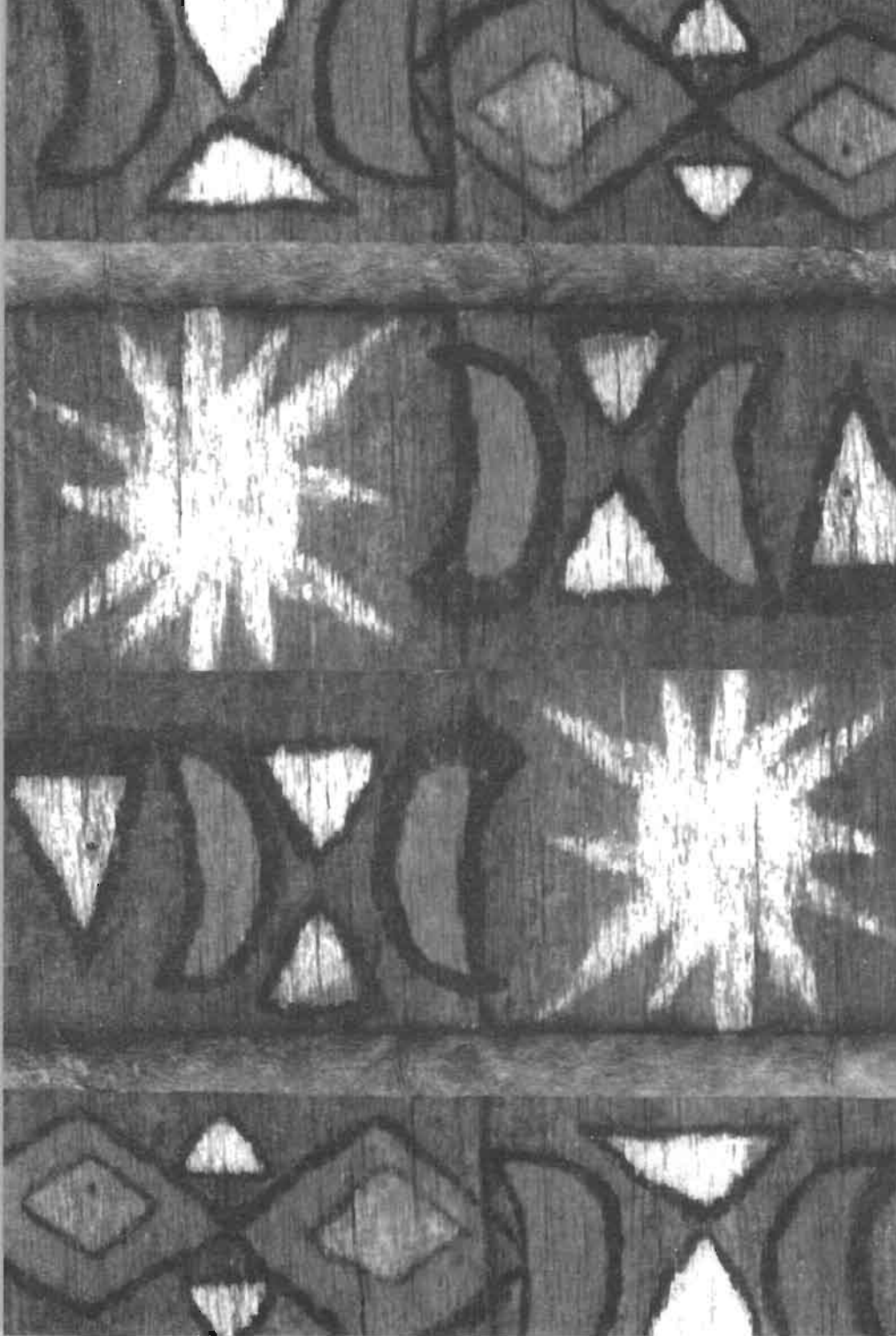
O menino já estava pertinho dela. Virando-se para trás, ela viu a criada com o seu filhinho. Logo, ela o carregou, chorando. Depois, parou de chorar e perguntou por onde os dois andavam. Então, a moça contou todo o acontecimento desde o início, só não contou o que as cutias lhe haviam proibido de falar. Voltaram juntos para a casa e a patroa perguntou novamente como ela tinha conseguido voltar até a roça. Mas a moça não contou nada. Mesmo assim, a mãe do menino não parava nunca de perguntar.

A moça guardou o seu segredo durante muito tempo. Ela fazia conforme o pedido das cutias a respeito das mandiocas. E a sua patroa sempre perguntava porque ela fazia isto, mas ela não respondia nada. As cutias chegavam até o bananal para comer a mandioca que a moça lhes deixava, conforme haviam pedido para ela. Depois de vários meses o pessoal da maloca preparou um grande caxiri para o dia de dança. Neste dia, a moça revelou o seu segredo, porque o pessoal lhe deu muito caxiri para fazê-la falar. Bêbada, ela contou o seu segredo.

Depois de falar, ela saiu para fora para urinar. Aí mesmo, bateu com o pé contra um toco e caiu morta. Assim termina esse mito.







Profecia dos Antigos

Depois de muitos séculos, na cabeceira do rio Macucu, uma mulher, sem coabitar com o seu marido, ficou grávida e deu à luz uma menina. Quando a menina tinha dois anos, ela brincava diferentemente das meninas da sua idade. Quando chegou aos três anos, ela cantava cantos diferentes: como era criança, ela cantava meio gaguejando, mas os sons que se ouviam dela eram muito suaves. Quando ela tinha cinco anos, ela reunia as suas companheiras e, com elas, fabricava cruces com pauzinhos e cantava cantos suaves.

Na idade de doze ou treze anos, ela pediu ao seu pai que fizesse um tambor e uma cruz de pau-brasil. Mas o pai não se interessou com o pedido da filha. Todavia, como ela não cessava de encomendar o tambor e a cruz, o pai acabou fazendo-os. Com pau-brasil, ele fabricou um tambor e uma cruz para a sua filha. A menina ficou contente ao recebê-los. Depois, ela convidou as suas companheiras e mandou que elas também pedissem ao seu pai de fazer umas cruces. Assim fizeram as companheiras da menina.

Toda tarde, ela reunia as suas companheiras para cantar os cantos. Os pais dela ignoravam de onde vinham esses cantos. Havia proibido a ela de cantar, mas ela não obedeceu e continuou cantando. Quando tinha quinze anos, ela começou a contar que quem lhe ensinava estes cantos era um homem do céu chamado Kiritu. Dizia também que Kiritu lhe mandava cantar estes cantos como perdão dos pecados cometidos pelos outros.

Os seus pais não sabiam quem era este homem chamado Kiritu. Ela dizia:

— “É um homem do céu”.

Dizendo isso, ela os mandava crer nele. É nessa idade que ela começou a ser conhecida. Ela cantava o canto de Kurúsa,

que seria o da cruz, o canto de Baría, que seria o de Mariá, o canto de Yusé, que seria o de José. Cantava o canto do Mentre, que devia ser o Mestre. Ela cantava o canto Olha Santo, que seria o dos Santos. Cantava o canto de Perdão dos Pecados. Cantava também o canto para quebrar os chifres dos homens maldosos, isto é, dos pecadores. Quando apareciam homens que tinham cometido pecados graves ela caía no chão, porque sentia no seu corpo o peso desses pecados. Ela falava coisas novas. Dizia que no céu havia um Deus forte que um dia viria no meio deles, e muitas outras profecias desse gênero.

A fama desta menina correu por toda parte, no rio Papuri e no rio Tiquié, no rio Caiari (Uaupés) e no rio Pirá. Os moradores deses rios vienham vê-la e ouvir os seus cantos. Ela ensinava para eles todos os cantos que cantava. Cantaram estes cantos da cruz quase todos os povos destes rios. Foi nessa época que as almas que estavam na maloca chamada Wahpiruwi'i desapareceram. Parece que o canto de Kurúsa levou-as para o céu.

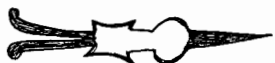
Diante dos prodígios da menina, alguns homens malvados deram-lhe veneno para ver se ela era mesmo do céu. Se ela era realmente do céu, com toda certeza ela não morreria. Mas a menina morreu. Parece que Kiritu a tirou. Com a sua morte, a maioria dos seus discípulos deixaram de cantar os cantos que ela lhes tinha ensinado. Muitos anos depois, apareceu um outro profeta, no rio Papuri, no lugar chamado Cupiim, onde hoje se localiza a missão colombiana de Montfort. É neste lugar que apareceu este profeta que se chamava Yewa. Profetizou que chegariam homens de Deus, que seriam chamados Paiá, isto é, os Padres de hoje. E que viriam também virgens vestidas de preto e com peitilho branco. Seriam as freiras? Ele via esses homens e essas virgens através de um espelho que, numa visão, lhe fora dado por Deus.

Depois dessa profecia é que chegaram os padres e as irmãs, isto é, as freiras. Isso é sinal que Deus preparou a chegada da sua palavra para levar a nossa salvação até o céu.



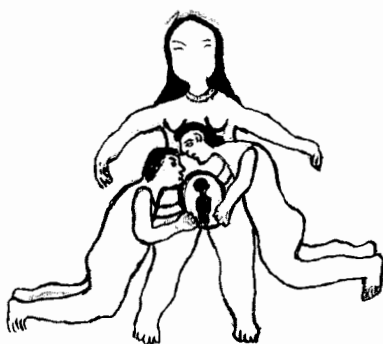


30. Os *Ṣmukomahsā* e o Criador, *Ṣmukosurāpanami*, cansados de viver eternamente a luz do dia, vão à maloca de *Ñami*, o Dono da Noite pedir-lhe essa dádiva. *Ñami* entrega-lhe a mala da noite, mas os faz adormecer para eles não aprenderem os ritos que produzem a noite.

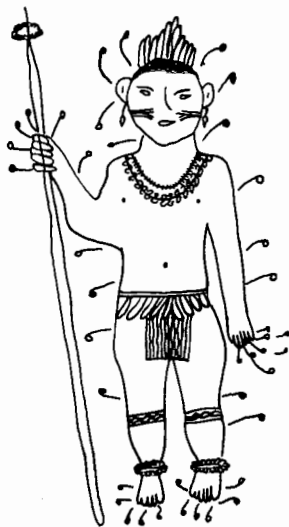


31. As primeiras mulheres não tinham vagina. Para que Garamūye pudesse nascer, Boreka pegou sua forquilha porta-cigarro e com ela mediu a medida certa da "porta do parto".

32. Garamūye, detentor das flautas sagradas, só podia ser visto pelos homens, porque as flautas sagradas eram apanágio masculino. Ao nascer, eles o escondem numa cuia e nem a própria mãe chega a vê-lo.



33. Guramūye, ao
descer, já adulto, da
Umakowi'i. Seu corpo
emite sons com se fosse
um instrumento musical.



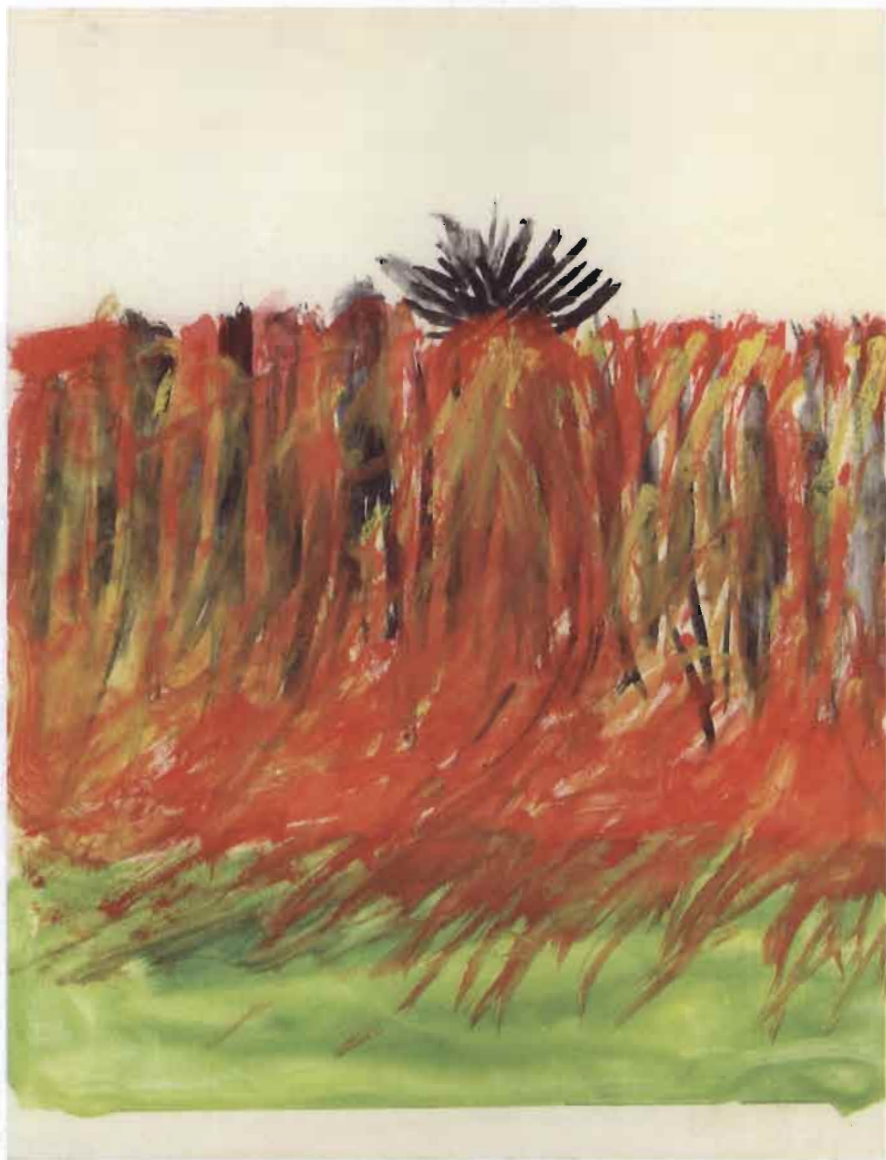
34. Guramūye executando
o rito de iniciação dos
rapazes que, nesse período
são chamados Gāmā
"Iniciados". Constituia numa
prova de resistência física
e abstinência alimentar.



35. Tendo desobedecido as suas ordens de não comer alimentos assados, Guramūye resolve castigar os rapazes iniciandos. Dilata o ânus, que aumenta desmesuradamente de tamanho, para, por essa via, tragar a rapaziada desobediente.



36. Guramūye devora a juventude desobediente mandando-o entrar no ôco do seu ânus.



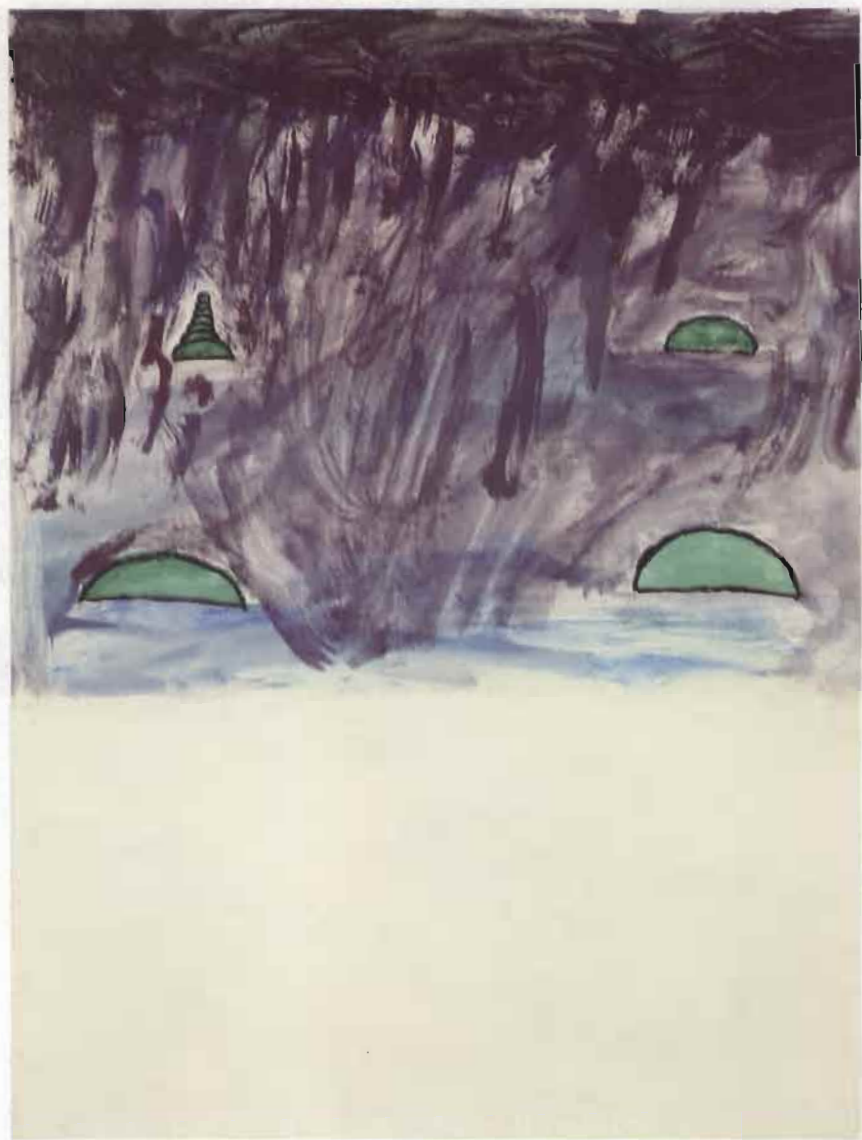
37. Devido à inobservância do jejum por parte dos "Iniciados", Garamūye castiga a humanidade com o primeiro cataclismo de fogo.



38. O segundo cataclismo de fogo foi provocado por Nügüye para vingar-se da morte da irmã. Na figura vê-se Nügüye que era do grupo dos gaviões, transforma-se num deles.



39. O terceiro cataclismo — uma enchente que submergiu toda a terra acabando com a humanidade — deveu-se à inadvertência de Sēpīrō, que não cumpriu à risca as determinações do Criador.



40. A grande enchente inunda a terra. Fora d'água ficaram apenas os picos das quatro maiores montanhas que são o esteio do quarto patamar do universo.



41. Baaribo, dono da comida e o único a possuir o segredo da mandioca, planta uma maniva junto a árvore chamada nogēmũ. Essa muda se alastra prodigiosamente, passando a ser o principal alimento da humanidade.



42. Gāipayā, o ancestral dos periquitos, e seu cunhado Pīrōmahsū, pisando sobre mandioca puba, viram a canoa de duas moças, inimigas de Gāipayā. Depois o seu cunhado fisga-as, uma a uma, com o tipiti.

43. A pupunheira, cuja semente Gāipayā roubou da casa do sogro, dava num só pé, as quatro espécies de pupunha hoje conhecidas.





44. Āgāmahsāpu, à frente do seu grupo de aves, em visita à maloca de Diápīrō, numa tentativa de conquistar suas filhas.

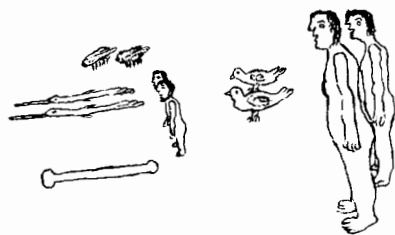


45. Oá, "Mucura", do alto do ingazeiro, desorienta as namoradas de Āgāmahsāpu, mudando de lugar as penas de arara que deveriam sinalizar o caminho da sua casa.

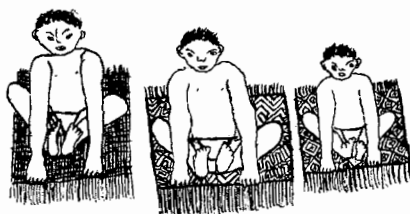


46. A marca de Oá e de seu escudo trançado de dança gravada nas pedras do porto de Ægãmahsãpu. Os acólitos deste, socós, garças-reais, voltando à maloca depois de matá-lo.

47. A metamorfose de Āgāmahsāpu: o seu fêmur transforma-se, primeiro, em dois peixinhos, os Dīroā. Estes, por seu próprio poder, se transmudam, sucessivamente, em grilos, meninos gêmeos, passarinhos e homens adultos, chamados Dīroā, no plural. Eles vingarão a morte do progenitor.



48. Siruriye e e seus "netos", os Dīroā, trançando balaios. O do avô é sem desenhos porque foram os Dīroā que inventaram os padrões ornamentais dos trançados desana.





49. Tomado de fúria pelos Koáyea que queriam matá-lo, o chefe dos Diroá, aciona o poder de lançar raios do seu cetro-maracá e acaba com a tribo das onças.



50. Querendo salvar sua "avó" dos raios lançados sobre a maloca dos Koáyea, Diruë a esconde debaixo de um camuti. Curiosa, levanta-o e é atingida pelos raios.

Mito de Ñamakuru

Nas cabeceiras do rio Tiquié, nos princípios dos séculos, morava um homem com sua esposa e seus três filhos. Um dia, o homem apanhou uma doença grave e morreu, deixando a mulher e seus três filhinhos sozinhos.

A mulher o enterrou. Depois de alguns dias, ela foi no igarapezinho para apanhar camarões para comer porque não tinha mais quem pescasse para ela, já que as crianças eram ainda muito pequeninas. Enquanto ia pegando os camarões, alguém, na frente dela, estava deixando alguns peixinhos. E a viúva tirava estes peixinhos porque ela precisava mesmo deles para comer.

Poucos dias depois, ela foi outra vez apanhar camarões no mesmo igarapé. Aconteceu a mesma coisa, como no primeiro dia. Vendo isto, a mulher pôs-se a gritar:

— “Quem é você que faz isso para mim? Apareça, por favor, porque eu estou sozinha, não tenho quem cuide de mim”.

Mas ninguém respondeu ao grito da mulher. Depois de ter dito isto, ela voltou para a casa.

Aconteceu que nesta mesma noite, pelas dez horas, chegou na sua casa um homem desconhecido, alto, que não sabia falar perfeitamente a língua dela. Era aquele que deixara os peixinhos na sua frente, que tinha escutado o seu grito pedindo que aparecesse. Por isso é que ele estava chegando na casa da mulher.

Era a alma do seu finado marido. Ele queria voltar à vida, mas não era mais como antes, porque já morrera. Mas, mesmo assim, ele queria cuidar da alimentação dos seus filhos. Ele chegou carregando consigo um cesto cheio de inambus que entregou para a mulher. Ela pegou os inambus e os cozinhou numa panela grande. Depois ofereceu-lhe para comer. Quando ele acabou de comer, ela lhe deu manicuera para beber. E

depois de aprontar tudo, os dois deitaram-se juntos na rede, pela meia noite.

Como todos nós sabemos o que acontece quando deitamos juntos, assim aconteceu com eles. Eles se amaram. E, depois de se amar, ele dormiu três horas com ela. Depois, ele se levantou, saiu e foi embora sem que as crianças o vissem.

A mulher, ao amanhecer, ofereceu aos filhinhos asas de inambus. Ao recebê-las, as crianças perguntaram onde ela tinha encontrado inambus, mas ela não lhes disse nada.

Na noite seguinte, o homem chegou na mesma hora da noite passada. E trouxe também inambus que ofereceu à mulher. A mulher fez tudo como na noite anterior. E ele saiu na mesma hora, como pela primeira vez. A mulher guardava só as asas para seus filhinhos.

Depois de vários meses, as criancinhas começaram a se perguntar quem entregava os inambus todas as noites para a sua mãe. O primogênito disse então:

— “Eu vou ver, esta noite, quem oferece os inambus para a nossa mãe”.

E anoiteceu com este propósito. Tomaram manicuera, depois foram deitar-se nas suas redes e ficaram conversando e rindo, como é o costume das crianças. Depois, os dois apanharam sono e o primogênito também fingiu de dormir, para ver como a mãe deles encontrava os inambus cada noite. Ele viu que a sua mãe não se deitava e fingiu de roncar.

Mais tarde, houve um barulho na porta e ele viu a sua mãe correr abrir a porta. Aí, ele ficou olhando, sem se mexer, para ver quem ia entrar. Viu então um homem alto que entrava carregando um cesto de inambus. Viu-o oferecer à sua mãe este cesto. Observou que a mãe cozinhava os inambus numa panela grande e que os dois comiam só a carne e deixavam de lado as asas. Verificou também que era aquele homem quem tomava a manicuera mais doce, da qual eles nunca bebiam porque

desta cuia a mãe não lhes mandava tomar, guardando-a separado. A eles, ela dava a manicuera já misturada com muita água. Por fim, reparou que, depois de comer, eles se deitavam numa só rede. Depois de ter visto tudo isso, ele adormeceu.

Ao amanhecer, a mãe, como de costume, ofereceu as asas dos inambus que ela e o homem tinham deixado de lado quando comeram, assim que o menino o havia visto. Depois que a mãe foi para a roça, o menino contou aos seus irmãos o que tinha visto de noite. Ouvindo isto, os outros disseram:

— “Nesta noite nós também veremos este homem”.

Dizendo assim, atardeceram.

Ao anoitecer, eles ficaram conversando e rindo como é costume das crianças. E a mãe dizia-lhes:

— “Durmam logo meus filhinhos”.

Por fim, eles fingiram de dormir. A menina também ficou fingindo de dormir para ver o homem, mas não agüentou e acabou por dormir de verdade. Somente os dois meninos souberam fingir de dormir. O homem chegou outra vez e fez tudo como nas noites anteriores.

Ao amanhecer, as crianças foram tomar banho. No porto, falaram do que tinham visto de noite. A menina só escutava, porque ela dormira de verdade. Eles falaram que a sua mãe comia só carne e guardava para eles somente as asas dos inambus. E disseram:

— “É bom que matemos este homem desconhecido. Assim, ela também não comerá mais carne de inambu”.

Resolveram na hora matá-lo com timbó.

Depois que a mãe foi para a roça, as crianças saíram para procurar o timbó a fim de matar o homem. Ao preparar manicuera, a mãe fez como de costume. Cozinhou a manicuera e guardou numa cuia separada a mais doce. As crianças ficaram reparando, para ver se a sua mãe saía para algum lugar para, em poucos minutos, colocar o timbó na cuia. Anoiteceu.

Quando já estava escurecendo, a mãe foi tomar banho. Neste instante é que eles puseram o timbó na cuia de manicuera. A mãe voltou do banho depois que eles puseram o timbó. As crianças ficaram olhando o que ia acontecer.

Na hora de sempre, o homem chegou. Depois de ter comido, a mulher mostrou-lhe a cuia de manicuera. Aí, ele foi tomar mas logo sentiu o cheiro de timbó. Por isso, ele perguntou para a mulher:

— “Kāsī kāsī kāsī ?”

Com isto, ele queria saber se a manicuera estava crua. Mas a mulher respondeu:

— “Sari sari sari”.

Com isto, ela estava dizendo que ela tinha preparado bem a manicuera, como de costume, e que ela era boa. Ouvindo esta resposta da mulher, o homem tomou a manicuera envenenada. Quando acabou de tomar, os dois se deitaram e dormiram.

Ñamakuru não acordou mais. Ele morreu na rede mesmo. Quando chegou a hora do galo cantar, a mulher tentou despertá-lo, mas ele nem se mexeu. Aí ela se deu conta de que ele estava morto. Vendo-o morto, ela o carregou e foi deixá-lo na caçoeira ao lado da casa.

Na manhã seguinte, ela pegou a sua cavadeira e foi enterrar o homem. O sepulcro dele é que, às vezes, nos vemos no céu: um quadrado branco que aparece nas noites de verão.

Daquele dia em diante, as crianças não comeram mais asas de inambus, porque tinham matado aquele que trazia os pássaros.

Três meses depois da morte deste homem, a mulher se deu conta que ela estava grávida, porque Ñamakuru tinha coabitado com ela. No oitavo mês de gravidez, ela deu à luz escondidamente, sem que os seus filhinhos o soubessem. A criança nascida não tinha todos os membros. Tinha só cabeça, mãos e barriga. Faltavam-lhe as duas pernas. A mãe deu à luz de noite, depois colocou o nenê num saco que ela dependurou nos caibros da casa.

Ela dava leite ao nenê de manhã cedo e às duas horas da tarde, ao voltar da roça. Antes de dar o leite ao pequeno de manhã, ela mandava as crianças tomar banho, dando-lhes a ordem de fazer uns apitos entre as mãos postas na hora de regressar do banho. Quando ela voltava da roça, dava-lhes ás mesmas ordens. Neste tempinho em que as crianças estavam tomando banho, ela dava leite, com pressa, ao nenê. Quando ouvia o barulho do apito das crianças, ela o colocava de volta com pressa no saco, trepava e amarrava o saco nos caibros da casa. Quando as crianças voltavam em casa, encontravam a sua mãe raspando a casca da mandioca. Por isso, eles ignoravam que ela tinha uma criança no saco pendurado no caibro da casa.

A mãe dava-lhes esta mesma ordem todos os dias. Por isso, as crianças começaram a desconfiar, perguntando-se por que ela os mandava fazer isso todos os dias, duas vezes por dia. Resolveram então espia-la. Quando a mãe voltou da roça, como de costume ela os mandou ir tomar banho. As crianças foram logo tomar banho. Ao chegar no porto, o primogênito disse aos seus irmãos:

— “Vocês fiquem aqui fazendo o barulho do banho. Eu vou espiar a nossa mãe para ver o que ela está fazendo”.

Os dois outros ficaram no porto, fazendo barulho na água enquanto o primogênito voltava para a casa para espiar. Viu então que a sua mãe estava dando leite a uma criançinha. Voltou correndo tomar banho. Antes de voltar, as crianças fizeram um apito, o sinal que eles estavam voltando. Ao ouvir o sinal, a mãe colocou com pressa o nenê no saco que ela foi pendurar em seguida nos caibros da casa. Quando os seus filhos chegaram na casa, ela estava raspando a mandioca.

No dia seguinte, depois que ela tinha ido para a roça, o primogênito contou aos seus irmãos que a mãe deles tinha uma criança que havia colocado num saco pendurado no caibro da casa. Escutando isto, disseram:

— “Vamos olhá-lo”.

Mandaram-no que subisse para pegar o saco. Viram então o seu primo, só de barriga. E ficaram contentes ao ver um nenê diferente deles. Experimentaram colocá-lo no chão, para ver se ele andava, mas ele ficou com a barriga no chão mesmo. Aí, eles pensaram em colocar-lhe pernas de talos de folhas de embaúba. E as colocaram, através do seu pensamento. Experimentaram deixá-lo no chão, e viram que a sua obra havia dado certo. Viram o seu primo andar e, vendo-o andar, encheram-se de alegria.

Ao lado da casa, havia umas plantas de batata doce. Eles foram deixá-lo no meio das batatas e o seu primo comeu, como nunca, as folhas de batata. Ficaram rindo ao vê-lo comer. Ele foi comendo, pulando cada vez mais longe. Queriam pegá-lo, mas não conseguiram, porque ele corria muito. Correndo, ele entrou no mato. Assim eles perderam o seu primo no mato.

Sabendo que a sua mãe ia xingá-los, resolveram enganá-la. Encheram de carvão o saco e o penduraram. Ao voltar da roça, a mãe deu-lhes a ordem de tomar banho e, como de costume, eles foram logo ao porto. A mãe subiu então para pendurar o saco onde se encontrava o seu nenê, para dar-lhe leite. Aí, ela se deu conta de que o saco estava cheio de carvão. Ela saiu logo, chamando os seus filhos. Deu-lhes então umas chicotadas fortes, a todos eles.

No dia seguinte, as crianças saíram bem cedinho da casa e foram cavar grandes buracos, para eles viverem dentro. Voltaram de tardezinha, pelas seis e meia. A mãe ofereceu-lhes manicuera, mas nenhum deles tomou.

No dia seguinte, fizeram a mesma coisa. Neste dia, os buracos já estavam quase prontos. Eles voltaram na mesma hora. Tomaram um pouquinho de manicuera. No outro dia, saíram na mesma hora. Acabando de aprontar os buracos, eles voltaram às três horas da tarde. Vendo-os regressar, a mãe chamou

a menina e mandou que ela lhe retirasse os piolhos da sua cabeça. A menina veio meio triste tirar os piolhos. Pegava-os e os dava para a sua mãe. Esta reparou que as unhas da menina estavam cheias de barro. Lhe perguntou então o que tinha feito para ter as unhas sujas de barro. A menina respondeu que ela com os seus irmãos estavam brincando, fechando o igarapezinho. Até que anoiteceu.

Ao amanhecer, as crianças não se levantaram mais. A mãe foi acordá-los e viu que já se tinham transformado nas aves *ehemūrā*, isto é, em *urumutuns*⁹⁶. Quando ela mexeu nas suas redes, eles voaram até os travessões da casa e começaram a cantar, os dois machos dizendo:

— “Amando o filho do fantasma, xingou-nos”.

— “Por amor ao filho do fantasma, deu-nos chicotadas”.

E a fêmea também cantou por sua vez:

— “E eu, e eu, eu levei esculhambação”.

A mãe fechou as portas da casa, para pegá-los, mas não conseguiu: eles saíram pela cumieira e foram voando até o mato, a pobre mãe, correndo atrás deles. Chegaram nos buracos que haviam cavado e, mesmo sendo crianças, entraram neles, cada um no seu. A mãe tentou também entrar, mas não deu, os buracos eram pequenos demais para ela.

Ela voltou chorando, sozinha, para a casa. Pela tarde, ela ficou sentada na porta da casa, no chão. Enquanto estava sentada aí, eles vieram espiá-la. Estavam se arrependendo do que tinham feito para ela e tinham vontade de voltar outra vez para ficar com ela. Ao chegar, não se apresentaram logo. Ficaram escondendo-se ao lado da casa. Mandaram a menina transformar-se em uma formiga picadora e picar a mãe, para ver como ela iria reagir. A formiga foi até onde a mulher estava



96. Ave da família dos Cracídeos, *Nothocrax urumutum* Spix.

e a picou. A mulher, como estava chorando, bateu com toda força na formiga. Aí mesmo, a menina começou a gritar, chorando:

— “É verdade que a nossa mãe tem raiva de nós. Até quebrou minhas pernas. Vamos desaparecer mesmo, meus irmãos”.

Dizendo isso, eles se transformaram outra vez em aves e foram voando em direção dos buracos. A mulher correu, de novo, atrás deles, até a boca dos buracos. E ficou aí, chorando e dizendo:

— “Meus filhos, meus filhos...”

Depois de chorar muito, ela se transformou em um passarinho que, hoje em dia, costuma cantar assim:

— “Yu pōrã nina nina nina”, isto é, “meus filhos, meus filhos”.

Ou seja, ela queria dizer que se os seus filhos estivessem ainda aqui, ela não sofreria tanto.

Assim termina o mito de Ñamakuru.

Explicação do mito de Ñamakuru

Esse mito era destinado às viúvas, para elas viverem bem, para elas não se encontrarem com outro homem, para elas não terem filho com outro. Era também para fazer cerimônia, quando um viúvo encontrava outra mulher, ou uma viúva encontrava um segundo marido. Assim era o mandamento dos Antigos do grupo Kêhripōrã.



Mito de Wahtípepuridiapoaku, o Espírito de Dois Rostos

Isso aconteceu no princípio da existência dos Ūmukomahsã, isto é, da Gente do Dia, na grande maloca de Ūmukomahsã Boreka.

Um dia, a mulher de Boreka foi para a roça arrancar mandioca. Era um dia chuvoso. Enquanto estava arrancando mandioca, ela ouviu o lindo canto de um passarinho. Ao ouvir esse lindo canto, ela gritou:

— “Quem é você que está cantando? Seria uma maravilha se um homem cantasse como você!”

E o passarinho parou de cantar, ouvindo o grito da mulher.

Na madrugada do dia seguinte, um homem chegou na maloca de Boreka, mas ninguém viu o que ele parecia, porque ele ficou no escuro. Todos, porém, ouviram as suas palavras. Chegando na maloca, o homem estranho disse:

— “Sów! Perukeresererimahsũ!”

Com isso, ele quis dizer que vinha convidar o pessoal da maloca a participar de uma festa.

Boreka respondeu à saudação que lhe foi dirigida, deitado na rede. E o homem estranho continuou a conversa, dizendo:

— “Eu vim convidar vocês a participar da minha festa de dança que vai haver daqui a cinco dias”.

Ūmukomahsã Boreka perguntou então de onde ele era. Ele respondeu que morava depois de quatro voltas, baixando pelo rio. Aí, eles entenderam que ele não era gente, porque depois de quatro voltas não havia nenhum povoado. Mas ninguém se levantou da rede para olhá-lo de perto. O chefe da maloca, isto é, Boreka, porém, não entendeu que ele não era gente.

Quando chegou o dia marcado, Boreka perguntou aos seus três irmãos:

— “Vamos participar da festa de que falou o homem?”

Mas ninguém respondeu com segurança que ia. Boreka perguntou então para as mulheres a mesma coisa mas elas também responderam como os seus maridos, com a vontade de não ir. Vendo isso, o chefe se aborreceu com eles e falou:

— “Se não quiserem ir, é melhor que fiquem aqui. Vou eu sozinho”.

E disse mais outras palavras.

Mandou a sua mulher desamarrar as suas redes e, quando ela terminou, ele saiu de casa sem se despedir dos seus irmãos. Foram com ele somente os seus filhinhos e a sua mulher. Os outros da maloca ficaram todos.

Boreka foi baixando pelo rio, contando as voltas como havia falado o homem. No fim de quatro voltas, enxergou um grande porto bem limpo e muitas canoas. Mas não havia ninguém no porto. Boreka encostou, amarrou a sua canoa, mesmo sabendo que aí nunca tinha visto um porto.

Depois, ele enfeitou o seu rosto, e a sua mulher também. Quando terminaram de se pintar, ele foi caminhando para a casa. Ouvia-se fala de gente na maloca. Quando ele chegou mais perto da maloca, ele escutou o canto do Wahtipepuridia-poaku, o Espírito de Dois Rostos:

— “Nossas esposas têm traseiros como peneiras”.

A mulher do Espírito de Dois Rostos respondeu então gritando:

— “Os paus dos nossos maridos são patinhas compridas”.

Na porta da maloca havia dois caixões de defuntos. Estes caixões estavam de pé, um em cada lado da porta. No meio do caixão havia uma boca. Vendo-os chegarem, os caixões gritaram-lhes “boas vindas”. Quando Boreka entrou, os caixões foram atrás dele, dizendo continuamente “boas vindas”. Depois chegou o Espírito de Dois Rostos. Aí é que Boreka percebeu que ele estava numa maloca de fantasmas. Mas não havia mais jeito de fugir. Wahtipepuridiapoaku o cumprimentou e

falou muitas coisas com ele. Depois, ofereceu-lhe bebida, cigarro e ipadu. A esposa de Boreka foi levada pela mulher do Espírito de Dois Rostos até o lugar das mulheres. Aí ofereceram-lhe mojeça de minhocas. O beiju era orelha-de-pau que sai nas árvores podres. A mulher teve que comer para não devolver o prato cheio de comida. Depois, elas ofereceram bebidas também a ela.

A cabeça do Espírito de Dois Rostos era como uma tábuca. Por isso ele tinha dois rostos: um na frente e outro atrás. Ficou noite. Amanheceu. Quando o sol estava pelas sete horas, Boreka disse à sua mulher que desamarrasse as suas redes para voltarem para a sua maloca. Depois de ela ter aprontado tudo, ele se despediu do Espírito de Dois Rostos e dos demais. E saiu. Veio caminhando em direção do porto. Quando chegou na metade da distância que o separava do porto, o caminho desapareceu. Boreka o procurou mas o caminho não aparecia mais. Ele voltou então para a maloca para perguntar onde era o caminho, mas não achou mais ninguém. Nem mesmo a maloca. Viu somente capoeiras e bem-te-vis, e demais passarinhos das capoeiras. Depois, ele pensou consigo que ele havia chegado daquela direção, e foi caminhando conforme a sua idéia, até que chegou na beira do rio. A sua canoa estava ali, mas não havia mais aquele lindo porto.

Aí eles embarcaram na canoa e vieram subindo pelo rio, até o porto da sua maloca. Encostaram e foram ao quarto deles. Chegaram pelas dez horas da manhã, por isso todo o pessoal da maloca já tinha ido para a roça. Só estavam alguns que vieram cumprimentá-lo. Ele pediu então para a sua mulher de amarrar as suas redes, eles se deitaram e dormiram, isto é, Boreka, os seus filhinhos e a sua mulher também.

Fazia meia hora que eles adormeciam quando aqueles que tinham ficado na maloca foram olhá-los. Viram que eles estavam deitados com o corpo cheio de barro. O corpo inteiro

deles era coberto de barro seco. Vendo isso, eles experimentaram limpá-los com as unhas. O barro caía. Resolveram então lavá-los, até eles ficarem limpos. Depois que fizeram isto é que os acordaram. Mas eles não contaram nada do que tinham visto. Os kumua fizeram cerimônias sobre eles para que eles não morressem e também não fossem mais na maloca dos fantasmas.

No meio desse mito, tira-se uma cerimônia que é recitada para se livrar da morte. Esta cerimônia é feita quando a morte se mostra nos sonhos.



Mito de Wahsu “Avental de Tururi” e de Wahtĩ Gurabemani, o Espírito sem cu.

Estes dois seres não eram humanos. Eram Wahtĩ, isto é, Espíritos do mato. Wahsu tinha sua morada no rio Caiari ou Uaupés e Wahtĩ Gurabemani morava no rio Tiquié, perto da Cachoeira de Pari. Hoje ainda, se vê o lugar onde morava este Ser. Os dois eram primos.

Um dia, Wahtĩ Gurabemani foi visitar o seu primo do rio Caiari. Este já tinha ido para a roça, só estavam em casa os seus filhinhos. Quando chegou, Wahtĩ perguntou às crianças por onde tinha ido o seu pai. As crianças responderam que havia ido para a roça. Vendo que não havia ninguém na casa fora das crianças, ele as agarrou, as comeu, e voltou para a sua casa sem ser visto pelo seu primo Wahsu.

Quando chegou em casa, Wahsu viu que as crianças não estavam. Ele as procurou, mas não encontrou ninguém para contar o que acontecera. Aí, Wahsu entendeu que somente o seu primo, Wahtĩ Gurabemani poderia ter feito isso. Depois, verificou que fora ele mesmo o responsável pela desapareção dos seus filhos.

Por isso, ele foi atrás dele. Mas o caminho estava cheio de pragas, não dava para passar, porque Wahtĩ, com o seu poder, tinha fechado o caminho para Wahsu não ir atrás dele. Tinha encerrado o caminho com espinhos, tiririca, e diversos tipos de espinheiros.

Vendo isso, Wahsu convidou as saúvas⁹⁷ do mundo inteiro para abrir o caminho. As saúvas obedeceram ao seu convite e vieram abrindo o caminho. Wahsu vinha atrás delas. Até que



97. Formiga da família Atídeos.

chegaram. Mas Wahtĩ Gurabemani tinha cercado a sua casa com pedras de quartzo. As pedras estavam asseguradas até os confins do céu, e até a metade da terra. Não havia lugar algum por onde entrar na casa dele. Vendo isto, Wahsu deu ordem às saúvas que entrassem cavando pela terra, até chegarem no fim das pedras. As saúvas obedeceram à sua ordem e foram cavando. Estavam abrindo o caminho para Wahsu poder entrar na casa do seu primo.

Quando chegaram no fim das pedras, vieram subindo para sair de dentro da terra, por dentro do cercado de Wahtĩ Gurabemani. O trabalho das saúvas deu certo. Saíram pertinho da casa. Wahsu também saiu e pensou consigo:

— “Agora é que eu quero ver o meu primo”.

Ele entrou na casa de Wahtĩ Gurabemani. Este o recebeu com gosto, e ofereceu-lhe comida. Depois eles começaram a falar, não tratando do crime cometido, mas de coisas boas.

No dia seguinte, Wahtĩ Gurabemani perguntou ao seu primo Wahsu quanto tempo ele pensava ficar na sua casa. Wahsu respondeu que vinha passar uns dias com ele. No outro dia, Wahsu disse ao seu primo:

— “Eu vim aqui para convidar-te a fazer uma pescaria lá, rio abaixo. Espero tua resposta, se tu queres ir ou não”.

Wahtĩ Gurabemani respondeu que queria ir. E marcaram o dia em que iriam sair. Wahtĩ disse assim:

— “Antes de nós irmos, vamos tomar ainda um pouco de caxiri como despedida”.

No dia seguinte, ele preparou caxiri para a despedida e, no outro dia, tomaram este caxiri. Começaram a beber cedo, e amanheceram no dia seguinte pelas seis horas da manhã. Wahtĩ Gurabemani já não aguentava mais de tanto beber. Nesta hora, ele começou a cantar. Cantou assim:

— “Parece como estar mastigando os filhos de Wahsu”.

E Wahsu respondeu, cantando o seguinte:

— “Yusā gāmīgūka aninōpa ahkarokuka paranoma”, isto é, “Eu também farei o mesmo”.

Com isto, ele queria dizer que iria se vingar pela morte dos seus filhos.

Pelas oito horas da noite, eles foram se deitar para dormir. No dia seguinte, foram tirar ipadu para a viagem. Na volta, aprontaram as suas coisas para sair pescar. Saíram cedo no dia seguinte. Foram descendo pelo rio Tiquié, fazendo pescarias, até que chegaram quase na boca do Tiquié, no Lago do Muçum (Werabeharakau).

Quando chegaram neste lugar, fizeram a sua barraquinha de pescaria e ficaram aí, pescando. Um dia, quando voltavam da pescaria, depois de encostar no porto da barraquinha, tomaram banho. Wahsu sempre carregava na sua mão um punhal, para enganar o seu primo. Na hora em que estavam tomando banho, Wahtī Gurabemani soltou vento. Como o buraco estava abaixo do seu queixo, ele respirou todo o mau cheiro do vento que lhe saía, e fez careta de desgosto. Vendo-o fazer isto, o seu primo Wahsu disse:

— “Meu primo, você está sofrendo muito, por ter o buraco debaixo do seu queixo. Eu antes sofria como você mesmo. Depois, eu resolvi furar no traseiro, para não respirar mais o mau cheiro do vento que sai. Por isso eu não estou mais sofrendo como você”.

Escutando as palavras do seu primo, Wahtī Gurabemani perguntou:

— “Será que doia quando você furou?”

— “Não muito”, respondeu Wahsu.

Aí, Wahtī Gurabemani disse:

— “Olha meu primo, me fure também, eu quero ter um buraco no traseiro”.

— “Vou furar amanhã”, prometeu Wahsu.

Feita esta proposta, Wahsu foi buscar vários objetos

perfuradores para abrir um cu ao seu primo como poamasîgâdari, uma trepadeira com espinhos. Foi tirar também caniços (weheniwahsûrî) e o ramo da palmeira dorekeri⁹⁸. Para enganar o seu primo, pintou de vermelho, com urucu, a ponta desses objetos perfuradores.

No dia seguinte, Wahsu disse ao seu primo:

— “Vamos lá no porto que é melhor”.

Os dois foram até a beirinha do rio. Quando chegaram lá, Wahsu tirou o material que tinha preparado para furar, deixando perto dele o material pintado, para enganar o seu primo. Depois, ele mandou Wahtî Gurabemani ficar encurvado, e começou a furá-lo. Quando entrou na medida de três dedos, Wahtî sentiu muita dor. Wahsu lhe mostrou então o material que tinha pintado, na pontinha apenas, para enganá-lo. Depois, ele empurrou com força o material, até chegar no coração do seu primo. Aí é que Wahtî Gurabemani gritou e entendeu que Wahsu o estava matando. Mas não adiantava mais, porque Wahsu o agarrava bem, para não deixá-lo fugir. Depois, ele pegou os cipós de espinhos e os caniços preparados para matá-lo e os enfiou no buraco já feito. Aí, Wahsu puxou para fora os intestinos de Wahtî e os jogou no rio. Os intestinos se transformaram então em peixes-espada, sarapós, muçums e caloches⁹⁹. São todos esses peixes que têm o ânus perto da boca.

Wahsu matou o seu primo porque ele tinha comido os seus filhinhos. Assim termina o mito de Wahsu e de Wahtî Gurabemani. No meio deste mito, tira-se a cerimônia para curar o tumor no ânus.



98. Não identificado.

99. Respectivamente, sô'õ (*Trichiurus lepturus* L.), dihkia (família Gimnotídeos), werabeha (*Sybranchus marmoratus*) e poanahsika (?).



COLEÇÃO
NARRADORES
INDÍGENAS
DO RIO NEGRO

VOLUME 1

MEMÓRIA

IDENTIDADE

PATRIMÔNIO CULTURAL

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

FOIRN

FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO